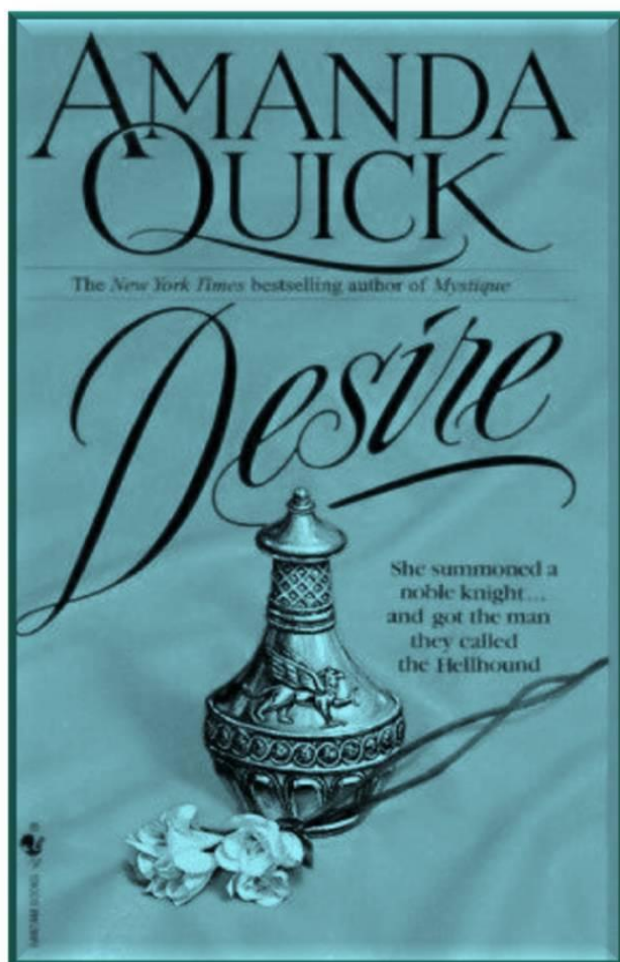


GRH

Amanda Quick

Desejo



Tradução/Pesquisas: GRH

Revisão Inicial: Kelly

Revisão final: Polly

Leitura Final: Carol

Formatação: Ana Paula G,



Comentário da Revisora Kelly

LIVRO MUITO GRACINHA COM UMA TRAMA ENVOLVENTE E UM CASAL MARAVILHOSO, BEM TÍPICO DOS MELHORES ESPADÕES, “HOMEM DURÃO MARCADO PELA VIDA E UMA MULHER INTELIGENTE E DURONA QUE LUTA PARA MANTER A SUA ILHA”. VALE A PENA LER ALÉM DE TER UMA LINDA HISTÓRIA PASSADA EM UMA ILHA COBERTA DE FLORES O LIVRO TAMBÉM POSSUI CENAS MAIS BEM HOTS.

VALE MUITO A PENA LER.

Leitura final: Carol

UM MOCINHO QUE TEVE QUE FAZER SEU CAMINHO NA VIDA POR SER FILHO BASTARDO, CHAMADO DE LOBO SANGUINÁRIO, QUE SE CANSOU DAS BATALHAS E QUE SÓ QUER UM LAR E UMA VIDA TRANQUILA, É ENVIADO A UMA ILHA PARA TOMAR COMO ESPOSA À SENHORA DA ILHA QUE É TEIMOSA E EXPLOSIVA E QUE FAZ TUDO PARA PROTEGER SUA ILHA E SEU POVO. BOM LIVRO.



*A Stella Cameron,
outra das irmãs que nunca tive.*

Prólogo

— É extremamente difícil que a proprietária de Desejo continue sendo virgem — assegurou Thurston de Landry — , mas dadas as circunstâncias, estou seguro de que passará por cima desse detalhe.

Gareth olhou a seu pai sem alterar-se. Sua reação à notícia de que sua futura esposa tinha perdido a honra com outro homem passou virtualmente inadvertida para ele, simplesmente apertou com força a taça de vinho.

Como filho bastardo obrigado a abrir caminho na vida com sua espada, tinha passado longos anos ocultando seus sentimentos. Algo que tinha chegado a dominar tanto que a gente pensava que carecia deles.

— Disse que era a herdeira? — perguntou Gareth, que preferiu concentrar-se no aspecto mais importante da questão — Acaso a fazenda é sua?

— Pois sim...

— Nesse caso, servirá como esposa — disse Gareth dissimulando sua intensa satisfação.

Seu pai tinha razão. Enquanto a mulher não estivesse grávida do filho de outro homem, ele poderia passar por cima do detalhe da integridade de sua mulher, ou sua perda, com tal de ter suas próprias terras.

«Suas próprias terras», aquelas palavras soavam prometedoras. Um lugar ao que pertencer; um lugar no que não fosse simplesmente um bastardo cuja presença teria que aceitar; um lugar no que fosse bem recebido e se sentisse necessário não somente porque

sua habilidade com a espada o convertesse em alguém temporariamente útil. Queria viver em um lugar onde tivesse direito a sentar-se frente a sua própria lareira.

Gareth tinha trinta e um anos e sabia que uma oportunidade como aquela não voltaria a apresentar-se. Era um homem que tinha aprendido a aproveitar qualquer opção que lhe oferecesse o destino. Uma filosofia que lhe tinha sido muito proveitosa.

— Agora é a única proprietária da ilha Desejo — sentenciou Thurston tomando um sorvo de sua taça de prata finamente lavrada e olhando pensativo o fogo — Seu pai, sir Humprey, preferia viajar e ocupar-se em atividades intelectuais que trabalhar a terra. Contaram-me que por desgraça morreu faz uns meses enquanto percorria a Espanha, assassinado por uns bandidos.

— Não tinha herdeiros varões?

— Não. Faz dois anos, seu único filho, Edmund, quebrou o pescoço em um torneio. Clare, sua irmã, é o único familiar vivo. Herdará a fazenda.

— E como suserano de sir Humprey tem a tutela de sua filha, não? Casar-se-á assim que a peça.

Thurston apertou os lábios.

— Isso ainda está por ver.

Gareth observou que seu pai reprimia um sorriso e aquilo o intranquilizou.

Como homem de temperamento sério e reservado, Gareth não era propenso à risada. Poucas vezes respondia com moderação às graças e brincadeiras às que outros respondiam com gargalhadas.

Sua séria expressão era o complemento perfeito a sua reputação de homem desumano com o que podia ser perigoso tropeçar, mas não era deliberada. Não lhe incomodavam os sorrisos e as risadas, simplesmente ele não estava acostumado às prodigalizar.

Esperou cautamente que seu pai lhe contasse o que era o que lhe parecia tão divertido em um assunto tão singelo.

Estudou o enxuto e elegante perfil que recortavam as chamas da lareira. Thurston tinha uns cinquenta e cinco anos. Algumas mechas chapeadas cruzavam seu espesso e escuro cabelo, mas seguia atraindo a atenção de toda mulher que lhe aproximasse.

Não era somente o poder que exercia como um dos barões prediletos de Enrique II o que o convertia em objeto de desejo para o sexo feminino, Gareth sabia bem. Eram seu formoso rosto e sua constituição o que o faziam atrativo às mulheres.

A mestria de Thurston para a sedução, exercida com toda liberdade em sua juventude, tão antes como depois de seu matrimônio acordado, era legendária. A mãe de Gareth, a menor de uma nobre família sulina, tinha sido uma de suas conquistas. Que ele soubesse, era o único filho ilegítimo em idade adulta. Se tinha tido outros, nenhum viveu além da infância.

Em opinião de Thurston e, a pesar do mal dissimulado desagrado de sua esposa, fazia o devido com seu filho bastardo, tinha-o reconhecido.

Até que fez oito anos o educou sua mãe. Naquele tempo, Thurston era assíduo visitante do tranquilo solar em que viviam afastados Gareth e sua mãe. Mas depois, ao cumprir a idade em que os filhos dos nobres começam sua formação como cavaleiros, sua mãe lhe anunciou que tinha decidido vestir os hábitos.

Houve uma acalorada discussão. Gareth ainda recordava a cólera que mostrou seu pai. Mas sua mãe se manteve firme e ao final se saiu com a sua. Thurston incluso lhe proporcionou o esplêndido dote que conseguiu que a comunidade do convento estivesse plenamente satisfeita de aceitá-la como noiva.

Thurston levou seu filho bastardo ao castelo de Beckworth e pôs o mesmo cuidado e diligência em sua formação como cavaleiro que na educação de seus filhos legítimos e de seu herdeiro, Simon.

Sua esposa, lady Lorice, formosa, fria e orgulhosa, não teve mais remédio que aceitar a situação. Como era de esperar, não fez nenhum esforço por dar a bem-vinda ao jovem Gareth.

Consciente de sua condição de intruso e com saudades do ambiente estudioso e meditativo de sua casa materna, consumiu todas suas energias em seu adestramento com a lança e a espada. Exercitou-se incansavelmente, procurando na perfeição uma satisfação que não conseguia alcançar de outra maneira.

Quando não estava pondo a ponto suas artes de luta, procurava a solidão da biblioteca do vizinho monastério beneditino. Ali lia qualquer coisa que lhe desse o irmão Andrew, o bibliotecário.

Aos dezessete anos estava versado em diversos temas. Tinha estudado tratados de matemática e óptica, traduzidos do grego e o árabe por Gerard de Cremona. Tinha refletido sobre a teoria aristotélica dos quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Tinham-lhe fascinado os escritos de Platão sobre astronomia, a luz e a matéria.

O interesse de Gareth pela erudição não lhe tinha servido muito, mas sua destreza como cavaleiro e comandante de tropas lhe tinha permitido forjar uma lucrativa carreira.

Havia poderosos senhores, incluído seu próprio pai, aos que um homem que sabia como capturar ladrões e cavaleiros renegados, uma constante ameaça para suas fazendas e afastados feudos, podia lhes ser de grande utilidade.

O negócio de capturar foragidos era muito lucrativo e Gareth era um perito. Nunca havia se sentido especialmente satisfeito de sua profissão, mas graças a seu talento com a espada, tinha acabado por ser um homem rico. Contudo, seguia sem poder satisfazer seu ardente desejo de possuir terras. Só seu senhor, seu pai, podia lhe conceder a herdade que o converteria em um fazendeiro.

Quatro dias antes tinha recebido o aviso de Thurston de que fosse ao castelo de Beckworth. Aquela noite tinha sabido que seu maior desejo ia converter-se em realidade. Só tinha que aceitar uma dama de reputação manchada.

Era um preço muito baixo pelo que mais ansiava neste mundo e estava acostumado a pagar pelo que queria.

— Quantos anos têm? — perguntou.

— Deixe-me pensar. Acredito que deve ter vinte e três — respondeu Thurston.

Gareth franziu o sobrecenho.

— E ainda está solteira?

— Conforme me disseram, não tem muito interesse em casar-se. Já sabe, algumas mulheres não o fazem. Por exemplo, sua mãe.

— Duvido muito de que minha mãe tivesse alguma oportunidade de fazê-lo depois de me conceber — disse Gareth com tom neutro. Era um tema muito conhecido e antigo, e sabia bem como ocultar seu ressentimento — Teve sorte de encontrar um convento que a aceitasse.

— Equivoca-te — assegurou Thurston pondo os cotovelos nos lavrados braços de madeira da cadeira e cruzando seus largos dedos por debaixo do queixo — Pode estar seguro de que com o dote que lhe dei havia um montão de conventos ao seu dispor. De fato, os mais importantes brigavam por tê-la em sua comunidade. — Sua boca se curvou com ironia — É obvio, nenhum sabia que o que a aceitasse acabaria controlado por ela.

Gareth se encolheu de ombros. Não havia visto muitas vezes a sua mãe, mas mantinham uma correspondência regular e sabia que Thurston tinha razão. Sua mãe era uma grande mulher, de fato, tanto como seu pai.

Voltou a concentrar-se no tema que estavam tratando.

— Tem lady Clare algum tipo de deformidade?

— Não, que eu saiba. Não a vi desde que era uma menina, mas que eu recorde tinha uma constituição normal. Não prometia ser muito formosa, mas não me deu a impressão de ser feia nem disforme — arqueou uma sobrancelha — Tem muita importância seu aspecto?

— Não — respondeu Gareth olhando o fogo — O único que me importam são suas terras.

— É o que pensava.

— Só tentava encontrar alguma razão pela que não se casou ainda.

Thurston moveu uma mão com gesto depreciativo. O delicioso bordado carmesim e dourado da manga de sua túnica brilhou à luz da luz.

— Como te disse, por uma razão ou outra, algumas mulheres não mostram um especial desejo por compartilhar o leito nupcial. Conforme dizem, lady Clare é uma delas. Só aceitou fazê-la porque sabe que o necessita.

— Por suas propriedades?

— Sim, a ilha Desejo é uma ave cevada, pronta para que a depenem. Necessita amparo. Tem-me escrito dizendo que teve problemas com seu vizinho, Nicholas de Seabern, e com uns piratas que perseguem seus navios mercantes com destino a Londres.

— Assim necessita um marido que defenda sua herdade e você, senhor, quer que Desejo siga sendo lucrativa.

— Sim. A ilha não é muito grande. Suas terras produzem um pouco de algodão e as colheitas são seguras, mas essa não é sua verdadeira riqueza — assegurou Thurston agarrando uma pequena bolsa finamente bordada que havia em uma mesa próxima — Esta é sua fonte de ganhos — disse jogando-lhe a Gareth.

Este a agarrou. Cheirava a flores e ervas. A aproximou do nariz e aspirou seu exótico, intenso e surpreendentemente complexo aroma. Era uma fragrância embriagadora que provocava um estranho apetite sensual em seu interior. Voltou a cheirá-la.

— Perfumes?

— Sim, trata-se de uma ilha rica em flores e ervas, e comercializa com perfumes e natas de todo tipo.

Gareth observou a fragrante bolsa que tinha na mão.

— Terei que virar jardineiro?

Thurston sorriu.

— Será toda uma mudança para o Lobo Sanguinário de Wyckmere.

— Assim é. Não sei muito de jardinagem, mas espero aprendê-lo caso seja necessário.

— Sempre o tem feito, com todo tipo de temas.

Gareth não fez caso do comentário.

— Assim que a proprietária de Desejo quer casar-se com um homem que proteja seu jardim de flores e eu quero terras de minha propriedade. Acredito que podemos fazer um trato justo.

— Espero.

Gareth entreabriu os olhos.

— Tem dívidas?

O sorriso que tinha estado rondando pelos lábios de Thurston se converteu em risada.

— Temo que haja certa concorrência pelo posto.

— Que tipo de concorrência?

— Nicholas de Seabern, o vizinho de Clare, que também me rende vassalagem, faz tempo que tem os olhos postos em Desejo. De fato, é pelo que acredito que a dama já não é virgem.

— Seduziu — a?

— Conforme me contaram meus informantes, raptou-a o mês passado e a reteve em Seabern Keep durante quatro dias.

— Tentou que o aceitasse como marido?

— Pois sim, mas a dama o rechaçou.

Gareth levantou uma sobrancelha ao ouvir essa notícia, que não lhe surpreendia. Raptar uma herdeira solteira era um costume do mais habitual. Contudo, pareceu-lhe estranho que a dama não se casasse depois do incidente. Poucas mulheres teriam tido a temeridade de recusar o matrimônio depois de ter perdido a virgindade e a reputação às mãos de um usurpador.

— Uma mulher pouco comum.

— Sim. Parece que lady Clare espera que o homem que seja seu senhor cumpra uns requisitos muito especiais — voltou a sorrir — Enviou-me as condições necessárias para ser seu marido, quer escolher um que se ajuste a suas especificações.

— Por todos os diabos! Condições? Que loucura é essa? Estava seguro de que me ocultava algo.

— Pô-las por escrito com grande luxo de detalhes. As olhe.

Thurston agarrou uma folha de pergaminho dobrada que havia em uma mesa próxima e a entregou a Gareth.

Este olhou o selo quebrado e se fixou em que tinha forma de rosa. Passou a vista rapidamente pelas saudações e o parágrafo introdutório, escrito com formosa caligrafia. Quando chegou ao parágrafo no que detalhava o que exigia de um marido, sua leitura se fez mais detida.

Senhor, meditei muito sobre seus desejos e as necessidades de meu povo, e aceito com pesar a necessidade de contrair matrimônio. Com esse propósito, estudei a questão com supremo cuidado. Como bem sabe, Desejo é um lugar remoto e não conheço nenhum homem ao que escolher como marido, exceto sir Nicholas, ao que nunca aceitaria.

Por isso, rogo-lhe respeitosamente me envie uma seleção de ao menos três ou quatro pretendentes. Escolherei um marido entre eles. Para lhe ajudar na tarefa de selecionar aos candidatos ao posto, preparei umas condições que especificam as qualidades que requeiro.

Você, meu senhor, tem interesses nestas terras e entendo que deseje as proteger, tanto como eu. Segundo você, o futuro senhor de Desejo deveria ser um cavalheiro honrado que saiba mandar num pequeno, mas eficaz grupo de guerreiros. Recordo-lhe que deverá vir com sua própria tropa, já que nesta ilha não há homens de armas treinados.

Além deste evidente requisito, há outros três que são pessoais. Eu gostaria de detalhar-lhe para que os entenda com maior facilidade.

Em primeiro lugar, com respeito a suas qualidades físicas, o futuro senhor de Desejo deve ser um homem de estatura e proporções normais. Fixei-me em que os homens extremamente corpulentos preferem confiar na força bruta para conseguir seus fins em vez de em seu engenho e conhecimentos. Não me interessam os homens que tentam

impressionar com suas proezas físicas. Assim, quando fizer sua seleção, tenha a corpulência em conta.

Em segundo lugar, meu futuro senhor deve ser um homem de semblante alegre e caráter educado e agradável. Estou segura de que entenderá que não quero me atar a um homem melancólico ou propenso aos arrebatamentos de cólera ou de mau humor. Quero que meu marido tenha o dom da risada, que seja um homem capaz de desfrutar com as humildes diversões que nos proporciona a ilha.

Em terceiro lugar, é absolutamente necessário que meu marido seja um homem culto, ao que goste da leitura e as conversações intelectuais. Desejo falar muito com ele, em especial durante os frios meses de inverno, quando ambos nos vejamos obrigados a passar muito tempo dentro de casa.

Acredito que meus três requisitos são singelos e que minhas condições estão claras. Não acredito que tenha problemas para escolher vários candidatos entre seus conhecidos.

Envie-os, por favor, quando o tiver a bem. Farei minha eleição tão rapidamente como me é possível e lhe informarei de minha decisão.

SENHORIO DE DESEJO, 7 DE ABRIL.

Gareth voltou a dobrar a carta, consciente da tremenda diversão que refletiam os olhos de seu pai.

— Pergunto-me de onde tiraria a ideia de pôr condições para encontrar o perfeito senhor e marido.

Thurston se pôs a rir.

— Suponho que os elementos básicos provêm de alguma balada romântica de trovadores. Já as conhece. Normalmente tratam de um herói cavalheiresco que mata magos malvados como passatempo e promete amor eterno a sua dama.

— Uma dama que normalmente pertence a outro homem — murmurou Gareth — O suserano do herói, por exemplo. Sim, sei de que canções me fala. Não me interessam absolutamente.

— Às mulheres adoram.

Gareth se encolheu de ombros.

— Quantos candidatos vai enviar, senhor?

— Acredito firmemente em satisfazer às mulheres até certo ponto. Permitirei que lady Clare escolha entre dois competidores.

Gareth arqueou uma sobrancelha.

— Não vai mandar três ou quatro?

— Não, sei por experiência que somente se busca problemas quando dá a uma mulher muitas coisas entre as que escolher.

— Então, dois candidatos. Outro mais e eu.

— Sim.

— Contra quem vou competir?

Thurston sorriu.

— Com sir Nicholas de Seabern. Boa sorte, filho. Os requisitos da dama são singelos, não te parece? Suas condições são que seja um homem de média estatura, dado à risada e que saiba ler.

Gareth devolveu a carta a seu pai.

— É muito afortunada. Cumpro um dos requisitos. Sei ler.

Capítulo 1

Clare estava nos jardins do convento com Margaret, priora de Santa Hermione, quando se inteirou de que o primeiro candidato tinha chegado à ilha.

— Desembarcou um grande destacamento de homens, lady Clare. Avançam para o povo — avisou-a William.

Clare interrompeu uma pormenorizada discussão sobre a melhor maneira de extrair azeite das rosas.

— Desculpe — pediu-lhe à priora Margaret.

— É obvio — respondeu esta, uma mulher de meia idade, de constituição forte. A touca de seu hábito beneditino emoldurava uns olhos penetrantes e uns traços delicadamente arredondados — Trata-se de algo muito importante.

Quando Clare se voltou, viu o jovem William, que a saudava com uma bolsa de vermelhas groselhas, saltitando de entusiasmo perto do barraco do guarda do convento.

William era um jovem gordinho de cabelo negro e olhos escuros que fazia ornamento com simpatia de uma alegre curiosidade e um incansável entusiasmo. Ele e sua mãe, lady Joanna, levavam três anos vivendo na ilha Desejo. Clare lhes tinha muito carinho e como sua própria família tinha ido minguando até ficar em nada, deixando-a só no mundo, sentia-se muito unida a eles.

— Quem veio, William? — perguntou preparando-se para a resposta. Todos os habitantes de Desejo, exceto ela, levavam semanas esperando esse dia com impaciência. Ela era quão única não tinha grande interesse em escolher ao novo senhor da ilha.

«Ao menos, posso escolher» — pensou. Era mais do que podiam esperar muitas mulheres em sua situação.

— É o primeiro aspirante enviado por lorde Thurston — gritou William metendo um punhado de groselhas na boca — Dizem que é um poderoso cavalheiro, lady Clare. Veio com um magnífico exército. John Blacksmith diz que tiveram que utilizar a metade dos navios de Seabern para colocar todos os homens, cavalos e bagagem que vinham de terra firme.

Um curioso estremecimento de desassossego fez que lhe cortasse a respiração. Prometeu-se que quando chegasse o momento manteria a calma e trataria o assunto com seriedade. Mas agora que o tinha em cima estava muito mais inquieta do que esperava.

— Um magnífico exército? — perguntou franzindo o cenho.

— Sim — respondeu William com rosto resplandecente —. O brilho de seus capacetes é tão forte que faz mal aos olhos — assegurou engolindo dois punhados de groselhas — E os cavalos são enormes. Diz John que há um, um grande semental cinza, que faz tremer o chão com seus cascos quando passa.

— Mas se não pedi que viesse com muitos cavalheiros nem soldados. Desejo só necessita um pequeno destacamento de homens que protejam nossos envios de navio. O que vou fazer com um montão de soldados? E, além disso, com cavalos! Com o que comem tanto uns como outros!

— Não se preocupe, Clare — tranquilizou-a Margaret sorrindo — O que o jovem William entende por um grande exército difere muito do que realmente é para nós. Recorda que o único grupo de homens armados que viu em sua vida é a guarda de sir Nicholas de Seabern.

— Tem razão, senhora — Clare levantou o fragrante pomo que pendurava de uma cadeia de seu cinturão e inalou a relaxante mescla de rosas e ervas. O aroma a tranquilizou, como sempre fazia — De todas as formas, alimentar e alojar a tanta gente e cavalos será um chateio. Por Santa Hermione que não me agrada tratar com atenção toda essa gente! E só é o primeiro candidato!

— Tranquila, Clare — pediu-lhe Margaret — Pode ser que a multidão que desembarcou no porto pertença a mais de um pretendente. Talvez chegassem de uma vez os três que solicitou. Isso explicaria por que há tantos homens e cavalos.

Clare sorriu ante a ideia.

— Isso deve ser — disse deixando cair o pomo, que voltou a pendurar entre as dobras de seu vestido — Todos os aspirantes vieram juntos. Trouxeram seu séquito e por isso há tanta gente.

— Sim.

Assaltou-lhe um pensamento que conseguiu apagar seu momentâneo alívio.

— Espero que não fiquem muito tempo, alimentados me custaria uma fortuna.

— Se pode permitir isso Clare.

— Essa não é a questão. Ao menos, não toda.

Os olhos da Margaret cintilaram.

— Uma vez que tenha escolhido entre os candidatos, os outros, junto com seus homens e criados, irão.

— Pelo dedo de Santa Hermione! Terei que decidir logo para não gastar mais comida e feno de que seja necessário.

— Muito certo — a elogiou Margaret olhando-a atentamente — Está muito nervosa, minha menina?

— Não, claro que não — mentiu — Só tenho vontade de que acabe tudo. Há muito trabalho que fazer e não posso perder o tempo em escolher marido. Confio em que lorde Thurston só tenha enviado candidatos que cumpram meus requisitos.

— Seguro que o tem feito — murmurou Margaret — Suas cartas o especificavam claramente.

— É certo — suspirou Clare, que tinha passado horas redigindo as condições para o novo senhor de Desejo.

Um tempo que não era nada em comparação com o que tinha investido em pensar dúzias de razões de por que não necessitava um marido. Tinha empregado toda a habilidade retórica, lógica e discursiva que lhe tinha ensinado Margaret. Deu-se conta de que para evitar o inevitável precisaria dar a lorde Thurston uma boa desculpa.

Clare tinha ensaiado todos os argumentos, detalhadamente raciocinados, primeiro com Joanna e depois com a priora Margaret, antes de copiá-los em um pergaminho. Pormenorizadas, as duas mulheres tinham escutado a enxurrada de desculpas habilmente elaboradas uma atrás de outra, e lhe tinham devotado sua crítica e conselho.

Nos meses que seguiram à morte de seu pai, Clare tinha desenvolvido o que confiava seria um argumento irrefutável e lógico contra a necessidade do matrimônio, apoiando-se na segura situação da ilha Desejo, quando sobreveio o desastre.

Seu vizinho em terra firme, sir Nicholas de Seabern, fez em pedaços todos seus esforços, raptando-a enquanto fazia uma curta visita a Seabern.

Furiosa com ele por ter posto tudo a perder ao demonstrar sua vulnerabilidade, Clare fez que a vida em Seabern Keep fosse um inferno para ele. Ao final de sua forçada estadia, Nicholas confessou alegrar-se de vê-la partir.

Mas era muito tarde.

Depois de vários ataques dos ladrões que infestavam a região, o rapto foi a gota que encheu o copo. Clare sabia que cedo ou tarde os rumores chegariam aos ouvidos de lorde Thurston. Este pensaria que não era capaz de proteger Desejo e atuaria imediatamente em ocupar-se pessoalmente do assunto.

Apesar de estar ultrajada e frustrada pelos acontecimentos, teve que admitir que não podia culpar Thurston por tomar essa decisão. Em seu lugar, ela teria feito o mesmo. A percentagem de ganhos ao que tinha direito como suserano da ilha Desejo era muito substancial para correr riscos.

Clare não podia pôr em perigo as vidas dos homens do povoado que acompanhavam os envios de perfumes. Algum dia, os piratas matariam alguém em um de seus ataques.

A verdade é que não tinha alternativa, e sabia. Tinha obrigações com o povo de Desejo. Sua mãe, que tinha morrido quando ela tinha doze anos, tinha-lhe ensinado desde sua mais tenra infância que os desejos da proprietária daquele feudo estavam por debaixo das necessidades de seu povo e das terras que o alimentava.

Sabia muito bem que embora fosse perfeitamente capaz de fazer de Desejo uma fazenda próspera e lucrativa, não era uma boa guerreira.

Em sua ilha não havia guarda nem homens de armas. Os poucos que tinham vivido ali em outros tempos tinham acabado indo-se. Alguns tinham acompanhado seu irmão Edmund aos torneios e não tinham retornado. Depois de tudo, Desejo tampouco era um lugar cheio de diversões. Não era o lugar adequado para jovens cavalheiros e escudeiros ansiosos de glória e de lucros que podiam conseguir competindo nas intermináveis rondas de torneios ou indo às cruzadas.

Os dois últimos que tinham vivido na ilha, tinham viajado a Espanha com seu pai, sir Humprey. Foram os que enviaram notícias da morte deste, mas eles tampouco tinham retornado.

Ao morrer seu senhor ficaram livres de seus votos de lealdade e tinham encontrado novos senhores nas terras do sul.

Clare não tinha ideia de como conseguir um grupo de homens armados que fosse de confiança, nem muito menos como treiná-los ou controlá-los.

A primeira carta de advertência de Thurston tinha chegado há seis semanas. Estava cortesmente redigida, com as condolências pela morte de sir Humprey, mas não havia duvida no que implicavam os encobertos comentários sobre a defesa de Desejo. A segunda carta deixava bem claro que devia casar-se. Para seu grande desgosto, ela tinha chegado à mesma conclusão.

Sabendo que o matrimônio era inevitável, fez o que sempre fazia em questão de assuntos de honra. Tinha decidido estar à altura de suas responsabilidades.

Entretanto, como sempre, fez cargo da situação a sua maneira.

Se tinha que carregar com o estorvo de um marido, disse a Joanna e Margaret, estava decidida a opinar sobre o homem com o que se desposaria.

— Aproximam-se, lady Clare — gritou William do barraco.

Clare limpou a negra terra do jardim que sujava suas mãos.

— Rogo que me desculpe senhora. Tenho que ir à casa para me trocar antes de que cheguem meus convidados. Seguro que estes elegantes cavalheiros do sul esperam que os receba com certa cerimônia.

— É obvio — respondeu Margaret — Sei que não te entusiasma a ideia deste matrimônio, mas ânimo, minha menina. Recorda que certamente haverá três candidatos, possivelmente quatro. Fará uma boa escolha.

Clare lançou um rápido e inquisitivo olhar a sua amiga e professora, e baixou a voz para que nem William nem o porteiro da próxima casa pudessem ouvi-la.

— E se eu não gosto de nenhum dos três pretendentes que me envia lorde Thurston?

— Então teremos que averiguar se é muito exigente, inclusive excessivamente especial na hora de escolher um senhor para Desejo ou se só está procurando desculpas para não ter que fazê-lo.

Clare fez uma careta e obsequiou Margaret com um triste sorriso.

— É sempre tão direta e prática, senhora. Sempre sabe como chegar à essência da questão.

— Sei por experiência que uma mulher prática e honrada em seu raciocínio, em especial quando se debate consigo mesma, consegue mais que uma que não o é.

— É o que sempre me ensinou, senhora — disse Clare erguendo os ombros — Terei presente suas sábias palavras.

— Sua mãe teria estado orgulhosa de você.

Clare advertiu que Margaret não tinha mencionado seu pai. Não era necessário. As duas sabiam que sir Humprey nunca tinha interessado a gestão de suas terras. Tinha deixado

essas mundanas questões a sua esposa e depois a sua filha, enquanto ele continuava seus estudos e experimentos.

Na rua, ao outro lado do muro do convento se ouviu um grito. As vozes cresciam em assombro e entusiasmo conforme os habitantes do povo se reuniam para contemplar aos recém chegados.

William guardou as vermelhas framboesas na bolsa que pendurava do cinturão e foi correndo até um banco que tinha pego ao muro.

Clare se deu conta muito tarde de sua intenção.

— Não suba! Já sabe o que te disse sua mãe!

— Não se preocupe, não cairei. Só quero ver os cavalheiros e seus enormes cavalos.

William ficou de pé no banco e começou a subir seu gorducho corpo em cima do muro de pedra.

Clare resmungou e trocou um olhar resignado com Margaret. Não cabia dúvida de que a excessivamente protetora mãe de William teria desmaiado se tivesse estado presente. Joanna estava convencida de que seu filho era muito delicado e não devia correr nenhum risco.

— Lady Joanna não está aqui — disse Margaret secamente, como se Clare tivesse falado em voz alta — Assim não se preocupe muito.

— Se William cair, Joanna não me perdoará nunca.

— Um dia destes terá que começar a deixar de mimar ao jovem — assegurou Margaret encolhendo-se de ombros — Se segue estando em cima dele como uma mãe com seu pintinho acabará sendo um jovem medroso, angustiado e extremamente gordo.

— Já sei, mas não posso culpá-la por querer protegê-lo — acrescentou Clare com voz baixa — perdeu a todos seus seres queridos, não pode arriscar-se a perder seu filho também.

— Vejo-os! — gritou William passando uma perna por cima do muro — Já estão na rua!
— fez sombra nos olhos para protegê-los da luz do sol da primavera — O cavalo gigante de cor cinza vai primeiro e juro que o cavaleiro que o monta é tão grande como seus arreios!

Clare franziu o cenho.

— Pedi homens de tamanho e corpulência normal.

— Leva um brilhante elmo e cota de malha — exclamou William — E um prateado escudo que reluz como um grande espelho ao sol.

— Um grande espelho?

Intrigada, Clare avançou rapidamente pelo atalho do jardim para ver os recém chegados.

— É muito estranho senhora. Tudo nesse cavaleiro é prateado ou cinza, inclusive suas vestes e os sobrepostos do cavalo o são. É como se ele e seu escudeiro fossem feitos de prata e fumaça.

— Prata e fumaça? — perguntou Clare olhando William — Que imaginação tem!

— É verdade, juro — William parecia realmente impressionado pelo que via.

A curiosidade de Clare aumentou.

— Como é de grande esse cavaleiro de prata e fumaça?

— É muito, muito grande — respondeu William desde sua elevada posição — E o cavaleiro que vai atrás dele é quase tão grande.

— Não pode ser!

Clare se aproximou da porta e olhou para a rua, mas a multidão de entusiasmados aldeãos lhe tampou a vista.

Correu a voz de que tinha chegado um exército e virtualmente todo mundo tinha saído para ver o espetáculo dos cavaleiros e suas montarias. John Blacksmith, Robert Cooper, Alice a taberneira e três fornidos granjeiros estavam diante. Todos eram mais altos que ela.

— Não te inquiete pelo tamanho do cavaleiro cinza — disse Margaret aproximando-se de Clare com olhar risonho — Terá que ter em conta a limitada experiência de William em

questões mundanas. Qualquer homem montado em um cavalo seria enorme para ele. É a armadura o que lhes faz parecer tão grandes.

— Sim, sei. Contudo, eu gostaria de vê-lo — disse Clare calculando a distância do banco ao alto do muro — William, me dê sua mão.

William voltou à vista para ela.

— Quer subir aqui comigo, lady Clare?

— Sim. Se ficar onde estou serei a última pessoa em toda a ilha em ver a invasão — assegurou levantando as saias de seu vestido de talhe longo e subiu ao banco.

Margaret lançou um ligeiro grunhido de desaprovação.

— A verdade, Clare, parece-me em extremo impróprio. Pensa na vergonha que passará se um de seus pretendentes te vê se comportando como uma mulher-macho aí acima. Pode ser que te reconheça na casa.

— Ninguém me verá. Pela gritaria que ouço, nossos convidados estão muito ocupados fazendo uma grande demonstração para o povo e quero ver o espetáculo.

Clare agarrou a borda do muro, encontrou uma greta com a ponta de seus suaves calçados de pele e tentou ficar ao lado de William.

— Tome cuidado minha senhora — William se inclinou para lhe agarrar o braço.

— Não se preocupe — ofegou enquanto passava primeiro uma perna e logo a outra sobre o largo muro de pedra — Pode ser que seja uma solteirona de vinte e três anos, mas ainda posso subir a um muro. — Sorriu a William enquanto se endireitava e ajustava as saias — Viu? Consegui. Agora me diga onde está o cavaleiro de prata e fumaça.

— Ao final da rua — disse assinalando para o porto — Escute o estrondo dos cascos dos cavalos. É como se uma enorme e impetuosa tormenta viesse do mar.

— A verdade é que fazem ruído para despertar aos mortos — assegurou Clare tornando para trás o capuz do manto e voltando-se para olhar a estreita rua.

O estrépito dos cascos soava cada vez mais próximo. Os aldeãos estavam imóveis pela espera.

De repente, Clare viu o cavaleiro e ao escudeiro vestidos de prata e fumaça. Conteve o fôlego e entendeu por que William ficou impressionado.

Homens e cavalos pareciam estar feitos com todos os elementos de uma furiosa tormenta: vento, chuva e raios. Só precisava lhes dar um olhar para saber que seu sombrio e cinzento furor, uma vez despertado, seria capaz de destruir algo que se interpusesse em seu caminho.

Por um momento, a visão do cavaleiro de prata e fumaça deixou tão muda a Clare como o estavam os aldeãos da rua. Uma desesperada sensação de desgosto se amontoou em seu estômago quando se deu conta de que não cabia dúvida de que estava contemplando um de seus pretendentes.

«Muito grande — pensou — Muito. E muito perigoso. Decididamente, não é o homem adequado.»

O cavaleiro cinza cavalgou até ficar diante de um grupo de sete homens. Eram cavaleiros, homens de armas e um ou dois criados. Clare olhou com curiosidade a quão guerreiros cavalgavam atrás da grande máquina de guerra cinza. Tinha visto muito poucos soldados em sua vida, mas sabia o suficiente para dar-se conta de que a maioria preferia as cores fortes e brilhantes em suas roupas.

Aqueles homens imitavam a forma de vestir de seu líder. Levavam roupas de tons cinzas, marrons e negros ainda mais sombrios, que de alguma forma fazia que parecessem mais letais.

Os recém chegados estavam muito perto. Enchiam a estreita rua. As bandeiras ondeavam ao vento. Clare ouviu o rangido e o roce do metal no couro. As montarias e armaduras se moviam ao compasso, com um ritmo bem compassado.

Os pesadamente ferrados cavalos avançavam como enormes máquinas de guerra. Caminhavam com um passo lento e incessante que acentuava seu poder e assegurava que todos os presentes tivessem a oportunidade de presenciar o espetáculo.

Clare contemplava aquela estranha visão com a mesma surpresa que todo mundo. Não prestava muita atenção aos murmúrios que subiam e baixavam entre a multidão formando uma onda que tinha sua origem em uma pequena cela de pedra em que habitava a anacoreta¹ do povo.

Fascinada pelos homens a cavalo, Clare não fez caso ao princípio, mas conforme os sussurros foram crescendo em volume, emprestou — lhes atenção.

— O que dizem William?

— Não sei, algo sobre um lobo acredito.

Clare olhou por cima de seu ombro para a cela, construída no muro do convento. Beatrice, a anacoreta, vivia ali desde que há dez anos tinha decidido converter-se em ermitã. Segundo o ditado do caminho religioso que tinha escolhido, jamais saía dali.

Supunha-se que devia dedicar-se à oração e a meditação, mas a verdade é que se entregava às intrigas do povo. Nunca lhe faltavam, porque durante o dia virtualmente todo o povo passava diante de sua janela. Muitos se detinham para falar com ela ou lhe pedir conselho. Quando alguém o fazia, Beatrice o tratava como um leiteiro a sua vaca. Tirava-lhe até a última gota de informação com a que poder mexericar.

Também desempenhava as funções de sua vocação, que incluíam dar conselho com grande ardor a tudo o que se aproximasse dela. Não poucas vezes o oferecia até aos que não o tinham pedido. Era partidária das predições de escuros presságios e não demorava em advertir sobre iminentes mortes e desastres.

Às vezes acertava.

— O que dizem? — perguntou — Margaret a Clare.

— Não sei — respondeu Clare esforçando-se por ouvir a crescente maré de sussurros — William diz que é algo sobre um lobo. Acredito que a anacoreta foi a que começou o rumor.

— Então é melhor que não façamos conta — assegurou Margaret.

¹ 1 Religioso ou penitente que vai viver na solidão. 2 Indivíduo que vive afastado da vida mundana.

— Escutem — interrompeu-a William — Agora se distinguem as palavras.

A crista dos murmúrios avançava por cima do mar de gente.

— ...o lobo sanguinário.

— Dizem que era uma besta do inferno vinda de algum lugar das terras do sul. Não entendi o nome...

— O Lobo Sanguinário de Wyckmere?

— Isso, Wyckmere. Assim o chamam, o Lobo Sanguinário de Wyckmere. Dizem que leva uma espada enorme chamada *a Porta do inferno*.

— Por que a chama assim?

— Porque está acostumado a ser quão último vê um homem antes de morrer atravessado por ela.

Os olhos de William se abriram de par em par. Estremeceu pela emoção dos murmúrios e rapidamente procurou na bolsa de seu cinturão outro punhado de vermelhas frutas.

— Ouviu lady Clare? — perguntou com a boca cheia de framboesas — Lobo Sanguinário de Wyckmere!

— Sim — respondeu esta, que tinha se dado conta de que algumas pessoas se benziavam quando se inteiravam da notícia, sem que o brilho de atemorizado entusiasmo se apagasse da expressão de seus rostos. Se acaso, os aldeãos pareciam encantados com o cavalheiro que se aproximava.

«Parece que meu povo é do mais ambicioso», pensou Clare. Não havia dúvida do prestígio que recairia neles se conseguiram um senhor que tinha tão temível reputação.

«Uma reputação que está muito bem, a menos que alguém esteja obrigada a casar-se com ele», refletiu Clare.

— O Lobo Sanguinário de Wyckmere — articulou William com uma reverência que teria sido mais adequado reservar para uma oração ou uma visão divina — Deve ser um grande cavalheiro.

— Eu gostaria de saber onde estão os outros — exclamou Clare.

— Que outros?

Clare franziu o cenho ante os cavaleiros que se aproximavam.

— Supõe-se que deviam vir ao menos outros três cavaleiros entre os que teria que escolher um marido. Todos esses homens parecem cavalgar atrás de uma só bandeira.

— Bom, o Lobo Sanguinário de Wyckmere é quase tão grande como três juntos — afirmou William com grande satisfação — Não necessita que venham mais.

Clare entreabriu os olhos. Aquele homem não era tão grande, mas sim tinha um aspecto formidável. Não era absolutamente a constituição física que tinha solicitado.

O cavaleiro cinza e seu séquito estavam quase frente a ela. Apesar de tudo, os recém chegados estavam proporcionando uma maravilhosa diversão a todos os presentes. Seria, interessante comprovar se o resto dos pretendentes podiam melhorar essa demonstração de aço e poder.

Estava tão ensimesmada com os incomuns sons e vistas daquele acontecimento, que quase não se deu conta de outro murmúrio que começava a correr entre o povo. Acreditou ouvir que mencionavam seu nome, mas não prestou atenção. Como senhora da ilha Desejo estava acostumada a que a gente falasse dela. Era o mais normal.

— Clare, deveria ir imediatamente à casa. Se seguir no muro não te dará tempo de receber a esse grande cavaleiro como é devido — indicou-lhe Margaret.

— Muito tarde, senhora — respondeu Clare elevando a voz sobre o estrondo de vozes e o som seco dos cascos — Terei que esperar até que tenham passado, antes de poder baixar à rua. Estou apanhada aqui até que se disperse a multidão. Joanna e os criados terão que encarregar-se de receber nossos visitantes.

— O que está dizendo? — repreendeu-a — Joanna e os criados não podem lhes oferecer o tipo de bem-vinda que espera o futuro senhor de Desejo.

Clare voltou a cabeça e sorriu.

— Ainda não sabemos se o cavaleiro cinza será o futuro senhor de Desejo, não? De fato, duvido muito que o seja. Pelo que vi, não tem o tamanho adequado.

— O tamanho é o de menos, minha menina — murmurou Margaret.

O ruído dos cascos e dos arneses cessou de repente. Um grito de surpresa de William e o repentino silêncio da multidão fizeram que Clare voltasse a cabeça rapidamente.

Assombrou-se de que a formação de homens a cavalo que tinha avançado lenta e majestosamente através do centro do povo se deteve em meio da rua, diretamente frente a onde estava ela.

Tragou saliva com dificuldade quando se deu conta de que o cavalheiro cinza a estava olhando. Sua primeira intenção foi se deixar cair pela borda do muro e escapar sem ser vista para o jardim. Mas era muito tarde para fugir. Teria que enfrentar a situação.

De repente, deu-se conta de quão sujo estava seu vestido e quão alvoroçado levava o cabelo. Quando se agarrou a borda do muro de pedra, morno pelo sol notou que tinha úmidas as palmas das mãos.

Seguro que não a estava olhando.

Não podia estar fazendo.

Não havia razão para ter chamado a atenção do cavalheiro cinza. Era simplesmente uma mulher sentada em um muro, observando o espetáculo junto com o resto dos aldeãos.

Mas sim a estava olhando.

Uma estranha quietude se apoderou da situação enquanto o cavalheiro de prata e fumaça a olhava pensativo durante um interminável momento. Teve a impressão de que a brisa tinha cessado de soprar. As folhas das árvores do jardim do convento penduravam imóveis. Não se ouvia nada, nem sequer o ondear de uma bandeira.

Clare viu uns olhos escurecidos e inescrutáveis, emoldurados por um elmo de aço, e rezou para que o Lobo Sanguinário de Wyckmere a tomasse por uma camponesa.

Obedecendo a uma ordem misteriosa, o grande semental pintalgado se dirigiu para o muro do convento. Os que se achavam ante o cavalo se fizeram a um lado rapidamente para lhe deixar passo livre. Todos os olhos se posaram nela.

— Vem para cá senhora — chiou William — Deve tê-la reconhecido.

— Mas se nunca me viu — esclareceu com os dedos cravados na pedra — Não pode saber como sou.

William abriu a boca para dizer algo mais, mas a fechou subitamente quando o imponente cavalo de guerra se deteve justo diante de Clare. O olhar do cavalheiro cinza estava à mesma altura que o dela.

Clare olhou fixamente uns olhos brilhantes e sérios que tinham a cor do cristal de rocha embaçado. Viu a fria e calculadora inteligência que cintilava no interior daquele cristal e se deu conta imediatamente de que o cavalheiro cinza sabia quem era ela.

Conteve a respiração tentando desesperadamente pensar em alguma forma de sair daquela situação. Jamais tinha passado por uma experiência tão embaraçosa.

— Procuro à dama da ilha Desejo — disse o cavalheiro.

Um curioso estremecimento a percorreu ao ouvir sua voz. Não sabia por que reagia de uma forma tão estranha, porque a verdade é que encaixava perfeitamente com seu aspecto. Era profunda e grave, e vibrava com um poder contido.

Agarrou-se à pedra para que seus dedos deixassem de tremer. Depois levantou o queixo e ergueu os ombros. Era a senhora de seu feudo e tentou manter um comportamento que evidenciasse seu título, inclusive se se encontrava frente ao homem de aspecto mais formidável que tinha visto em sua vida.

— Sou a pessoa que busca, senhor. Quem é você?

— Gareth de Wyckmere.

Clare recordou os cochichos, «o Lobo Sanguinário de Wyckmere».

— Ouvi que o chamam por outro nome.

— Chamam-me de muitas maneiras, mas não respondo ante muitas delas.

Em suas palavras havia uma clara advertência. Clare o entendeu, decidiu voltar para a segurança da boa educação e inclinou a cabeça com cortesia.

— Dou-lhe a bem— vinda a ilha Desejo, sir Gareth. Permita-me lhe agradecer em nome de todo o povo pelo magnífico espetáculo que nos ofereceu. Estranha vez temos a sorte de contemplar tão imponentes demonstrações em nossa pequena aldeia.

— Me alegro de que tenha gostado do que viu senhora. Espero que desfrute com o resto da representação.

Gareth soltou as rédeas, levantou suas mãos enluvadas com cota de malha e tirou o elmo.

Não olhou por cima de seu ombro nem fez nenhum sinal que Clare pudesse advertir. Simplesmente segurou o reluzente elmo em um lado e imediatamente outro cavaleiro cavalcou até ele, agarrou o elmo de aço e retornou junto com o resto dos soldados.

Clare estudou Gareth com uma curiosidade que não pôde dissimular totalmente, nem sequer por educação. Depois de tudo, era um dos homens que tinham sido enviados para disputar sua mão. Surpreendeu-lhe descobrir que algo muito profundo em seu interior estava estranhamente satisfeito com seu aspecto.

Realmente era muito grande, mas esse defeito não parecia tão alarmante agora como quando redigiu os requisitos que devia cumprir seu marido. A razão era óbvia. Apesar de seu tamanho e evidente força física, algo lhe dizia que não se tratava de um homem que somente confiasse na força bruta para conseguir o que se propunha.

Gareth de Wyckmere era sem dúvida um cavaleiro exercitado, versado nas sangrentas artes da guerra, mas não era um bruto, via-o em seu rosto.

A luz do sol brilhou em seu espesso cabelo até os ombros de cor quase negra. Havia algo em suas temíveis e frias feições que lhe recordou quão escarpados protegiam sua amada ilha. Apesar da inteligência que refletiam seus olhos, pressentiu que podia ser implacável e inflexível.

Era um homem que tinha lutado por tudo o que queria na vida.

Olhou a Clare enquanto observava. Parecia que não lhe incomodava o minucioso exame. Simplesmente permaneceu sentado, esperando tranquila e pacientemente um julgamento,

em uma forma que sugeria que o veredito não lhe preocupava. Ocorreu a Clare que fixou uns objetivos e tinha intenção de consegui-los sem lhe importar sua decisão ou conclusão.

Aquele pensamento a horrorizou. Não seria fácil rechaçar ao Lobo Sanguinário de Wyckmere uma vez que este fixou uma meta.

Mas também ela podia mostrar-se igualmente firme na consecução de seus próprios objetivos. Virtualmente tinha estado ao mando da ilha e de tudo o que havia nela desde os doze anos.

— E bem, senhora? Satisfaz-lhe seu novo senhor? — perguntou Gareth.

«Seu futuro senhor?» Clare piscou surpreendida. Não sabia se ria ou lhe repreendia por sua impressionante arrogância e se decidiu por um educado, mas frio sorriso.

— Não poderia dizer, ainda não vi ao resto dos aspirantes ao posto.

— Equivoca-se, senhora. Só somos dois Nicholas de Seabern e eu.

Os lábios de Clare se abriram pelo horror.

— Mas, isso não é possível. Solicitei uma seleção de ao menos três ou quatro cavalheiros.

— Nem sempre temos o que pedimos, não é verdade?

— Mesmo assim, você não cumpre nenhum de meus requisitos, senhor — balbuciou Clare —. Não quero lhe ofender, mas não tem a talha adequada. E dá a impressão de ser mais um homem de guerra que de paz — espetou-lhe olhando-o com o cenho franzido — Além disso, não parece ser um homem de caráter alegre.

— Nada posso fazer por minha corpulência. E é verdade que fui bem treinado na arte da guerra, mas lhe juro que procuro uma vida tranquila e pacífica. Quanto a meu caráter, o que dizer? Um homem pode mudar, não?

— Não estou tão segura — respondeu cautelosamente.

— Sei ler.

— Bom, ao menos é algo. Não obstante...

— Senhora, por experiência aprendi que todos temos que nos arrumar com o que temos.

— Ninguém sabe melhor que eu — disse Clare com frieza — Senhor, serei franca. Veio de muito longe e nos ofereceu um maravilhoso espetáculo. Não queria lhe ofender, mas, para falar a verdade, temo que não tem nenhuma possibilidade de ser o senhor de Desejo. Acredito que seria melhor que você e todos seus homens se fossem nos mesmos navios em que vieram.

— Não, senhora. Esperei muito e percorri um longo trecho. Estou aqui para reclamar meu futuro. Não tenho intenção de ir.

— Pois devo insistir em...

Ouviram-se um suave e mortífero suspiro, e a espada do Gareth apareceu em sua mão como por arte de magia. O rápido e aterrador movimento provocou um grito afogado na multidão. Clare se deteve na metade da frase com os olhos muito abertos.

A luz do sol refulgiu e cintilou no aço quando Gareth esgrimiu a espada.

De novo, todos e tudo pareceram ficar imóveis.

O jovem William conseguiu romper o feitiço.

— Não deve ferir minha senhora — gritou a Gareth — Não o permitirei.

A multidão ficou estupefata ante a audácia de William, já que este se encontrava frente a uma espada desembainhada.

— Cala, William! — sussurrou-lhe Clare.

Gareth olhou ao jovem.

— É muito valente, guri. Muitos fogem espantados quando veem *a Porta do inferno*.

Não havia dúvida de que William estava assustado, mas sua expressão mostrava uma obstinada determinação. Devolveu-lhe o olhar.

— Não lhe faça mal.

— Não farei — assegurou-lhe Gareth — De fato, como seu futuro senhor estou muito contente de que tenha tido um protetor tão valente até minha chegada. Estou em dívida contigo, jovem.

O rosto de William adotou uma expressão de incerteza. Gareth deu a volta à espada com outro movimento rápido como um raio. Ofereceu seu punho a Clare em um inequívoco gesto de comemoração e respeito. Esperou igual a todo mundo, que ela agarrasse a arma.

Um murmúrio de assombro e aprovação se elevou da multidão. Clare o ouviu, sentia o entusiasmo contido de William, e a espectadora tensão do ambiente era entristecedora.

Rechaçar a espada era um ato que albergava um grande risco. Não havia forma de saber como reagiria Gareth nem que represálias tomariam seus soldados. Em questão de minutos podiam destruir o povoado inteiro.

Entretanto, aceitar daria a Gareth todos os motivos para pensar que seu pedido seria bem recebido.

Era uma armadilha. Muito limpa, teve que admitir, mas uma armadilha ao fim. Era uma tocaia com duas saídas, e ambas eram perigosas. Tinha sido urdida com deliberação. Contudo, ela sabia que era um homem que utilizava o sentido comum além da força para obter seus propósitos.

Observou o punho daquela brunida parte de aço e se fixou em que o pomo estava feito com um grande pedaço de cristal de rocha. A cinzenta e embaçada pedra parecia cheia de fumaça prateada proveniente de um fogo invisível. De repente, compreendeu de onde tinha tirado seu nome. Não precisava ter muita imaginação para ver no pomo de cristal uma porta ao inferno.

Fixou seu olhar no de Gareth e pensou que o cristal cheio de fumaça combinava muito bem com seus olhos.

Sabendo que não havia forma de sair da armadilha, escolheu uma das duas opções que tinha. Estendeu a mão lentamente e agarrou o punho da espada. Era tão pesada que teve de utilizar as duas mãos para segurá-la.

A multidão proferiu um grito de júbilo. William sorriu. As vivas alagaram o ambiente e quando os cavaleiros e homens de armas hastearam suas lanças e golpearam seus escudos, ouviu-se o entrecocar e ressonar de armaduras.

Clare olhou Gareth e teve a sensação de ter caído de um dos altos escarpados de Desejo. Gareth estendeu suas mãos enluvadas em cota de malha, agarrou-a e a desceu do muro. O mundo girou a seu redor e quase cai a espada.

Um instante depois estava sentada na sela, diante do Lobo Sanguinário. Segurava-a um braço coberto de cota de malha do tamanho de uma árvore. Levantou a vista e viu que os olhos de Gareth brilhavam com satisfação.

Clare se perguntou por que sentia que seguia caindo. Gareth levantou uma mão para chamar um cavaleiro. Um guerreiro de severa expressão se adiantou.

— Sim, sir Gareth?

— Ulrich — levantou a voz para que seu homem pudesse lhe ouvir por cima dos ensurdecadores vivas dos aldeãos — Escolta ao nobre protetor da dama, como corresponde a seu excelente serviço.

— Sim.

Ulrich deteve seus arreios perto do muro e esticou um braço para agarrar William pela cintura. Levantou-o para descê-lo do muro e o acomodou no arção² da sela.

Clare se fixou no muito que se abriam os olhos de William enquanto passava entre a multidão escarranchado no enorme cavalo de guerra. Deu-se conta com irônico desgosto de que Gareth acabava de ganhar um leal vassalo por toda a vida.

Ouviu os exultantes gritos de seu povo enquanto o Lobo Sanguinário de Wyckmere avançava com seu cinza semental pela abarrotada rua. Voltou à vista por cima do ombro e viu Margaret, que estava de pé na entrada da casa do porteiro.

A prioresa agitava a mão alegremente.

Apertou com força *a Porta do inferno* e pensou, sobressaltada, na armadilha perfeitamente disposta em que tinha caído.

² Parte saliente, adiante e atrás da sela, onde é costume amarrar o que se faz necessário transportar; cabeça-do-arreio, cabeça-da-frente, cabeça-de-trás.

Capítulo 2

— Oferecer *a Porta do inferno* à dama foi um bonito gesto — comentou Ulrich sorrindo enquanto observava como Gareth se ensaboava em uma enorme banheira — Pouco habitual em você, se me permite dizer.

— Me crê incapaz de formosos gestos? — perguntou Gareth afastando o cabelo molhado dos olhos e olhando a seu amigo.

Ulrich estava ajeitado no assento cheio de almofadas da janela. O sol brilhava em sua calva cabeça. Ulrich, um valente cavaleiro uns seis anos mais velho que Gareth, era um homem musculoso com um rosto surpreendentemente agraciado.

Lorde Thurston o tinha contratado para que fosse o mentor de Gareth quando este fez dezesseis anos. Aquele homem mais velho era um sério estrategista e um experiente soldado. Tinha estado presente no dia em que Gareth tinha ganhado suas esporas e o título de cavaleiro que as acompanhava. Aquele acontecimento se celebrou depois de um violento encontro com uma banda de cavaleiros renegados que tinham estado aterrorizando aos habitantes de parte das terras de Thurston.

Ulrich e Gareth seguiam juntos desde aquele dia. Sua associação se apoiava na amizade, afiançada pela confiança e o respeito mútuo. Ao princípio, Gareth tinha aprendido muito de Ulrich e ainda seguia escutando seus conselhos. Mas chegou um momento no que sua relação mudou de mentor e estudante a profissionais que se tratam como iguais.

Contudo, Gareth era o que dava as ordens e o que tinha reunido a um grupo muito unido de homens disciplinados e os tinha convertido em uma arma formidável por cujos serviços se pagavam grandes somas de dinheiro.

Ele era o que selecionava seus potenciais patrões e decidia como e quando vendiam os serviços de seus homens.

Tinha assumido o papel de chefe não por sua relação com Thurston de Landry, mas sim porque a todos parecia o mais natural. Nele, a capacidade de mando era inata, um impulso tão necessário como respirar.

Ulrich não tinha interesse em ser o líder. Era independente por natureza. Jurava lealdade a quem ele escolhia e o senhor ao que a oferecesse podia estar seguro de que desfrutaria de um inquebrável serviço. Há quatro anos, Ulrich tinha jurado lealdade ao Lobo Sanguinário de Wyckmere.

Ulrich conhecia Gareth melhor que ninguém, incluído Thurston. Sabia bem que Gareth jamais tinha devotado *a Porta do inferno* a nenhum homem ou mulher, senhor ou senhora.

— Tenho que admitir que os atos grandiosos e impressionantes lhe dão bem — disse Ulrich passando pensativo a mão pelo queixo — Seus gestos sempre escondem armadilhas, mas este foi excepcional, inclusive para você.

— A situação o requeria.

— Contudo, era somente outra armadilha, não? Não deixou alternativa à dama que não fosse aceitar *a Porta do inferno*.

Gareth se encolheu de ombros.

— Teria sido muito violento se houvesse tornado sua folha contra você para tentar te atravessar as tripas.

— Havia poucas possibilidades de que o fizesse, mas o maior risco era que não quisesse aceitá-la — disse Gareth e colocou o perfumado sabão perto do nariz e cheirou-o com cautela — Não tem a impressão de que tudo em Desejo cheira a flores?

— Toda a condenada ilha cheira como um jardim. Seguro que o canal de irrigação do povoado está perfumado.

— Parece que está unida ao mar através de um canal — disse Gareth franzindo o cenho — Seguro que a maré leva o lixo. As privadas da casa deságuam em um sistema similar. É muito interessante.

— Nunca entendi sua curiosidade pelos mecanismos engenhosos. — Ulrich aspirou fortemente e inalou o perfume que penetrava pela janela aberta a suas costas — O que teria feito se a dama tivesse rechaçado a espada?

— Isso já não importa. Aceitou-a.

— E decidiu seu destino, isso é o que acredita? Eu não estaria tão seguro, meu amigo. Tenho o pressentimento de que a proprietária de Desejo é uma mulher com recursos. Conforme me contou, ela é que conseguiu que as terras sejam tão prósperas e produtivas.

— Sim, sua mãe lhe ensinou os segredos da fabricação de perfumes. Ao que parece, seu irmão passou a vida de torneio em torneio até que finalmente o mataram. Seu pai era um estudioso que não tinha interesse em administrar as terras. Preferia passar o tempo na Espanha traduzindo tratados árabes.

Ulrich sorriu.

— Que pena que não o tenha conhecido, seguro que os dois tinham muito do que falar.

— Sim — Gareth sentiu uma repentina satisfação. Uma vez casado, deixaria de caçar bandidos e se dedicaria a seu primeiro amor: procurar os tesouros ocultos nos livros e manuscritos, como os que tinha guardado o pai de Clare. Seu corpulento corpo derramou parte da água quando ficou de pé e esticou o braço para pegar uma toalha — Pelas barbas do inferno! Cheiro como uma rosa.

— Pode ser que a sua nova dama goste do perfume. Diga-me, como soube que a empregada que estava no muro era em realidade a senhora de Desejo?

Gareth fez um ligeiro e desdenhoso movimento com uma mão enquanto secava o cabelo com o pano.

— Tinha a idade adequada e estava melhor vestida que o resto dos aldeãos.

— Sim, mas mesmo assim...

— Exalava ar de confiança e autoridade. Estava seguro de que ou era uma habitante do convento que não tinha tomado o hábito ainda ou a senhora da casa. Apostei pelo segundo.

Gareth se lembrou da primeira visão de Clare. Montado no semental fixou-se nela assim que subiu ao muro para sentar-se nele, uma figura ágil e graciosa que levava um vestido verde e uma capa cor açafreão. O pescoço, a prega e as mangas da túnica estavam bordados em amarelo e laranja, igual ao largo cinturão. Este permanecia preso nos quadris para ressaltar uma estreita cintura e a feminina dilatação das coxas.

Para Gareth, a mulher do muro era a encarnação da própria primavera, tão fresca e intensa como os campos de rosas e lavanda que atapetavam a ilha.

Seu comprido e escuro cabelo, recolhido sem apertar por um estreito diadema e um pedacinho de linho, brilhava lustroso ao sol. Mas foi seu rosto o que chamou sua atenção. Suas formosas feições de ossos delicados estavam tão acesos de curiosidade e entusiasmo como as do jovem que estava a seu lado. Uma refinação, mas inconfundível orgulho brilhava na expressão de seu rosto, era o rosto de uma mulher acostumada a mandar.

Entretanto, seus grandes olhos verdes mostravam uma grande cautela. Seu penetrante olhar, exercitado por anos dedicados à caça de bandidos e que não perdia detalhe, fixou nessa expressão reservada. De fato, tinha-lhe proporcionado a chave final de sua verdadeira identidade.

A elegantemente vestida dama do muro tinha um interesse muito pessoal nos cavalheiros que estavam invadindo seus domínios.

Gareth sabia que quando cavalgou para o muro para ficar frente a ela corria um risco. Preocupava-lhe um pouco que tornasse a meter-se no jardim do convento, mas não o fez. Como suspeitava, tinha muita arrogância feminina para retirar-se.

Quando se aproximou dela se fixou na mancha de seu vestido e pensou que era um bom pressentimento. À senhora de Desejo não importava sujar as mãos.

Gareth se separou de suas lembranças. Jogou a um lado a perfumada toalha de linho e agarrou uma limpa túnica cinza.

Enquanto se vestia olhou uma das grandes tapeçarias que cobriam as paredes do aposento. Flores e ervas a fonte de benefícios de Desejo, pareciam ser um tema muito habitual na ilha. Inclusive as tapeçarias belamente tecidas mostravam cenas de jardim.

Era uma terra de fragrantes flores e exuberante folhagem. «Quem ia imaginar que o Lobo Sanguinário de Wyckmere iria parar em um lugar tão formoso e perfumado para reclamar como dele», pensou.

Estava satisfeito com a ilha Desejo. Sentia que tinha o que tinha estado procurando.

Grampeou-se o comprido cinturão de couro nos quadris e atravessou descalço uma das estreitas janelas cortadas no muro de pedra. A cálida e perfumada brisa lhe recordou o cabelo de Clare.

Viu-se obrigado a inalar o aroma de suas tranças quando a levou com ele pelo povoado e o caminho que conduzia a casa.

O aroma das flores se mesclou, mas não tinha conseguido mascarar o intrigante aroma que era só seu. Aquela fragrância tinha cativado Gareth. Cheirava como nenhuma outra mulher que tinha conhecido.

O sutil e embriagador aroma, combinado com a sensação de seus brandamente arredondados quadris apertados contra sua perna, tinha provocado algo em seu interior. E lhe tinha despertado um feroz apetite.

Suas sobrancelhas se juntaram e apertou as mandíbulas ao recordar a força viva daquele desejo. Tinha que assegurar-se de que o manteria a raia. Se tinha conseguido sobreviver era porque jamais tinha deixado que lhe governassem suas emoções.

Ulrich o olhou aos olhos.

— Assim reconheceu à senhora de Desejo no ato? — perguntou sacudindo sua nua e reluzente cabeça com zombadora admiração — Felicito-te, Gareth. Como de costume, quadrou os dados e deu com a solução correta.

— Não foi difícil— assegurou Gareth sentando-se em um tamborete para colocar as botas de fino couro —Já basta desse tema. Interessar-me-ia que me contasse tudo do que te tenha informado do incidente do rapto.

— Não há muito que dizer. Como sabe, tomei umas jarras de cerveja no botequim de Seabern ontem de noite. O mais interessante que me contaram é que todos os implicados, quer dizer, sir Nicholas, seus criados e a própria senhora, insistem em que não houve rapto.

Gareth se encolheu de ombros.

— É o que esperava, está em jogo a reputação de uma dama.

— É verdade. Dizem que fez uma visita inesperada a sir Nicholas que durou quatro dias.

— E depois lhe propôs matrimônio?

— Sim, mas a dama o rechaçou — riu Ulrich — Terá que admitir que se necessita valor, dadas as circunstâncias.

— Por isso o fez. A maioria das mulheres teria cedido ante o inevitável — assegurou Gareth cheio de admiração. Sua futura esposa não cedia ante uma flagrante intimidação. Admirava essa valentia. Até certo ponto.

— Como desculpa lhe disse que seu tutor, Thurston de Landry, tinha aceitado lhe permitir que escolhesse marido.

— Então deve ter sido quando decidiu escrever a meu pai para lhe pedir uma seleção de candidatos ao posto.

— Sem dúvida.

— Isso explica também que meu pai me ordenasse não perder o tempo em reclamá-la como esposa — Gareth refletiu brevemente — Suspeita que Nicholas tente voltar a pôr suas mãos em Desejo.

— Não é fácil que um segundo rapto passe inadvertido. — Ulrich fez uma breve pausa — Por curiosidade, o que vai fazer com Nicholas?

— Por agora, nada. Não espero que Clare o acuse de rapto ou violação, apesar de que agora ela esteja a salvo.

— Tem que pensar em sua reputação. Igual a você, Gareth. A dama não te agradecerá que arraste sua honra pelo barro.

— Não, além disso, agora tenho outras preocupações. Já me encarregarei de Nicholas mais tarde.

Nicholas de Seabern pagaria pelo que tinha feito, mas no lugar e no momento em que escolhesse Gareth. Às vezes, o Lobo Sanguinário de Wyckmere tomava seu tempo antes de levar a cabo sua vingança, embora cedo ou tarde, sempre a cobrava.

Tinha uma reputação que proteger.

Ulrich ficou de pé, voltou-se para a janela e apoiou as mãos no batente. Olhou os campos de flores que se estendiam além da velha muralha de madeira que rodeava a casa. Aspirou ao limpo e perfumado ar.

— Uma terra pouco comum esta que veio reclamar, igual sua senhora. Por não dizer nada dos criados.

— O que é o menino com respeito à lady Clare?

— William? — Ulrich sorriu — Um jovem fegoso, verdade? Deveria fazer um pouco de exercício, gosta muito dos bolos e do pudim.

— Certo.

— Ele e sua mãe, lady Joanna, vivem nesta casa. Lady Joanna é viúva.

Gareth olhou a seu amigo.

— O menino é o único que fica a lady Joanna?

— Ao que parece, seu marido vendeu tudo o que tinha, incluídas suas terras do norte, para conseguir dinheiro para financiar suas aventuras na Terra Santa. Conseguiu que o matassem ali. William e Joanna ficaram sem um cêntimo.

— Assim lady Joanna veio para Desejo em busca de um lugar para os dois nesta casa?

— Assim foi — Ulrich adotou uma expressão meditativa — Acredito que sua dama é muito compassiva nessas questões.

— É isso certo?

— Joanna e seu filho não são os únicos aos que deu proteção. Seu guarda ancião, que por seu aspecto faz anos que deveriam tê-lo substituído, e sua antiga babá também vivem aqui. Ao que parece não têm aonde ir.

— Há algum outro desamparado?

Ulrich franziu levemente o cenho.

— William me disse que faz um par de meses. Apareceu um trovador nas escadas da casa. Clare também o hospedou. Certamente nos divertirá esta noite. Também me disse que Clare gosta muito das canções de amor.

Gareth pensou nas condições que tinha posto para aceitar marido.

— Temia isso.

— Chama-se Dallan. William me contou que o trovador adora sua nova dama.

— São todos iguais — murmurou Gareth — São uns pesados, com suas ridículas canções de sedução e infidelidades.

— Às mulheres adoram essas baladas.

— Aqui não se cantará esse tipo de canções — afirmou Gareth em voz baixa — Te ocupe de que o comunique a Dallan, o trovador.

— Sim, senhor.

Os lábios de Ulrich esboçaram um sorriso antes que este se voltasse para a janela.

Gareth não fez caso da risada mal dissimulada de seu amigo. Como sempre, não tinha intenção de inteirar-se do que ao Ulrich parecia tão divertido. O único importante era que sabia que suas ordens se executariam.

Satisfeito por ter se lavado e levar roupa limpa, Gareth se dirigiu para a porta do aposento.

— Acredito que chegou o momento de que me apresente de novo ante minha futura esposa. Temos muito que falar.

— Está no jardim.

Gareth voltou a cabeça.

— Como sabe?

— Porque a vejo daqui — respondeu Ulrich olhando pela janela aberta, ainda sorridente

— Está falando com os criados. Arrumado que lhes está dando instruções de como defender a casa.

— De que demônios está falando? Ninguém está atacando.

— Isso, meu amigo, é questão de opiniões. Dá-me a impressão de que a dama está se preparando para resistir a um assédio.

— Por minha parte?

— Sim.

Gareth se encolheu de ombros.

— Está perdendo o tempo. A batalha está acabada e vencida.

— Eu não estaria tão seguro — disse Ulrich com um sorriso que se converteu em risada e acabou sendo uma gargalhada.

Gareth não fez nenhuma tentativa de averiguar o que era o que encontrava tão divertido. Aguardavam-lhe assuntos mais importantes.

— Estão todos os homens e cavalos devidamente acomodados? — perguntou Clare franzindo o cenho enquanto caminhava diante do pessoal da casa.

Sua improvisada família, composta por gente que não tinha outro lar, estava de pé ou sentada no banco de pedra que havia sob uma macieira.

William, cujo rosto ainda brilhava depois de ter montado pela primeira vez um cavalo de guerra, estava entre sua mãe, Joanna, e Dallan, o magro e inquieto trovador.

Eadgar, o guarda ancião da casa, estava de pé a um lado do banco, com expressão preocupada. Tinha razões para estar intranquilo, como guarda estava ao cargo das tarefas domésticas da casa. Tinha que assegurar-se de que nas cozinhas havia a suficiente provisão de mantimentos para dar de comer aos recém chegados. Também tinha que velar para que os criados preparassem os banhos, costurassem as roupas e limpassem as latrinas.

Em opinião de Clare, todo um chateio.

Estava preocupada com sua capacidade para ocupar-se de tanta gente. Apesar de sua lealdade e laboriosidade, tinha quase setenta anos e a idade lhe tinha cobrado nas articulações e no ouvido.

Quando não respondia a suas perguntas, suspirava e as repetia em voz mais alta.

— Perguntei se estão bem acomodados todos os homens e cavalos!

— Sim, senhora. Sem dúvida alguma — respondeu erguendo seus encurvados ombros e fazendo um esforço para dar a impressão de que tinha tudo controlado.

— Surpreende-me que tenha encontrado lugar para tanta gente. Espero não encontrar a nenhum desses toscos dormindo nas escadas ou no solário.

— Não, senhora — assegurou-lhe Eadgar fervorosamente — Havia suficientes aposentos para as senhorias e pus ao resto no piso de cima. Outros dormirão em esteiras no salão principal ou nos estábulos. Esteja segura de que tudo se fará devidamente.

— Se tranquilize, Clare — pediu Joanna levantando a vista de seu trabalho e sorrindo — Tudo está sob controle.

Joanna era cinco anos mais velha que Clare. Era uma formosa mulher, tinha o cabelo loiro como o ouro, uns doces olhos azuis e delicadas feições.

Casada aos quinze anos com um homem que tinha trinta anos mais que ela, enviuvou ao pouco tempo e se encontrou sem dinheiro e com um filho.

Desesperada, tinha chegado à porta de Clare fazia três anos pretextando uma antiga relação, já que sua mãe e a de Clare tinham sido boas amigas. Clare aceitou aos dois na casa.

Joanna começou a contribuir aos ganhos de Desejo com seus maravilhosos bordados.

Clare se deu conta rapidamente das possibilidades do talento de Joanna. Os lucros pela venda das flores secas e acertos florais tinham aumentado grandemente desde que se vendiam em bolsas e saquinhos bordados com os desenhos de Joanna.

A demanda era tal que Joanna tinha tido que ensinar a bordar a mulheres do povoado. Algumas das monjas de Santa Hermione também trabalhavam sob sua supervisão para criar elegantes bolsas para as fragrantes mesclas de Clare.

— Eadgar, diga à cozinheira que não lhe ocorra tingir o jantar desta noite de azul ou carmesim — pediu enquanto caminhava pelo caminho de cascalho com as mãos nas costas — Já sabe o quanto gosta de dar cor às comidas especiais.

— Sim, senhora. Diz que isso impressiona aos convidados.

— Não acredito que haja necessidade de esforçar-se por impressionar Gareth e seus homens — murmurou Clare — E pessoalmente eu não gosto muito da comida azul ou carmesim.

— O amarelo é uma bonita cor — interveio Joanna — Quando a abadessa Helen veio de visita o outono passado ficou muito surpreendida quando lhe serviram todo um banquete de cor amarela.

— Uma coisa é tratar com atenção uma abadessa e outra preocupar-se com um bando de corpulentos cavalheiros e seus soldados. Pelo santo sândalo de Hermione que não gastarei a quantidade de açafrão necessário para tingir de amarelo tudo o que se sirva esta noite! É muito caro.

— Pode se permitir isso Clare — murmurou Joanna.

— Essa não é a questão.

— Falarei com a cozinheira — assegurou Eadgar pigarreando.

Clare continuou passeando de cima abaixo. Normalmente, o jardim cercado era uma fonte de prazer e serenidade para ela. Os canteiros de flores e ervas foram plantadas com grande esmero para conseguir uma complexa e provocadora mescla de aromas.

Pelo geral, um passeio pelos atalhos era como entrar em um invisível mundo de cativante e fascinante fragrância. O fino olfato de Clare desfrutava muito com aquela experiência.

Entretanto, naquele momento, no único que podia pensar era no pouco parecido às flores, perturbador e masculino que era o aroma de sir Gareth, o Lobo Sanguinário de Wyckmere.

Sob os terrenos aromas de suor, couro, cavalo, lã, aço e pó do caminho que cobriam Gareth, escondiam-se outro, o seu. Durante a cavalgada do povo a casa, Clare se tinha visto envolta nessa essência e sabia que não a esqueceria nunca.

Por uma estranha razão que não sabia explicar, Gareth cheirava adequadamente.

Ao lembrar-se sentiu um comichão no nariz. Certamente não havia nada nele que tivesse um doce aroma, mas sua reação recordou a que teve quando conseguiu a mescla correta de ervas, especiarias e flores para um novo perfume. Era uma sensação de plenitude, de segurança.

Cair na conta fez que sentisse um calafrio. Nem sequer Raymond de Coleville, o homem que tinha amado, cheirava tão adequadamente.

— Era *a Porta do inferno* tremendamente pesada? — perguntou William com avidez — Vi— que o Lobo Sanguinário lhe deixou levá-la até as portas da casa. Sir Ulrich disse que isso era algo extraordinário.

— De verdade o disse?

— Sir Ulrich comentou que seu senhor jamais tinha devotado sua espada a ninguém no mundo, e muito menos tinha permitido que alguém a levasse diante de todo um povo.

— Não me deixou que a levasse — protestou Clare — Mais ou menos me obrigou a fazê-lo. Negou-se a pega-la de minhas mãos até que chegamos a casa. Não podia jogar uma coisa tão valiosa ao barro.

Joanna arqueou uma sobrancelha, mas não levantou a vista de seu trabalho.

— Por que crê que não voltou a embainhá-la? — perguntou.

— Disse que não podia colocá-la na capa estando eu sentada diante e se negou a que me sentasse atrás. Disse que não seria cavalheiresco. Ah! Que arrogância falar de cortesia quando virtualmente me levava cativa.

Joanna apertou os lábios.

— Tenho a impressão de que a sua senhoria não falta descaramento.

— Sir Ulrich diz que o Lobo Sanguinário é um grande cavalheiro que acabou com muitíssimos ladrões e assassinos nas terras do sul, e que a honrou deixando-a levar *a Porta do inferno* — afirmou William.

— Uma honra da que teria podido prescindir tranquilamente — espetou-lhe Clare.

Sabia muito bem por que Gareth não tinha querido guardar a espada até que chegassem às portas de sua mansão. Queria assegurar-se de que todo mundo, desde pastores a lavadeiras, viam a senhora de Desejo levar a arma do Lobo Sanguinário.

«Não, não a tinha honrado — pensou — Tinha sido um gesto muito calculado.»

— Em minha opinião, não acredito que queria lhe conceder nenhuma honra, milady — interveio Dallan com apaixonada veemência — Justamente o contrário, burlou-se de você.

Clare olhou seu novo trovador. Era um jovem enxuto que mal tinha dezesseis anos e a quem sobressaltavam facilmente os ruídos inesperados ou os gritos. Se alguém se aproximava dele sem que ele o advertisse, dava um pulo ou ficava imóvel como uma lebre aterrorizada.

Os únicos momentos nos que parecia manter a serenidade eram quando cantava suas baladas a suas gastas feições pareciam ter engordado ligeiramente desde sua chegada a Desejo, mas Clare seguia vendo muitos vestígios do inquieto e atormentado olhar que havia em seus olhos o primeiro dia que chegou a casa.

Dallan lhe havia dito que queria trabalhar como trovador na mansão. Clare o olhou e compreendeu imediatamente que qualquer que fosse seu passado, não tinha sido nada agradável. Aceitou-o naquele momento.

— Não acredito que queria burlar-se precisamente — disse corrigindo a exaltada observação de Dallan.

— Eu opino que sim — continuou Dallan — Parece um homem cruel e sanguinário. Por algo o chamam o Lobo Sanguinário de Wyckmere.

Clare se deu a volta exasperada.

— Não deveríamos dar muita importância a um estúpido apelido.

— Não acredito que seja estúpido — assegurou William com entusiasmo — Sir Ulrich diz que o puseram devido à grande quantidade de bandidos que tinha matado.

— Estou segura de que exagera suas façanhas — protestou Clare.

— Não se preocupe — pediu Joanna — Entendo bem que esteja intranquila ante a perspectiva do matrimônio, mas estou segura de que lorde Thurston não teria mandado um candidato que não cumprisse a maioria de seus requisitos.

— Começo a duvidar — concluiu Clare.

De repente, ao notar uma grande sombra no atalho de cascalho justo frente a ela, deixou de andar.

Como invocado por um feiticeiro, apareceu Gareth. Tinha chegado sem fazer ruído, bordeando a alta sebe e sem dar mostra de sua presença até que tinha estado diante dela.

Olhou-o franzindo o cenho. Não podia acreditar que um homem tão corpulento pudesse mover-se tão silenciosamente.

— Pelo dedo mindinho de Santa Hermione, assustou-me, senhor! Deveria ter dito algo antes de aparecer dessa maneira.

— Rogo que me desculpe e aceite minhas saudações, senhora — respondeu tranquilamente — Me disseram que a encontraria aqui. — Olhou o grupo que havia perto da macieira — Já conheço o jovem William. Apresentar-me-ia à dama que está sentada a seu lado e ao resto dos membros de sua casa?

— É obvio — acessou Clare friamente, e fez as apresentações de uma vez.

Joanna estudou Gareth atentamente.

— Bem-vindo a Desejo, senhor.

— Obrigado, senhora — saudou Gareth inclinando a cabeça — Alegro-me saber que sou bem recebido por uma pessoa. Esteja segura de que me esforçarei em cumprir tantos requisitos de minha senhora como me é possível.

Clare se ruborizou e indicou rapidamente com um gesto Dallan, que mostrava uma expressão vazia.

— Bem-vindo a Desejo, senhor — murmurou. Parecia molesto, mas moderou sabiamente suas palavras.

Gareth levantou uma sobrancelha.

— Obrigado, professor trovador. Estou desejando escutar suas canções. Devo dizer que tenho uns gostos muito concretos em música.

— Sim? — perguntou Dallan mudo de raiva.

— Assim é eu não gosto das canções sobre damas seduzidas por cavalheiros que não sejam seus maridos.

Dallan se enfureceu.

— Lady Clare adora as canções que tratam sobre os namoricos das damas e seus abnegados cavalheiros, senhor. Encontra-as muito excitantes.

— De verdade? — inquiriu arqueando uma sobrancelha.

Clare sentiu que avermelhava ainda mais. Sabia que seu rosto estava adquirindo um tom rosado escuro.

— Me disseram que essas baladas são muito populares nas cortes mais refinadas de toda a cristandade — argumentou Clare.

— Pessoalmente, poucas vezes acreditei necessário ou conveniente seguir as modas — replicou Gareth lançando um olhar frio e deliberado ao grupo — Estou seguro de que desculparão a sua senhora e a mim. Desejaríamos falar em privado.

— É obvio — assegurou Joanna ficando de pé e sorrindo a Gareth — Veremo-nos no jantar. Vamos, William.

William saltou do banco e sorriu ao cavalheiro.

— É muito pesada *a Porta do inferno*, senhor?

— Sim.

— Acredita que a poderia levantar se o tentasse?

Joanna franziu o cenho.

— Certamente não, William. Não sonhe fazer algo assim. As espadas são muito perigosas e muito pesadas. É muito frágil para jogar com essas armas.

William pôs cara de pesar.

Gareth o olhou.

— Estou seguro de que pode levantar uma espada, William — assegurou Gareth e este sorriu — Por que não diz a sir Ulrich que te deixe ver a sua? É tão pesada como *a Porta do inferno*.

— Sério? — William parecia intrigado por aquela afirmação — Irei pedir agora mesmo.

— Não acredito que isso seja apropriado — interveio Joanna horrorizada.

— Tranquelize-se, lady Joanna. Sir Ulrich tem muita experiência e não permitirá que seu filho se machuque.

— Está seguro de que não corre nenhum risco?

— Sim. Agora, se não se importar, eu gostaria de falar com lady Clare.

Joanna duvidou, apurada. Depois se deixou levar por sua boa educação.

— Perdoe senhor. Não queria ser mal educada — desculpou-se antes de sair atrás de seu filho.

Clare conteve seu aborrecimento. Não lhe pareceu o melhor momento para dizer a Gareth que Joanna não queria que animasse seu crescente interesse por todo o relacionado com a cavalaria. Impaciente, deu golpezinhos com o pé enquanto se foram os demais.

Dallan se atrasou e lhe lançou um rápido e penetrante olhar. Parecia assustado, mas resolvido.

Clare franziu o cenho e negou com a cabeça. Quão último queria de Dallan era que tentasse ser seu paladino nessa estranha situação. O jovem trovador não tinha nada que fazer frente ao Lobo Sanguinário de Wyckmere.

Quando ficaram sozinhos no jardim, Clare se voltou para olhar de frente a Gareth. Já não cheirava a suor e aço, mas o sabão perfumado de rosas que acabava de usar não conseguia ocultar o outro aroma que lhe tinha parecido tão adequado.

Não pôde evitar dar-se conta de que, apesar de ter tirado a cota de malha e o elmo, não parecia menor.

Viu-se obrigada a admitir que não era seu tamanho físico, por intimidador que fosse, o que o fazia parecer tão grande e formidável. Era algo mais, algo relacionado com a aura de autodomínio e lúcida inteligência que irradiava.

Era um homem que poderia ser perigoso como adversário ou muito firme e leal amigo.

Mas que tipo de amante seria?

A pergunta, espontânea e inquietante, teve um efeito moedor nela.

Para dissimular sua estranha reação, sentou-se rapidamente no banco de pedra.

— Espero que meus criados lhe tenham feito sentir cômodo, senhor.

— Muito — respondeu Gareth farejando um par de vezes para inspecionar o ar. — Parece que cheiro a rosas, mas espero que o aroma desapareça logo.

Clare sentiu um calafrio. Não sabia se estava se queixando, brincando ou simplesmente fazendo um comentário sobre a fragrância.

— Os sabões com aroma de rosas são um de nossos mais apreciados produtos, senhor. Eu mesma inventei a fórmula. Vendemos grandes quantidades aos mercados de Londres que vêm à feira de primavera de Seabern.

Gareth fez uma inclinação com a cabeça.

— Essa notícia aumenta meu agradecimento pelo banho.

— Não o duvido — assegurou, e se preparou mentalmente para formular uma pergunta —: Queria falar de algo comigo, senhor?

— Sim, de nosso matrimônio.

Clare estremeceu, mas não caiu do banco. Naquelas circunstâncias o considerou um grande elogio.

— É muito direto em suas proposições, senhor.

Gareth pareceu surpreso.

— Não vejo razão para ser de outra maneira.

— Nem eu. Muito bem, me permita ser franca. Apesar de seus esforços por fazer-se passar ante todos como o único pretendente a minha mão, devo dizer que suas esperanças são pouco realistas.

— Não acredito senhora — replicou em voz baixa — As suas sim ao são. Li a carta que enviou a lorde Thurston. É evidente que espera casar-se com um fantasma, com um homem que não existe. Temo que tenha que conformar-se com alguém que não seja perfeito.

Clare levantou o queixo.

— Acredita que não há nenhum homem que cumpra meus requisitos?

— Acredito que ambos somos o suficientemente adultos e inteligentes para saber que um matrimônio é algo prático. Não tem nada a ver com as paixões às que tanta importância dão os trovadores em suas estúpidas baladas.

Clare juntou as mãos com força.

— Tenha a amabilidade de não me exortar no tema do matrimônio, senhor. Sei muito bem que em meu caso se trata de um dever e não de um desejo. Mas na verdade, quando redigi as condições para escolher marido, não acreditei que estivesse pedindo tanto.

— Pode ser que em mim descubra suficientes qualidades para satisfazê-la, senhora.

Clare pestanejou.

— De verdade crê?

— Pediria-lhe que estudasse com maior detalhe o que posso lhe oferecer. Acredito que posso satisfazer muitos de seus requisitos.

Clare o olhou dos pés a cabeça.

— Evidentemente, não em questão de tamanho.

— No referente à minha corpulência, como lhe disse antes, não há muito que possa fazer, mas lhe asseguro que não estou acostumado a utilizá-la para conseguir meus fins.

Clare soltou um bufo de incredulidade próprio de uma dama.

— É a verdade, prefiro utilizar minha inteligência em vez de meus músculos sempre que é possível.

— Senhor serei sincera. Quero um homem pacífico para esta ilha. Desejo não conhecer nunca a violência e não quero ter um marido ao que goste das artes da guerra.

Gareth a olhou com expressão de surpresa.

— Eu não gosto nem da violência nem da guerra.

Clare arqueou as sobrancelhas.

— Tenta me dizer que não lhe interessam? Você, que leva uma espada que tem um horrível nome? Você, que tem reputação de exterminador de assassinos e ladrões?

— Não disse que não me interessem. Depois de tudo, utilizei minha habilidade como soldado para me abrir passo na vida. São as ferramentas de meu trabalho, isso é tudo.

— Um argumento muito sutil, senhor.

— Mas válido. Estou cansado da violência, senhora. Só quero uma vida tranquila e pacífica.

Clare não tentou dissimular seu cepticismo.

— Uma afirmação muito interessante, dada a profissão que escolheu.

— Não tive muita escolha em questão de carreira. E você?

— Tampouco, mas isso é...

— Passemos ao segundo de seus requisitos. Escreveu que queria um homem de semblante e temperamento alegres.

Clare o olhou atônita.

— Considera-se um homem de caráter alegre?

— Não, tenho que admitir que me disseram que não sou, mas sou um homem aprazível.

— Não acredito absolutamente.

— O asseguro, é a verdade. Pode perguntar a qualquer que me conheça. Pergunte a sir Ulrich. É meu companheiro durante muitos anos. Dirá-lhe que sou a pessoa mais apazível do mundo. Não sou propenso aos arrebatamentos de raiva ou de mau gênio.

«Nem aos de alegria ou risada tampouco», pensou enquanto o olhava aos olhos.

— Muito bem, aceito que seja apazível em certo sentido, embora isso não fosse o que eu tinha no pensamento.

— Vê? Estamos progredindo — disse Gareth esticando a mão para agarrar um ramo da macieira — Agora, prossigamos. Quanto a seu último requisito, recordo-lhe outra vez que sei ler.

Clare tentou freneticamente pôr em prática outra tática.

— Já basta, senhor. Concedo que cumpre parte de meus requisitos, se se interpretarem em linhas gerais. Mas, o que me diz de você? Seguro que busca algo específico em uma esposa.

— Meus requisitos? — Gareth pareceu desconcertado pela pergunta — É muito simples, senhora. Estou seguro de que os cumprirá à perfeição.

— Porque possuo terras e as fórmulas de um próspero negócio de perfumaria? Pense duas vezes antes de decidir se isso é suficiente para você, senhor. Em Desejo levamos uma vida muito singela, em alguns aspectos muito aborrecida. Sem dúvida você é um homem acostumado às magníficas diversões que há nas casas dos grandes lordes.

— Posso passar sem elas, senhora. Não me atraem absolutamente.

— Evidentemente levou uma vida aventureira e fascinante. Encontrará satisfação no negócio de cultivar flores e fabricar perfumes? — insistiu Clare.

— Sim, senhora — respondeu com grande satisfação.

— Não é uma profissão adequada a um cavalheiro de sua reputação, senhor.

— Esteja segura de que espero encontrar em Desejo as coisas que me são mais importantes.

Clare começava a perder a paciência com tanta sensatez.

— E quais são?

— Terras, uma casa própria e uma mulher que me dê uma família — Gareth a levantou do chão com tanta facilidade como se ela fosse uma pluma — Pode me dar todas essas coisas. Para mim é muito valiosa. Não imagine que não a protegerei nem que a deixarei escapar a minha vigilância.

— Mas...

Gareth pôs sua boca na dela e silenciou seu protesto.

Capítulo 3

Gareth não tinha intenção de beijá-la. Sem dúvida era muito cedo. Mas lhe pareceu tão tentadora sentada à sombra de um ramo, que por uma vez não se deteve para pensar nas consequências de seus atos.

Assim fez algo que estranha vez se permitia. Sucumbiu a seus impulsos e a recente avidez que tinha surgido do mais profundo de seu ser.

Logo seria sua esposa. Seu desejo de conhecê-la tinha estado rasgando-o em silêncio desde que a tinha descido do muro do convento. De repente, sentiu-se desesperado por saber se havia alguma esperança de encontrar calor no leito nupcial.

Certamente era uma loucura procurar resposta a essa pergunta. Para Clare o matrimônio era uma questão de dever. Tinha abordado aquele assunto da mesma maneira que sem dúvida fabricava seus perfumes; tinha criado uma fórmula ideal e depois tinha tentado encontrar todos os ingredientes em um só homem.

Cedo ou tarde se sentiria decepcionada ao dar-se conta de que sua alquímica beberagem tinha fracassado e o suficientemente audaz para dar mostras de sua desilusão.

Gareth pensou com lógica que, apesar do intrigante de seu título, não podia esperar uma grande paixão na proprietária de Desejo. Apesar de tudo, uma parte profundamente oculta nele desejava ser bem recebido naquela florida ilha.

Os longos anos que Clare e ele passariam juntos lhe pareceram uma eternidade e esperava não passá-los em uma cama fria.

Clare parecia surpreendida, mas não assustada por seu beijo. Gareth se sentiu aliviado. Ao menos, sua experiência com Nicholas de Seabern não tinha conseguido que sentisse medo ou repulsão pela paixão.

Pode ser que Nicholas a seduziu em vez de raptá-la.

Pode ser que inclusive sentisse certo carinho por seu vizinho. Era possível que tivesse desfrutado daqueles quatro dias, mas não tivesse querido casar com ele por alguma razão que não tinha nada a ver com a paixão.

Este último pensamento não gostou nada.

Em um princípio, Clare permaneceu imóvel em seus braços, com as costas rígidas e a boca fortemente fechada. Uma estranha sensação de desespero brotou de seu interior. Perguntou-se se a aura da primavera que irradiava a dama era falsa. Se tinha gelo nas veias, estava condenado a dormir em uma cama glacial.

Não deveria lhe preocupar, mas o fazia.

Então, Clare estremeceu ligeiramente. Deixou escapar um tênue som e seus lábios se fizeram mais suaves sob os seus. Gareth descobriu o que seus sentidos tinham suspeitado de um princípio. Beijá-la era como beijar as pétalas de uma rosa. Tinha um sabor fresco e doce.

Debaixo dessas pétalas havia néctar escondido. Gareth o encontrou e o bebeu com ansiedade. Suas línguas se tocaram. Clare se assustou, mas não a retirou. Em vez disso, inclinou-se para aproximar-se mais, aparentemente tão curiosa como ele de saber o que lhe proporcionava o futuro.

Seus dedos deslizaram pelo pescoço dele, debaixo do cabelo. Suspirou brandamente em sua boca. Um suspiro entrecortado de paixão nascente.

Todo o corpo de Gareth reagiu como se tivesse tomado um potente elixir.

Uma crescente quebra de onda de desejo o percorreu. Tremeram-lhe levemente as mãos e a apertou com mais força. Sua boca era suave, amadurecida, provocadora.

Gareth tinha se prometido somente um sorvo, mas a poção do coração das flores era muito embriagadora. O desejo de bebê-lo tudo afligiu seus sentidos e ameaçou acabar com o controle de si mesmo.

Pegou seu rosto entre as mãos e passou seus polegares sobre a linha de sua diminuta mandíbula. Estava tão bem feita como as deliciosas tapeçarias que penduravam das paredes de sua casa.

Deixou que suas mãos roçassem as curvas de seu corpo. A promessa de uma vida cheia de vitalidade esperava na suave forma de seus seios e no contorno de seus quadris. Uma dolorosa necessidade sacudiu suas vísceras. Dobrou os dedos em sua cintura.

As mãos de Clare se moviam como mariposas nas costas de Gareth. Pôs-lhe a ponta da língua timidamente no lábio inferior. Gareth sentia seus seios, redondos e cheios como fruta de verão, apertados contra seu peito.

— Dar-me-á uns filhos formosos e fortes — disse em sua boca.

Clare se tornou para trás franzindo o cenho.

— E uma menina ou duas?

Em sua voz havia um tom cortante que lhe advertiu que a tinha ofendido.

— Sim. — Acariciou-lhe a coluna vertebral com o tranquilizador movimento que teria utilizado com seu orgulhoso e temperamental cavalo de guerra — Parece-me bem ter um par de filhas tão bem feitas e inteligentes como sua mãe.

Clare o olhou com olhos perspicazes e inquisitivos, como se tentasse olhar em sua alma.

— Não posso lhe garantir que tenha descendência comigo, senhor, nem muito menos que sejam varões. Nenhuma mulher pode fazer esse tipo de promessas.

— A única garantia que procuro e que certamente me dará é a promessa de que os filhos sejam de meu sangue.

Seus olhos verdes esmeralda se abriram, em um princípio pela surpresa e depois pela cólera. Deu um rápido passo para trás soltando-se de seu abraço.

— Como ousa insinuar que o enganaria dessa forma? — gritou-lhe com dureza.

Gareth a olhou tentando ler a verdade em seus olhos, mas só alcançou distinguir uma acesa indignação feminina. Tinha cometido um grave engano. Isso estava claro. Por outro lado, pode ser que tivesse chegado o momento de falar as claras.

— Exijo um juramento de lealdade aos homens que me servem e não espero menos de minha esposa. Quero que essas questões fiquem claras entre nós.

— Não sou um de seus vassalos, senhor. Acredito que me insultou gravemente.

— Insultado? Porque quero me assegurar de que minha mulher me será fiel?

— Sim. Não tem nenhum direito de duvidar de minha honra. Exijo que se desculpe.

— Que me desculpe? — Gareth a olhou pensativo — Rogo-lhe que diga a qual de seus devotos admiradores pedirá que vingue este grave insulto se não lhe pedir desculpas. Ao jovem William? Ao novo trovador? Ou possivelmente ao guarda, que parece ter problemas para levantar uma jarra de cerveja e não digamos uma espada?

— Eu não gosto de suas brincadeiras, senhor.

— Nunca brinco.

— Permita que o duvide. Acredito que tem um senso de humor muito perigoso, que não me interessa absolutamente.

Gareth começava a aborrecer-se com aquele estúpido jogo. Havia dito o que tinha que dizer. Tinha avisado a Clare e estava acostumado a fazer uma só advertência.

— Já basta de tolices. Temos outras questões que discutir.

— Nisso tem razão, senhor. Não esquecerei seu insulto, mas certamente temos outros assuntos que tratar. — O olhar de Clare adquiriu um tom especulativo — Estive meditando a situação e cheguei a algumas conclusões.

— De verdade?

— Sim. Acredito que Thurston de Landry é uma pessoa amável e compassiva.

— E que demônios lhe deu essa impressão?

Clare não fez caso à interrupção.

— Não posso acreditar que insista em que me case com alguém que é tão pouco cavalheiresco para pôr em dúvida minha honra antes das bodas.

— Lady Clare...

— Evidentemente, lorde Thurston não conhecia bem sua verdadeira natureza quando o selecionou como um de meus pretendentes. Sem dúvida se escandalizará ao saber que cometeu semelhante engano.

Pela expressão de seus olhos, Gareth soube que Clare estava expondo a sério evitar as bodas por aquele motivo tão pouco consistente. Sentiu uma estranha tensão na comissura dos lábios. Um dos lados incluso começou a esboçar algo que poderia acabar sendo um sorriso, mas fez um esforço por controlar-se.

— Se está pensando em atrasar este assunto escrevendo a Thurston para queixar-se de meu pouco cavalheiresco comportamento, aconselho-lhe que não perca o tempo. Quer dizer, Thurston não lhe agradecerá — Gareth fez uma pausa para dar maior peso a suas próximas palavras — Nem eu tampouco.

— Assim... — Clare assentiu uma só vez, com firmeza, como se tivesse confirmado uma suspeita — Agora recebo ameaças de um cavalheiro pouco respeitoso. Isto está passando de castanho a escuro. — Girou sobre seus calcanhares e começou a andar com passo decidido pelo atalho do jardim — Quanto mais nos conhecemos, senhor, mais me dou conta de que simplesmente não seria um bom marido.

— Que curioso! — exclamou Gareth; pôs as mãos nas costas e ficou a caminhar junto a ela. Estava começando a divertir-se — Me parece justamente o contrário. Quanto mais aprofundamos em nossas relações, mais seguro estou de que será uma esposa perfeita.

— Duvido muito, senhor — replicou Clare apertando os lábios com pesar — Duvido muito. Em qualquer caso, tenho que escrever a lorde Thurston para esclarecer alguns aspectos desta situação, antes de que chegue mais longe.

— A que se refere?

— Para começar, preocupa-me que até o momento seja o único pretendente que chegou a Desejo.

— Já lhe disse que a escolha se limita a Nicholas de Seabern e a mim mesmo. Não há mais.

Clare franziu o cenho.

— Tem que haver outros candidatos adequados para o posto. Provavelmente você só é o primeiro que chegou. Seguro que outros estão a caminho neste momento.

— Pode ser que adiantasse aos candidatos que vinham para aqui e lhes convencesse de que não tinham nada que fazer.

— Sim, é uma possibilidade.

— Ou que ao não poder convencê-los de que abandonassem seus propósitos, simplesmente me desfiz deles — acrescentou amavelmente.

— Não é uma questão para tomar de brincadeira, senhor.

— Isto já foi muito longe — disse Gareth e colocou a mão por debaixo da túnica para tirar uma folha de pergaminho dobrada — Antes que siga adiante com seus planos, possivelmente seria melhor que lesse esta carta de Thurston de Landry, milady.

Clare olhou a folha com receio antes de pegá-la. Estudou o selo detalhadamente e o rompeu lentamente. Conforme ia lendo seus lábios se apertava cada vez mais.

Gareth observou os cuidadosamente arrumados alegremente de flores e os esmeradamente recortados canteiros do jardim enquanto esperava que Clare terminasse de ler a carta. Conhecia bem seu conteúdo, seu pai a tinha ditado em sua presença. Seria interessante ver como reagia quando tivesse acabado a leitura.

Não demorou muito. Evidentemente estava acostumada a ler, igual a ele.

— Parece-me muito difícil de acreditar — murmurou ao tempo que examinava com atenção o primeiro parágrafo — Lorde Thurston assegura que você é o melhor candidato que pôde encontrar. Diz que é o único que se pode comparar com lorde Nicholas.

— É o mesmo que lhe disse.

— Se fosse você, não presumiria disso. Nicholas não é absolutamente um modelo de cavalheirismo.

— Ouvi dizer que é hábil com a espada e fiel a seu senhor. Essas são as principais questões que preocupam a Thurston.

— Lorde Thurston é muito fácil contentar com uns requisitos tão simples. Ele não tem que casar com o próximo senhor de Desejo.

— Isso o admito.

Clare franziu o cenho e voltou a vista à carta.

— Seguro que deve haver outros que... Pelo cotovelo de Santa Hermione, isto é impossível! — Clare levantou a vista, evidentemente atônita — Lorde Thurston diz que é seu filho mais velho.

— Sim.

— Isso não pode ser certo. Não espere que creia que Thurston de Landry quisesse que seu herdeiro se casasse com alguém como eu.

Gareth a olhou de esguelha.

— O que tem de mau?

— Nada, é obvio. Mas se supõe que o herdeiro de Thurston deveria casar-se com uma rica herdeira, com a filha de alguma família próxima ao rei Enrique. Uma grande dama cujo dote incluísse uma grande fortuna e extensas herdades. Eu só possuo um pequeno solar e já está ligada a lorde Thurston.

— Não o entende.

— Pois claro que o entendo — replicou Clare zangada — Está tentando me enganar, senhor.

A acusação o zangou.

— Não, senhora, não tento extorqui-la.

— Não creia que me enganará com facilidade. Se realmente fosse o herdeiro do barão, não escolheria esta diminuta ilha para você.

— Senhora...

— E por que quer viver neste remoto lugar quando, como filho e herdeiro de Thurston, poderia escolher entre deliciosas propriedades e grandes castelos?

— É verdade que sou o primogênito de Thurston dw Landry — disse Gareth apertando os dentes —, mas não sou seu herdeiro.

— E como isso é possível?

— Sou filho natural, não legítimo — confessou olhando-a, curioso e espectador por ver como reagiria quando soubesse a verdade — Para dizer sem disfarces, sou o filho bastardo de Thurston.

Clare ficou sem fala um momento.

— OH!

Deu-se conta de que a tinha surpreendido, mas não sabia se estava impressionada, zangada ou escandalizada por descobrir que logo estaria casada com um bastardo.

— Pode ser que agora sim o entenda.

— Sim, senhor. Em semelhantes circunstâncias, Desejo é sem dúvida tudo o que pode esperar como herança, não?

Não gostou do tom compassivo de sua voz.

— É suficiente, mais do que esperava.

Clare o olhou com o cenho franzido e voltou a inclinar a cabeça para a carta.

— Isto é muito! Seu pai diz que tenho que me casar imediatamente e que espera que escolha a você, mas que se não o fizer, aceitará Nicholas de Seabern como novo senhor de Desejo.

— Já lhe disse que Thurston está desejoso de ver resolvido o assunto. Assustou-se quando se inteirou de que seu feudo tinha estado sem senhor durante um tempo.

— Ah!

— Por alguma razão, não se inteirou da morte de seu pai até recentemente. Ao que parece, a carta em que lhe notificava o triste acontecimento demorou vários meses em chegar.

— Bom, sim, houve algum atraso — disse Clare esclarecendo a voz — Estive paralisada pela dor durante um tempo.

— É obvio.

— Mais tarde, quando finalmente me recuperei, dei-me conta de que havia muitas questões que devia resolver.

— Naturalmente.

— E depois, quando quis me dar conta, já era inverno — continuou alegremente — Pensei que os caminhos estariam intransitáveis pela neve e o gelo, e decidi que seria melhor esperar até o começo da primavera para enviar uma mensagem a Thurston.

Gareth quase sorriu.

— E enquanto esperava que se limpassem os caminhos, procurou uma forma de evitar o matrimônio

Clare o olhou contrariada.

— Valia à pena tentar.

Gareth se encolheu de ombros.

— Mas falhou. Assim agora temos que empreender um novo caminho.

— Temos?

— Sim. Não há razão para que não possa celebrar o matrimônio amanhã, não?

— Impossível — exclamou Clare com desespero nos olhos — Totalmente impossível. Simplesmente não pode celebrar-se.

— É obvio que pode celebrar-se e sabe bem. O único que precisa é chamar um sacerdote...

— Em Desejo não o há — informou-lhe rapidamente.

— Estou seguro de que poderemos encontrar um em Seabern. Faremos os votos frente a testemunhas e isso é tudo.

— Mas há muitas outras coisas que preparar — protestou Clare — Deveria organizar uma celebração adequada. Meu guarda já está bastante ocupado organizando aos serventes para acomodar a todos seus homens. Necessitará semanas para preparar o banquete de bodas e uma festa para o povo.

— Uma vez que faça sua escolha tudo poderá solucionar-se sem demora. Como muito, um dia ou dois.

— Fala como uma pessoa que não organizou jamais um acontecimento desse tipo — acusou-o com altivo desdém — Terá que cozer grande quantidade de pão, pescar, depenar frangos, preparar os molhos, comprar barris de vinho e cerveja. Terá que enviar a alguém a Seabern a procurar parte dos mantimentos...

Gareth a interrompeu e se plantou frente a ela.

— Senhora, organizei batalhas com menos tempo, mas esperarei de boa vontade.

— Quanto?

— Temos que regatear essa questão? Começo a me dar conta de que vou casar com uma mulher com mentalidade de negociante. Muito bem, minhas condições são muito singelas. Dou-lhe um dia para que se dita e faça os preparativos.

— Um dia?

— Sim, um dia inteiro. Todo o dia de amanhã. Sinto-me indulgente.

— A isso chama indulgência?

— Assim é. Casaremos depois de amanhã, embora só possamos servir cerveja ruim e pão duro no banquete. Entendeu-me?

— Senhor não sou um de seus cavalheiros para que me dê ordens com essa maneira tão autoritária.

— E eu não sou um de seus criados nem um servil trovador que se esmere em cumprir todos seus desejos — acrescentou Gareth com calma — A não ser que tenha decidido casar-se com Nicholas de Seabern.

— De maneira nenhuma me casarei com esse repugnante idiota.

— Então, muito em breve serei seu senhor e o deste solar. Será melhor que o recorde quando queira me contradizer.

— Pelo que me lembrarei é de que sou a senhora de Desejo e espero que me trate com o respeito que me é devido.

Gareth deu um passo adiante. Estava contente de que Clare não cedesse terreno, mas não queria que notasse sua satisfação. Depois de tudo, era um homem exercitado na arte da guerra e sabia muito bem que não é aconselhável mostrar debilidade de nenhum tipo.

— Esteja segura de que terá meu respeito, senhora, mas não pode evitar a realidade. Lorde Thurston ordenou que se case o antes possível.

Clare deu golpezinhos com a carta na palma de sua mão e o olhou com os olhos entreabertos.

— Como sei que não adiantou ao resto de meus pretendentes pelo caminho, fez-lhes algo horrível e depois escreveu esta carta você mesmo?

— Leva o selo de Thurston de Landry, suponho que o reconheceu.

— Os selos podem ser roubados ou podem duplicar-se com intenções fraudulentas — concluiu alegremente — Sim, teria que ter imaginado. Enviarei uma missiva a lorde Thurston para me assegurar de que realmente escreveu esta carta.

Gareth a olhou com crescente assombro. Clare não se rendia facilmente, nem sequer ante o inevitável.

— Senhora...

— Sem dúvida demoraremos vários dias, inclusive semanas em receber resposta de seu pai. É uma lástima, é obvio, mas teremos que postergar a seleção de marido até que me envie uma mensagem no que certifique a autenticidade desta carta.

— Por todos os infernos!

Os olhos de Clare brilharam com falsa inocência que não acabou de encobrir a astúcia que subjazia neles.

— Pense nas complicações que nos veríamos envoltos se atuássemos com precipitação.

Gareth a agarrou pelo queixo com a mão e se inclinou para roçar sua boca com a dela.

— Dê-se por vencida, senhora — disse brandamente — A carta é autêntica. Seu senhor, meu pai, quer vê-la bem casada o antes possível. Vá e ocupe-se dos preparativos para o

banquete de nossas bodas porque, a menos que queira desposar-se com Nicholas de Seabern...

— Não tenho nenhuma intenção de fazê-lo.

— Então, depois de amanhã será minha esposa.

Clare o olhou em silêncio durante uns tensos segundos. Um repentino rangido fez que Gareth baixasse a vista. Clare tinha espremido a carta entre suas mãos.

Sem dizer uma palavra, Clare se deu a volta e se afastou dele sem olhar para trás enquanto saía com passo irado do jardim.

Gareth não se moveu até que desapareceu. Depois se dedicou a contemplar o bem cuidado jardim durante um bom momento, antes de ir procurar Ulrich.

Clare procurou refúgio na biblioteca. Era um lugar no que normalmente se encontrava tão a gosto como no jardim ou nas oficinas onde preparava seus perfumes e poções.

As paredes da ensolarada habitação estavam cobertas com tapeçarias belamente trabalhadas que mostravam cenas de jardinagem. O ambiente estava perfumado por urnas cheias de flores esmagadas e secas, mescladas laboriosamente até conseguir complexas fragrâncias.

Os braseiros das esquinas, que esquentavam a estadia nos dias frios, queimavam carvões perfumados que deleitavam o delicado olfato de Clare.

Nos dias que seguiram à morte de seu irmão Edmund, e mais tarde, quando se inteirou da morte de seu pai na Espanha, Clare tinha encontrado distração e consolo nesse lugar.

Fazia uns meses, tentando afastar de sua mente as muitas preocupações que a apressavam, tinha começado a escrever um livro. Estava decidida a anotar a maioria de suas complicadas fórmulas para perfumes.

A tarefa lhe satisfazia enormemente.

Entretanto, naquele momento, não havia forma de escapar aos problemas que a acoassavam.

Depois de três desafortunadas tentativas se deu por vencida e deixou a pluma. Olhou mal-humorada pela janela e notou o sabor da boca de Gareth na sua.

Aquele beijo a tinha desconcertado mais do que gostaria de admitir. Não se parecia absolutamente aos úmidos e repugnantes beijos aos que a tinha obrigado Nicholas no mês anterior quando a levou a Seabern Keep.

Não lhe tinha gostado nada o abraço de Nicholas. Quando a esmagou contra seu enorme corpo, tinha sentido repugnância, não só pelo avultamento de sua excitada dignidade, mas também por seu próprio aroma.

É obvio, parte do problema se devia ao inegável feito de que não gostava de banhar-se. Mas não se tratou simplesmente a do aroma de suor e imundície o que lhe deu asco, a não ser o aroma pessoal daquele homem. Clare sabia que não o esqueceria nunca e que jamais o aceitaria na mesma cama com ela.

Tocou os lábios com a ponta dos dedos e aspirou profundamente em busca de algum rastro do aroma de Gareth.

— Clare? — chamou-a Joanna com o gesto torcido da porta — Está bem?

— O que? Ah, sim, estou bem, Joanna. — sorriu para tranquilizá-la — Estava pensando.

— Em sir Gareth, por acaso?

— Em quem se não? — disse, e indicou que se sentasse em um tamborete próximo à janela — Sabia que é filho de lorde Thurston?

— Sim, acabo de me inteirar — informou olhando-a com olhos inquisidores — Para ser mais preciso, é o filho bastardo de lorde Thurston.

— Mas filho ao fim — disse Clare brincando com a pluma — Há quem diria que me honrou.

— Há quem diria que lorde Thurston valoriza muito este lugar — replicou Joanna secamente — Evidentemente deseja assegurar-se que pode contar com a lealdade de seu novo senhor. Que melhor maneira que ver-te casada com um homem que tem laços de sangue com ele?

— Certo — Clare olhou a carta que havia em cima do escritório — Assegura que não pôde encontrar nenhum candidato que pudesse cumprir meus requisitos além de sir Nicholas e sir Gareth.

— De verdade?

— Pessoalmente começo a duvidar de que o tentasse realmente.

— Os homens têm tendência a ser muito práticos nessas questões — murmurou Joanna — Ao menos, deu-te a escolha.

— Para falar a verdade, não é que me tenha concedido muitas alternativas.

— Mais das que tive eu — riu Joanna pouco pormenorizada.

Clare estremeceu. Sabia muito bem que aos quinze anos, Joanna não teve nada a dizer na escolha de marido.

— Foi muito desgraçada em seu matrimônio?

— Lorde Thomas não era nem melhor nem pior que a maioria dos homens — assegurou Joanna filosoficamente — Jamais foi intencionalmente cruel comigo nem com William.

— Suponho que isso já é algo.

— Bastante — replicou Joanna.

— Chegou a amá-lo?

Joanna suspirou.

— Não. Respeitei-o como uma esposa deve respeitar seu marido, mas não pude amá-lo.

Clare deu uns golpes suaves no escritório com a pluma.

— A abadessa Helen me disse em sua última carta que um bom homem consegue que sua esposa se apaixone por ele depois das bodas.

— Sem querer ofender, Clare. O que sabe a abadessa Helen do matrimônio?

— Tem razão — concedeu Clare olhando as estantes que estavam seus apreciados livros e tratados.

Dois daqueles volumes tinham pertencido a sua mãe. Outros os tinha conseguido em sua contínua busca de informação relacionada à fabricação de perfumes. O resto tinham sido

de seu pai, que voltava de cada viagem carregado com novos livros, alguns dos quais dava de presente à biblioteca do convento. O último, um que tinha escrito ele mesmo e que era virtualmente indecifrável, tinha-lhe sido enviado pouco depois de sua morte.

Um dos maiores e pesados, um trabalho dedicado ao saber popular sobre as ervas, estava escrito pela abadessa Helen de Ainsley. Clare tinha comprado uma boa cópia, a um monastério das terras do sul.

Tinha estudado todas e cada uma das palavras do tratado da abadessa. Aquele livro a tinha impressionado tanto que se atreveu a lhe escrever uma carta. Para sua surpresa, esta lhe respondeu.

A correspondência entre as duas mulheres, alimentada por seu mútuo interesse nas flores e ervas, tinha aumentado durante o último ano. O outono passado, Clare tinha se sentido adulada e honrada quando a abadessa fez uma curta visita a Desejo.

Ficou na casa, em vez de na Santa Hermione e ela e Clare ficaram acordadas até muito tarde todas as noites. Falaram durante horas de todo tipo de temas.

Mas Joanna tinha razão. Por muito inteligente e culta que fosse não podia negar que nunca tinha sido esposa. Não podia saber muito da parte íntima do matrimônio.

Clare olhou a ponta da pluma enquanto tentava encontrar uma forma delicada de formular a seguinte pergunta.

— Teve algum sentimento de, isto..., carinho por sir Thomas?

Joanna soprou.

— Poucas mulheres encontram paixão no leito matrimonial, Clare. Não deveriam procurá-la. A paixão é algo frívolo. Uma mulher se casa por outras razões mais importantes.

— Sim, sei muito bem.

Apesar de tudo, ela sim esperava encontrar carinho em seu leito nupcial, e com o beijo de Gareth queimando ainda nos lábios, teve a impressão de que era possível encontrar esse tipo de sentimentos nele.

Como era possível?, Perguntou-se Clare. A parte de saber ler, algo que Gareth assegurava, não parecia possuir nenhum dos ingredientes que tinha especificado em suas instruções para um marido.

Não entendia por que tinha respondido tão incondicionalmente a seu abraço.

— Serei franca — disse Joanna — Thomas tinha trinta anos mais que eu e pouca paciência com sua nova esposa. Nossa noite de bodas foi muito desagradável, mas suportável, como o é para muitas mulheres. Uma vez passada, já está feito. Depois, me acostumei a isso, igual fará você.

Clare resmungou.

— Sei que está tentando me dar ânimo, Joanna, mas não o está conseguindo.

— Não é muito frequente em você se queixar de suas responsabilidades, Clare.

— Não me queixo sem razão. Sir Gareth virtualmente me ordenou que as bodas se celebre depois de amanhã. A carta de Thurston lhe confere autoridade para exigí-lo.

— E o que esperava? — suspirou Joanna — Suponho que não foi uma surpresa.

— Não — Clare ficou de pé e se aproximou da janela — Eu gostaria de ter mais tempo. É o único que desejo neste momento, pagaria gostosa por tê-lo.

— Crê que o tempo mudará as coisas? Sir Nicholas se mostra cada vez mais usurpador. Já perdeu os dois últimos envios de perfumes por culpa dos bandidos. Você mesma disse que Desejo necessitava um senhor que a protegesse.

— Sim, mas quero um marido que possa tolerar na cama e na mesa durante o resto de minha vida.

Um estranho pânico se apoderou dela. «O resto de minha vida», pensou.

— Por que crê que te será impossível tolerar sir Gareth?

— Esse é o problema — sussurrou Clare — Simplesmente não sei ainda se poderemos chegar a algum tipo de acordo entre os dois. Acabo de conhecê-lo e tudo o que sei dele até agora é que só cumpre um de meus requisitos. Ao que parece, sabe ler.

— Isso é algo.

— Necessito mais tempo, Joanna.

— E do que te servirá? Sabe desde o começo que tinha poucas possibilidades de contrair um matrimônio que fosse por amor. Há poucas mulheres em sua posição que tem essa opção.

— Sim, mas tinha esperanças de que se apoiasse em amizade e interesses compartilhados — disse mordendo o lábio inferior com ar pensativo — Pode ser que fosse pedir muito. Entretanto, se tivesse um pouco mais de tempo acredito que poderia...

— Que poderia o que? — perguntou Joanna olhando-a com inquietação — Eu não gosto da expressão de seu rosto, Clare. Está planejando algo, verdade? Está fazendo projetos da mesma forma que elabora seus perfumes. Não se esforce. Nesta ocasião temo que não haja para ardis alquímicos.

— É possível, mas estou pensando que se convencer sir Gareth de que deve me conceder mais tempo, talvez possa atrasar os acontecimentos.

Joanna a olhou surpreendida.

— Tempo para que?

— Para saber se será feliz ou não como senhor de Desejo — disse recordando a cuidadosa atitude neutra de Gareth ante o sabão perfumado de rosas que tinha utilizado no banho — Não acredito que tenha refletido muito no que significa realmente ser o senhor de uma ilha de flores.

— Espera que um homem que ganhou a vida lutando contra assassinos e bandidos chegue à conclusão de que converter-se em jardineiro é uma perspectiva da mais insípida?

— É uma possibilidade.

Joanna sacudiu a cabeça.

— Duvido muito. De momento, o que suspeito é que em quão único pensa sir Gareth é em converter-se em senhor de suas próprias e ricas terras.

— Mas o que ocorrerá se o convenço de que necessita tempo para refletir com mais calma? — Clare passeou pela habitação entusiasmada com sua nova ideia — É um homem inteligente, dos que pensam e planejam as coisas antes de atuar.

— Está segura?

— É obvio — assegurou sem deter-se para pensar por que estava tão segura — Se o convencer de que deveria meditar um pouco mais sobre este matrimônio, assegurarei-me o tempo que necessito.

— E no que o usará?

— Em primeiro lugar em conhecê-lo melhor — explicou-lhe — Será muito útil se seguirmos adiante com a ideia do matrimônio. Ao menos saberei algo mais de meu marido antes de compartilhar o dormitório com ele. Em segundo lugar, se descobrir que não posso suportar a ideia de me atar a sir Gareth por toda a vida, meu plano me dará a oportunidade de encontrar uma forma de escapar deste problema.

— Não funcionará, Clare. Pelo que sei, o Lobo Sanguinário está ansioso por casar-se. Quer reclamar sua mulher e suas novas terras imediatamente.

— Mas é possível que consiga persuadi-lo para que espere um pouco, não?

— E como o fará?

— Lhe dizendo que não procurarei mais candidatos para o posto de senhor de Desejo enquanto ele medita sobre o tema.

— Não sabe muito de homens, Clare. Acredite-me, seu plano não tem nenhuma possibilidade.

— Não pode estar tão segura — insistiu Clare — No momento, uma boa parte da impaciência do Lobo Sanguinário se apoia na crença de que estou molesta pela escassa possibilidade de escolha que me ofereceram. Mas se o convenço de que não tentarei procurar outro candidato até que tenha meditado bem à questão, pode ser que aceite pospor as bodas.

— É pouco provável.

— Por que vê as coisas com tanto pessimismo, Joanna? — Clare se calou ao ouvir o som de cascos ao longe e se aproximou da janela.

— O que é isso? — perguntou Joanna.

— Um grupo de homens se aproxima do povo — Clare olhou a nuvem de pó e descobriu uma bandeira conhecida — OH, não!

— Clare?

— Pela túnica de Santa Hermione! Jamais vi um homem que tenha menos dom de oportunidade. Que idiota!

— Quem é?

— Sir Nicholas.

— Não, não pode ser — Joanna se levantou do tamborete E foi correndo à janela. Apertou os lábios quando viu o grupo de homens a cavalo — Pressinto que vamos presenciar uma situação muito estranha.

— Isso é ficar curta.

— Crê que sir Gareth sabe algo do rapto?

— Como iria saber? — exclamou Clare franzindo o cenho — Silenciamos o assunto por completo. Deixei bem claro a todo mundo que fui hóspede de Seabern Keep por vontade própria e não mencionei o incidente em minha carta a lorde Thurston. Sir Gareth não pode sabê-lo.

— Espero que tenha razão — disse Joanna com seriedade — Porque se o Lobo Sanguinário de Wyckmere se inteira de que sua noiva foi raptada por outro homem, temo que lhe custe caro.

Um repentino pensamento sacudiu Clare.

— Crê que retiraria sua candidatura se soubesse que fui raptada?

Joanna pareceu alarmada.

— Bom, Clare...

— Pode ser que uma noiva previamente raptada por outro homem não seja do agrado de sir Gareth. É um homem muito orgulhoso para ser filho bastardo, ou ao melhor por isso mesmo...

Joanna franziu o cenho.

— Nem o pense. Não podemos imaginar o que aconteceria se sir Gareth suspeitasse o pior e, por uma vez na vida, não quero me inteirar.

— Mmm — exclamou Clare, e se voltou para a porta.

— O que vai fazer?

— Vou dar a bem-vinda a nossos visitantes, é obvio. Que outra coisa poderia fazer?

— Clare, suplico-lhe, me prometa que não cometerá nenhuma imprudência.

— Prometo-lhe isso, começa a se parecer com Beatrice a anacoreta com todas essas advertências e nefastas profecias. — Clare lhe dirigiu um rápido e tranquilizador sorriso — Não se preocupe, meditarei profundamente o seguinte movimento desta partida de xadrez.

Saiu a toda pressa pela porta e o corredor para as escadas de pedra da torre lateral. Desceu por elas para o grande salão da casa, no que parecia reinar a confusão e o alarme.

Eadgar se aproximou dela com o rosto enrugado pela preocupação.

— É sir Nicholas e alguns cavalheiros de seu guarda, milady. Já entraram no pátio. O que faço com eles?

— Em primeiro lugar temos que saber por que vieram sem avisar. Depois os convidaremos para jantar conosco e a passar a noite aqui.

— Passar a noite? — Eadgar deu a impressão de que ia desmaiar ao inteirar-se da notícia

— Mas se a casa já está cheia de convidados. Não há lugar para ninguém mais.

— Estou segura de que se poderão pôr algumas esteiras mais no salão.

Clare atravessou a sala e saiu para ficar de pé nas escadas. No pátio havia ainda mais atividade que no interior da casa. Os moços saíam das quadras para segurar os cavalos assim que desmontavam os recém chegados. Alguns dos homens de Gareth acudiram ali. Olharam-nos atentamente com as mãos perto dos punhos de suas espadas.

Uma alta e familiar figura deu o capacete a seu escudeiro e desceu do cavalo.

— Saudações, milady — soou a voz de Nicholas no pátio.

Clare grunhiu.

Nicholas de Seabern, que tinha o cabelo loiro e os olhos azuis, era um homem de aparência agradável. Clare pensava que suas feições eram ásperas, mas sabia que algumas mulheres encontravam atrativo seu grosso pescoço e seu largo peito. Uma vez ouviu uma criada que contava a uma amiga entre risadas que o membro masculino de Nicholas era tão musculoso como o resto de seu corpo.

Clare não tinha nenhum interesse em comprovar a verdade daquela afirmação.

— Bem-vindo, sir Nicholas — saudou-o friamente — Não o esperávamos.

— Contaram-me que se abriu a vedação. — Nicholas golpeou uma mão contra a palma da outra com grande entusiasmo — Sempre me agradou a diversão que proporciona uma estimulante caçada.

— Que caçada? — perguntou olhando-o — Do que está falando, senhor?

— Ouvi dizer que finalmente a encurralaram e a obrigaram a escolher marido. Faz tempo, em minha opinião.

— Ninguém o tem feito.

— E o que é mais, sei de boa fonte que chegou a Desejo um pretendente a sua mão — assegurou Nicholas rindo — Não podia deixar o campo livre a um estranho.

— Não se trata de uma caçada, senhor, e não sou um indefeso cervo ao que derrubar e capturar. Tenho escolha nesta questão.

— E já a tem feito, senhora?

— Não, ainda não.

— Excelente. Então ainda não é muito tarde. Unir-me-ei à caça.

— Temo que a dama esteja brincando — disse Gareth aterrissando atrás dela. Ficou de pé, com arrogante tranquilidade no último degrau, uma mão ligeiramente apoiada no punho *da Porta do inferno* — A caça acabou.

— Quem é você? — perguntou Nicholas.

— Gareth de Wyckmere.

— Ao que chamam o Lobo Sanguinário — disse Nicholas sorrindo — Ouvi falar de você, senhor.

— Ah, sim?

— Sim, tem uma reputação que honraria ao próprio diabo. Assim veio cortejar à dama, né?

— Faz-lhe graça fingir que ainda não escolheu marido. Quem pode culpá-la por tentar alargar o ameno jogo do noivado? Mas a verdade é que a questão está resolvida. Sou o único pretendente que cumpre todos seus requisitos.

— Não necessariamente — murmurou Clare, zangada pela altura dos dois homens. Entre os dois tinham conseguido tampar a luz do sol primaveril e se encontrava na sombra.

Os olhos de Nicholas se entreabriram ao observar a estatura de Gareth.

— Sei bem que lady Clare pôs umas condições muito específicas para o que queira ser seu marido. Eu não gostaria que se conformasse com menos do que deseja.

— Não tem por que preocupar-se com isso — disse Gareth.

— Insisto — Nicholas voltou sua atenção sobre Clare — Somos amigos e vizinhos durante muitos anos, não é verdade, senhora?

— É certo que somos vizinhos — afirmou Clare.

— Sim, e devido a essa próxima relação, sinto que é meu dever me assegurar de que o marido que escolha saiba exatamente o que consegue — disse Nicholas sorrindo com satisfação — Um homem não deve levar surpresas na noite de suas bodas.

Uma profunda sensação de alarme se desatou no interior de Clare. Inspirou brandamente e notou a pesada e perigosa tensão que flutuava no ar entre Gareth e Nicholas.

Jamais tinha havido violência de nenhum tipo em sua formosa ilha. Não ia permitir que estalasse nesse momento.

De repente se deu conta de que teria que abandonar sem demoras seu meio concebido plano para voltar a situação a seu favor. Tinha frente a ela um problema de caráter muito mais urgente.

Tinha que encontrar a forma de evitar que Gareth e Nicholas arremettessem um contra o outro.

Capítulo 4

O jantar foi o perigoso espetáculo que tinha temido que seria. Sentada entre Gareth e Nicholas, sentiu-se como se fosse à acrobata que tinha visto o ano passado na feira de verão. Com toda segurança, o esforço por manter o equilíbrio em uma corda entre dois postes não era mais difícil que tentar manter a paz em uma sala cheia de belicosos cavalheiros.

Não é que se produziu nenhuma briga ainda, mas Clare sentia a crescente tensão que reinava na sala e que era um reflexo direto da hostilidade que desprendiam os dois homens que se sentavam à mesa principal.

Em uma tentativa de reduzir a oportunidade de que os homens de Gareth e os de Nicholas se provocassem, Clare tinha disposto que se sentassem nos lados opostos das largas mesas de cavaletes. Esperava que a curta distância que separava os soldados fosse uma útil barreira em caso de que se produzissem hostilidades.

Se se produzia algum ato de violência, começaria no extremo da mesa principal. Assim se conseguia dominar Gareth e Nicholas teria toda a sala sob controle.

Era uma tarefa entristecedora.

— Não, não quero mais verdura — Nicholas olhou com desconfiança a coleção de pratos que tinham deixado entre as primaveras que tinha pulverizadas pela mesa — Temo que em Desejo comem mais hortaliças que as lebres e os cervos de meus bosques.

— Nós gostamos muito das verduras frescas, senhor — replicou Clare com um sorriso deliberadamente alegre — Possivelmente prefira ostras? Nossa cozinheira as prepara com amêndoas e gengibre. Estou segura de que adoraria.

Nicholas baixou as pestanas e a olhou com olhos sonolentos. Sem dúvida aquela expressão estava pensada para provocá-la, mas só conseguiu dar a impressão de que ia ficar dormido em cima da mesa.

— Desfrutá-las-ia mais se me oferecesse com seus delicados dedos, milady.

Clare apertou os dentes e esboçou um gelado sorriso. Oferecer a um convidado especial um bocado excepcionalmente saboroso era algo normal, mas não tinha intenção de tratar com atenção Nicholas dessa maneira. Em primeiro lugar não pensava que fosse um convidado especial. De fato era uma autêntica pesadez. Em segundo, não sabia como reagiria Gareth se acreditava que estava tratando com favoritismo a Nicholas.

Isso era o que tinha conseguido por tentar escolher marido. Com a pacífica e singela que tinha sido sua vida em Desejo.

— Pessoalmente não me apetece as ostras, senhor, mas tome tantas como queira. E não se esqueça da sopa. A cozinheira o enfeita com erva-doce e coentro, está deliciosa.

— Obrigado — Nicholas agarrou um punhado de ostras e as meteu na boca — Sempre prepara umas comidas excelentes, senhora e sua presença é o melhor prato de todos.

— Obrigado — disse Clare olhando-o com olhos repressores, lhe suplicando em silêncio que se comportasse. Nicholas não deu mostras de ter notado aquele pedido.

Clare pensou que depois ter bebido várias jarras de cerveja, faria caso omissa a muitas coisas.

— Mas por muito bela que esteja esta noite, sentada aqui em seu próprio salão — continuou, arrastando as palavras com tom provocador —, prefiro a lembrança de seu rosto quando estava ao meu lado em Seabern Keep faz menos de um mês. — Fez uma pausa para engolir mais ostras — Acredito que naquela ocasião deu a impressão de que esse era seu lugar.

Clare notou que Gareth ficou tenso na cadeira que havia a sua esquerda e durante um instante lhe entrou um ataque de pânico. Sua colher golpeou ruidosamente contra a borda de uma fonte.

— Foi uma visita muito agradável, senhor, e você um anfitrião muito cortês, mas meu lugar está nesta casa.

— E aqui é onde vai ficar — acrescentou Gareth com delicadeza

Clare o olhou de esguelha com inquietação; não gostava da suavidade letal de seu tom de voz. Parecia que quanto mais a insultava e provocava Nicholas, mais suaves e educadas eram as respostas de Gareth.

Aquela arrepiante educação lhe preocupava cada vez mais. Perguntou-se se era a única em todo o salão que se deu conta de quão perigosa era a situação. Tinha a impressão de que todos os presentes tinham que notar a ameaça que se abatia sobre eles.

Evidentemente, o bruto do Nicholas não o fazia. De fato, parecia que o suave discurso de Gareth o encorajava.

Caiu na conta de que Gareth estava fazendo Nicholas fisgar o anzol.

Gareth captou o olhar de Clare quando esta utilizou a faca para cortar uma parte de bolo de carne. Não sorriu, aquele homem nunca o fazia, mas havia algo em sua expressão que sugeria que estava desfrutando tanto como podia.

O Lobo Sanguinário de Wyckmere estava se divertindo. A Clare deu vontade de lhe esvaziar a fonte de sopa na cabeça.

— Possivelmente gostariam de escutar um pouco de música — disse com firmeza. Olhou Dallan, que parecia mal-humorado em um extremo de uma das largas mesas — Quer nos cantar uma canção alegre, Dallan?

Este ficou de pé e lhe dedicou uma grande reverência.

— Como ordena minha senhora.

Agarrou sua harpa e começou a tocar uma conhecida melodia.

Clare relaxou ao reconhecer uma de suas canções favoritas. Dallan a tinha composto para ela logo após chegar a Desejo. Chamava-se A chave.

O sorriso de minha senhora brilha com tanta luz

*como a da lua e as estrelas em uma noite de verão.
Seus olhos são esmeraldas, doces e verdes.
Seu rosto é tão puro como um arroio puro e cristalino.
Esta noite agarrarei a chave,
a chave que me deu.*

— Isso, isso, a chave! — gritou Nicholas golpeando a mesa com a jarra — Agarra a chave.

Depois arrotou.

Clare sentiu um calafrio.

— Sim, a chave! — acareou um dos homens, mais bêbado ainda que seu senhor, golpeando com uma faca na jarra — O que vai fazer com a chave, guri?

Muitas jarras mais soaram quando o resto dos homens de Seabern começaram a animar Dallan. Clare se fixou em que Nicholas começava a sorrir, tomava outro gole de cerveja e procurava sua taça de vinho.

*É a chave de sua habitação a que me deu.
Acolher-me-á nela com alegria.*

— Com alegria, com alegria! — acareou um dos homens entre gargalhadas.

Não é justo que seu senhor guarde escondido semelhante tesouro. Arriscarei minha vida para escalar a sua janela esta noite. Afastarei as cortinas de sua cama e contemplarei a formosa visão.

Nicholas golpeou na mesa com o punho o que fez tremer taças e pratos.

— Sim, moço, na cama da senhora! Vale a pena! — gritou olhando lascivamente a Clare.

Esta voltou à vista, impotente, para Joanna, que a sua vez olhou inquieta a Ulrich. Este observava impassível a Gareth, como esperando um sinal.

Suas coxas são colunas de alabastro, redondos e suaves.

Quando estiver entre elas verei.

A porta de ouro que espera minha chave.

— A chave, a chave! — rugiu Nicholas.

Com a extremidade do olho, Clare observou que Gareth agarrava uma das delicadas primaveras amarelas que decoravam a mesa. Os casulos pareciam pequenos e extremamente frágeis em suas grandes mãos. Lentamente começou a acariciar as pétalas.

Clare conteve o fôlego.

Ouviu-se outro grito dos homens que tinha sentados longe da mesa principal. Clare afastou seu fascinado olhar da primavera que Gareth balançava entre suas mãos.

Tentou fazer gestos a Dallan para que deixasse de cantar, mas este fez como se não a tivesse visto. Rasgueou a harpa em desafio.

Nicholas se escancarou na cadeira.

— Parece cansado, Lobo Sanguinário. O que lhe passa? Não gosta das canções do trovador?

— Não — respondeu acariciando as pétalas da flor, aparentemente intrigado por sua delicadeza.

Clare ficou de pé e lançou um penetrante olhar a Dallan.

— Professor trovador, preferiria que cantasse outra canção, se não se importar. Possivelmente aquela tão encantadora que escreveu sobre as flores da primavera.

— Mas se A chave é uma de suas favoritas, milady — protestou.

— Sim, mas esta noite preferiria ouvir outra de minhas favoritas.

Por um instante pensou que Dallan ia se negar, mas finalmente assentiu com brutalidade e começou a pulsar uma toada diferente, uma que falava de flores.

Clare suspirou aliviada, sentou-se e fez um rápido sinal a Eadgar para que trouxesse mais comida e cerveja.

O guarda saiu com incrível presteza para um homem que lhe doíam as articulações. Estava claro que ele também havia sentido o iminente desastre e estava ansioso por fazer sua parte para evitá-lo.

Joanna relaxou. Clare viu que esta sorria timidamente a Ulrich, que galante lhe ofereceu um bocado de seu prato. Para surpresa de Clare, Joanna se ruborizou graciosamente e aceitou o bocado que lhe brindava.

A expressão de Nicholas se voltou esquiva, mais parecida com a de um menino empenhado em uma travessura e ao que interromperam antes de fazer a brincadeira.

Gareth deixou a um lado a primavera e levantou lentamente sua taça de vinho, como se não tivesse ocorrido nada fora do normal.

— Eu adoraria ouvir a nova canção de seu trovador, senhora.

— Alegria-me ouvi-lo, senhor — disse Clare sorrindo irritada.

Seu comportamento começava a cansá-la. Estava muito zangada com Gareth, tanto como estava com Nicholas, e não lhe importava que se desse conta — Eu não gostaria que nenhum de meus convidados se sentisse molesto com o espetáculo.

Nicholas golpeou a jarra na mesa.

— Pois não me interessa muito a nova canção. Todas essas tolices sobre as flores da primavera são insípidas e muito aborrecidas.

— Isso lhe parece? — perguntou Gareth olhando-o despreocupadamente — Pode ser que não tenha a inteligência para desfrutar dos detalhes mais refinados dos versos.

Nicholas franziu o cenho.

— Está insinuando que não sou inteligente?

— Sim, sem dúvida é essa a razão pela que lady Clare procurou outros pretendentes. Deixou bem claro que quer um marido que seja inteligente e culto.

Nicholas ficou vermelho de fúria e uma perigosa luz se acendeu em seus olhos.

— Aposto que lady Clare prefere a outra canção. Não é assim, senhora?

Clare tentou pensar em uma desculpa para dar por finalizada a noite e enviar todo mundo à cama. Desejava que alguém lhe fizesse um favor e desse o alarme por fogo ou assédio.

— Eu gosto de todo o tipo de músicas. — desesperada, procurou algo com o que distraí-lo — Importar-lhe-ia me passar a terrina dos figos, sir Nicholas?

— Não importaria mais — respondeu sorrindo — Me permita que lhe escolha um.

Em vez de lhe aproximar a terrina, meteu nele seus curtos e grossos dedos e tirou um. Lubrificou-o com canela e mel e o aproximou dos lábios de Clare.

Esta olhou a sujeira que havia nas unhas de Nicholas e tentou pensar. Deu-se conta de que Gareth estava contemplando a cena com expressão neutra nos olhos.

Aquela situação era ridícula, pensou zangada. Era seu salão e ali mandava ela. Negou-se a render-se, ante algum daqueles enormes e autoritários homens.

Sorriu friamente a Nicholas, tirou-lhe o figo da mão e o deixou em seu prato sem prová-lo.

— Mudei de ideia. Acredito que já comi o suficiente esta noite.

— Decepciona-me, senhora. Porque quando estive em Seabern o mês passado tinha muito mais apetite — fez uma pausa olhando-a com lasciva — E não só pelos figos.

Clare sentiu um intenso frio.

— Não o recordo.

— Mas eu sim. Como ia esquecer esses tentadores jantares que compartilhamos? Confesso que minhas mais apreciadas lembranças são de quão encantada estava quando satisfazia seus extremamente delicados apetites. Estou seguro de que não o esqueceu.

— Está me tirando o sarro, sir Nicholas — disse Clare. Um negro e inquietante pressentimento se apoderou dela. Começava a perder toda esperança de evitar o desastre — Eu gostaria que deixasse de fazê-lo imediatamente. Não o encontro divertido.

— Não? — Nicholas a olhava, mas estava claro que realmente estava prestando atenção a Gareth. Sopesava todas as provocadoras palavras que dizia, indo um pouco mais longe cada vez, procurando feri-la no mais vivo — Estou desolado, senhora. Encontrei-a muito entretida. De fato, estou desejando que volte para Seabern para que possamos satisfazer juntos nossos desejos.

As implicações das palavras de Nicholas eram evidentes para todo mundo que as ouviu. Joanna brincou nervosamente com a colher. Ulrich olhou Gareth em um silêncio glacial.

Gareth comeu um figo sem dizer nada.

— Eu gostaria de falar de outras coisas — disse Clare dando-se conta de que começava a elevar a voz.

— Mas eu prefiro recordar quão comidas compartilhamos — insistiu Nicholas agarrando o figo que Clare tinha deixado em seu prato. Chupou-o e fez ruídos como de beijos — Eram tão agradáveis.

Gareth se ajeitou na cadeira.

— Lady Clare lhe pediu que mude de tema de conversação. Não o encontra divertido e eu tampouco.

Nicholas riu.

— Acredita que me importa se lhe parece divertido ou não?

— Os desejos da dama são os que me preocupam e a você deveria se preocupar também.

A Clare gelou o sangue nas veias. A situação piorava rapidamente. Pode ser que se conseguisse embebedá-lo o suficiente para cair em um torpor etílico.

— Quer mais vinho?

Nicholas não fez conta. Manteve seu olhar em Gareth.

— Acredita que pode agradar à dama mais que eu, Lobo Sanguinário?

— Assim é.

— Duvido muito. Por que ia dar a chave de seu quarto a um bastardo depois de ter conhecido as mãos de um cavalheiro bem nascido?

Um silêncio sepulcral caiu sobre o salão como chumbo derretido. Clare viu que Joanna abria os olhos de par em par, horrorizada pelo insulto. Ulrich estava sentado ao seu lado com sério semblante.

Dallan pulsou com estupidez as cordas da harpa. Deixou de tocar e ficou de pé. Olhou furioso ao seu redor, como procurando um lugar onde esconder-se.

Eadgar se deteve na porta com uma garrafa de vinho na mão e olhou Clare com gesto de impotência.

— Já basta, sir Nicholas, acredito que bebeu muito — disse Clare quando recuperou a voz.

— Não tanto para não saber o que está dizendo — acrescentou Gareth tranquilamente.

— Estou de acordo — apontou Nicholas com olhos brilhantes — E você, Lobo Sanguinário? Funcionam-lhe os cinco sentidos?

— Sim, e os mantenho acordados sempre. Será melhor que não o esqueça.

— Lady Clare parece ter problemas na hora de decidir quem dos dois será melhor marido — ressonou a voz de Nicholas em todo o salão — Proponho que resolvamos a questão por ela. Aqui e agora.

— Como? — perguntou Gareth em voz baixa — Jogamos uma partida de xadrez pela mão da senhora de Desejo? Muito bem, parece-me uma solução razoável.

Clare estava tão escandalizada que por um momento se esqueceu do iminente desastre.

— Uma partida de xadrez? Por minha mão? Como se atreve?

Nicholas sorriu com malevolência.

— Sim, como te atreve, Lobo Sanguinário? Não é nada cavalheiresco.

— É verdade, suponho que não seria justo — reconheceu Gareth — O xadrez é um jogo que requer engenho e inteligência. Sir Nicholas estaria em franca desvantagem.

— Por todos os diabos! Esta não é uma questão de engenho — grunhiu Nicholas — insultou à dama ao sugerir que jogássemos uma partida de xadrez para conseguir sua mão.

Clare fechou os olhos e rezou uma frenética oração a Santa Hermione.

— Que jogo propõe, então? — perguntou Gareth.

— Julgamento por combate. Aqui e agora.

— Aceito — disse Gareth sem que parecesse que dava mais a importância a essa sugestão que a anterior — Escolha as armas.

Clare ficou de pé.

— Basta já de tolices!

Todas as olhadas se dirigiram a ela.

Pôs as mãos sobre a mesa para evitar que lhe tremessem e olhou furiosamente em todas as direções.

— Me ouçam todos os que comeram e beberam em minha mesa esta noite. Saibam que estou farta da estúpida questão de escolher marido. Thurston de Landry me assegurou que sou livre para decidir, assim que o farei agora e porei fim a toda esta história.

Uma quebra de onda de sussurros e murmúrios percorreu o salão.

— Meus audazes e nobres pretendentes querem jogar — disse Clare com mordacidade

— Pois terão que fazê-lo, mas serei eu a que escolha a modalidade e a única jogadora.

Os cristalinos olhos de Gareth não se separaram de Clare. Nicholas sorriu satisfeito.

— Ao que parece tenho que escolher entre sir Gareth de Wyckmere e sir Nicholas de Seabern — explicou Clare assinalando-os por turno — Houve alguma mulher mais afortunada com seus pretendentes?

Houve um clamor de aprovação entre a gente que abarrotava o salão. Ninguém pareceu notar o sarcasmo na voz de Clare.

Agarrou uma das primaveras amarelas e sustentou o casulo frente a ela para que todos pudessem vê-la.

— Irei desfolhando as pétalas desta flor e direi por turno os nomes destes dois magníficos e cavalheirescos senhores que desejam ser meu marido. Juro que me casarei com o homem cujo nome pronuncie por último.

O sorriso de Nicholas desapareceu imediatamente.

— Bendito seja Deus! Não pode fazer uma escolha de semelhante importância deixando-a nas mãos do azar.

— Isto não tem nada de fortuito e é muito menos sangrento que o julgamento por combate que propôs você, sir Nicholas.

— Por todos os infernos! Sabe o que está fazendo, senhora? — perguntou Gareth.

— Sim — assegurou, e não lhes deu tempo de que voltassem a intervir. Arrancou a primeira pétala — Sir Gareth.

Uma sacudida de agitação sacudiu a todos os presentes e se cruzaram apostas.

O olhar de Gareth se posou na primavera. Estudou-a um instante e depois voltou a sentar-se na cadeira com expressão satisfeita.

— Sir Nicholas — anunciou Clare tirando outra pétala e deixando-a revoar para a mesa.

Nicholas olhou a flor franzindo o cenho.

— É uma estúpida forma de escolher marido.

— Quando tem que escolher entre estúpidos, a forma de fazê-lo é sempre estúpida — explicou-lhe Clare sorrindo e arrancou outra pétala — Sir Gareth.

Só ficavam duas na flor, Clare tirou o penúltimo.

— Sir Nicholas.

As vaias de consternação se mesclaram com os gritos de triunfo quando a gente viu quem ia ser o ganhador. Clare levantou a primavera para mostrar a última pétala.

— Sir Gareth de Wyckmere.

Um ensurdecedor estrondo se produziu no salão quando os comensais golpearam com suas jarras na mesa.

A cara de Nicholas se contraiu em uma expressão de fúria.

— Condenação! O que acredita que está fazendo?

— Escolhendo o novo senhor desta casa. — Clare se aproximou de Gareth com gesto triunfal e lhe entregou a nua flor — Bem-vindo, meu senhor. Estou segura de que ficará satisfeito com o que ganhou.

Gareth agarrou o caule descascado e ficou de pé com elegância e os olhos brilhantes.

— Sim, minha senhora. Já o estou.

— Pelas barbas de Cristo! — exclamou Nicholas levantando-se — Eu não estou nada satisfeito, não pode escolher marido desta forma.

— Já está feito. Escolhi tal como me ordenou Thurston de Landry — disse Clare afastando-se da mesa — E agora, rogo que me desculpem. Me retiro a meus aposentos. Estou esgotada por todo este alvoroço.

— Deus santo! — gritou Nicholas — Não o consentirei.

— Não tem nada mais que dizer nesta questão, senhor — cortou-lhe Clare levantando o queixo — Como é muito tarde para que retorne a Seabern, pode passar a noite aqui. Está tudo disposto.

Levantou as saias e começou a caminhar bordeando a mesa. Dava-se conta de que todo mundo a observava enquanto cruzava o salão para as escadas da torre. Deteve-se no primeiro degrau e voltou a vista para a mesa principal, em que estavam Nicholas e Gareth.

— Antes que me retire, senhores. Tenho algo mais que dizer. — olhou Gareth aos olhos — Saiba isto, meu futuro senhor. Nesta ilha nunca houve violência de nenhum tipo. Não tolerarei que a haja esta noite. Entendido?

— Sim, senhora — respondeu docemente Gareth.

— Se se derramar sangue neste salão antes que chegue a manhã — continuou Clare com os dentes apertados —, juro que tomarei os hábitos em vez de me casar com você ou com algum outro homem.

A multidão voltou lançar sussurros de admiração e assombro. De repente, o rosto de Nicholas adotou uma expressão maliciosa.

Clare o olhou com desdém e depois voltou sua atenção a Gareth.

— E para que nenhum dos dois diga que estaria melhor sem mim para poder brigar, recordem que se entrar em um convento, não o farei com as mãos vazias. Levarei todas as minhas fórmulas secretas para elaborar perfumes. Será meu dote para as monjas.

No salão voltou a reinar um silêncio sepulcral quando aquela declaração impactou nos presentes. Não havia uma só alma na ilha que não soubesse que os ganhos de Desejo provinham das fórmulas de Clare. Sem elas, os campos de flores e ervas não serviam para nada.

Satisfeita por ter deixado claras as coisas, sorriu forçadamente a Gareth.

— Sua primeira tarefa, sir Gareth, será manter a paz neste salão. Se quer desfrutar dos futuros lucros de meus perfumes, terá que cumprir com sua obrigação sem derramar sangue. Boa noite.

Agarrou um abajur de azeite que estava em uma mesa próxima, deu-se a volta e subiu rapidamente as estreitas e sinuosas escadas. Joanna seguiu seus passos.

— Por todos os céus! Como foi capaz de escolher de forma tão caprichosa? — ofegou Joanna enquanto seguia a esteira de Clare — O que teria ocorrido se tivesse ganhado sir Nicholas? Depois do que aconteceu há um mês só merece seu desprezo. Disse que preferiria se casar com qualquer homem antes que com ele.

— Sir Nicholas não podia ganhar. Sabia quem ia ser o senhor de Desejo antes de arrancar a primeira pétala da flor. — Clare chegou ao piso de cima e se dirigiu pelo corredor para seu dormitório — As primaveras só têm cinco pétalas.

— Mas, como soube que nome seria o último? — Joanna arqueou uma sobrancelha — Ah, já vejo. Contou as pétalas e o pensou antes de começar.

— Sim — disse Clare abrindo a pesada porta de madeira de seu quarto. Entrou, deixou o abajur em uma mesa e se aproximou da janela. Inspirou profunda e tranquilamente a perfumada escuridão — Sabia a resposta. De fato fazia horas que sabia.

Joanna a olhou atentamente.

— Então, por que fez essa maravilhosa cena com a primavera?

Clare golpeou o batente com um dedo.

— Estava furiosa com os dois, especialmente com sir Gareth. Nicholas é, para ser sincera simplesmente Nicholas. Não tem inteligência para ser outra coisa que um idiota.

— E sir Gareth?

Clare apertou os lábios.

— Sem dúvida possui uma fina inteligência e muito sentido comum. Zangou-me que estivesse disposto a recorrer à intimidação e a violência para conseguir seus fins.

Joanna franziu o cenho.

— Crê que isso era o que estava fazendo?

— Sim; não viu em como jogava com a flor enquanto Dallan tocava A chave?

— Era simplesmente uma flor, Clare. O que te fez pensar que era um gesto ameaçador?

— Não sei explicar. Havia algo na forma em que acariciava as pétalas que me assustou.

— Clare olhou o mar banhado pela luz da lua — Estava me dizendo claramente que podia ser cortês ou perigoso. Queria que soubesse que a decisão era minha.

Joanna a olhou.

— De verdade pensa que essa era sua intenção?

— Acredito que forjou uma reputação muito desagradável e que é capaz de utilizá-la de vez em quando. É um homem prático, dado a aproveitar as oportunidades. Se tiver que ser o senhor desta casa, deve aprender que aqui fazemos as coisas de outra forma. Não quero violência em Desejo.

— É um homem acostumado a ela, Clare. Para ele é muito natural utilizar métodos violentos quando o considera oportuno.

— Sim, mas os utilizará só se forem necessários. Embora, não acredito que lhe agrade a violência. Ao menos é o que me disse. É o que o salva. Se conseguirmos passar esta noite sem que haja uma briga no piso de baixo, terei a prova de que tenho feito a escolha adequada.

Duas horas mais tarde, Ulrich suspirou aliviado e sorriu a Gareth.

— Felicidade por cumprir com êxito sua primeira tarefa como senhor desta casa.

— Obrigado.

— Tenho que confessar que não estava muito seguro de se conseguiríamos acabar a noite sem derramar sangue. Mas, como sempre, demonstrou ser tão rápido de engenho como com *a Porta do inferno*.

— Não foi nada difícil convencer Nicholas e seus homens que bebessem até perder o sentido. Já estavam meio bêbados quando minha senhora abandonou o salão — disse Gareth dando voltas pelo aposento com uma agitação que não era normal nele — Postou os guardas?

— Sim, se algum dos homens de Nicholas acordar antes da alvorada, lhe dará outra taça de vinho.

— E Nicholas?

— Dorme como um bebê, graças a seus esforços por te derrotar na competição de quem era capaz de beber mais vinho. Falando desse torneio incruento que organizou contra seu rival, tenho uma pergunta.

— Qual?

— O que fez com todo o vinho que se supõe que estava bebendo?

— Derramei-o nas esteiras que há sob a mesa cada vez que voltava a cabeça.

— Isso imaginava — Ulrich fez uma careta irônica — Este lugar não será nada agradável quando os hóspedes de lady Clare se levantarem amanhã com uma terrível dor de cabeça e o estômago revoltado, mas ao menos não houve derramamento de sangue.

— Isso é o mais importante. — Gareth sentiu uma estranha sensação de tensão na comissura dos lábios, quase estava sorrindo — Os desejos de minha senhora se cumprirão na medida do possível até que esteja casada comigo. Não quero que pense que se equivocou em sua escolha.

— Por ser um homem cujo destino estava ligado até recentemente às frágeis pétalas de uma flor e o capricho de uma mulher, está surpreendentemente contente contigo mesmo.

— Não é a primeira vez que a sorte e o destino decidem meu futuro, e duvido muito de que seja a última.

— Pensei que ia enfurecer-te tanto como Nicholas quando viu o método que ia utilizar lady Clare para fazer sua escolha.

Gareth se deteve frente à janela e apoiou uma mão no batente de pedra.

— Soube que ia ganhar logo que arrancou a primeira pétala e disse meu nome. E o que é mais, ela também. Dado seu conhecimento das flores, é seguro que conhecia a resposta antes de começar.

Ulrich franziu o cenho.

— Como sabe?

Gareth se lembrou da primavera que tinha examinado quando Dallan tocava com insolência a balada subida de tom.

— As primaveras amarelas só têm cinco pétalas. Ou, ao menos, as flores que tinha pulverizadas na mesa esta noite só tinham cinco.

— Ah, entendo. Como era um número ímpar, era inevitável que o primeiro nome que pronunciasse lady Clare fosse o último também.

— Assim é.

— Por que crê que se teve o incomodo de representar essa comédia? Por que não anunciar que era sua escolha e dar por finalizada a questão de uma vez?

Gareth sucumbiu ante o sorriso que tinha estado rondando seus lábios.

— Pensa que sou arrogante. Acredito que estava tentando me dar uma lição.

— Uma lição?

— Queria que pensasse que, no que a ela respeita, havia pouca diferença entre sir Nicholas e eu. Era sua forma de me fazer saber que ainda tenho que lhe demonstrar que sou a melhor opção.

Ulrich se fixou na curva da boca de seu amigo.

— Diverte-te?

Gareth o pensou atentamente.

— Acredito que sim.

— Posso contar com os dedos de uma mão as vezes que te vi te divertir.

— Exagera.

— Não, lembro-me perfeitamente, porque em todas elas estive a ponto de que matassem aos dois.

Capítulo 5

Clare aproximou seu pomo perfumado ao nariz quando atravessou com cuidado as ruínas do salão principal à manhã seguinte.

Nem sequer as fragrantes ervas que se pulverizaram entre as esteiras conseguiam ocultar o aroma dos urinóis cheios, o vinho derramado e os corpos fedorentos.

Demoraria horas para limpar tudo aquilo. Teria que pôr esteiras limpas para que o salão voltasse a ser habitável. Clare franziu o nariz, consternada. Os serventes não podiam começar a varrer até que se afastassem os homens dormidos que estavam tombados em todas as partes.

Abriu passo entre as esteiras sem fazer caso dos roncos de seus convidados e conseguiu chegar às escadas principais sem ficar doente. O jovem guarda que havia ali a saudou respeitosamente com a cabeça.

— Bom dia, senhora.

— Bom dia — respondeu, e deixou cair o pomo para que pendurasse de sua cinta — Você é um dos homens de sir Gareth, não?

— Sim, senhora. Meu nome é Ranulf.

— Como é que está tão disposto, Ranulf? Os demais estão tão dormidos que precisaria os trompetistas do julgamento final para despertá-los.

Ranulf sorriu.

— Os homens que dormem no salão estão às ordens de sir Nicholas. Pode estar segura de que os que obedecemos a sir Gareth estamos acordados e cumprindo as tarefas que nos encomendou. A maioria está nos estábulos agora.

— O que tornou imunes aos homens de sir Gareth à cerveja e o vinho?

Ranulf riu.

— O Lobo Sanguinário proibiu seus soldados de beber tanto que não possam levantar-se no dia seguinte e cumprir com suas obrigações.

A Clare pareceu bem aquela norma, mas as palavras do guarda despertaram nela outra preocupação.

— É um chefe severo?

Ranulf a olhou surpreso.

— Não, senhora. É um cavalheiro justo e honrado. Só tentava lhe explicar que não tolera a desobediência ou a preguiça nas pessoas que lhe servem. Diz que essas condutas podem fazer que alguém resulte morto.

Clare relaxou, o guarda parecia sincero.

— Eu não gostaria de ter um senhor rigoroso nesta casa, por muito inteligente que seja — disse entre dentes — Melhor um louco como Nicholas que um homem inteligente e cruel.

— Perdoe, senhora?

— Nada, nada. Suponho que ontem à noite não houve sérios problemas.

Ranulf piscou. Por um momento pareceu deslumbrado por sua beleza e se ruborizou.

— Não, senhora.

— Não teve feridos?

— Acredito que sir Ulrich utilizou uma jarra em um par de cabeças duras nas que o vinho não fazia efeito, mas ninguém resultou gravemente ferido. Sir Gareth nos deu instruções precisas de que não se derramasse sangue. Assim não o houve.

Clare estava contente de que Gareth tinha obedecido suas ordens. Era um bom presságio.

— Acerto se disser que sir Gareth fez que Nicholas e seus homens se embebedassem?

— Sim, senhora. Disse que era a forma mais singela de resolver a questão.

— Muito inteligente. — Clare esboçou um grande sorriso que se converteu em risada quando se lembrou de que ela tinha utilizado uma tática similar em suas pouco seguras noites em Seabern — Sir Gareth parece tão ardiloso como imaginava.

Ranulf sorriu orgulhoso.

— Era somente um salão cheio de homens dando um banquete. Uma batalha nada difícil para o Lobo Sanguinário de Wyckmere. Teria que tê-lo visto lutando com a banda de ladrões que estavam arruinando Galstonsea o outono passado. Isso sim que foi digno de ver. Sir Gareth nos pediu que preparássemos uma armadilha e quando os assassinos caíram nela...

— Estou segura de que foi fascinante — interrompeu-o. O último que gostaria que lhe falassem essa manhã era das sanguinárias habilidades de Gareth. Queria esquecer que ia se casar com um homem que, até fazia pouco, ganhava a vida de forma violenta.

Dallan apareceu do fundo da cozinha que havia no outro lado do pátio comendo uma grande parte de pão recém assado.

— Senhora — saudou-a quando a viu. Meteu na boca o último pedaço de pão e se aproximou correndo dela — Desejo-lhe bom dia.

— Bom dia, Dallan. Espero que não te engasgue com o café da manhã.

— Não, senhora — disse Dallan engolindo com muita dificuldade e limpando-se com a manga de sua túnica — Espero que tenha dormido bem.

— Sim, obrigado.

— Surpreende-me — disse Dallan e franziu o cenho — Dou graças a todos os Santos de que não a despertassem os horríveis acontecimentos que tiveram lugar em seu salão quando se retirou.

Clare arqueou as sobrancelhas.

— Não tenho a sensação de que ocorresse nada mal. O salão está bastante revolto, mas é o normal quando há tantos convidados por toda parte.

O enxuto rosto do trovador adotou uma séria expressão.

— Foi uma cena que teria escandalizado e horrorizado a uma dama tão refinada e gentil como você. Sim, foi uma visão que bem poderia ter vindo diretamente das profundidades do inferno.

— Não pôde ser tão mau.

— Você não esteve presente, senhora, graças a todos os Santos — disse Dallan erguendo as costas com os olhos cheios de indignação — Preciso lhe recordar que os horríveis acontecimentos de ontem à noite estiveram presididos pelo próprio Lobo Sanguinário?

— O que faz trovador? — perguntou-lhe Gareth despreocupadamente quando saiu às escadas e ficou atrás de Clare — Contando intrigas de boa manhã? Acredito que deveria encontrar alguma maneira de utilizar melhor seu tempo.

Dallan deu um pulo e se tornou para trás retorcendo os dedos pelo nervosismo. Quando se recuperou, franziu o cenho ressentidamente e se voltou para Clare.

— Rogo que me desculpe, senhora.

— É obvio — murmurou esta.

Contemplou como se afastava rapidamente e se preparou mentalmente para fazer frente ao homem que logo seria seu marido.

«Seu marido», só em pensá-lo se sentiu enjoada.

— Bom dia, senhora.

— Bom dia.

Clare pôs um sorriso fixo em seu rosto e se voltou para saudá-lo. Apesar de ter se preparado, deu-se conta de que mesmo assim lhe faltava o fôlego.

Depois da conversa com Ranulf não lhe surpreendeu que seus olhos não mostrassem nenhum sinal de ter passado a noite fazendo beber apressadamente a Nicholas. Suspeitava que a maioria do vinho do Lobo Sanguinário tinha ido diretamente sob as mesas junto com Nicholas e seus homens. Ali era onde tinha ido o seu quando esteve virtualmente prisioneira em Seabern Keep.

Tinha escapado de Nicholas aquela noite depois de tê-lo animado a beber até saciar-se. Depois tinha deslocado escada acima até um quarto da torre de comemoração, em que se encerrou.

Clare tinha passado os três dias seguintes ali, sem fazer caso da cólera de Nicholas, de suas ameaças ou dos golpes na porta. Uma tarde conseguiu escapar quando, frustrado por não ter conseguido convencê-la de que devia casar-se com ele, foi caçar.

Pensou que se seu captor tivesse sido o Lobo Sanguinário, teria tido menos oportunidades de escapar.

Aquela manhã, Gareth lhe pareceu inclusive mais corpulento do que recordava. O forte e distinto poder que desprendia formava parte dele tanto como sua inteligência e sua determinação. Por um momento, desejou que seu pai e irmão estivessem vivos para conhecê-lo.

Mas se disse que se estivessem vivos nunca teria conhecido Gareth de Wyckmere nem muito menos teria que casar-se com ele. Jamais teria procurado marido e ele não teria estado interessado nela, porque não seria herdeira.

A vida joga más passos às mulheres.

Gareth levava uma túnica cinza sobre o gibão, que era da cor do carvão. Apesar de não levar armadura, *a Porta do inferno* pendia em um de seus lados, segura em sua capa. Os olhos de seu dono se refletiam em seu pomo de cristal. Clare teve a impressão de que a espada formava parte de seu traje diariamente, como as botas e a túnica.

Seus olhos pareciam pensativos quando viu que Dallan ia correndo.

— Você e eu vamos ter uma longa conversa! — gritou-lhe.

— Não pretende fazer nenhum mal, só está preocupado por meu bem-estar. Espero que assustar aos membros de minha casa não se converta em um costume.

— A seu poeta preferido não iria mal aprender um pouco de educação. Não só tenta protegê-la, senhora. Está ciumento.

— Ciumento? — perguntou Clare com a boca aberta pela incredulidade.

— Sim, não é nada estranho.

Clare ruborizou.

— Obrigado, senhor, mas a verdade é que tive pouca experiência com homens ciumentos.

— É uma enfermidade muito comum. Muitos homens sucumbem a sua febre quando têm a idade de Dallan.

— Febre?

— A enfermidade do amor. Os sintomas se reconhecem facilmente. Quando lhes ataca a enfermidade, os jovens se voltam abertamente ferventes e apaixonados, dispostos a adorar até a prega do vestido de sua amada.

— Já vejo.

— Evidentemente, Dallan, dedica abnegadamente seu puro coração a seu serviço e não deseja compartilhar seus cuidados.

— Está seguro? Não tinha me dado conta de que seus sentimentos eram tão intensos.

Gareth se encolheu de ombros.

— Como lhe disse, é um problema muito frequente nos jovens de sua idade. Já passará.

Clare cruzou os braços por debaixo do peito.

— Me diga, foi alguma vez presa da febre da que me falou?

— Houve um fugaz momento em minha vida no que sucumbi ao fogo da paixão não correspondida, mas faz muito tempo — disse com olhos brilhantes — Decidi que não me beneficiava em nada e me cansei logo das dores. Não tenho talento para adorar uma dama a distância.

— É uma lástima. — Clare não queria admitir, mas a verdade era que o rechaço de Gareth pelo amor galante e a paixão pura era desalentador. Devia lembrar-se de que o matrimônio para ele era uma questão de negócios tanto como para ela.

— Suponho que não espera que adoeça de amor a minha idade — disse Gareth calmamente.

Clare olhou seus olhos cristalinos e se deu conta surpreendida de que estava se divertindo outra vez. Sabê-lo conseguiu lhe levantar o ânimo. Era um homem que ocultava suas emoções, mas ao menos as tinha. Ontem não estava tão segura disso.

Lembrou-se de que jamais tinha esperado conseguir um amante apaixonado nessas bodas. Tudo o que podia esperar era um marido que fosse um amigo e companheiro inteligente.

Necessitava tempo.

Pigarreou e decidiu aproveitar a ocasião.

— Apesar de o dizer em brincadeira, sir Gareth...

— Jamais, senhora.

Piscou confundida.

— Perdoe?

— Só disse que nunca falo de brincadeira.

Não fez conta.

— Tolices, claro que o faz. Entretanto, seus últimos comentários tratavam uma delicada questão, algo do que eu gostaria de falar antes que nos casemos.

— Mais tarde, se não lhe importar. Há um par de coisas que eu gostaria de tratar antes que Nicholas e seus homens se vão.

Olhou para o pátio e levantou uma mão para chamar a atenção de Ulrich.

— Mas, sir Gareth, o que quero discutir com você é muito importante.

— Igual a varrer o lixo de seu salão.

A resposta desviou a atenção de Clare.

— Bom isso é verdade. Vai se encarregar de fazê-lo?

— Como ia deixar de fazê-lo? Sou eu o que causou a desordem.

Clare reprimiu um sorriso.

— Assim é, mas nestas circunstâncias posso passar por cima essa questão.

— Realmente é uma dama gentil e generosa.

— Agrada-me que pense assim. Suponho que nossa conversa pode esperar. É possível que esta tarde tenha um momento livre.

— Sempre o estou para você.

— Exceto quando tem que limpar o salão.

— Sim.

Nesse momento, um moço dos estábulos cruzou o pátio com um dos enormes cavalos de guerra. Os cascos de aço do animal ressonaram na pedra. Uma estrepitosa carreta cheia de feno seguia ao moço e ao cavalo.

Um grito de dor saiu do salão.

— Por todos os diabos e seus sequazes! O que é esse condenado ruído? — Nicholas apareceu na sombria porta que havia atrás de Gareth. Arranhou distraidamente a barba enquanto olhava para o pátio com cara de sono — Ah, é você, Clare.

Clare tentou não fazer caso do fedor que despedia.

— Bom dia, senhor.

— É-o? Não me tinha dado conta.

— Parece doente.

— Estou. Tenho a cabeça como se um louco a tivesse utilizado como boneco de treinamento para torneios.

— Não espere que sinta lástima. Depois do extremamente desagradável comportamento de que fez ornamento ontem à noite, não merece que lhe compadeçam.

Nicholas lançou um suplicante olhar a Gareth.

— Ganhou a mão da senhora. É suas com todas minhas bênçãos. O menos que podia fazer é me proteger de sua afiada língua.

Gareth olhou a Clare.

— Lady Clare estava a ponto de ir dar um passeio pelos escarpados.

— Ah, sim? — perguntou assombrada lhe devolvendo o olhar.

— Acredito que será o melhor. Quando retornar, o salão estará limpo.

Clare duvidou.

— Pode ser que não seja tão má ideia. Frequentemente o faço pelas manhãs. De fato, tenho que fazer um recado no povo. Irei por algo que prometi levar a Beatrice a anacoreta. Rogo que me desculpem cavalheiros.

— Está desculpada. Adeus e boa viagem — murmurou Nicholas.

Clare o olhou com má cara ao passar a seu lado.

— Realmente deveria estar envergonhado de como se comportou ontem à noite.

— Rogo que não me exorte. A dor de cabeça que tenho é suficiente castigo por qualquer ofensa que pude cometer. Pode ficar com o Lobo Sanguinário se essa for sua escolha.

— Já não é o Lobo Sanguinário de Wyckmere. Amanhã será Gareth, senhor de Desejo, e farei que lhe guarde o devido respeito.

Gareth arqueou uma sobrancelha e observou Clare com curiosidade, como se fosse uma estranha criatura.

Nicholas colocou a cabeça entre as mãos.

— Chamá-lo-ei pelo nome que deseje se deixar de gritar, senhora.

— Não o estou fazendo — disse Clare e se dirigiu para as escadas da torre.

— Isso é questão de opiniões.

Clare não fez conta, mas quando estava na metade das escadas se deu conta de que não lhe tinha perguntado se tinha intenção de ficar para as bodas. Se ele e seus homens tinham intenção de passar outra noite sob seu teto, teria que avisar ao pobre Eadgar.

Levantando as saias voltou a baixar os degraus de pedra. Esquivou a um homem que roncava e que tinha meio corpo fora da esteira, sobre as pestilentas esteiras, e cruzou o escuro salão a caminho da porta principal.

Gareth e Nicholas falavam tranquilamente na soleira. Nenhum dos dois se deu conta de sua chegada nem que se deteve ao escutar seu nome.

— Não, por todos os Santos! Não tenho intenção de ficar outro dia para ver as bodas de lady Clare — disse Nicholas — É dela e lhe desejo que a desfrute.

— Muito generoso por sua parte dado as circunstâncias.

— É certo que contribui uma magnífica e próspera herdade como dote, mas para ser sincero, não me arrependo de ter perdido. O homem que fique com Clare pagará um alto preço. Descobrirá logo.

— Isso não é de sua incumbência.

— Sim, e tenho que confessar que esta manhã estou eternamente agradecido por isso — assegurou Nicholas massageando as têmporas — Deus me libere das mulheres inteligentes.

— Esteja seguro de que desta se livrou.

— O problema é que administrou este imóvel desde que era muito jovem. Está muito acostumada a mandar. Acautelo-lhe, Lobo Sanguinário, não tolerará que nenhum homem leve as rédeas.

— Pode ser que isso dependa do homem que se faça cargo delas.

— Não, não sabe onde se colocou — disse Nicholas dando um sincero suspiro — Urdi um plano para consegui-la.

— Ah, sim?

— Sim, e como sou um homem generoso lhe darei o conselho que eu mesmo pretendia pôr em prática.

— Qual é?

— Quando estiver realmente casado, deite-se dia e noite com ela até que tenha plantado sua semente. Quando estiver seguro de que está grávida poderá ir da ilha.

— Ir? — perguntou Gareth, que parecia sentir curiosidade.

— Por que não? Deixe-a aqui para que se ocupe de governar Desejo. É o que melhor faz. Poderá passar a maior parte do ano longe do alcance de sua língua.

Fez uma pausa.

— Esse era seu brilhante plano para lady Clare? deixá-la grávida e depois abandonar a ilha? — perguntou finalmente Gareth.

— Sim, e teria funcionado. Se tiver a metade da inteligência que diz ter, Lobo Sanguinário, seguirá meu conselho.

Suas palavras lhe feriram. Clare tentou não fazer caso da dor e da vergonha que lhe tinham causado, mas foi impossível. Deu um passo para a porta.

— Está mais louco do que acreditava, Nicholas — espetou-lhe Gareth tranquilamente.

Clare se alegrou ligeiramente. Gostava que seu futuro senhor a defendesse.

— Já veremos se estou louco quando conhecer Clare melhor. Não espere que lhe ofereça proteção em Seabern quando estiver cansado de sua língua de harpia.

— Seabern Keep seria o último lugar no que procuraria refúgio.

— Ao melhor lhe sentava bem — disse Nicholas, que começou a voltar para o salão — Se não lhe importar, despertarei a meus homens e nos poremos de caminho. Oxalá não tivesse que voltar a agarrar o navio de volta.

— Uma coisa mais antes que se vá.

— Sim? Do que se trata?

— Tem a ver com a visita que Clare fez a Seabern Keep o ano passado.

— O que acontece?

— Sei muito bem em que circunstâncias estive ali e que a reteve contra sua vontade.

— Foi simplesmente uma visita amistosa. Pergunte à senhora.

— Pelo que sei, foi um sequestro. E não se equivoque, Nicholas, ajustaremos contas.

Clare ficou petrificada.

— Por Deus! — Nicholas pareceu sinceramente desconcertado — Não pretenderá me desafiar por essa visita.

— Hoje não. Clare não quer nenhuma violência em Desejo e no momento tenho intenção de agradá-la. Mas haverá momento e lugar para que você e eu arrumemos essa questão.

— Mas se não ocorreu nada — protestou Nicholas — Não cheguei a tocar à senhora.

— Essa não é a impressão que deu ontem à noite.

— Fiz assim porque esperava que se acreditasse, deixar-me-ia o campo livre. Era minha única oportunidade. Se recordar, estava bêbado. Foi coisa do vinho.

— Não esperará que creia que raptou Clare, reteve-a quatro dias em Seabern e não a tocou.

— Ainda não sabe muito sobre ela, verdade? — replicou Nicholas — Por todos os diabos! Por que estou aqui discutindo com você? Já se inteirará da verdade amanhã de noite quando for sua mulher.

— Sim, assim será.

O tom de sua voz deixou claro que não esperava que sua mulher fosse virgem.

Clare ficou sem fala. As palavras de Nicholas lhe tinham ferido, mas a acalmada hipótese de Gareth de que tinha sido desonrada a enfureceu. Nem sequer tinha tido a cortesia de lhe perguntar a verdade. Simplesmente tinha aceitado as fofocas dos outros como veredito final.

Queimavam-lhe as bochechas e lhe fez um nó no estômago. Nunca tinha esperado muito de Nicholas, mas tinha começado a acreditar que Gareth era um homem razoável e cortês.

Evidentemente, equivocou-se.

Clare saiu do escuro salão para as ensolaradas escadas. Gareth a olhou.

— Pensei que estava pegando algo em seu quarto.

— Ouvi toda a conversa — disse sem fazer caso a Nicholas e fixando em Gareth um olhar acerado — Sir Nicholas não mente quando diz que não me desonrou em Seabern.

— Isso é verdade?

— Sim! — exclamou Clare em voz alta.

Nicholas estremeceu.

— Por favor, senhora, tenha piedade de minha pobre cabeça.

Clare se deu a volta para ficar frente a ele.

— Pela túnica de Santa Hermione! Quer deixar de falar de sua dolorida cabeça? Importa-me um nada se lhe cai e se vai rodando pelo caminho.

Nicholas se acovardou e se dirigiu para a porta.

— Deixar-lhes-ei para que continuem com esta encantadora conversa sem mim. Vou a Seabern. Quando chegar, irei diretamente à capela e agradecerei a todos os Santos que me tenham evitado este casamento.

— Sim, faça-o — Clare se indignou ainda mais com sua covarde partida — Isso também me cabe. Sei muito bem que eram só minhas terras e as fórmulas de meus perfumes o que atraiu a atenção de dois homens tão nobres e cavalheirescos como você e sir Gareth.

Nicholas grunhiu e levou as mãos aos ouvidos.

— Lady Clare — pediu amavelmente Gareth — Talvez poderíamos continuar esta conversa em um lugar mais reservado.

— Não me importa quem nos ouça. Todo mundo na ilha sabe que passei quatro dias em Seabern Keep. Não é um segredo.

— Sim, senhora — disse Gareth.

— Não espero paixão e devoção de você, senhor, mas sim que creia quando faço um juramento. E lhe juro que sir Nicholas não compartilhou minha cama quando estive em seu castelo.

— Sua integridade ou a falta dela não influi em nosso matrimônio. Sabia de sua estadia em Seabern antes de vir a esta casa — assegurou Gareth em tom tranquilizador.

— E suspeitava o pior, verdade?

— Era lógico assumir que Nicholas teve relações com você enquanto estava em sua torre de comemoração para forçá-la casar-se com ele.

— Por quê? Porque teria feito o mesmo se estivesse em sua situação?

— Acalme-se. Está se inquietando muito.

— Sim? É uma lástima — disse Clare com vontade de gritar por sua decepção — Tem meu mais solene juramento de honra de que nunca jazi com Nicholas.

— Não é necessário que proclame sua honra a todo mundo — disse Gareth lançando um significativo olhar ao redor do ocupado pátio — Amanhã de noite terei a prova de que suas palavras são certas, não?

— Não, não o fará — disse Clare apertando os dentes.

Todo mundo que havia ao redor ficou mudo de assombro. O moço que tinha levado o cavalo de guerra pelo pátio deu um puxão à correia e fez que o grande semental se encabritasse.

Gareth contemplou Clare com olhos inescrutáveis.

— O que significa isso, senhora?

— Significa que não tenho nenhuma intenção de lhe dar provas de nada e muito menos de minha honra — afirmou com os braços cruzados — E isso me leva ao tema que lhe disse que queria tratar com você esta tarde. Talvez poderíamos ter essa conversa aqui e agora.

— Não, senhora não o faremos — desafiou-a com frieza — A menos que queira dar um espetáculo a todos os presentes.

— Por que não? Tenho que confessar que não tinha intenção de discuti-lo diante de meus criados — disse com sorriso gelado — Pensava mostrar respeito por seu orgulho.

— Meu orgulho?

— Sim. — O sorriso desapareceu — Mas como parece que não tem escrúpulos em falar de minha honra com outro homem nas escadas de minha casa, por que deveria me preocupar por sua honra?

— Senhora acredito que tudo isto foi muito longe.

— Ainda não comecei. Ouça-me sir Gareth, você que vai ser o senhor de Desejo. Escute-me e saiba que tudo o que digo é a sério. Casaremos-nos, tal como pediu e como meu guardião insiste.

— Sim, senhora, assim faremos.

— Mas não consumaremos o matrimônio até que esteja segura de que será um marido adequado — finalizou triunfalmente — Terá que demonstrar que merece minha estima e respeito de esposa antes que compartilhe o leito nupcial com você.

O grupo de olheiros que se formou redemoinhos para desfrutar da disputa ficou com a boca aberta pelo assombro. Ulrich enrugou a testa e sacudiu sua reluzente cabeça.

Clare observou com a extremidade do olho que a mal-humorada e ressentida expressão do rosto de Dallan se transformava em algo que se parecia muito a uma careta de satisfação.

Um murmúrio de ávidos sussurros se elevou entre os homens de Gareth.

Clare sabia perfeitamente que estavam cruzando apostas outra vez.

Nicholas se pôs a rir.

— Que demônios! Esta atuação vale a pena, inclusive com dor de cabeça. Acredito que, depois de tudo, ficarei para a cerimônia.

— Não acredito — replicou Gareth — Reúna seus homens e disponha-se a partir. Já ocasionou suficientes problemas. Se me causar um mais hoje pela manhã lhe mostrarei de perto *a Porta do inferno*.

Nicholas esticou as mãos com as palmas para fora, em um gesto conciliador.

— Não o farei, Lobo Sanguinário. Meus homens e eu já estamos de caminho a Seabern. Hoje não estou em condições de lutar. Pode ser que em outra ocasião — disse sorrindo picaramente — Temo que antes tenha outra batalha que brigar grande senhor de Desejo.

— Vá antes que mude de opinião e queira me vingar hoje.

— Uma coisa mais antes de ir. Se quiser saber o difícil que vai resultar a guerra que lhe mora, pergunte a sua senhora de onde tirou os requisitos para casar-se.

— Já lhe adverti Nicholas — disse pondo uma mão no punho da espada — Só o faço uma vez.

— Lhe pergunte por Raymon de Coleville. Trata-se do audaz cavalheiro que lhe inspirou as condições para as bodas. Nenhum mortal pode aspirar a lhe igualar, nem sequer você, Lobo Sanguinário. Não só sabia ler, além disso, escrevia poesia.

Nicholas começou a rir com tanta força que quase se afogou. Alguns de seus homens vacilaram e sorriram.

— Se descobrir que sua senhora não é virgem, não me busque para que o explique. Pergunte por Raymon de Coleville.

Um inquietante calafrio percorreu o corpo de Clare. Olhou aos olhos de Gareth e se perguntou, tarde, se deveria ter contido a língua até ter controlado seu mau humor.

Mas era muito tarde para retratar-se de sua precipitada decisão e não era das que voltam atrás.

— Parece que a batalha a que vai enfrentar vai ser um desafio maior de que esperava — disse Gareth.

Não foram essas palavras o que inquietaram Clare.

Foi seu sorriso.

Capítulo 6

— Sir Ulrich diz que sir Gareth é perigoso quando sorri. — a enérgica brisa da manhã que vinha do mar alvoroçou a capa de Joanna. Colocou o capuz sobre o cabelo cuidadosamente trançado e olhou Clare com preocupação nos olhos — Diz que o Lobo Sanguinário se diverte poucas vezes e que nas estranhas ocasiões em que encontra divertida uma situação, ninguém mais entende a brincadeira.

— Não se pode negar que sir Gareth tem uma ideia equivocada do que é diversão — murmurou Clare. Tinha retirado o capuz de sua capa de cor laranja e seu cabelo ligeiramente preso jogava com o afresco e enérgico vento.

— Sir Ulrich assegura que normalmente sempre ocorre algo espantoso quando o Lobo Sanguinário sorri.

— Isso sim que é uma grande estupidez. Sir Ulrich se parece um pouco com Beatrice, que sempre está predizendo desastres e tristezas — replicou Clare, apalpou a bolsa que pendurava de seu cinturão amarelo. Dentro levava um pote com um creme de ervas para o rosto, especialmente perfumada.

— Sir Ulrich é o amigo mais próximo a sir Gareth. Disse-me que lhe serviu durante muitos anos, mas que até ele anda com muita cautela quando o Lobo Sanguinário parece divertir-se.

Clare olhou com impaciência Joanna. Sua amiga parecia deprimida e inquieta, algo que distava muito de sua normal e serena forma de ser. Aquilo a intranquilizava e nesse momento de sua vida não queria que a perturbassem mais do que estava. Devia manter limpa a cabeça para poder ter uma visão lógica do que lhe ocorria.

O passeio pelos escarpados para o povoado teria que ter sido uma esplêndida forma de aplacar seus agitados pensamentos. Apesar de que o tinha sugerido Gareth pela manhã, em

realidade Clare tinha por costume dar um passeio cedo. Não gostava de impô-lo, pensou, molesta pela lembrança de como Gareth lhe havia virtualmente ordenado que se fosse de sua própria casa.

Era evidente que Gareth estava acostumado a mandar. Também o estava ela.

Isso poderia ser um problema.

— Parece-me que você e sir Ulrich tiveram mais de uma conversa íntima sobre Gareth.

O rosto de Joanna adquiriu um extraordinário tom rosa.

— Ulrich é um cavalheiro muito atento. Ao William cai muito bem.

— Já o observei.

Joanna franziu o cenho.

— Esta manhã, William ainda seguia falando de seu passeio a cavalo com Ulrich. Espero que meu filho não se interesse muito pelos cavalos de guerra, as armaduras e coisas pelo estilo.

Clare olhou o ensolarado mar. O crescente interesse de William pelos assuntos da cavalaria preocupava Joanna.

— Entendo seus medos, mas será difícil afastar um menino como William dos homens de armas de Gareth.

— A coisa mudaria se o visse estudar mais.

— Sim, é possível.

Mas Clare duvidava que alguma distração, e menos uma relacionada com a educação, pudesse desviar o interesse do jovem pelo belicoso mundo das armas.

Entendia a preocupação de Joanna melhor que outras pessoas porque tinha perdido seu único irmão por culpa dos encantos do circuito de torneios. Mas também sabia que a atitude excessivamente protetora de Joanna com seu filho não era a melhor forma de tratar um jovem.

Clare inspirou profundamente e gozou, como sempre, do fresco e perfumado ar. Adorava as sempre-vivas rosa arroxeadas que atapetavam os escarpados.

Olhou o estreito que separava Desejo da terra firme. A escura torre de Seabern Keep se elevava após o povoado que havia na costa. Aquela visão fez que sentisse um desagradável calafrio.

— Confesso que tenho sérias dúvidas sobre a idoneidade de Gareth como marido. Embora suponha que as coisas poderiam ter sido piores. Podia me haver visto forçada a aguentar sir Nicholas.

Joanna lhe dirigiu um estranho olhar.

— Ao menos sabemos que poderia dirigi-lo.

— Sir Gareth será manejável também.

— Eu não estaria tão segura. De verdade quer mantê-lo afastado de sua cama até que demonstre ser um marido adequado?

— Já te disse que necessito tempo para conhecê-lo melhor. Dessa forma haverá uma melhor compreensão entre ele e eu antes de nos unir no leito nupcial. Não é muito pedir.

— Sir Ulrich diz que não funcionará que não deveria ter desafiado o Lobo Sanguinário como o fez, e começo a estar de acordo com ele.

— Sir Gareth nunca devia ter duvidado de minha honra — disse com voz firme.

— Bom, era lógico que pensasse que já não era virgem. Evidentemente Thurston de Landry lhe falou sobre os rumores de seu rapto e de que tinha estado quatro dias em Seabern.

— Não me importam os mexericos que possa lhe ter contado. O Lobo Sanguinário deveria ter me pedido que lhe contasse a verdade. Não deveria ter feito hipóteses, nem tem direito a jurar vingança sobre o pobre Nicholas.

Joanna esboçou um sorriso irônico.

— Assim agora é o pobre Nicholas? Não era assim como o chamava o mês passado, quando escapou de Seabern.

— É um pesado e me alegro de não ter que me casar com ele. Contudo, tenho que confessar que senti um pouco de lástima por ele esta manhã.

— Eu, em seu caso, não gastaria minha compaixão com Nicholas. Guarda isso para você, já que você é a que desafiou o Lobo Sanguinário.

— De verdade crê que cometi um engano esta manhã quando lhe disse que não o aceitaria em minha cama?

— Sim, um engano muito grave. Um pelo que só posso rezar por que não o pague muito caro.

Clare refletiu sobre aquilo enquanto ela e Joanna deixavam o atalho do escarpado e entravam no povo.

A estreita rua já estava transbordante de atividade.

Ninguém parecia estar falando com a anacoreta quando Clare e Joanna chegaram a sua cela. Clare chamou na pedra que fechava uma das duas janelas.

— Bom dia, Beatrice. Interrompemos suas orações? — perguntou Clare.

— Sim, mas não ocorre nada. Estava esperando-a, senhora.

Na cela se ouviu um ruído e em seguida apareceu Beatrice na janela vestida com uma touca imaculadamente drapejada e um vestido escuro.

Era uma mulher alta de uns cinquenta anos que sempre tinha uma expressão funesta e apreensiva no rosto. Encerrou-se fazia dez anos, depois de ficar viúva e depois do longo processo de obter permissão do bispo para encerrar-se. Parecia muito contente com a vida que tinha escolhido levar.

A outra janela da cela estava orientada para a igreja. Tinham-na desenhado assim para que pudesse seguir os serviços e contemplar sua inspiradora visão quando rezava suas orações.

Mas todo mundo no povoado sabia que passava a maior parte do dia na outra janela, em que estavam Clare e Joanna. A janela em que as fofocas eram tão fluídas como um rio.

— Bom dia, Beatrice — saudou Joanna.

— Não — replicou Beatrice seriamente —, não é um bom dia, e amanhã será pior. Lembre-se bem do que digo, Clare de Desejo, o dia de suas bodas será anunciada com uma fria fumaça cinza proveniente do próprio fogo do inferno.

— Duvido muito, Beatrice — disse Clare olhando o céu sem nuvens — Ultimamente tem feito um tempo quente e espaçoso. Não ouvi ninguém que dissesse que se mora uma tormenta. Venha me vou casar. O menos que poderia fazer seria me desejar o melhor.

— Seria uma perda de tempo. Escute-me, milady, uma morte violenta acontecerá nesta ilha quando o Lobo Sanguinário a faça sua mulher.

Joanna soltou uma risada de desaprovação.

— Beatrice, não pode saber algo assim.

— Mas sei. Vi os sinais.

— Que sinais? — perguntou Clare.

Beatrice se aproximou mais e baixou a voz.

— O fantasma do irmão Bartholomew volta a caminhar por estas terras.

— Isso é ridículo, Beatrice — disse entre dentes Joanna.

— Não acreditará em fantasmas, Beatrice? — acrescentou secamente Clare.

— Acredito no que conheço — insistiu Beatrice — E vi seu espectro.

— Impossível — assegurou Clare.

— Pode correr o risco de duvidar, senhora. Mas faz tempo que se sabe que quando o irmão Bartholomew aparece dentro dos muros do convento alguém morre violentamente em pouco tempo.

Clare suspirou.

— Beatrice, a lenda do irmão Bartholomew e a irmã Maud não é nada mais que um velho conto para meninos. Usava-se para assustá-los e para que não incomodassem aos mais velhos, nada mais.

— Vi o fantasma.

— Quando?

— Pouco depois da meia-noite de ontem — disse Beatrice fazendo o sinal da cruz — Havia suficiente luz de lua para ver que levava um hábito negro e o capuz posto para ocultar sua nua caveira. Deteve-se diante da casa do porteiro e quando a irmã Maud não apareceu para unir-se a ele foi diretamente para a porta para procurá-la.

— Mas se estão fechadas de noite e a irmã Maud está morta há mais de cinquenta anos. Deus a tenha em sua glória — disse Clare com paciência.

— Mas se as porta se abriram para o fantasma. Sem dúvida usou suas artes mágicas. Vi-o entrar no parque e atravessar o jardim — assegurou Beatrice.

— Devia estar sonhando. Não se preocupe. O irmão Bartholomew não se atreveria a entrar neste convento. Sabe muito bem que teria que ver-se com a priora Margaret e esta não toleraria que um simples fantasma lhe causasse nenhum problema — riu Clare.

— Pode brincar, senhora de Desejo, mas logo verá que é verdade. Seu matrimônio com o Lobo Sanguinário de Wyckmere despertou ao fantasma do irmão Bartholomew. Logo haverá alguma morte, sempre há.

— Talvez tenha que voltar esta noite e ter uma longa conversa com o irmão Bartholomew — continuou Clare.

— Parecida com a que teve esta manhã com sir Gareth? — perguntou Joanna arqueando as sobrancelhas — Vai baixar a bola do fantasma como tem feito com seu futuro senhor?

Clare fez uma careta.

— Acredito que estivemos muito bem aqui todos estes anos sem ter que aguentar a todos estes complicados homens incomodando pela casa. Agora parece que temos que enfrentar a um pesado atrás de outro.

Beatrice sacudiu a cabeça com tristeza.

— Pobres de todos nós! O Lobo Sanguinário conjurou aos demônios do fosso. O irmão Bartholomew é só o primeiro.

— Estou segura de que sir Gareth não convocou a nenhum demônio que não seja capaz de controlar — disse Clare antes de agarrar a bolsa que pendurava de seu cinturão — Antes que me esqueça, aqui tem o creme, Beatrice.

— Rua! Não fale tão alto, senhora — Beatrice tirou a cabeça pela janela e olhou a um lado e outro da rua, para assegurar-se de que não havia ninguém perto. Depois agarrou o creme perfumado da mão de Clare e o fez desaparecer rapidamente.

— Ninguém vai te acusar de sucumbir às tentações mundanas por usar meu creme na pele. A metade das mulheres do povo usa esta ou outra de minhas pomadas.

— A gente diria algo e pensaria o pior — Beatrice escondeu o pote em um armário e voltou para a janela.

— OH, aí está a irmã Anne — disse Joanna levantando a mão para chamar a atenção de uma das monjas, que acabava de sair da casa do porteiro — Perdoe um momento, Clare, quero lhe comentar algo sobre um novo bordado.

— É óbvio.

Clare observou como se afastava sua amiga a toda pressa para falar com a irmã Anne.

Beatrice esperou até que Joanna não pudesse ouvi-las.

— Lady Clare — chamou-a.

— Sim? — respondeu esta se voltando com um sorriso nos lábios.

— Antes que enfrente a sua condenação amanhã gostaria de lhe dar um presente e um conselho.

— Vou a minhas bodas, não a minha condenação, Beatrice.

— Frequentemente, para uma mulher há pouca diferença entre uma coisa e outra. Mas isso não vem ao caso neste momento. Seu destino ficou fixado o dia da morte de seu pai. Não pode fazer nada. Tome este frasco de sangue de frango — disse tirando um pequeno objeto pela janela.

— Sangue de frango! O que é que tenho que fazer com ele? — perguntou Clare olhando atônita o frasco.

— Mantenha-o escondido perto da cama a noite de bodas. Quando o Lobo Sanguinário dormir, abra-o e derrame o sangue nos lençóis.

— Pela Santa Hermione! Por que ia a...? — Clare ficou calada um momento e ficou vermelha — Evidentemente, meu futuro marido não é o único que acredita que já não sou virgem.

— Isso tampouco vem ao caso, mas os homens o veem de forma distinta. Por que correr riscos? Com isto sua honra ficará a salvo e o Lobo Sanguinário não se enfurecerá.

— Mas... — Clare se viu interrompida pelo ruído surdo de uns cascos atrás dela.

Deu a volta e viu Gareth cavalgando para ali. Ia montado em um forte cavalo castrado e não em um de guerra. O pequeno palafrém³ branco de Clare ia a reboque.

— Que Santa Hermione nos proteja! É o Lobo Sanguinário! Rápido esconda o frasco! — exclamou Beatrice e tirou a mão pela janela para colocá-lo na bolsa que pendurava do cinturão de Clare.

— Beatrice!

— Se quer sobreviver a sua noite de bodas, faça caso a minhas palavras.

— Sobreviver a minha noite de bodas! — confusa Clare se voltou para olhar a anacoreta — Pela túnica sagrada da Santa Hermione! Isto é uma tolice muito grande para tolerá-la, sequer de ti.

— Temo por sua vida, senhora. Ouvi que jurou lhe negar o direito no leito nupcial.

— As fofocas se propagam rapidamente. Não faz nenhuma hora que disse essas palavras. Está me dizendo que sir Gareth me matará se me nego a compartilhar sua cama?

— É o Lobo Sanguinário de Wyckmere — disse Beatrice lhe agarrando o pulso para que lhe prestasse atenção — É perigoso, lady Clare. Não deve arriscar-se a encolerizá-lo lhe negando seus direitos maritais. Não o desafie a noite de suas bodas.

³ 1 Cavalo que os reis e os nobres montavam ao entrar nas cidades. 2 Cavalo elegante e bem adestrado, destinado especialmente a senhoras.

— Mas Beatrice...

Com a extremidade do olho viu que Gareth se deteve e que desmontava tranquilamente.

— Se o desafiar desembainhará sua espada — assegurou Beatrice com olhos sombrios — Tive uma visão. O sangue correrá no dormitório. Temo que seja o seu. Meu conselho é que cumpra com seu dever de esposa e depois utilize o sangue do frango.

Gareth se aproximou da janela em que estava Clare.

— Posso me unir à conversa?

— Não acredito que lhe pareça nada interessante, senhor. Beatrice estava me dando conselhos para as bodas.

— Eu não faria muito caso dos conselhos sobre matrimônio que viessem de uma anacoreta. Certamente tem uma visão muito limitada do assunto.

— Beatrice só tentava ser útil.

— A pesar do bem que lhes faria, hoje em dia é inútil tentar aconselhar às jovens esposas. Não escutam nunca.

— Igual neste caso — disse Gareth sem desviar o olhar de Clare — Prefiro ser eu o que instrua minha esposa.

Um novo temor se gravou no rosto de Beatrice.

— Rogo-lhe que tenha clemência com sua senhora a noite de bodas. Não teve uma mãe que lhe ensinasse e seu pai, Deus o tenha em sua glória, não a protegeu como deveria tê-lo feito. Seja o que seja o que lhe tenha passado, tenha em conta que não foi sua culpa.

— Por favor, Beatrice. Já tive suficientes conselhos em um dia — vaiou Clare exasperada.

— Sangue e morte — sussurrou esta antes de retirar-se entre as sombras de sua cela — O sangue correrá e haverá uma morte violenta. Vi ao fantasma.

Gareth olhou Clare com grande interesse.

— Isto está se voltando cada vez mais interessante. Meu último rival é um fantasma?

— Não seja ridículo. Beatrice tem uma imaginação muito viva. O que faz aqui, senhor? Pensei que estaria fiscalizando a partida de Nicholas e seus homens.

— Ulrich se ocupa disso. Vim procurá-la.

— Por quê?

— Quero que me leve para dar uma volta pela fazenda.

— Ah! — exclamou incapaz de pensar em uma desculpa. Era um pedido razoável — Mas terei que voltar para casa em seguida. Há muitas coisas que fazer.

— Ulrich e seu guarda têm tudo controlado na casa e vejo que sua amiga Joanna está ocupada. Venha — pediu agarrando-a pelo braço e levando-a para o branco palafrém — Estou ansioso por me familiarizar com Desejo.

Demoraram quinze minutos em chegar até o topo de quão escarpados dominavam o povoado. Fizeram-no em silêncio. Clare olhou várias vezes de soslaio à tranquila e inexpressiva cara de Gareth em uma tentativa por saber de que humor estava, e finalmente chegou à conclusão de que não parecia zangado.

Não sabia se se zangava ou se se assombrava. Jamais tinha conhecido um homem que possuísse semelhante controle de si mesmo e ao que parecia inesgotável.

— Me conte como faz os perfumes e poções — pediu Gareth após frear seu cavalo para contemplar os campos de flores primaveris.

— Está seguro de que quer ouvir todos os detalhes? Pode ser que lhe resulte aborrecido.

Gareth seguiu contemplando aquele brilhante mosaico de flores e ervas que se estendia pelas suaves ladeiras das colinas e vales de Desejo. Em seu olhar havia uma fria atitude possessiva e um vivo interesse.

— Como poderia me aborrecer? Sou responsável pela segurança e amparo desta ilha. Tenho que aprender tudo o que possa sobre ela.

Clare acariciou o pescoço do palafrém

— Muito bem, mas se se aborrece, faça-me saber. Disseram-me que tenho tendência a me entusiasmar com o tema.

Começou a falar lentamente ao princípio, sem saber muito bem o que queria que lhe contasse. Até aquele momento, o único homem que realmente se interessou em seu trabalho tinha sido Raymond de Coleville.

Em seguida se deu conta de que ao Gareth não aborrecia o tema absolutamente. Suas perspicazes perguntas lhe fizeram esquecer rapidamente de todas as sandices que tinha estado contando Beatrice sobre fantasmas e espadas desembainhadas.

— Então se recolhem as flores e as ervas, e se secam ou se deixam em azeite, segundo a fórmula — concluiu ao cabo de um bom momento — Precisam muitas pétalas para fazer azeites básicos perfumados.

— São à base de muitos dos perfumes e sabões que fabrica?

Clare assentiu.

— Combinam-se com diferentes ingredientes como cera e mel de abelha para fazer pomadas e cremes, mas também utilizo flores secas e ervas em outros preparados.

— Um negócio fascinante.

Clare sorriu timidamente.

— Estou escrevendo um livro de fórmulas no que há instruções sobre como fabricar muitos dos perfumes mais vendidos.

— Tem muito talento. Sou um homem afortunado — disse Gareth adotando uma atitude séria.

Parte do entusiasmo de Clare se desvaneceu e o substituiu a cautela.

— Me alegro de que o creia assim.

— Me diga, Clare, tudo o faz seguindo uma fórmula?

Clare golpeou a luva na sela.

— Refere-se ao estúpido comentário de sir Nicholas sobre as condições que devia cumprir meu marido?

— Sabia que as tinha posto por escrito, mas não que se inspirou em nenhum homem. Acredito que Nicholas disse que se chamava Raymond de Coleville.

— Conhece-o?

— Não, mas evidentemente eu gostaria de saber mais sobre esse modelo de cavalheirismo.

— Não é que seja perfeito.

— Não está à altura?

— Está casado.

— Ah! Quando o viu pela última vez?

— Faz quase um ano que esteve aqui — confessou olhando além do mar, para terra firme — Veio me comunicar que seu pai lhe tinha arrumado um matrimônio.

— Já vejo.

— Disse-me que ia casar-se com uma rica herdeira, alguém que ia dar muitas herdades e terras na Normandia. Eu não podia oferecer nada mais que uma ilha cheia de flores.

— E isso não era suficiente para Raymond de Coleville?

Clare o olhou surpreendida.

— Como podia compará-lo com o que lhe podia dar uma rica herdeira? Você não estaria aqui se tivesse conseguido um matrimônio melhor.

— E você não teria contraído nenhum se tivesse podido, não é assim?

— Assim é.

— A menos que tivesse podido casar-se com Raymond de Coleville.

Clare não gostou do tom de voz de Gareth e decidiu mudar o tema da conversa.

— Logo será a festa da primavera em Seabern. Ali vendemos muitas pomadas e perfumes. Há muitos ricos mercadores que vêm de Londres e York. Gostaria de saber algo sobre essa parte do negócio?

— Mais tarde. De momento eu gostaria de saber como conheceu Coleville.

Clare suspirou.

— Era amigo de meu pai, um companheiro de estudos. Conheceram-se há dois anos quando meu pai foi a Paris assistir umas conferências sobre tratados árabes.

— Raymond de Coleville estudava ali também?

— Sim. Apesar de ter se formado como cavalheiro, Raymond é um homem culto.

— Assombroso.

— Está muito mais interessado em livros e tratados que em torneios e guerras.

— Sim?

— Igual a você, foi o suficientemente cortês para mostrar curiosidade sobre minhas pomadas e perfumes. De fato, falamos longas horas sobre o tema.

— De verdade? — perguntou Gareth com suavidade.

— É obvio, seu interesse era puramente intelectual, enquanto que o seu é mais prático.

— Acredita que meu interesse é mercenário?

Clare ruborizou.

— Não pretendia insultá-lo. É natural que sua curiosidade provenha de que meus perfumes vão ser a fonte de seus futuros ganhos.

— Não vim como um pobre, Clare. Não tenho terras, mas tenho dinheiro. Caçar bandidos para os ricos é muito bem pago.

A situação se voltava cada vez mais incômoda e Clare procurou a forma de sair do atoleiro.

— Suplico-lhe que me perdoe se lhe ofendi.

O rosto de Gareth refletiu uma expressão pensativa.

— Um fantasma, um vizinho, um odioso trovador e agora um homem em seu passado que serve de modelo para julgar a outros homens. Não acaba alguma vez a lista de rivais aos que tenho que derrotar?

Clare teve a inquietante sensação de que Gareth estava se divertindo de novo a sua custa.

— Não sei a que se refere senhor. Está claro que não tem que derrotar a ninguém para ter minha mão. A questão de nosso matrimônio está decidida, não?

— Não de tudo. Ainda falta algo por discutir.

— O que?

— Nossa noite de bodas.

— Ah, isso — disse Clare erguendo-se na cadeira — Agora que o menciona, pode ser que devamos esclarecer alguns detalhes.

— Pode ser.

Clare inspirou profundamente.

— Sinto muito que o tema se tratasse de forma tão estranha esta manhã.

— Estranha? Eu o descreveria de outra maneira.

— Muito bem, embaraçosa. Asseguro-lhe que tinha intenção de fazê-la em privado.

— Esta manhã me desafiou senhora. E o fez diante de todos seus criados e do senhor de um feudo vizinho. Neste momento, todo mundo em Desejo sabe que tem intenção de me negar meus direitos como marido.

Clare pigarreou e se dispôs a não ceder terreno.

— Como lhe disse, não tinha intenção de converter essa questão em um espetáculo público. Foi por sua culpa.

— Por minha culpa?

— Sim, as ameaças que proferiu contra Nicholas ofendiam minha honra.

— E por isso perdeu os estribos e disse, diante de todo mundo, coisas que tinha previsto discutir a sós.

Clare exaltou profundamente.

— Lamento lhe comunicar que não tenho tanto controle sobre meu gênio como parece ter você.

— Pode ser que só lhe falte prática.

Clare o olhou aos olhos.

— Como conseguiu conter suas emoções até esse ponto?

— Recorde que sou um bastardo.

— Não o entendo. O que tem isso a ver com autocontrolar-se?

— Um filho ilegítimo aprende logo que só lhe oferecerão as sobras. E descobre em seguida que terá que brigar para ficar com o que consegue reclamar. As emoções intensas são perigosas para os bastardos.

— Por quê? Certamente sente essas emoções inclusive com mais intensidade que a maioria da gente porque está obrigado a lutar mais para conseguir o que quer.

Gareth lhe lançou um estranho olhar.

— É uma mulher muito perspicaz. Mas dá a casualidade de que o raciocínio, a lógica e a determinação são as armas que melhor me serviram e não as desenfreadas e incontroláveis paixões.

Clare estudou seu rosto e se deu conta de que falava a sério.

— Já entendo. A natureza de seu temperamento é coisa sua. Entretanto, entenderá que o meu seja diferente.

— Sim — disse com um de seus muito enigmáticos sorrisos — O seu lhe causa muitos mais problemas que a mim o meu.

Clare abandonou a polêmica. Tinha algo mais importante que tratar.

— Senhor serei sincera. Não se trata simplesmente da ofensa que cometeu esta manhã contra minha honra do que queria falar.

— Estava tentando defendê-la, não ofendê-la.

— Bom, eu me senti ofendida. Mas, além disso, tenho que dizer que quero lhe conhecer melhor antes de consumir o matrimônio.

— Conhecemo-nos tanto como a maioria dos maridos e mulheres antes de casar-se.

— Isso pode ser certo, mas não demonstra nada. Quero que nos conheçamos mais um ao outro. Necessito tempo para que nos façamos amigos.

— Era amiga de Raymond de Coleville, verdade?

— Sim, mas não tem nada a ver com esta questão — Clare começava a zangar-se, aquele homem era tão escorregadio como uma truta — Voltemos para o tema que estávamos

tratando. Sinto se lhe coloquei em uma situação embaraçosa esta manhã, mas tudo o que disse era a sério. Quero esperar antes de consumir o matrimônio. Entende-me?

Gareth a olhou em silêncio durante um bom tempo. Depois se deu a volta e desviou seu olhar para os campos de flores.

— Compreendo seus desejos e os respeito, milady.

— Estupendo — disse sentindo um grande alívio em seu interior e sorrindo calidamente

— Então não é necessário que sigamos com esta conversação.

— Mas me pergunto se pensou nos problemas que causou por não ter sido capaz de controlar seu gênio e sua língua.

O alívio de Clare se desvaneceu instantaneamente.

— Sua gente não me aceitará como novo senhor até que você o faça. O desafio que me lançou fará muito difícil que possa assumir meus deveres como senhor de Desejo.

— Isso não é verdade.

— Posso impor minha autoridade com os métodos habituais. Depois de tudo, os homens que trouxe comigo são leais e estão bem treinados. Além disso, são os únicos que têm armas em toda a ilha. Não terão problemas para assegurar-se de que minhas ordens se cumpram. Mas duvido muito de que lhes preocupem os meios com os que o conseguirão.

Por um momento, Clare se scandalizou tanto ante aquela ameaça nada sutil que quase não pôde falar. Depois, invadiu-lhe a cólera.

— Asseguro-lhe que não é necessário utilizar homens armados para impor sua autoridade em Desejo, nem o permitirei. É uma terra pacífica e tenho intenção de que siga sendo.

Os olhos de Gareth eram da cor da prata e a fumaça.

— A lógica e o raciocínio parecem ditar que a paz de uma casa senhorial deve começar nos criados de seu senhor e senhora, não crê?

— Sim, mas...

— Se quiser que sua gente confie em mim e me honre como seu senhor, devem ver que desfruto de seu respeito.

Clare viu a armadilha. Odiava ter que admitir, mas temia que Gareth tivesse razão. A paz e a satisfação de seu povo era sua maior preocupação.

— Pegou-me em uma de suas inteligentes armadilhas, verdade?

— Não. Simplesmente lhe ofereço um argumento raciocinado para lhe explicar meu ponto de vista sobre este problema. Sei que você, que é uma mulher extremamente inteligente, tirará a inevitável conclusão.

Clare soltou um bufido nada feminino de pura repugnância.

— E pensar que desejava um marido que confiasse mais em sua inteligência que em seus músculos. Algo me diz que sir Nicholas teria sido mais fácil de dirigir.

Gareth lhe lançou um malicioso olhar.

— Quer um homem ao que possa dirigir com facilidade? Isso não vinha refletido em suas condições, que eu recorde.

— Não brinque comigo.

— Já lhe disse que nunca o faço.

— Sim que o faz, e da forma mais irritante que pode. Entretanto, isso não vem ao caso agora. Aceito que tem razão. O melhor será que demos a impressão de que compartilhamos o leito nupcial.

Gareth ficou em guarda.

— A aparência?

— Sim. — Clare sorria satisfeita com seu lógico raciocínio — Não vejo por que razão não possamos compartilhar o dormitório.

— Alegra-me que esteja de acordo com minha conclusão.

— Mas não vejo necessário que tenhamos que compartilhar a cama — acabou dizendo triunfalmente.

— Por todos os diabos! Raciocina como um homem de leis.

Clare lhe ofereceu seu mais radiante e inocente sorriso.

— Para todo mundo nos retiraremos ao mesmo quarto todas as noites, como fariam qualquer marido e mulher, mas o que ocorra dentro dele só incumbe a nós.

— Respeito a isso, não acredito que...

— Ninguém mais precisa saber que queremos nos conhecer melhor antes de consumir o matrimônio. Será nosso segredo.

— Será?

— Sim. Dessa forma ambos conseguiremos nossos objetivos. Para minha gente, terá ganhado meu respeito como esposa e eu terei o tempo que necessito para lhe conhecer melhor.

Gareth a olhou com expressão de reticente admiração.

— Acredito que Nicholas de Seabem não sabe a sorte que teve ao não casar-se com você, tê-lo-ia feito picadinho senhora.

Capítulo 7

A chapeada névoa que cobria Desejo a manhã das bodas de Clare foi entendida como um mau presságio virtualmente por todo mundo na ilha. Os murmúrios de preocupação começaram no pequeno grupo de criadas que ajudaram Clare a banhar-se e vestir-se.

— A anacoreta disse que o dia de hoje estaria escurecido pela fria fumaça do fogo do inferno. Tinha razão — assegurou uma das mulheres.

— Só é um pouco de névoa. No meio da manhã terá desaparecido — replicou Clare enquanto esperava pacientemente de pé que lhe colocassem pela cabeça seu melhor vestido, de uma animada cor verde-azulada. Voltaram às largas e longas mangas para que se visse o brilhante forro amarelo. O pescoço e a prega estavam bordados com fio de seda branco e amarelo.

— Minha senhora tem razão. — Eunice tinha sido donzela na casa desde a infância de Clare e não vacilava na hora de dizer o que pensava em voz alta. Ajustou um diadema de prata no cabelo de Clare e com ela segurou uma delicada rede para cabelo de ouro.

— Tudo irá bem, Eunice.

— Não esteja tão segura, senhora. Todo mundo sabe que ameaçou ao Lobo Sanguinário lhe negando seus direitos de marido. Asseguro-lhe que não tolerará semelhante desafio. Temo por sua vida.

— Se referir a nossa pequena discussão de ontem pela manhã, não se preocupe. Ameacei-o levada pela cólera. Tenho intenção de aceitar sir Gareth como marido, igual o aceitei como senhor desta casa. Já o comuniquei.

— Louvado seja o céu! — suspirou Eunice aliviada — Todos os habitantes da ilha alegrar-se-ão ao sabê-lo, senhora. Já verá como é o melhor.

— É o mesmo que opina ele. .

— Agora. — Eunice esclareceu a garganta. Olhou rapidamente à esquerda e direita, ao que parecia para assegurar-se que o resto das criadas estavam ocupadas rebuscando no cofre esculpido que estava na outra ponta do quarto. Inclinou-se e baixou a voz para lhe sussurrar —: Quero que pegue isto, se por acaso tem algum problema esta noite.

Clare olhou o pequeno objeto envolto em tecido que lhe tinha posto na mão.

— O que é?

— Não tão alto. É um frasquinho com sangue de frango.

— Não, você também, não.

— Pegue-o e não diga nada. No que a mim respeita, traz-me sem cuidado. O fato, feito está e não foi culpa sua se o homem foi sir Nicholas ou aquele cavalheiro do que se apaixonou o ano passado.

— Mas Eunice...

— O que ocorre é que os homens tão orgulhosos como o Lobo Sanguinário revistam preocupar-se com estas coisas. Um homem como ele quererá assegurar-se que a honra de sua esposa está tão imaculada como a sua.

— Um interessante pensamento. Pode ser que deva dar um discurso no banquete para assegurar a todo mundo que vou ao leito nupcial tão virginal como meu marido.

— Não é algo do que burlar-se. Prometa-me que terá o frasco a mão esta noite. Jogue um pouco nos lençóis antes que amanheça e tudo irá bem.

— Tenho que me lembrar de perguntar a sir Gareth como vai me demonstrar sua virgindade.

Por desgracia, a cinza névoa não tinha desaparecido quando se celebrou a cerimônia. Clare sentiu seu frio através da capa de lã que levava enquanto avançava devagar, a cavalo em seu palafrém, através da abarrotada rua.

Ouviu murmúrios por toda parte e se deu conta de que a predição de Beatrice sobre um iminente desastre se propagou rapidamente. Todos os aldeãos, todos os camponeses e todos os membros do convento a tinham ouvido.

«Fumaça dos fogos que ardem no inferno...»

«Dizem que a névoa tem a cor do cristal de rocha que há *na Porta do inferno*.»

«Tem a mesma cor que os olhos do Lobo Sanguinário. É um mau presságio.»

— Nossa senhora não teria que tê-lo desafiado — disse Alice a taberneira benzendo-se a seu passo — Rezo para que não a assassine na cama esta noite.

Clare não fez caso dos comentários e manteve a vista fixa nas portas da igreja, aonde a esperava Gareth. Ele tinha ido a cavalo diante dela, acompanhado por todos seus homens em um desfile que tinha impressionado aos habitantes do povo.

Clare pensou que esse tipo de coisas sabia as fazer muito bem. Sabia como fazer notar sua presença. Gareth podia causar alarme, intimidar ou surpreender quando queria. Gostava de fazer alarde de gestos extravagantes e muito meditados quando lhe convinham.

A pesar do frio, a Clare suava as mãos enquanto segurava as rédeas de seu palafrém. Alcançou a ver o solene e vigilante olhar de Gareth e rezou para que tivesse tomado a decisão acertada ao escolhê-lo como senhor de Desejo. Seu futuro e o de seu povo pendiam de um fio.

Gareth não lhe tirou a vista de cima enquanto avançava para ele. Quando deteve o cavalo, desmontou e se aproximou dela.

Sentiu que suas grandes mãos a seguravam com força e firmeza ao ajudá-la a descer da cadeira. Sem dizer uma palavra, levou-a para a porta da igreja, em que esperava o sacerdote.

Clare inspirou profundamente e se preparou para fazer as promessas que uniriam para sempre sua fortuna e a de Desejo com a do Lobo Sanguinário.

Uma hora mais tarde, frente à grande multidão que se congregou no salão, Ulrich abriu um enorme cofre. Tirou seu conteúdo com grande cerimônia. Um reluzente arco íris de seda caiu de suas mãos.

A multidão ficou com a boca aberta.

— Os presentes de meu senhor a sua estimada noiva — anunciou em tom eloquente.

Um a um segurou em alto reluzentes partes de ricos tecidos do Oriente. Soltou e mostrou cilindros de seda carmesim matizada de ouro e prata.

Mostrou cortes de seda verde tão escura como esmeraldas; amarelos e laranjas com o tom de brilhantes postas do sol saíram a torrentes do cofre. A variedade e colorido daqueles deliciosos materiais pareciam não ter fim.

Os aldeãos mostraram sua completa admiração ante os suntuosos presentes para a noiva do Lobo Sanguinário.

Como era de esperar, todo mundo ficou impressionado. As exclamações de admiração aconteciam no salão. Todos cochichavam em tom de satisfação com o que tinham ao lado. Era evidente que sua senhora tinha escolhido a um rico cavalheiro.

E, ao que parecia generoso.

Às sedas seguiram tonéis de valiosas especiarias: açafrão, cravo, noz moscada, canela, gengibre, cominho e pimenta. De novo, a multidão manifestou seu reconhecimento do respeito que seu novo senhor mostrava a sua amada senhora.

Clare escutou os comentários de seu povo. Estavam contentes. Todos sabiam que a riqueza de seu senhor teria uma repercussão direta na ilha Desejo. Seus habitantes ficariam impregnados da auréola de seu prestígio e poder.

A nível mais prático, a riqueza de Gareth assegurava que o povoado continuaria prosperando sob seu governo.

— Apesar de ser bastardo conseguiu grandes riquezas. É um bom sinal — disse John Blacksmith a um camponês.

— Sim, cuidará bem destas terras. Lady Clare escolheu bem — respondeu este sacudindo a cabeça.

— Não está tão claro quem escolheu a quem. Para mim lorde Gareth interveio e tomou a decisão por ela — riu John.

Clare franziu o nariz, mas não deu mais indicações de que tinha ouvido o comentário. Não estava muito segura de poder refutá-lo.

Quando todos os presentes de Gareth ficaram devidamente expostos e adequadamente admirados, apareceu outro cofre. Novos murmúrios de emoção se elevaram entre a multidão. Quando o abriram, seu interior deixou ver grande quantidade de moedas.

Os gritos de admiração se transformaram em um autêntico alvoroço de alegria quando os aldeãos se deram conta de que seriam repartidas entre eles.

— Parece que seu marido não chegou pobre ao matrimônio — comentou em voz baixa a priora Margaret, que estava ao lado de Clare e observava como os homens de Gareth davam uma moeda a cada um dos presentes.

— Sim, contribui a riqueza que ganhou como Lobo Sanguinário de Wyckmere e não lhe importa fazer ornamento disso — apontou Clare.

— Um grande senhor deve mostrar sua riqueza e seu poder. Como ia saber a gente se não?

— Antes de casar-se comigo tinha dinheiro, mas não terras.

— Agora também as tem. Está contente com seu matrimônio, minha filha?

— Já está feito. Não vale a pena tratar essa questão agora.

— Ainda não. Ainda falta a noite de bodas.

— Com respeito a isso, asseguro-lhe que tenho tudo sob controle.

— Contaram-me que ontem perdeu os nervos com seu novo senhor e o ameaçou lhe negando seus privilégios esta noite — disse após pigarrear.

— Foi um desafio irresponsável — respondeu com voz distante — Zangou-me muito e disse coisas das que já me retratei.

— Alegria-me ouvi-lo. É uma mulher apaixonada e nem sempre domina suas emoções tão bem como suas terras. Agora que é uma mulher casada, deve se controlar mais.

— Sim, senhora — aceitou, pensando que não necessitava que lhe desse uma palestra admonitória sobre o autocontrole, precisamente nesse dia. Já tinha bastante no que pensar.

— Quando estiver em presença de seu marido tem que controlar seu gênio — continuou Margaret — É evidente que Gareth não é um homem que aceite desafios de sua esposa.

— Já ouvi isso antes. Por que todo mundo pensa que sabe como dirigir lorde Gareth melhor que eu?

— Pode ser porque somos mais velhos e mais sábios. Faça-me caso. Se quiser dominar a seu senhor, deverá fazê-lo com boas palavras e recursos de mulher.

— Muito bem, senhora. Seguirei seus conselhos. Não tem por que preocupar-se com minha segurança esta noite. Quando chegar o momento, darei a bem-vinda a meu senhor em meu dormitório.

Margaret sorriu agradada.

— O matrimônio já é o bastante complicado sem que precise começá-lo ofendendo seu senhor na noite de bodas. E falando de começar bem, permite-me que te dê isto antes que me esqueça?

Clare viu que Margaret pegava um pequeno pacote de uma bolsa que pendurava do cinturão de seu hábito.

— Um presente? Que amável! O que é?

— Um frasquinho com sangue de frango.

Clare quase se afoga com a risada.

— Juro que vou me afogar com tanto sangue.

— A que te refere?

— Não é a primeira que me faz um presente tão bem pensado. Obrigado senhora, acrescentá-lo-ei a minha coleção — disse Clare colocando-o na bolsa tecida que levava em seu cinturão.

— Tenha um à mão esta noite. Orvalha com ele os lençóis antes que desperte seu senhor e tudo irá bem.

— O que me diria se lhe assegurasse que essa precaução é desnecessária?

— Não tenho nada que dizer a respeito. É uma mulher, não uma juvenzinha. Cumpre com os deveres e responsabilidades de uma mulher nesta casa senhorial desde que tinha doze anos. Conheço bem seus sentimentos por Raymond de Coleville e, no que a mim respeita, o que aconteceu entre vocês dois é assunto seu.

— Obrigado, mas a verdade é que Raymond era todo um cavalheiro e...

Margaret levantou uma mão para que não seguisse falando.

— Como te disse, o tema de sua virgindade é algo que só incumbe a você. Mas os maridos, especialmente os cavalheiros tão orgulhosos como sir Gareth, não costumam ver esses assuntos com tanta ligeireza.

— Não estou de acordo. Acredito que são capazes de passar por cima desses pequenos detalhes quando o dote é substancioso.

— Me acredite. O homem, inclusive os mais inteligentes, como acredito que é lorde Gareth, são criaturas muito simples.

— E?

— Porque enquanto creiam que sua honra está salva, costumam ser generosos e cavalheirescos, sobre tudo com sua mulher. Eu lhe daria o presente que mais lhe vai contentar em sua noite de bodas para que você, a sua vez, esteja satisfeita com seu matrimônio ao dia seguinte.

Clare tocou o frasquinho que guardava em sua bolsa.

— Tenho que me lembrar de rezar uma oração por todos estes nobres frangos que mataram hoje por minha honra.

— Alguns comeremos no banquete.

A festa começou pouco depois de meio-dia e continuou sem pausa toda a tarde e parte da noite. Todo mundo na ilha estava convidado, do mais pobre trabalhador até o camponês mais rico. Inclusive as monjas de Santa Hermione compartilharam a extraordinária abundância de comida e cerveja com todo mundo.

Apesar de ter dado ordens para não se preocupar com gastos, Clare estava surpreendida de que Eadgar e os criados tivessem preparado tudo aquilo em tão pouco tempo. Nas mesas tinha elaboradas conservas de nabo e cenoura, condimentadas com mostarda. Patos recheados, cheirosas sopas, pescado cozido, frango com mel e bolos de porco chegavam ao salão da cozinha em um interminável ir e vir de bandejas.

A celebração se converteu em uma buliçosa festa. Os meninos jogavam no pátio, os homens contavam piadas subidas de tom e Dallan divertia a todo mundo com o tamborim, a flauta e a harpa. William se serviu com um pouco de todos os pratos que tinha diante.

A ameaçadora névoa que tinha se apoderado da ilha foi logo esquecida. O salão principal estava transbordante de gente que bebia e fazia brinde continuamente pelo noivo e a noiva, que estavam na mesa principal.

No pátio se puseram mesas para dar de comer a quem não cabia dentro. Algumas fogueiras protegiam do frio.

Conforme avançava a noite, o fogo do salão ia ganhando um brilho quente e dourado sobre a concorrência. Apesar de estar sentado a seu lado, o ruído e a alegria fez impossível que Clare falasse com seu marido. Entretanto, observou que de vez em quando lhe lançava olhadas.

A clepsidra⁴ do fundo do salão acabava de marcar as onze quando Joanna olhou aos olhos de Clare. Tinha chegado o momento de ir escada acima, ao quarto nupcial.

⁴ Relógio de água

Os dedos de Clare começaram a tremer sem razão aparente quando pegou sua taça. Deixou o vinho sem acabar e olhou Gareth.

Este se inclinou para ela para que pudesse ouvi-lo.

— Já é a hora de que minha bela esposa abandone o salão?

— Sim, isso parece — respondeu sem fazer caso do inexplicável ataque de inquietação que lhe acabava de atacar. Não havia nada que temer, não havia razão para tremer antecipadamente ou por medo. Não ia ocorrer nada. Tinha deixado clara sua postura a Gareth no dia anterior e este não tinha protestado nem posto objeções.

Tinham chegado a um acordo. Seriam amigos antes de ser amantes.

«Amantes.» A palavra ressonou em sua cabeça. Recordou o beijo que lhe tinha dado e sentiu que se acalorava.

Gareth ficou de pé. As risadas e as conversas em voz alta cessaram imediatamente. O silêncio se impôs entre a multidão ao tempo que todos os olhos se voltavam para a mesa principal.

Clare sabia que todos esperavam ver o que ia acontecer. Tinha chegado o momento de levar a cabo a última parte do trato que tinha feito com Gareth. Devia ir à câmara nupcial aparentando ser uma esposa disposta e cordial.

Gareth elevou sua taça de prata e a olhou com olhos brilhantes e penetrantes.

Clare tragou saliva com sorriso tremente.

«Primeiro amigos, depois amantes.»

Podia confiar no Lobo Sanguinário. Ela cumpriria sua parte do trato.

— Quero propor um brinde por minha formosa e encantadora mulher — disse Gareth no meio do tenso silêncio, e tomou um bom gole.

Os vivos alagaram o salão e a buliçosa multidão começou a golpear as mesas com suas jarras.

Gareth deixou sua taça e tirou *a Porta do inferno* de sua capa. O aço brilhou com a luz da lareira quando a elevou, tal como tinha feito no dia de sua chegada. Um murmúrio de admiração percorreu toda a sala.

— Sou um homem afortunado, já que desposei uma formosa mulher — ressoou a voz de Gareth até o rincão mais afastado do espaçoso salão.

A multidão demonstrou seu acordo com um grito unânime. Clare sorriu com ironia, o Lobo Sanguinário era muito bom na hora de dar mostras de grandiloquência.

— Me ouçam, bom povo de Desejo. Escutem-me bem, porque quero que todos os presentes sejam testemunhas de que entrego esta espada, sobre a que nunca caiu à mancha da desonra, uma vez mais a minha senhora. Faço-o como símbolo de respeito. Agora é minha esposa e tem minha honra em suas mãos, como minha espada.

— Sim! Sim!

Uma nova enxurrada de gritos entusiastas ricocheteou nas paredes de pedra e os que continuavam a gritaria golpearam a mesa com suas jarras e os punhos das facas.

Gareth deu a volta à espada e a ofereceu pelo punho a Clare.

— Saibam que estou muito agradado com minha esposa.

Os ensurdecedores gritos fizeram impossível que Clare dissesse uma só palavra, mas não soube se teria sido capaz de dizer embora o salão tivesse estado vazio.

Por alguma razão, o exagerado cavalheirismo de Gareth, apesar de que ela sabia que estava cuidadosamente calculado para influir na multidão, tinha-lhe enchido os olhos de lágrimas.

Pegou a pesada espada com pomo de cristal de suas mãos e ficou de pé.

Uma vez mais, o salão ficou em silêncio.

Clare inspirou profundamente e se dispôs a fazer um gesto solene também.

Fez um gesto com a cabeça a William, que imediatamente avançou pelo corredor que havia entre as mesas de cavaletes com um enorme buquê de flores e ervas secas.

— Milord, em troca da honra e força que nos brinda hoje, ponho sob sua custódia a fonte da prosperidade de nossa formosa ilha — disse Clare.

William dobrou um joelho e entregou o fragrante maço de lavandas, romeiro, rosas e artemísias a Clare. Esta o pegou e pôs o maço amarrado com uma fita nas mãos de Gareth.

Este olhou as ervas e flores, que eram o símbolo da perfumada ilha. Quando levantou a vista, Clare se surpreendeu com a intensidade que refletia seu olhar.

— Protegerei esta ilha, a seu povo e a sua senhora com mais cuidado do que estou acostumado a pôr em defender minha vida — disse em voz alta para que todos pudessem ouvir.

Clare viu em seu severo rosto que aquela promessa era inquebrável para ele. Soube que a tinha feito a sério. Sua relação pessoal ainda não estava de tudo solucionada, mas estava segura de que a ilha estava em boas mãos.

Sorriu trememente.

— Escolhi bem.

— Assim te demonstrarei.

Clare quase não podia respirar. Por um momento era como se ela e Gareth estivessem sozinhos no salão. Sentia os laços invisíveis e indestrutíveis que os ligavam.

«Primeiro amigos» recordou. Era muito cedo para que fossem amantes.

Muito.

Joanna se levantou e foi correndo para Clare, liberando-a do feitiço. Tinha chegado o momento de abandonar o salão.

Consciente da crescente curiosidade e espera dos presentes, Clare pegou a pesada espada e olhou Gareth.

— Vou me preparar para receber meu marido na câmara nupcial — disse claramente.

A multidão aclamou e levantou suas jarras.

Gareth pegou de novo sua taça.

— Rogo-lhe que não se atrase mais, senhora. Como jardineira sabe muito bem que algumas ervas são mais potentes quando murcham e secam. Entretanto, há outras que funcionam melhor quando o caule está forte e ereto. Esta é a variedade que lhe levarei esta noite.

O lugar se encheu de risadas.

Os olhos de Clare se abriram de par em par quando entendeu as palavras.

— Para ser um homem que presume de não brincar nunca, tem uma forma muito pouco habitual de expressar-se.

— Sim, mas umas bodas é algo pouco habitual, senhora.

Joanna a agarrou pelo braço.

— Vamos, temos que nos apressar — pediu lhe puxando pela manga.

Clare lançou a Gareth um olhar muito eloquente enquanto a levava.

— Tome cuidado com minha espada. É a única que tenho.

A sala voltou a encher-se de risadas.

— Prometo-lhe que farei bom uso dela — disse Clare apertando firmemente o punho enquanto Joanna a arrastava para a escada — Será um estupendo poste no que atar as ervilhas da horta.

Gritos de ânimo acompanharam Clare e Joanna quando levantaram suas saias e subiram as escadas.

— Toma isto — sussurrou-lhe Joanna quando chegaram a seus aposentos — Esconde-o entre sua roupa e não deixe que Gareth nem ninguém o vejam.

Os dedos de Clare apertaram outro pequeno objeto.

— Me deixe adivinhar. Sangue de frango?

— Sim, polvilhe um pouco nos lençóis antes que amanheça e tudo irá bem.

Outras mulheres entraram no quarto rindo e se dispuseram a preparar à noiva.

Em poucos minutos lhe tinham tirado o vestido. Passaram-lhe pela cabeça uma formosa camisola de linho bordado e a deitaram na perfumada cama.

— Está muito formosa — disse Eunice enquanto passava um pente por seu cabelo solto. Inclinou-se um pouco mais e lhe sussurrou —: Não se esqueça do sangue de frango.

— Me acredite, não o farei.

Joanna foi para a porta e colocou o ouvido nela.

— Ouço Gareth e seus homens nas escadas.

— Os noivos sempre são uns impacientes — assegurou Agnes enquanto abria passo até chegar à lateral da cama — Como antiga babá tenho o direito a dar boa noite à menina que ajudei a educar. Pela manhã, saudarei a mulher que se levante desta cama.

— Se apresse, quase chegaram — pediu Joanna.

No corredor se ouviam vozes e risadas masculinas. As faxineiras puseram rapidamente vinho nas taças que havia em uma mesa perto do fogo. Eunice enxugou uma lágrima e sorriu.

Toda a atenção se concentrou na porta, à espera que se abrisse. Agnes se inclinou sobre a cama.

— Pegue isto, milady — pediu pondo um pequeno objeto em sua mão.

Resignada, Clare viu que lhe tinha dado outro frasquinho.

— Obrigado, Agnes, não sabe quão importante é para mim sua amabilidade.

— Cale-se — indicou dando um rápido olhar para assegurar-se de que ninguém a via — Assegure-se de pôr umas gotas nos lençóis pela manhã e tudo irá bem.

— Mas Agnes...

— É só por precaução — disse ajustando a roupa de cama — Quando tiver vivido tanto como eu, aprenderá que vale a pena ajudar à natureza de vez em quando. Especialmente quando a honra de um homem está em jogo.

A porta se abriu antes que Clare pudesse replicar. Ulrich e o resto dos homens empurraram Gareth dentro do quarto. As criadas deram um grito.

— Aí tem a seu novo senhor, milady — ofereceu-lhe Ulrich fazendo uma reverência em brincadeira. Quando levantou a cabeça deixou ver um sorriso pícaro — Veio praticar com

sua espada. Estou seguro de que fará que se exercite muito com ela. Não queremos que o Lobo Sanguinário se volte um brando.

Os homens voltaram a sumir em estrepitosas risadas. Joanna e o resto das mulheres os jogaram do quarto.

Limpar o quarto custou um par de minutos, mas finalmente se fechou a porta.

Clare e Gareth estavam por fim sozinhos.

Clare manteve os lençóis de linho fortemente apertados contra seu peito e olhou Gareth.

Gareth lhe devolveu o olhar enquanto permanecia recostada sobre os perfumados travesseiros de linho. A expressão de posse de seus olhos fez que Clare emudecesse.

Finalmente, Gareth rompeu o curto e tenso silêncio, e passou a vista pelo quarto com olhar interrogante.

— E minha espada?

— Ali — indicou Clare molhando os lábios com a ponta da língua — No batente da janela.

— Muito bem, são e salva — disse, mas não se aproximou para pegá-la.

Em vez disso, cruzou o quarto para ir para uma mesa que havia perto da lareira. Pegou as taças cheias de vinho e as levou a cama.

Clare se deu conta de que segurava os lençóis com tanta força que tinha os nódulos brancos. Obrigou-se a soltar os dedos um por um e pensou freneticamente em algo adequadamente despreocupado que dizer.

Depois de tudo não era uma noite de bodas de verdade.

— Bom, me alegro de que tudo tenha acabado — disse Clare afastando a roupa de cama e se levantando do enorme leito com dossel.

Gareth a observou impassível enquanto pegava uma bata e a punha sobre os ombros. Apertando-a firmemente no pescoço com uma mão conseguiu esboçar o que acreditou que seria um sorriso de camaradagem.

— Suponho que as bodas são sempre assuntos molestos, não crê, meu senhor?

— Como poderia saber? É a primeira vez que me caso — respondeu olhando-a fixamente e lhe oferecendo uma das taças.

Clare ruborizou.

— Sim, é obvio. Não queria dizer que o tivesse feito. — pegou o vinho e tomou um longo gole. Quase não tinha comido nem bebido em todo o dia. Por alguma razão tinha estado muito tensa para participar do banquete — Não sei por que me sinto tão estranha esta noite. Não sei se estou doente.

— Pode ser que esteja sentindo quão mesmo eu — assegurou Gareth tomando um sorvo de sua taça. Depois pegou a de Clare e deixou as duas na mesa.

— Milord? — Clare se deu conta de que sua voz tinha adquirido o tom de um gritinho — Também se sente intranquilo?

— Sim.

— Talvez devêssemos tomar uma xícara de camomila com chá à hortelã? É muito bom para o estômago. Chamarei uma das faxineiras.

— Não, conheço uma cura melhor.

Gareth a atraiu para seu braço suave, mas firmemente. Quando se encontrou tremendo frente a ele, agarrando a bata como se fosse um talismã, Gareth reclamou sua boca com a sua.

Capítulo 8

Clare sentiu um calafrio de surpresa; uma rajada de confusão explodiu nela. Gareth manteve a boca apertada contra a dela, pedindo a ela que respondesse da mesma forma em que o tinha feito a última vez que a tinha beijado.

Sabia que o desejava. Aquela tarde tinha notado a paixão nela. Quão único tinha que fazer era atravessar as defesas que tinha levantado.

Sentiu-se aliviado quando ouviu um ligeiro e meio estrangulado grito de excitação.

Seria uma esposa de verdade. O bastardo de Wyckmere tinha conseguido uma mulher.

E um futuro.

Seus lábios duvidaram em um primeiro momento e depois se suavizaram debaixo dos dele. Gareth teve a segurança de que tinha suposto bem. Não tinha se enganado ao interpretar a feminina curiosidade que havia em seus olhos nem o significado do tremor em seus dedos.

A mesma sorte que o tinha mantido vivo durante muitos anos como caçador de bandidos o tinha seguido até sua nova vida como granjeiro de flores. Naquela união tinha ganhado muito mais do que esperava.

Clare proferiu um grito espectador e seus dedos se aferraram às costas de seu marido. Gareth gemeu. Tinha estado suportando todo o dia a tortura da excitação que sentia seu corpo. Mas naquele momento tinha uma ereção e estava ansioso pelo que lhe esperava. Tinha chegado o momento de reclamar sua esposa.

Gareth sentiu que Clare estremecia e se apertava contra ele. A vontade de rir se apoderou dele, mas se conteve. Não era o momento de sucumbir à alegria. Era evidente

que toda a loucura de Clare de esperar até que sua relação se convertesse em amizade era simplesmente isso: uma loucura.

Clare estava tão ansiosa como ele por provar os prazeres do leito nupcial.

Gareth estava aliviado e exultante. Tinha outra batalha frente a ele, mas estava acostumado a brigar pelo que queria. E estava claro que queria Clare.

Deu-se conta de que a repugnância de Clare por Nicholas de Seabem era genuína. Seguiu sem saber o que pensar sobre sua passada experiência no amor, mas o suave anseio dos lábios de sua mulher lhe comunicou que fosse o que fosse o que tinha ocorrido entre ela e Nicholas não tinha conseguido que lhe desgostasse fazer amor.

Cabia a possibilidade de que Raymond de Coleville lhe tivesse ensinado todo o prazer que um homem e uma mulher podem dar-se.

Quem quer que fosse o responsável, não lhe estava nada agradecido.

— Meu senhor. — A voz de Clare soou como um suspiro entrecortado contra os lábios de Gareth. Sentiu seu calor e sua suavidade no peito e lhe pôs os braços ao redor do pescoço — Não deveríamos nos beijar desta forma ainda, mas lhe juro que não posso parar.

Aquela confissão fez que o sangue de Gareth golpeasse intensamente em suas veias. A forte palpação lhe recordou o ruído dos cascos de seu cavalo de guerra. Todo seu corpo reagiu com repentina violência ante a promessa da dócil entrega de Clare.

Sua mulher estava disposta e desejosa, não era uma angustiada e inocente donzela a que teria que levar lentamente à cama.

— Esteja segura de que não tenho intenção de parar em meus beijos — Gareth acariciou a borda de sua boca com as gemas dos dedos. Seus lábios tremeram e se abriram. Suas bochechas, vermelhas e acesas, eram cálidas. Seus olhos eram esmeraldas insondáveis que continham os segredos de uma paixão de mulher que esperava desatar-se.

Se não tinha sido Nicholas o que tinha ensinado Clare a arte do amor, então teria sido Raymond de Coleville, o tão cacarejado modelo de cavalheirismo. Maldito fosse.

«Quem teria sido?», perguntou-se.

Ou tinha tido dois amantes?

Naquele momento não teria se importado mostrar-lhes *a Porta do inferno* a seus dois rivais.

Depois de ter conhecido Nicholas, concluiu que era o misterioso Raymond de Coleville o que devia lhe preocupar mais.

Outro desafio para o Lobo Sanguinário de Wyckmere.

Jamais tinha voltado atrás em nenhum.

Beijou-a com maior intensidade, sabendo que não tinha direito de estar molesto por Clare ter estado nos braços de outro homem. Ele tampouco era virgem. E para cúmulo era bastardo, não era um grande troféu para uma dama de sua fila.

Clare era uma jovem rica de vinte e três anos que tinha tido que carregar sozinha com as responsabilidades de administrar sua herdade durante grande parte de sua vida.

Também era muito curiosa e inteligente, e nunca tinha tido intenção de casar-se. Uma mulher assim não teria sido resistente a provar a fruta proibida quando a oportunidade lhe aparecesse em forma de um bonito e jovem cavalheiro.

Gareth se deu conta de que estava se voltando louco. Surpreendeu-lhe porque nunca havia sentido as afiadas pontadas do ciúme.

Ciúme?

Dar-se conta de que o sentia lhe fez entrar em razão. Afastou sua boca da de Clare e lhe pôs as mãos no rosto. Seus olhos eram luminosos e estavam cheios de surpresa quando lhe devolveu o olhar.

— O feito, feito está — murmurou Gareth.

— Não lhe entendo, senhor.

— Não importa. A partir desta noite, é minha. É minha esposa, a futura mãe de meus filhos. Juro que te farei esquecer ao Nicholas, ao Raymond de Coleville e a qualquer outro homem que tenha conhecido antes que a mim.

As sobrancelhas de Clare se juntaram e esboçaram uma expressão zombadora.

— Por que quereria esquecer Nicholas e Raymond? Um é meu vizinho e o outro era um amigo.

— Basta. Não volte a falar deles esta noite.

Gareth assegurou seu silêncio com outro beijo.

Ela murmurou algo ininteligível que parecia um protesto ou uma tentativa de começar uma calorosa discussão. Gareth não queria escutá-la. Abriu seus lábios e lhe afundou a língua na boca.

Clare lançou outro som estranho e um tanto entrecortado. Depois apertou os braços ao redor do pescoço de Gareth e tocou sua língua com a sua.

Gareth inspirou com força, levantou-a entre seus braços e a deitou na cama. O anseio por estar dentro dela o consumia. Deixou-se cair nos brancos lençóis de linho e abraçou Clare.

— Meu senhor.

— Cala — pediu-lhe pondo uma perna sobre suas coxas. Consciente de seu peso e de que ela era muito menor, apoiou-se nas mãos e se inclinou sobre ela — Falaremos mais tarde do assunto. Agora só quero te beijar.

— OH! — a carrancuda incerteza desapareceu de seus olhos. Acariciou-lhe as bochechas com a ponta dos dedos — Bom, suponho que não ocorre nada por beijar simplesmente, não?

— Não. E se ocorresse, duvido muito de que sabê-lo conseguisse me deter esta noite.

Olhou encantado seu cabelo escuro, que caía brandamente sobre os travesseiros com encaixes. Lentamente, apertou uma mecha com uma mão e fez um cacho de cabelo entre seus dedos com a sedosa juba. Aproximou-o do nariz e inspirou profundamente.

— Cheira a flores, como tudo nesta ilha.

— Espero que se acostume.

— Sim — disse inclinando a cabeça para morder seu delicado pescoço — Espero fazê-lo.

Afastou um dos lados da bata e escutou com intenso prazer suas rápidas inspirações. Baixou a boca até o avultamento que formava seu seio e que deixava ver parcialmente a camisola de linho branco.

— Meu senhor...

— Meu nome é Gareth — disse com surpreendente suavidade. Sua pele era mais formosa que as caras sedas que lhe tinha dado como presente de bodas.

— Gareth — repetiu com voz entrecortada — Disse que só queria me beijar.

— Sim, em todas as partes — O puro e perfeito contorno de seu reduzido seio era a visão mais sedutora que tinha tido na vida. Desejou ver o mamilo que havia sob o decote delicadamente bordado de sua camisola. O perfil do pequeno e turgente casulo estava plano. Passou um dedo por cima, deleitado com sua forma.

— Gareth — exclamou imóvel ante suas carícias, e o olhou com os olhos muito abertos. Pôs suas mãos em seus ombros, como se quisesse afastá-lo — Não acredito que seja boa ideia. Disse que não aconteceria nada com os beijos e aceitei, mas isto é muito.

— Quer beijos? — perguntou enquanto desatava habilmente as fitas da camisola — Então terá beijos. Centenas, milhares.

— Gareth! — protestou lhe golpeando inutilmente as mãos — Não acredito que...

— Não tente pensar, esta noite não. Bem sabe o diabo que eu não posso fazê-lo.

Os rosáceos mamilos eram ainda mais sedutores do que tinha imaginado, e isso que tinha muita imaginação. As coroas que embelezavam os seios de Clare estavam enrugadas, firmes e cheias de promessas. Gareth pôs a boca em uma delas e a sugou brandamente entre seus dentes.

A reação de Clare foi soltar um grito e seus dedos se afundaram nas costas dele.

— Pela Santa Hermione! A isto chama beijos?

— Sim, embora seja mais como beber néctar de mel e amêndoas.

— Diz de... — Clare parecia ter problemas para pronunciar as palavras e se apertou contra ele — verdade?

— Completamente.

Gareth se perguntou se Raymond de Coleville não teria se incomodado em provar os seios de Clare quando esta lhe ofereceu o resto de deliciosos pratos para que se servisse ele mesmo. Pensou que seus rivais tinham tido que ir muito depressa quando a seduziram.

Nicholas estava resolvido a forçar um matrimônio.

A empresa de Raymond tinha sido um assunto mais perigoso. Sem dúvida era consciente de que não tinha intenção de lhe oferecer matrimônio. Pode ser que a necessidade de fazê-la em segredo e a pressa tivessem lhe tornado descuidado e torpe.

Gareth beijou o vale que havia entre os seios de Clare e pensou que ser seu marido era uma vantagem. Um homem tinha todo o tempo do mundo para seduzir sua mulher na intimidade do leito nupcial.

Gareth foi levando seus beijos para baixo, afastando a camisola enquanto se dirigia para seu objetivo. Naquele momento lhe guiava o aroma da excitação feminina, muito mais embriagador que o de rosa e lavanda de seu perfume. Clare reagia ante sua iniciativa, saber onde se encaminhava fez que em seu interior explodisse outra quebra de onda de intenso desejo.

— Senhor, milord, Gareth, — Clare apertou os olhos e arqueou as costas — Não me beije mais. Acredito que meus sentidos estão tão dispersos como as abelhas com o vento.

— Igual aos meus. — Gareth levantou a cabeça para olhar seu ruborizado rosto e a observou enquanto colocava a mão por debaixo da anágua.

Os olhos de Clare se abriram de par em par e moveu a cabeça com um gesto que poderia significar algo.

— Por favor.

— Farei todo o possível por te satisfazer e antes que amanheça terá esquecido aos dois. Inclinou-se para ela e a beijou enquanto movia a mão dentro da anágua.

— Esquecer a quem? Gareth, não acredito que isto esteja bem. Preocupa-me.

Gareth não sabia do que lhe estava falando e não tinha vontade de cercar nenhuma conversa. Aproximou sua mão a cálida e úmida carne que havia entre suas coxas.

Clare ficou tensa ante suas carícias. Voltou a fechar os olhos e pareceu deixar de respirar durante uns segundos. Estava lhe cravando as curtas unhas nas costas com tanta força que sabia que à manhã seguinte teria marcas. Gostou da ideia.

Gareth seguiu explorando suave, lenta, meigamente. Foi afastando a suave e melosa carne como se fossem as folhas de uma exuberante e frágil flor até que descobriu o oculto tesouro que procurava. Clare gemeu quando lhe acariciou aquela pedra preciosa com os dedos molhados em seu próprio orvalho.

Continuou fazendo-o com cuidado, em círculos, provocando-a, puxando e fazendo pressão.

Clare já não podia protestar. Gareth soube que se deixou levar pelo prazer que lhe produzia. Estremeceu, retorceu-se e se aferrou a ele. A reação ante suas carícias com semelhante paixão o satisfaz mais que qualquer coisa que tinha experimentado anteriormente.

Clare estava tão possuída pelo feitiço sensual que lhe tinha jogado que não se deu conta de que Gareth voltou a baixar a cabeça para beijar o firme e diminuto casulo que ele tinha conseguido excitar completamente.

Gareth notou o preciso momento em que ela se deu conta do que lhe estava ocorrendo.

Clare sofreu uma convulsão como se a tivesse alcançado um raio.

Gareth estava seguro de que tinha visto seu resplendor.

Os lábios de Clare se abriram para deixar sair um grito de surpresa. Aquele som de feminina revelação e ilimitado assombro cessou tão rapidamente como tinha começado, mas certificou o que Gareth tinha começado a suspeitar. Fosse o que fosse o que tinha experimentado com seus anteriores amantes, não tinha conhecido os prazeres de sua própria liberação.

Sua resposta foi maior da que Gareth acreditava poder provocar. Estava sumida no tremor que lhe tinha produzido como ele. Clare se elevou, abriu-se e se ofereceu. Era uma criatura extasiada e mágica que cativava todos os sentidos de Gareth. Este ficou literalmente fascinado pelo rapidamente que ela se aproximava de seu alívio.

Estremeceu como uma flor com o vento.

Gareth quase derrama sua semente quando a satisfação explodiu em seu interior. À manhã seguinte, tanto Nicholas como Raymond de Coleville seriam vagas lembranças para Clare.

— Gareth, Gareth! O que me fez? O que me fez?

— Nada que não possa repetir muitas, muitas vezes antes do amanhecer.

Esperou até que se relaxou. Quando cessaram os tremores, ficou em cima do debilitado corpo de Clare apoiando-se nos cotovelos.

Olhou seu aturdido rosto e sorriu.

Clare lhe observou também, ao que parecia sem fala pelo que tinha experimentado. A combinação de emoções que refletiram seus olhos era fascinante. Confusão, assombro, prazer e curiosidade feminina, misturado até deixá-la sem fala.

Era a primeira vez que a via nesse estado.

Seu sorriso se transformou em uma careta de cumplicidade.

Se não tivesse se sentido tão incômodo se teria posto-se a rir, mas estava tão duro e rígido como o aço *da Porta do inferno*, embora não tão frio como sua folha. Justamente o contrário. Estava aceso e só havia uma forma de sufocar as chamas que ardiam em suas vísceras.

Sentou-se dando as costas para Clare e começou a tirar a roupa. Quando desabotoou o cinturão, observou com pesar que lhe tremiam as mãos pela necessidade que sentia e jogou longe a pesada correia de couro.

— Há... Sentido o mesmo que eu? — perguntou Clare com voz débil e entrecortada.

— Ainda não. Juro que estive a ponto, mas consegui evitar me desonrar sobre seus formosos lençóis brancos. Asseguro que o reservei para ti.

Gareth tirou a túnica e a lançou na mesma direção que o cinturão.

— Quer dizer que ainda não experimentou estas estranhas sensações?

Pôs um tornozelo sobre o joelho e atirou da bota de pele.

— Não tenha medo, notará meu alívio quando me embainhar em sua capa de seda — disse com a comissura dos lábios estranhamente levantada — A menos, claro está, de que esteja tão absorta em seu próprio prazer para te dar conta.

Clare se ergueu repentinamente para sentar-se.

— Pela Santa Hermione bendita! Isto do matrimônio é muito mais difícil de entender do que pensava.

— Já o discutiremos mais tarde.

— Mas é impossível...

— Por todos os infernos! — exclamou Gareth com uma mão na outra bota e voltando a cabeça para olhar Clare — Do que está falando?

— Não sabia que podia me fazer sentir umas emoções tão intensas — disse Clare afastando o cabelo dos olhos e olhando-o com inquietação — Ou melhor, dizendo, que você tivesse que confrontar também semelhante impulso.

— Não sei que tipo de amantes foram Nicholas e De Coleville, mas te prometo que...

— Raymond de Coleville não foi meu amante! — exclamou agarrando a borda da aberta camisola que tinha nos joelhos, revolta entre os enrugados lençóis, com olhos brilhantes — Nem tampouco Nicholas de Seabern, embora ninguém parece me acreditar. Juro que estou farta de que todo mundo suponha que não sou virgem.

Gareth lhe apertou uma mão.

— Tranquile-se. Comigo não precisa provar sua inocência. Não me importa.

— Tem razão, não voltará a ouvir nenhuma só queixa sobre o tema.

— Que assim seja. Alegro-me de ouvi-lo.

— A verdade é que o estado de minha virgindade não vem ao caso.

— Assim é. O feito, feito está.

— A fim de contas — disse um pouco muito docemente, — não tenho nenhuma dúvida de que vim a esta cama tão pura e intacta como você.

— Sem dúvida.

— Nenhum homem pode pedir mais a uma mulher.

Gareth se surpreendeu de notar um repentino calor em suas bochechas. Perguntou-se se lhe estaria tirando o sarro.

— Possivelmente deveríamos mudar de tema.

— Tem razão — disse com expressão mais relaxada. Esticou um braço e lhe tocou o braço — Para falar a verdade, nossa virgindade ou a falta dela, não é nenhum problema neste momento, verdade?

— Não — Gareth era incapaz de pensar em nada mais que dizer. Nem tampouco queria seguir falando. Somente desejava fazer amor com sua mulher. Era pedir muito?

— O importante é que aprendi quão poderoso pode ser o desejo físico quando o controla um homem como você.

Gareth a olhou com cautela.

— Como eu?

— É evidente que é muito apaixonado.

— O que é evidente é que é uma mulher que acorda grandes paixões.

— Sou consciente de que tenho minha parte de responsabilidade nessa questão.

— Estupendo isso já está esclarecido.

Tirou a outra bota e se levantou para tirar o gibão.

Clare franziu o cenho pensativa.

— Está claro que temos que controlar essa volátil força antes que te domine por completo.

Gareth tinha o gibão meio tirado. Deteve-se, contou até três e soltou o objeto cinza, que voltou a ficar onde estava.

— O que disse? — perguntou brandamente.

— Que devemos ser extremamente precavidos para te proteger — respondeu com expressão preocupada.

— Me proteger do que? — gritou perdendo a paciência.

Clare abriu os olhos de par em par, mas deu a impressão de estar mais sobressaltada que assustada.

— Está gritando.

— Não, senhora — disse entre dentes — Ainda não, mas pode ser que logo o faça. Muito em breve.

— Essa é outra prova.

— Prova do que?

— Da força de sua paixão. Está claro que devido a sua carinhosa natureza está a ponto de esquecer nosso trato.

— Isso acredita você?

— Sim. Como esposa e por nossa crescente amizade, devo te ajudar a que não sucumba a esse impulso. Depois de tudo, sua honra está em jogo.

Gareth pensou que tinha perdido a conta das taças de vinho que tinha bebido durante o longo banquete. Nunca se embebedava. De fato, não se sentia bêbado, mas seus sentidos pareciam lhe abandonar.

— Tenta me dizer que te fazer amor porá em perigo minha honra?

— Sei o muito que te afligirá despertar pela manhã e descobrir que deixou que a paixão se apoderasse de ti e te fez esquecer nosso trato.

— Pelo fogo do inferno! Não posso acreditar no que estou ouvindo. Esqueça-te do maldito trato, não temos nenhum.

— Sim que o temos. Acordamos que seríamos amigos antes de consumir nosso matrimônio.

— Não, não ficamos nisso — disse espaçando cuidadosamente as palavras — Comunicou-me sua absurda intenção. Mas não me perguntou se estava de acordo. E pelo diabo que não te disse que o estava!

— Dará-te conta de que se sucumbirmos à paixão esta noite arruinaremos toda possibilidade de cimentar nosso matrimônio na amizade e na confiança.

Gareth se conteve com todas suas forças.

— É a coisa mais absurda que ouvi em minha vida.

— Não era isso o que dizia ontem.

— Pode estar segura de que o pensava.

— Não quer que entre nós haja amizade e confiança?

— Chegarão com o tempo — disse tentando levar seu raciocínio em outra direção — Confia em mim?

— Sim, mas você não confia em mim.

— Isso não é verdade.

— Crê que permiti que outros homens me tenham feito amor, apesar de que te assegurei que não jazi com ninguém.

— Também te disse que se é virgem ou não, não me Importa. Não me preocupa o passado, só o futuro.

— É muito galante por sua parte, mas não poderemos ter um futuro satisfatório juntos se não se apoiar na confiança. E não acredita em mim. Admite-o. Pensa que menti.

— Por todos os diabos! Sua virgindade só é teu assunto.

— Agradeço sua inteligente atitude nessa questão, mas essa não é a questão, verdade?

— Sinto-me como se me estivesse afundando em um pântano.

— Acredito que deveríamos aprender a confiar um no outro se queremos ser felizes em nosso matrimônio.

Viu o amor próprio e a dor em seus olhos e nesse momento se deu conta de que lhe dizia a verdade. Não a havia tocado nenhum homem. Tinha sido um louco ao pensar o contrário. Clare nunca lhe mentiria em uma coisa assim.

Era muito orgulhosa, muito ardente, muito audaz para mentir em algo.

Aquele pensamento lhe encheu de satisfação. Não tinha direito a ter tanta sorte, mas não ia protestar contra o feliz destino que lhe tinha outorgado uma esposa incólume.

Sorriu.

— Acredito quando diz que não te tem feito amor nenhum outro homem.

Clare o olhou indecisa e receosa.

— Agora é a paixão a que fala por você. A tentação faz que diga o que crê que quero ouvir.

Sacudiu a cabeça sem deixar de sorrir e se lembrou de sua resposta não ensinada a seus beijos íntimos.

— Não, desejo-te muito, mas não sou um fantoche escravo de suas paixões. Não têm poder para me fazer mentir. Acredito quando diz que ninguém te tocou Clare.

Clare retorceu as mãos em seu colo.

— Eu gostaria de poder acreditar em você.

— Pode fazê-lo. Deve aprender a confiar em mim como eu faço em você.

— Sim — respondeu duvidosa.

— Crê em mim, verdade?

— Isso acredito.

— Isso acredita? — perguntou repentinamente furioso — Faz um momento dizia que sim.

— Esta noite todo é muito confuso para esclarecê-lo. Acredito que seria melhor que voltássemos a meu plano original.

— Plano original?

— Sim. Não consumaremos o matrimônio até que estejamos seguros de que confiamos plena e firmemente um no outro.

Gareth fechou os olhos um instante.

— Que Deus me dê forças!

— Estou segura de que o fará — disse lhe dando de presente um vitorioso sorriso — E enquanto isso, debaixo da cama há um colchão no que pode dormir esta noite.

Gareth a contemplou enquanto descia da cama, inclinava-se e tirava um colchão.

— Que demônios está fazendo?

Clare se ergueu e afastou a longa mecha de cabelo que lhe caía sobre o rosto.

— Tirando o colchão.

Gareth apertou os dentes.

— Dormirei na maldita cama contigo, esposa.

Clare piscou e ficou de pé lentamente.

— Está zangado.

— Zangado? Por que teria que estar? — perguntou tranquilamente enquanto se aproximava do assento da janela.

— Gareth?

Este pegou a *Porta do inferno* e voltou para a cama.

— Senhor! — exclamou olhando a espada que levava na mão e levando uma mão ao pescoço.

Gareth levantou o aço e golpeou com a parte plana no meio da cama.

Clare deu um pulo e voltou a cabeça para a espada, que brilhava à luz das chamas e dividia a cama em duas partes.

— Assim é como pensa começar nossa vida de casados? — perguntou Gareth entre dentes — Pois assim será. *A Porta do inferno* compartilhará cama conosco. Proteger-te-á de mim.

— Não acredito que seja necessário pô-la entre nós — sussurrou Clare.

- Não tema, dormirei a salvo em seu lado. Eu me porei no outro.
- Mas o colchão...
- Não vou dormir no maldito colchão. Tenho direito a minha parte de cama.
- Suponho que poderei utilizá-lo.
- Não. Compartilhar a cama comigo. Quer que lhe de mostra de meu autocontrole?

Muito bem, fá-lo-ei. Pela manhã me dirá se crê que pode confiar em mim.

Clare mordeu o lábio, mas não disse nada

Gareth não lhe prestou atenção enquanto se despojava de suas roupas e as deixava no chão. Ouviu a leve e entrecortada exclamação que soltou quando viu seu meio excitado corpo. Tentou não lhe fazer caso, mas pensou que se não tivesse pensado que era inocente aquele surpreendido olhar lhe teria dito a verdade.

Ia pagar um alto preço por ter uma opinião equivocada e por não ter sabido dirigir a situação, e só podia culpar a si mesmo.

Atravessou o quarto de três pernadas para avivar o fogo da lareira. Depois voltou, fechou as cortinas e se meteu na cama.

A Porta do inferno jazia entre eles como uma barreira de aço contra a paixão.

Estava muito escuro. As cortinas do dossel não deixavam entrar o reflexo das brasas. Gareth cruzou as mãos por debaixo da cabeça e olhou as sombras. Doíam-lhe os músculos e estava furioso consigo mesmo.

Ia ser uma noite muito longa.

— Gareth? — A voz de Clare soou doce e tinta de inquietação.

— Sim?

— Agora me lembro de que parte da predição de Beatrice se cumpriu.

— Que predição?

— Disse que desembainharia sua espada na câmara nupcial, e o tem feito.

— Tendo em conta minha pouca sorte, surpreende-me não ter tropeçado e me haver talhado o pescoço com ela.

Capítulo 9

Clare despertou pouco antes do amanhecer, cheia de remorsos.

Viu que estava sozinha na grande cama e não pôde livrar-se da esmagante convicção de que a noite anterior tinha cometido um grave engano.

Perguntou-se se teria malogrado qualquer esperança de ter uma cálida e carinhosa amizade com seu marido.

Amor.

Isso era o que mais ansiava. Queria amar e ser amada. Convenceu a si mesma de que uma sólida amizade podia conduzir a um amor verdadeiro entre ela e seu marido, mas durante a noite tinha jogado tudo a perder.

Gareth não ia se sentir nada amistoso por ela aquela manhã.

Tinha cometido um engano. Dava-se conta, mas era muito tarde. Tinha-o zangado e com isso tinha dado vários passos atrás no tipo de relação que desejava forjar.

Seu teimoso orgulho e sua arrogante fé em sua inteligência a tinham conduzido a aquele desastre. Era o que acontecia por não seguir os conselhos das pessoas mais velhas e mais sábias que ela, pensou amargamente. Todo mundo, desde Beatrice até sua antiga babá, Agnes, tinha-lhe aconselhado cumprir com suas obrigações de esposa na noite de bodas.

Um rangido ao outro lado das cortinas da cama fez que ficasse imóvel.

— Gareth?

— É muito cedo para levantar-se a manhã seguinte às bodas, dorme Clare.

Ouviu-lhe mover-se e se perguntou se estaria se vestindo. Através de uma fresta nas cortinas conseguiu vislumbrar seu corpo nu quando passou ao lado da cama. As lembranças a alagaram e conseguiram que se excitasse.

Acreditava que queria um homem esbelto e magro, com tipo de gato e não de cavalo de guerra. Mas depois da noite anterior, depois de sobrepor à impressão de ver o corpo nu de Gareth, tinha mudado de opinião. Tinha descoberto que não lhe desgostavam tanto os homens corpulentos como tinha pensado.

Se acaso, estava um pouco preocupada com o tamanho de certas partes dele, mas não pelo conjunto.

O tamanho só era um problema se o de seu cérebro era pequeno. Quando um homem estava bento pela inteligência e o autocontrole, como evidentemente estava Gareth, seu tamanho físico não importava muito ao fim.

Entretanto, essa era outra lição que tinha aprendido da forma mais dura.

Recordou as demolidoras sensações que lhe tinha produzido com seus beijos e seus dedos. Não era um inculto e torpe bronco como Nicholas de Seabern. Era um homem desejoso de ser paciente com uma mulher.

E, apesar de que era verdade que Gareth não lhe tinha prometido amor eterno nem lhe tinha escrito poemas como Raymond, não era por isso menos honrado. Não a tinha enganado deliberadamente como ele.

Ao outro lado da cortina ouviu de repente um golpe seco, Clare esticou e atraiu para si a colcha para poder sentar-se contra os travesseiros. Estava claro que não podia esconder-se assim todo o dia.

Tirou uma mão e procurou com cautela a revolta cama. *A porta do inferno* não estava. Sem dúvida voltava a estar cuidadosamente guardada em sua capa.

Clare estremeceu ao recordar como a tinha utilizado Gareth para dividir a cama. A partir de então, sempre que visse a espada, como certamente faria todos os dias de sua vida, lembrar-se-ia da loucura que cometeu na noite de bodas.

Sabia que muitos homens teriam perdido os estribos ante a situação que ela tinha provocado. Alguns inclusive teriam recorrido à violência.

Mas Gareth não. Era certo que se enfureceu, mas tinha sabido conter sua irritação.

Casou-se com um homem cujo autocontrole estava à altura de seu poderio físico.

Clare inspirou profundamente. Em algum momento teria que desculpar-se. O melhor seria fazê-lo o quanto antes. Não tinha por costume pospor seus deveres ou obrigações.

— Lamento muito o que ocorreu ontem à noite.

— Eu também.

Desejou poder ver seu rosto. O tom de sua voz era tão frio e seco que lhe resultava impossível saber o que estava pensando. Continuou com sua desculpa.

— Sou consciente de que não cumpri com minhas obrigações como esposa. Tinha meus motivos, tal como te expliquei, mas esta manhã cheguei à conclusão de que possivelmente não atuei da forma mais razoável e lógica.

— Em outras palavras, decidiu que os prazeres da paixão física são mais interessantes que as alegrias da confiança e a amizade.

— Não, não quero dizer isso absolutamente — replicou rapidamente — Sigo querendo que nosso matrimônio se apóie na confiança e na amizade. O que ocorre é que hoje não estou segura de se ontem à noite consegui consolidar essas duas coisas da forma adequada.

Gareth afastou as cortinas de improviso. Ficou de pé observando-a com um brilho incerto nos olhos. Clare viu que pôs o gibão, mas seguia descalço. Tinha os dedos fechados sobre um objeto que não conseguia ver.

— Está me dizendo que durante a noite conseguiu aumentar a confiança em seu marido?
— perguntou despreocupadamente.

Clare duvidou consciente de que se estava burlando dela deliberadamente. Aquilo lhe doeu, mas se serenou e se mostrou digna.

— Eu gostaria que começássemos de novo. Estou disposta a me comportar como uma verdadeira esposa e consumir este matrimônio.

— Isso não responde minha pergunta.

— Confio em você de muitas maneiras, Gareth — confessou movendo a mão com sinceridade para indicar o quarto e tudo o que ia além dele — Confio em que protegerá esta casa. Em que cumprirá suas obrigações com meu povo. Em que será um senhor sábio e generoso.

— Algo mais?

Clare lhe sorriu esperançosa.

— Acredito que é bastante para começar.

— Sim, mas me dará mais — assegurou Gareth estudando seu rosto — Vejo que estive meditando o tema de nosso matrimônio.

— Pensei nele horas e horas a noite passada.

— Eu também estive um longo tempo refletindo sobre nosso futuro e também tomei uma decisão. Suas desculpas não farão que mude de idéia.

Clare o olhou com inquietação.

— Qual?

— A espada permanecerá entre nós até que confie em mim plenamente, em especial como marido.

— Mas se confio em você!

— Não, não o faz. Ontem à noite deixou bem claro que acredita que era incapaz de controlar minhas paixões.

Clare se ruborizou.

— Demonstrou-me que estava equivocada.

— Sim?

— Sim. Quero te pedir desculpas por minha estupidez. Acreditei que estava tão arrebatado pelo desejo que esqueceria nosso trato. Agora sei que tem um verdadeiro controle sobre si e suas emoções e que é muito difícil que te deixe influenciar por elas.

— A este passo, sua forma de raciocinar fará que armemos uma confusão. Falaremos em outra ocasião. Como já está acordada, levante e se vista.

— Gareth, acredito que deveríamos esclarecer este tema.

— Não, não estou de humor para continuar esta estúpida conversa esta manhã.

— Segue ofendido pelo que fiz ontem à noite, verdade?

Fez-lhe um gesto para que se levantasse.

— Levante-se. Como já te disse, falaremos do tema mais tarde.

Ela seguia duvidando e lhe assaltou uma alarmante ideia.

— Foi algo mais que uma ofensa o de ontem à noite? Feri-te porque creste que te rechaçava depois de me dar tanto prazer?

— Quer sair da maldita cama antes que eu te tire dela?

Clare o olhou confundida.

— Por que tenho que fazê-lo com tanta pressa?

A boca de Gareth se estreitou e esboçou a expressão de um homem ao que enganaram, mas que faz tudo o que pode por manter a calma.

— Pensei que possivelmente poderíamos dar um passeio juntos pelos escarpados.

Clare se alegrou.

— Isso seria maravilhoso. Eu adoro passear cedo.

— Ponha roupa e casaco. A névoa se limpou, mas o ar segue sendo frio.

— Assim o farei.

Clare saltou rapidamente da cama. Sorriu timidamente a Gareth e foi correndo para o quarto em que guardava sua roupa, anexo à câmara principal.

Aquela sala estava vazia há essa hora, à exceção dos habituais baús e os cestos com fios e agulhas que as donzelas deixavam ali. Clare agradeceu que fosse o suficientemente cedo para que nenhuma de suas faxineiras estivesse trabalhando.

Abriu a tampa de um arca e estava procurando um grosso vestido quando lhe ocorreu algo. O pôs diante e voltou rapidamente para o dormitório.

— Talvez prefira montar a cavalo em vez de passear. Eu gostei muito de nosso... Por Santa Hermione! O que está fazendo?

Gareth tinha um joelho sobre a cama e estava esvaziando um frasquinho nos lençóis. Levantou a vista, algo na expressão de Clare deveria tê-lo posto de sobre aviso.

— Faço-o por você.

— Por mim? — perguntou apontando-se com um dedo que tremia pela fúria — Isso que leva é sangue de frango, verdade?

— Clare, escute-me.

— Está pondo sangue de frango nos lençóis!

— Sim. Disseram-me que é um substituto muito usado para... bom, já sabe.

Clare cruzou os braços por debaixo de seu peito e entreabriu os olhos.

— Sei muito bem para que se utiliza.

— As criadas que venham trocar os lençóis procurarão provas da noite de bodas. Até esta tarde, os rumores sobre o sangue nelas ou sua ausência se estenderão por toda a ilha. Sabe tão bem como eu.

— Assim que o que quer é que sua honra siga imaculada, não?

— Por Deus! É sua honra o que me preocupa. Não quero que ninguém murmure sobre por que não há sangue nos lençóis.

— Ah! Não acredito absolutamente. É seu amor próprio o que te preocupa. Não pode suportar a ideia de que ninguém pense que carregou com uma esposa que se entregou a outro homem antes de suas bodas, verdade?

— Crê que se trata de meu amor próprio? — perguntou incrédulo.

— Sim, isso é o que acredito.

Clare entrou feita uma fúria no quarto, agachou-se e tirou um cofre que havia sob a cama no que tinha escondido todos os frasquinhos que lhe tinham dado no dia de suas bodas.

Gareth franziu o cenho quando a viu abrir o de um puxão.

— O que está fazendo?

— Quer sangue nos lençóis? — perguntou com as mãos cheias de frascos — Então a terá. De fato, encarregarei-me de que haja todo o que um homem possa desejar.

Gareth a observou inquieto enquanto Clare se aproximava irada à cama.

— Acredito que seu gênio está te fazendo perder a cabeça.

— Não, meu senhor. Asseguro-te que neste preciso momento raciocino com toda clareza — disse com um sorriso meloso e acerado antes de subir e colocar-se no centro da grande cama — De fato, arriscar-me-ia a dizer que meus sentidos jamais estiveram tão nítidos nem mais acordados que agora.

Gareth olhou a coleção de frascos com o que estava jogando.

— Então, por que tenho a impressão de que os dois vão lamentar o que está a ponto de fazer?

— Não posso imaginar — respondeu Clare, que tinha aberto o primeiro frasco e o mantinha em alto — Olhe, não é o único que duvidou de minha palavra de honra.

— Eu não duvido dela, Clare. Só trato de te proteger contra os rumores.

— Ontem à noite não falava a sério quando me dizia que confiava em mim. Estava encantado de saber que é uma excelente companhia. Aqui vai o sangue de frango que gentilmente me entregou Beatrice a anacoreta.

Clare esvaziou seu conteúdo nos lençóis. O sangue, espesso e coagulado após ter estado fechado quase dois dias, formou um repugnante atoleiro avermelhado no centro, que quase ocultou as discretas gotas que tinha orvalhado Gareth.

Este olhou o asqueroso grumo e depois voltou à vista para Clare com expressão de educada curiosidade.

— Terminou?

— Absolutamente. Acabo de começar — disse escolhendo outro frasco e levantando-o para que o visse seu marido — Aqui tem o que tão amavelmente me ofereceu a priora Margaret. Estou segura de que era de um frango muito limpo, pode ser que até virgem.

Clare o esvaziou fazendo um floreio, e o escuro sangue passou a formar parte da espantosa mancha.

Gareth cruzou os braços e se apoiou em uma coluna da cama.

— O de minha amiga Joanna — anunciou esvaziando outro — O de minha leal faxineira Eunice — assegurou com sorriso forçado enquanto o abria para acrescentar mais sangue à roupa de cama — E finalmente, embora não por isso menos importante, o de minha antiga babá, Agnes.

Clare seguia completamente indignada após acabar com o último frasquinho e lançou a Gareth um olhar de desafiante triunfo.

— É suficiente para satisfazer sua honra?

Gareth contemplou o enorme e horripilante atoleiro que empapava os lençóis.

— Não estou seguro do que queria conseguir com isto, mas algo ficou muito claro. Ninguém que veja estes lençóis pensará que ontem à noite fiz amor com uma virgem.

— E o que pensarão?

— Que a matei.

— Meu Deus! — exclamou olhando o horrível caos que tinha formado. Voltou para a realidade com a velocidade de um raio. Ficou petrificada no meio da cama e levantou os olhos com gesto de impotência para olhar Gareth.

Este sorriu.

— Por Santa Hermione! O que tenho feito?

O cinza cristal dos olhos de Gareth brilhou com crescente júbilo.

— Não é nada divertido, Lobo Sanguinário. É um desastre. Como vou explicar que haja tanto sangue?

O sorriso de Gareth se converteu em uma careta.

— Gareth, me ajude. Advirto-lhe isso...

Este começou a rir.

Indignada de novo, pegou um dos travesseiros perfumado com ervas e lançou. Deu-lhe no peito e Clare pegou um segundo projétil.

A risada de Gareth se transformou em uma gargalhada a pleno pulmão. Foi um som que surgiu do fundo de seu peito e saiu com a força de uma cascata.

Clare abraçou o travesseiro contra seu peito e o olhou. Era a primeira vez que o via rir.

O glorioso ruído ricocheteou nas paredes de pedra e ecoou no quarto. Gareth descruzou os braços, agarrou-se a uma coluna com uma mão e fez uma reverência sem deixar de rir.

Clare inclinou a cabeça para um lado e o contemplou com crescente incredulidade.

— Gareth, está bem?

Suas gargalhadas aumentaram e suas largas costas tremeram.

Clare franziu o nariz.

— Não é nada gracioso.

Outro ataque de risada respondeu suas palavras.

— Cale-se — pediu olhando nervosa para a porta — Poderiam te ouvir.

Gareth apoiou o antebraço contra a coluna e uivou de risada.

Clare começou a sorrir muito a pesar dele. Por alguma razão, a visão de Gareth dando risadas era estranhamente gratificante.

— Alegra-me que tudo isto te divirta tanto. Duvido muito que todos esses valentes frangos que morreram por minha honra se divertiram tanto como você.

— Não — Gareth levantou a cabeça para olhar, mas não pôde conter outra gargalhada — Seguro que não o fizeram, mas se lhe tivessem visto neste interessante dilema, teriam se sentido melhor. Juro que certamente esses pobres frangos teriam se sentido vingados.

Clare grunhiu.

— O que vai fazer? É uma situação horrível. Todo mundo falará disso. Não posso explicá-lo. O que pensará a gente?

— Que a proprietária de Desejo tem uns gostos muito exóticos na cama.

Clare franziu o cenho.

— Recordo-te que está tão metido nisto como eu.

— Sim, já sei.

— Talvez pensem que me fez algo horrível ontem à noite... E lhe culparão disso.

— Duvido. Imagino que quem troca os lençóis se dará conta de que é sangue de frango assim que o veja.

Clare grunhiu.

— A gente pensará que foi uma forma pouco competente de me fazer passar por virgem, não?

— Sim, é o mais provável. Neste tipo de questões, como em muitas outras nesta vida, a discrição e a moderação são as chaves do êxito.

Clare se deixou cair e se sentou aos pés da cama. Encolheu-se pondo as pernas contra o peito e apoiou a bochecha na mão. Observou pensativa o triste espetáculo que oferecia a cama.

— Ficarei como uma idiota, verdade?

Gareth esboçou um sorriso, seus olhos seguiam brilhando.

— Sim. Certamente esta história se converterá em um animado tema de conversa para nosso povo durante os próximos meses; pode ser que durante os próximos anos.

— Por Santa Hermione e sua...!

Gareth levantou uma mão.

— Por sua virgindade não, rogo-lhe isso! Algo menos isso!

— Por suas santas sobrancelhas! É a situação mais humilhante de toda minha vida.

— Não, minha senhora. Espero que isso te aconteça quando te vir obrigada a te enfrentar a um salão cheio de gente esta noite, durante o jantar.

Clare estremeceu em apenas pensar.

— O que vamos fazer?

— Vamos? — perguntou Gareth arqueando uma sobrancelha.

— Toda a culpa é tua! Se não me tivesse feito perder os estribos, isto não teria ocorrido.

— É possível — disse Gareth com surpreendente amabilidade — Possivelmente este é o momento de começar a te demonstrar todas as minhas virtudes como marido.

Clare levantou a cabeça.

— O que quer dizer? O que vai fazer?

— Urdir outro engano — respondeu Gareth dirigindo-se para o corredor que levava ao quarto contíguo — Desculpe-me, volto em seguida.

— O que está fazendo? — gritou Clare.

— Tenha paciência. Já o encontrei! Este trapo virá às mil maravilhas.

Clare observou inquieta Gareth quando este retornou com uma enorme parte de tecido na mão.

— Em primeiro lugar, secarei o excesso de sangue de frango — afirmou enquanto começava a esfregar com o tecido.

— Mas com isso não tirará esta enorme mancha!

— Não — respondeu Gareth, que acabou sua tarefa e apertou a empapado tecido até convertê-lo em uma bola — Mas ao menos a marca que ficou nos lençóis já não se identificará tão facilmente com os restos de vários frangos mortos. Agora é uma simples mancha avermelhada que bem poderia ser de sangue humano.

— De verdade o crê? — perguntou Clare cética — Acreditava que tinha que ser muito menor. Esta é monstruosa!

— Sim, igual a isto — conveyo Gareth enquanto abria o cofre que continha seus objetos pessoais. Extraiu um saco de lona e meteu nele o ensanguentado trapo — Desfaremo-nos desta prova durante nosso passeio matinal pelos escarpados.

— É um plano excelente! — Clare se alegrou momentaneamente, mas depois voltou a inundar-se em uma profunda inquietação — E o que fazemos com o enorme sinal que ficou nos lençóis?

— Certamente provocará comentários — opinou Gareth enquanto procurava dentro do cofre — Se não encontrarmos uma explicação apropriada, a gente pensará que fui torpe e selvagem contigo.

— Não deixarei que pensem isso, não seria justo.

— Obrigado. Agradeço sua preocupação de esposa por meu bom nome.

— Não tem importância. Como vamos solucionar este problema?

Gareth se ergueu segurando uma pequena, mas terrível adaga.

— Proponho lhes proporcionar outra explicação pela quantidade de sangue que manchou os lençóis de nossa noite de bodas.

Clare olhou a adaga horrorizada e se lembrou da predição de Beatrice: «Correrá o sangue».

— Não te entendo...

— Logo o fará — Gareth se aproximou da lareira, ajoelhou-se e atizou o fogo — Uma vez li um tratado escrito por um médico árabe. Assegurava que uma faca deve esquentar-se antes de utilizá-la em qualquer tipo de operação.

— Gareth! — exclamou Clare levantando-se alarmada — Não! Não pode...!

— Se acalme, não doerá.

— Não te permitirei fazê-lo! — gritou Clare dirigindo-se para ele para detê-lo.

Muito tarde. Em um abrir e fechar de olhos, Gareth afastou a adaga das chamas e, rápida e limpamente, fez-se um corte no antebraço.

Clare levou uma mão à boca ao ver brotar o sangue da profunda ferida.

— Por Santa Hermione!

Gareth levantou a vista.

— Não tem por que preocupar-se, Clare, é só um arranhão. Tive feridas piores, asseguro-lhe isso.

— OH, Gareth!

— Agradecer-te-ia que fosse ao outro quarto e me trouxesse uma parte de linho limpo que pudesse usar como atadura.

— Gareth...

— Que seja grande — acrescentou — Quero que todo mundo veja a bandagem.

— De acordo.

— Depressa, por favor. Não quero manchar nada mais que os lençóis.

Clare se liberou da paralisia que a atendia. Girou sobre si mesma e pôs-se a correr para onde lhe indicou Gareth. Encontrou o que procurava e voltou imediatamente para o dormitório.

Pegou um pote de unguento de ervas de uma estante e se aproximou rapidamente de Gareth, que lhe esperava na cama.

— Como pôde fazer algo assim? — gemeu enquanto lhe limpava o sangue do braço — O que vai dizer às pessoas?

Gareth se encolheu de ombros.

— Que tive um acidente com minha adaga.

Clare o olhou cética.

— Seriamente espera que o creiam?

— Farão se os dois derem a mesma versão — disse Gareth lhe piscando um olho com cumplicidade — Tem que me dar sua palavra de que não a exagerará nem alterará de nenhuma forma. Sobre tudo, não deixe que te invada a honradez e confesse a verdade. Deixa que eu me ocupe de tudo. Entendeu bem?

Clare notou o suave, mas inflexível tom imperativo de suas palavras e reagiu sem pensar.

— Sim, senhor.

— Perfeito.

— Isto é horrível — sussurrou olhando a ferida — Não deveria ter feito uma coisa semelhante por mim.

— Não é nada.

— Sim, é muito — disse Clare aplicando o unguento de ervas no profundo corte — Juro que é o mais nobre, o mais galante e o mais glorioso ato de cavalheirismo que alguém já fez por mim.

As comissuras dos lábios de Gareth esboçaram um leve sorriso enquanto contemplava como Clare lhe curava o braço.

— Como seu senhor e marido, estou muito contente de poder servir a minha senhora.

— É muito generoso — elogiou-o Clare envolvendo a ferida com a parte de linho — Sempre estarei em dívida contigo. Como poderei te pagar um gesto tão nobre?

— Estou seguro de que algo me ocorrerá.

Capítulo 10

Ulrich estudou a bandagem de roupa que a manga recolhida da túnica cinza de Gareth deixava totalmente ao descoberto.

— São perigosas as adagas, não é certo?

— Sim. — Gareth apoiou as mãos na mesa e se inclinou para diante para examinar o desenho da ilha Desejo que tinha estendido ante ele — Fez um excelente trabalho com este desenho, Ulrich.

— Obrigado — agradeceu esboçando um sorriso — Tenho-o feito rapidamente a partir das notas que tomei durante os três últimos dias. Irei melhorando à medida que vá me familiarizando com a ilha.

— Estou satisfeito. O mapa nos será muito útil para planejar a defesa.

— A julgar pelas intrigas que circularam toda a manhã por esta mansão, possivelmente deveria preparar uma defesa contra sua mulher.

Gareth deixou de olhar o mapa de pergaminho.

— Foi um acidente, Ulrich.

— Sim. O que você diga.

— Estava entretendo a minha esposa, ensinando a ela alguns dos truques que faço com a adaga, e a maldita escorregou.

— Truques com sua adaga? — Ulrich o olhou pensativo — No leito nupcial?

— Sim.

— Às vezes ocorrem acidentes.

— Sim.

— É um costume local de Desejo fazer malabarismos com as adagas na cama? — perguntou educadamente Ulrich.

— É o costume de um homem que tomou muitas taças de vinho.

— Nunca te vi beber a quantidade de vinho suficiente para te voltar descuidado com sua adaga.

— Tampouco me tinha visto casado.

— É certo.

— Há uma primeira vez para tudo, Ulrich.

— Possivelmente isto explica as risadas que dizem que se ouviram no quarto nupcial esta manhã cedo.

— Risadas? — Gareth deu a seu amigo um olhar zombador.

— Risadas de homem, ou isso dizem as fofocas, o suficientemente fortes para que as ouvisse um par de faxineiras que estavam fora de seu dormitório.

Gareth se encolheu de ombros.

— Os serventes têm tendência a mexericar. — voltou a olhar o mapa.

— E você, evidentemente, não sabe nada dessas risadas — insistiu Ulrich.

— Não.

— Nunca te ouvi rir de nada em toda sua vida.

Gareth ignorou o comentário.

— A maior parte de Desejo está fortificada de forma natural pelos escarpados.

— Sim.

— O único lugar onde se pode desembarcar é no porto da aldeia.

— Sim. Entretanto, vi que há um par de pequenas baías neste lado da ilha que ficam justo frente ao canal de Seabern. — Ulrich assinalou os pontos com o índice.

— Poderia atracar um barco em algum dos dois lugares?

Ulrich olhou o mapa.

— Possivelmente um pequeno bote de pesca, embora subir até o alto do escarpado já não seria tão fácil. Definitivamente, em nenhuma das duas baías poderia desembarcar um destacamento de homens a cavalo, de modo que não há motivo de preocupação.

— Normalmente, são pequenas coisas as que fazem que um homem tropece e caia.

Os olhos de Ulrich o olharam divertido.

— Pequenas coisas como as adagas?

— Sim. A ilha tem alguma outra característica interessante?

— O jovem William é muito observador. Disse-me que há algumas covas nos escarpados, perto de uma das baías.

Gareth franziu o cenho.

— Poderiam se esconder armas ou homens?

— Não. Ao menos não por mais de umas horas. William diz que quando sobe à maré, as covas se alagam de água.

— Bem. — Gareth olhou o mapa — Voltemos para o tema desta casa. O velho muro de madeira é débil e se curva em muitos pontos. Devemos substituí-lo.

— Não há pressa. Desejo nunca sofreu uma invasão e não parece que vá sofrer nenhuma próximo.

— Prefiro tomar precauções

— Sim, sempre o faz... Exceto na cama, ao que parece.

Gareth pôs cara de chateio.

— Quero substituir ao velho muro por um de pedra.

— Teremos que contratar pedreiros, e duvido que em Desejo haja algum disponível.

— Podemos trazer de Seabern. Manda um homem antes possível para se ocupar do tema.

— Sim, senhor.

Gareth deu um último olhar ao mapa.

— Uma fortaleza natural. Viemos a uma boa terra Ulrich. — enrolou o mapa — Uma boa terra.

— Diz-se que esta manhã havia uma mancha de sangue muito grande nos lençóis nupciais — murmurou Ulrich — Muito mais sangue do que caberia esperar depois das atividades normais de uma noite de bodas.

— Grande parte do sangue era de minha ferida, a maldita sangrava como um frango degolado.

Ulrich sorriu.

— Gareth, você e eu somos como irmãos há mais de dez anos, pode me contar a verdade.

— Sobre o que?

— Sobre seu pequeno acidente com a adaga. O que aconteceu na realidade? É verdade que sua mulher se sentiu ofendida por sua forma de amar e tentou te rechaçar com sua própria adaga?

Garreth franziu o cenho.

— Isso é o que contam as intrigas?

— É um dos rumores que correm — respondeu Ulrich arqueando as sobrancelhas — Há outros, mas este é o mais interessante. Se eu soubesse a verdade, poderia sossegá-los. — Gareth se encontrou com o olhar faiscante de seu amigo.

— Estou te contando à verdade, foi um acidente.

— Por Deus, que sou seu velho companheiro de armas! Recorda? Sei como dirige as armas, e não espere que creia que cortou o braço acidentalmente com sua própria adaga enquanto jogava a fazer de malabarista na cama.

— Como você mesmo disse, os acidentes ocorrem. — Gareth fez uma pausa — Especialmente no leito nupcial.

Ulrich voltou a protestar baixo.

— Bem, se assim o quer, assim o terá.

Um golpe na porta interrompeu Gareth antes que pudesse responder.

— Adiante.

A pesada porta de madeira se abriu lentamente para desvelar as caras ansiosas, mas decididas de William e Dallan.

— Bom dia, senhor — disse William. Levava uma pequena parte de bolo de carne na mão.

— Bom dia. — Gareth deu uma olhada ao bolo. William o ocultou rapidamente atrás das costas e olhou inquietamente a Dallan. Estava claro que esperava que seu companheiro lhe ajudasse.

Dallan tragou saliva. Tinha gotas de suor na testa e abria e fechava os punhos entre as dobras da túnica.

— Viemos para falar com você, senhor. — Olhou diretamente a Ulrich — Em privado.

Gareth olhou Dallan. O trovador estava claramente apavorado, mas não fugiria da confrontação. Segundo a experiência de Gareth, só havia uma coisa que podia fortalecer a débil coragem de um homem até tal ponto: uma mulher.

— Entendo que esta conversa será sobre lady Clare, verdade? — perguntou em voz baixa.

Dallan pestanejou várias vezes rapidamente.

— Sim, senhor.

William olhou fixamente Gareth.

— É verdade que a noite passada lhe fez um corte no braço com uma adaga porque você tentava lhe fazer mal, senhor?

Gareth se deu uns golpes na coxa com o mapa enrolado.

— É o que ela lhes contou?

— Não, senhor — começou William com entusiasmo — Ela diz...

— A senhora diz que foi um acidente — interrompeu Dallan — Afirmo que você a estava distraíndo com uns jogos de malabarismo e que a adaga escorregou e lhe fez um corte no braço. Mas eu não acredito.

— O que você crê que ocorreu?

— Acredito que você a atacou e ela se viu obrigada a defender-se. Contou-nos muitas vezes que não gosta dos cavalheiros grandes, arrogantes e dominantes. Diz que são torpes mal educados, e que não têm a alma dos poetas.

Ulrich pigarreou.

Gareth manteve o olhar fixo em Dallan.

— Dúvida da explicação de sua senhora sobre minha ferida?

Dallan fechou os punhos. Seus olhos anti-sociais e ressentidos refletiam medo, mas não voltou atrás.

— Acredito que tem medo de nos alarmar com a verdade, senhor. É como se tentasse proteger William e a mim.

— Lhes proteger do que? — perguntou Gareth.

— De você — apontou William — Dallan diz que estamos arriscando nossas vidas vindo falar deste modo com você. Diz que se zangará, mas que devemos fazê-lo para proteger lady Clare.

Gareth deixou o mapa, apoiou-se na mesa, cruzou os braços e, por um momento, refletiu em silêncio. Ninguém se moveu. O mutismo se impôs na sala.

— Não estou zangado — disse finalmente.

William suspirou aliviado e sorriu.

— Eu não acreditei que se zangasse. — tirou a parte de bolo de carne escondido e comeu um bom bocado — Disse ao Dallan que certamente você não tinha feito mal a Clare.

— Agradeço a confiança que tem em mim — disse Gareth — Como está tão seguro de que não fiz mal a sua senhora?

William mastigou.

— Eu vejo que está bem, com seu bom humor habitual. Agora mesmo está na oficina, como cada tarde.

— Excelente raciocínio, William — aprovou Ulrich.

William se vangloriou.

— Lady Clare diz que sou muito inteligente.

— É certo — confirmou Gareth — Não fiz mal a sua senhora ontem à noite. — olhou Dallan. — Entretanto, nosso trovador não está de acordo. O que propõe Dallan? Desafia-me a um combate?

William o olhou estupefato.

— Um combate? — chiou.

— Por que não? — Gareth olhou o rosto de Dallan — Assim é como se solucionam os assuntos quando está em jogo a honra de uma dama. Prefere espadas ou adagas, Dallan?

Dallan o olhou como se estivesse a ponto de enjoar.

— Senhor, eu... É que minha senhora nunca me deixaria lutar contra você.

— Não precisa perguntar a Clare sobre este tema — indicou Gareth — É um assunto entre homens, verdade?

— Bom...

— Eu prefiro as espadas. — Gareth lançou uma olhada à bandagem do braço — Como pode ver, careço de habilidades com a adaga. Tive um ou outro acidente.

Dallan empalideceu.

— Está burlando de mim, senhor.

— Ah, sim?

— Eu não posso lhe desafiar — balbuciou Dallan — Matar-me-ia em um segundo.

— Tem razão — afirmou Gareth — Você é mais torpe com a espada que eu com a adaga. Possivelmente deveríamos remediar isso.

A expressão de Dallan foi como a de uma lebre que vê que o falcão se equilibrando sobre ela.

— O que quer dizer?

— Não trouxe muitos de meus homens para defender esta ilha — explicou Gareth — Nem todos quiseram abandonar o lucrativo negócio de capturar bandidos para converter-se em jardineiros. Nem meu escudeiro, Bradford, quis me acompanhar a Desejo.

— Suponho que capturar bandidos é muito emocionante — disse William com ar pensativo.

— Não, é um trabalho como qualquer outro, embora admita que seja mais perigoso que outras profissões — respondeu Gareth — E não posso negar que está bem pago se for competente. Mas ocorre o mesmo com a elaboração de perfumes.

— Sim. — William o olhou vacilando ante aquela equiparação de ofícios.

— Entretanto, não são os assuntos econômicos de Desejo o que mais me preocupa — continuou Gareth —, já que disso se encarrega lady Clare. Eu devo velar pela segurança destas terras e da gente que vive nelas e, para ter uma boa defesa é necessário que todos os homens desta casa aprendam a usar as armas.

— Lady Clare diz que os cavalheiros e os homens de armas são um aporrinho — arguiu William.

— Sim. — Dallan pareceu recuperar a ousadia — A lady Clare não interessam os homens que ganham a vida com a espada. Diz que seu irmão, Edmund, morreu por causa de sua paixão doentia pelos torneios. Para ela, estas atividades são estúpidas, e acredita que os homens que se dedicam a elas não estão bem da cabeça.

Ulrich sorriu friamente a Dallan e a William.

— A sua senhora possivelmente não goste dos guerreiros, mas foi bastante hábil para escolher um marido que acreditou capaz de defender suas terras e a sua gente.

— Não teve outra opção — balbuciou William.

Gareth lançou um olhar irônico a Ulrich. Era certo e ambos sabiam. Entretanto, por alguma razão, aquela manhã Gareth descobriu que não gostava de ouvi-lo dizer em voz alta.

— Sejam quais sejam as razões — seguiu Ulrich —, parece que lady Clare sabe como tirar proveito de um homem que sabe dirigir a espada.

William comeu outra parte de bolo.

— Minha mãe diz que lady Clare sempre antepõe suas obrigações para com seu povo a qualquer outra coisa.

— É uma pena que lady Clare tenha que sacrificar-se por nós — comentou Dallan de forma insolente — Não é justo!

— Já basta — disse Gareth — O feito, feito está. Só fica ganhar minha manutenção e isso é o que penso fazer.

Dallan perguntou com cautela.

— O que quer dizer?

— Como disse, para defender estas terras é necessário treinar adequadamente a todos os homens sãos desta casa.

William seguia mastigando.

— Além de você e seu homem de armas, não há nenhum outro homem capaz nesta casa, senhor.

— Você parece estar em forma, William — disse Gareth — Quantos anos têm? Dez?

— Sim.

— Então já é hora de que comece um treinamento de cavaleiro. Quando eu tinha sua idade, já praticava regularmente com a lança e a espada.

— Eu? Um cavaleiro? — William agarrou ar e se engasgou com uma parte de bolo — Não, senhor, não é possível. — começou a tossir.

Ulrich cruzou a habitação e deu um tapinha nas costas de William.

— A primeira coisa que deve aprender um futuro cavaleiro é comer sem engasgar-se.

Os olhos de William se umedeceram. Resmungou, recuperou-se e conseguiu engolir o bolo. Respirou entrecortadamente.

— Lady Clare e minha mãe nunca permitirão que me treine para ser um cavaleiro.

— Por que não? — perguntou Gareth.

— Porque sou débil.

Dallan olhou Gareth.

— Tem razão. Nunca permitirão que o pequeno William pratique estas técnicas.

— Lady Clare e lady Joanna não devem preocupar-se com o treinamento de William.

Estas questões são minha responsabilidade. — Gareth olhou Dallan de cima abaixo. — E você? Qual foi seu treinamento?

— Como?

— Aprendeu alguma coisa útil antes de pegar a harpa e começar a compor baladas irritantes sobre jovens cavalheiros que traem seus senhores?

Dallan o olhou apavorado.

— Meu anterior senhor era um erudito.

— Um erudito?

— Sim. — Os olhos de Dallan foram de um lado a outro como se estivessem procurando um lugar onde esconder-se — Criou-me para lhe ajudar em seus estudos.

— Era um cavalheiro? — perguntou Gareth.

— Sim, e um grande cavalheiro. Inclusive foi às cruzadas, mas acreditava que não havia motivo para me ensinar as habilidades cavaleirescas. — os lábios de Dallan tremeram — Disse que eu era um débil torpe e que não valia a pena me ensinar esse tipo de artes.

— Criou-te na casa de um erudito?

— Sim. — Dallan secou o suor da testa com a manga.

— Seu pai te mandou para viver na casa do erudito? — indagou Gareth.

— Meu pai nem sequer sabe que existo — particularizou Dallan baixando o braço — Não sei como se chama. Sou um filho bastardo, senhor.

Gareth se encontrou com o olhar furioso e angustiado de Dallan e compreendeu tanto o medo como a fúria que sentia o jovem.

— Parece que você e eu temos algo em comum.

Era evidente que Dallan não queria escutar aquelas palavras.

— Pelo menos você sabe o nome de seu pai. Thurston de Landry é um grande senhor. Eu não sei nada do homem que me engendrou, exceto que era um cavalheiro a caminho de um torneio, que encontrou minha mãe só em um campo, raptou-a e a deixou grávida. Seguiu seu caminho e nunca voltou por nós.

— Não é o único produto deste tipo de relações — assinalou Gareth — Deve encontrar seu lugar no mundo. Como mínimo terá a satisfação de saber que tudo o que consiga o fará por ti mesmo. Descobrirá que para um bastardo é muito útil saber dirigir uma espada.

— Tenho intenção de viver como trovador, ou possivelmente como erudito — replicou Dallan — Não quero fazer carreira partindo cabeças nem liderando as batalhas de outros homens.

Gareth captou o olhar de Ulrich.

— Parece que a má opinião de lady Clare sobre os homens de armas se estendeu por toda a casa.

O sorriso de Ulrich apareceu e se apagou.

— Isso parece.

— Veremos se pode fazer que mude de opinião.

— Seguro que encontrará a maneira — manifestou Ulrich —, como sempre.

Gareth voltou a centrar sua atenção em Dallan.

— Foi sua mãe que arrumou para que lhe acolhessem na casa do erudito que mencionou?

Dallan negou com a cabeça. Em seus olhos voltou a aparecer aquele olhar inflamado.

— Minha mãe me queria nunca me teria jogado de casa, mas morreu quando eu tinha oito anos. Ao pouco tempo, minha tia me vendeu a meu senhor, quero dizer, a meu anterior senhor.

Gareth franziu o cenho.

— Vendeu-te?

— Sim — sentenciou Dallan apertando os lábios. — Ele me trocou por umas moedas de ouro. Queria a um menino são e inteligente para lhe ensinar a ser seu ajudante.

— Esse erudito... — disse lentamente Gareth —, era um professor severo?

Dallan estremeceu como se lhe tivessem dado um açoite.

— Ele não tolera... Quero dizer, não tolerava nenhum engano.

— Está em Desejo porque escapou de sua casa? — perguntou tranquilamente Gareth.

— Não. — Dallan parecia muito assustado — Não, não escapei. Sempre obedecia as ordens de meu senhor. — seus olhos mostravam uma expressão fria — Sempre. Mas ele nunca estava satisfeito. Nunca. Não podia lhe agradar apesar de tentar fazê-lo o melhor que podia. Dava igual o que fizesse, não podia lhe agradar.

William tocou o braço de Dallan com um gesto torpe.

— Dallan, recorda o que disse lady Clare.

— Sim. — Dallan respirou profundamente. Seus olhos voltaram a enfocar-se.

— O que disse lady Clare? — perguntou Gareth.

Dallan pôs cara de poucos amigos. O medo de seus olhos tinha desaparecido.

— Não é importante.

— Disse que Dallan devia recordar que agora estava a salvo — explicou William — Quando chegou aqui não podia dormir a noite e estava muito nervoso.

— Isso não é verdade! — disse Dallan entre dentes.

— Sim, sim é verdade. — William se girou para Gareth — O pobre Dallan pulava ao mínimo som. Um dia eu lhe surpreendi na entrada do estúdio de Clare e quase desmaiou, é verdade ou não, Dallan?

— Cale-se! — Dallan se voltou furioso para William — Já é suficiente! Minha saúde não é assunto de lorde Gareth.

— Sim é meu assunto — replicou Gareth —, da mesma forma que é meu assunto o estado de saúde de todos os homens que estão a minhas ordens. Só os homens são podem desempenhar corretamente suas tarefas.

— Minha saúde é excelente — esclareceu Dallan levantando o queixo em um desafio — E eu não estou a suas ordens.

— Sim está, igual está William. — Gareth se separou da mesa — O primeiro que temos que fazer é avaliar seu nível. Ulrich, leve a estes dois futuros cavaleiros ao pátio e inicia-os em sua carreira. William e Dallan devem começar imediatamente a praticar com as armas.

— Sim, senhor — disse Ulrich dedicando um sorriso a William. — Está preparado, moço? William parecia deslumbrado.

— Vou aprender a utilizar uma espada?

— Exato. — Ulrich passou ao lado de William e lhe alvoroçou o cabelo. — E também aprenderá a cuidar da armadura e do cavalo de guerra para defender seu lar. Crê que desfrutará aprendendo-o?

— Sim! — William o olhou com admiração — Desfrutarei muito!

— Então andando. — Ulrich olhou Dallan — Você também, trovador.

— Não, não nos podem forçar a aprendê-lo. — Dallan lançou um olhar desesperado a Gareth — Lady Clare nunca o permitirá.

O entusiasmo se desvaneceu nos olhos de William.

— Tem razão, senhor. Lady Clare nunca nos permitirá começar um treinamento para ser cavaleiros.

— Lady Clare queria um marido que se encarregasse de defender sua ilha — respondeu Gareth —, e tem um que o pode fazer. Confio em que terá o suficiente sentido comum para me deixar cumprir minha tarefa.

— Clare, de verdade está bem? — Joanna levantou a vista do ramallete de lavanda e hortelã que estava atando com uma corda.

— Claro que estou bem! — Clare ficou nas pontas dos pés para pendurar outro ramallete de ponta para baixo no varal.

O comprido abrigo onde estavam trabalhando ela e Joanna era uma das oficinas construídas contra o muro. Estava cheio de ramos de flores e ervas em distintas fases de elaboração. A maioria, como os de lavanda e hortelã, os estava deixando secar. Uma vez terminado este processo, seriam transformados em perfumes seguindo as fórmulas de Clare.

Algumas das complexas mesclas feitas a base de flores e ervas secas se utilizariam para preencher bolsinhas para os armários. Outras as introduziriam em pequenos frascos desenhados para perfumar as habitações e outras as combinariam com azeite e mel para elaborar perfumes, loções e bálsamos.

Clare adorava o secador. Frequentemente passeava por aquele abrigo como fazia pelo jardim, desfrutando de uma fragrância após outra. Adorava fechar os olhos em meio dos ramos cheirosos e criar perfumes mentalmente, da mesma forma que Dallen compunha baladas. Ao fundo do abrigo havia um recipiente de tamanho considerável onde se mesclavam em grandes quantidades as flores e as ervas secas seguindo as instruções de Clare.

Hoje, o recipiente estava cheio de pétalas secas de rosas prematuras, lavanda, hortelã e romeiro. Clare ainda estava pensando na mescla, deliberando se devia acrescentar azeite de canela ou azeite de cravo para fixar a fragrância.

Uma vez tomada à decisão, os materiais secos se introduziriam em milhares de pequenas bolsas graciosamente bordadas e, em poucos dias, levá-las-iam a feira da primavera de Seabern, junto com o novo lote de sabões que estavam terminando. Os venderiam a comerciantes.

— Estive preocupada com você — disse Joanna.

— Por quê? — Clare pendurou outro ramalhete de lavanda em um gancho do varal.

— Toda a manhã correu rumores pela casa. E seguro que a esta altura já chegaram ao povoado.

— Sou consciente de que todo mundo está ansioso por conhecer os detalhes de minha noite de bodas — balbuciou Clare —, mas não tenho intenção de falar disso. Há assuntos que só concernem ao marido e à mulher.

— Clare, deve saber que não é normal que o marido apareça com uma atadura no braço a manhã depois de suas bodas. — Joanna lhe lançou um olhar de exasperação — O que aconteceu realmente ontem a noite?

— Foi um acidente.

— Realmente utilizou a adaga do Lobo Sanguinário para tentar te defender de seu abraço?

— Não, é claro que não. É isso o que dizem os rumores? — perguntou Clare.

— Sim — suspirou Joanna — Sabia que não te fazia muita graça cumprir com os deveres de esposa, mas não pensei que faria algo tão atroz como apunhalar a seu marido na noite de bodas. Como ocorreu?

— Não o fiz.

— Lorde Gareth deve estar muito zangado com você. — Joanna estremeceu ao pensar — É um milagre que não te golpeasse. — em seu rosto se desenhou uma expressão de alarme — Ou sim o fez?

— Não seja ridícula, Joanna! Parece que me tenham batido?

— Não.

— Crê que eu toleraria tal atitude?

— Não, mas é um homem forte, Clare, muito mais forte que você.

— Não esqueça que no passado já soube como me defender de homens fortes.

— Sim, mas lorde Gareth não é um néscio como sir Nicholas.

— E por isso estou muito agradecida. — Clare deu um olhar por cima do ombro — Joanna, a noite passada não utilizei a adaga de meu marido contra ele. Não houve necessidade. Sir Gareth teve um comportamento do mais cavalheiresco.

Clare se sentiu reconfortada ao pensar que Gareth tinha se feito um corte no braço para protegê-la da humilhação e da fofoca. Nunca um homem tinha feito algo tão cavalheiresco por ela, nem sequer Raymond de Coleville.

Era injusto que Gareth fosse objeto de tanta especulação e falatório. Depois de sua nobre ação, merecia algo melhor embora, por desgraça, não podia contar a Joanna.

— Um acidente fazendo malabarismos — murmurou Joanna.

— Sim.

— Perdoe Clare, mas custo acreditá-lo.

— Pergunte você mesma a lorde Gareth se não me crê.

— Sabe perfeitamente que eu nunca poderia fazer tal coisa. Não cabe dúvida de que, se o fizesse, ele confirmaria sua versão da história, da mesma forma que você está confirmando a sua. Por alguma razão vocês dois parecem ser um só neste assunto.

Joanna tinha razão, pensou Clare. Mais razão da que Clare imaginou até aquele momento. De algum modo, intencional ou não, Gareth tinha conseguido ganhar Clare com um comportamento completamente inesperado.

Os dois compartilhavam um segredo, um segredo do mais íntimo. Um segredo que, em certo sentido, era tão íntimo como a maneira em que ele a havia tocado a noite anterior.

Clare ficou imóvel, com a mão fria acariciando um ramalhete de lavanda e rosas. Olhou, sem reservas, as fileiras de flores e ervas que penduravam do teto.

Pareceu-lhe evidente que Gareth sabia o que fazia quando se fez um corte no braço por ela. Ao melhor tinha planejado tudo, inclusive a forma em que mudariam os sentimentos dela com respeito a ele.

Clare recordou que era muito bom calculando cuidadosamente cada passo. Entretanto, até sendo consciente disso, aquele gesto em particular tinha sido muito galante. Além disso, não pôde tê-lo planejado, pensou. Era impossível que Gareth conhecesse a existência dos frascos de sangue de frango que lhe tinham dado no dia de suas bodas. Ele tinha ido ao leito conjugal com seu próprio equipamento.

Outro gesto calculado e, decididamente, muito bem planejado. Que honra o preocupava mais, a dela ou a sua própria? Clare duvidou. Sabia muito pouco sobre o Lobo Sanguinário.

— Pela túnica de Santa Hermione! — disse entre dentes — Tudo era tão confuso!

Joanna olhou para fora.

— Ah! Aí está William. Vai para os estábulos, acredito. Ultimamente passa muito tempo com os homens de Gareth, Clare, estou preocupada.

— Já sei, Joanna, mas não acredito que seja nenhum problema.

— Dallan está com ele... Pergunto-me o que tramarão.

— Não tenho ideia.

— Ai, Deus! — Joanna afastou a lavanda e se levantou.

— Joanna, o que ocorre?

— Ranulf e sir Ulrich deram um escudo a William e a Dallan. — Joanna estava de pé na entrada, com a mão no pescoço — E espadas de madeira! Clare acredito que vão ensiná-los a manejar as espadas.

— Acalme-se, Joanna. Provavelmente Ulrich e Ranulf só lhes estejam mostrando o equipamento. Sabe que William se interessa muito por este assunto.

— Sim, bom, o seu trovador não se interessa e também está aí fora.

— Seriamente? — Clare esfregou as mãos, foi para a porta do abrigo e deu uma olhada no pátio ensolarado.

Não cabia dúvida sobre o que estava acontecendo. William e Dallan estavam de pé, agarrando os escudos e as espadas de madeira. William parecia ansioso, Dallan, zangado e ressentido.

Clare viu Gareth passeando pelo pátio para contemplar a lição.

Ranulf levantou o escudo e falou com William, que, a sua vez, levantou com entusiasmo a espada de madeira e deu um golpe feroz ao escudo de Ranulf.

Joanna gritou. Voltou-se e olhou angustiada.

— É óbvio que lorde Gareth ordenou que William e Dallan treinem com as armas. Deve detê-lo, Clare, por favor.

— Não acredito que os faça algum dano, Joanna.

— Meu filho é muito fraco para este treinamento. Deve pará-lo já!

— Mmmm...

— Clare, faz algo, é a senhora desta casa! Diga que deixem de fazer tolices perigosas.

Clare olhou Gareth com a desagradável sensação de que a situação tinha escapado de suas mãos.

Era um fato que confirmava repentinamente sua decisão. Ela era a senhora de Desejo, recordou. Ela era quem dava as ordens.

— Devo falar imediatamente com Ranulf e sir Ulrich. — Clare recolheu a saia e se dirigiu a grandes pernadas para o pátio.

Capítulo 11

— Clare, tenho que falar contigo — disse Gareth quando Clare passava rapidamente por diante das escadas da casa.

Falou com voz baixa, só para seus ouvidos, embora o tom ia carregado com a gravidade de uma ordem.

Clare aparentou não tê-lo ouvido. Não se atrevia a voltar-se para lhe olhar. Seria mais fácil ignorá-lo se parecia que não o tinha visto ali nos degraus.

— Por favor, tenho que falar contigo. — desta vez a voz de Gareth tinha um tom ligeiramente ameaçador.

Clare apertou os punhos nas dobras da saia, mas resistiu ao instinto que a impulsionava a obedecer àquela ordem sutil.

— Diabo sabia que me poria isso difícil! — Gareth começou a baixar os degraus.

Clare não lhe fez o menor caso. Era sua casa e ela estava ao mando. Não tinha intenção de deixar que Gareth tomasse o controle. Entretanto, naquele momento, compreendeu exatamente como tinha chegado a ter êxito como líder. Sua voz tinha uma autoridade inata que indubitavelmente faria deter qualquer um.

Em realidade, a qualquer outra pessoa que também estivesse acostumada a mandar.

Clare pensou que ela também podia dar um ar de autoridade a suas palavras se a situação o requeria. Tinha-o feito desde que tinha doze anos.

— Ulrich! — Clare sorriu friamente enquanto Ulrich voltava a cabeça — O que está acontecendo aqui?

— Praticamos com a espada, senhora. Lorde Gareth ordenou que William e Dallan começassem seu treinamento com armas. — o olhar de Ulrith passou de Clare a algum ponto situado justo atrás dela.

Clare soube que Gareth estava cruzando o pátio para onde ela estava.

Dallan e William a olharam a ela e depois a Gareth. Não foram quão únicos deixaram o que estavam fazendo para ver o que ia ocorrer.

A decepção nublou a expressão de William.

— Lady Clare, por favor, diga que posso continuar! Irei com muito cuidado. Prometo-lhe que não sairei ferido.

Os olhos de Dallan cintilavam com satisfação vingativa. Olhou triunfante a Gareth, que quase tinha alcançado Clare.

— Sabia que não permitiria que nos obrigassem a aprender estas habilidades tão perigosas, senhora. Sempre disse que só os duros de moleira empregam suas energias em brigas e torneios.

— Por que não me consultou sobre este assunto? — Clare se deteve frente a Ulrich e lhe lançou um olhar de advertência. Gareth estava só uns passos atrás.

Tinha que atuar com rapidez ou ele tomaria a iniciativa.

Ulrich olhou por cima de sua cabeça e se encontrou com os olhos de Gareth.

— Supus que meu senhor estava a cargo destes temas.

— Lorde Gareth pode fazer o que o agrada contigo e com o resto de seus homens, mas William e Dallan formam parte de meu lar e eu me encarrego de seu bem estar.

— Sim, senhora — murmurou Ulrich. Havia um espiono de gozo em seus olhos.

— Salve-nos, senhora! — gemeu Dallan com voz lastimosa.

— Deixe-nos praticar, lady Clare! — rogou William — Eu quero aprender a usar a espada para ajudar a defender esta fazenda. Lorde Gareth diz que necessita mais homens treinados.

— Sim. — Gareth já estava ao lado de Clare — Nunca há suficientes homens bem treinados.

Alargou a mão e agarrou o braço de Clare, um gesto que os curiosos, seguramente, consideraram uma amostra de afeto do marido. Entretanto, Clare era plenamente consciente da inflexibilidade de seus dedos. Não fazia mal, mas a sujeição era firme.

— Dallan e William não estão a seu cargo — expôs. — Acredito que aqui há um mal-entendido.

O olhar de Gareth era cortês mas inflexível

— Vamos esclarecê-lo imediatamente. Se vier comigo, explicarei-lhe isso tudo.

Clare franziu o cenho.

— Duvido. Não dei minha permissão para que Dallan e William treinem com armas.

— Não, mas eu dei o meu, ou seja, que assim está bem.

Clare abriu a boca surpreendida.

— Você não tem direito A...

— Com respeito a meus direitos, acredito que é melhor que os discutamos em privado.

— Gareth olhou Ulrich — Sigam com a prática da espada enquanto explico o tema a minha esposa.

— Sim, senhor. — Ulrich se voltou para William e Dallan —: Prossigamos, moços. Temos muito trabalho que fazer se tivermos que lhes transformar em cavalheiros de proveito.

— Lady Clare! — gemeu Dallan como um cachorrinho abandonado — Não vai nos salvar?

A mão de Gareth apertou com força o braço de Clare antes que pudesse responder.

— Segue com o treinamento, trovador. Quem sabe? Se trabalhar duro talvez aprenda a te salvar sozinho de situações desagradáveis e assim não terá que se esconder nunca mais atrás das saias de uma mulher.

Dallan se ruborizou. Seus olhos brilhavam de fúria e impotência.

Gareth não lhe prestava atenção. Conduziu Clare de volta ao secador.

— Gareth, como pôde fazer uma coisa assim? — perguntou bruscamente Clare.

— É a verdade. O menino deve se fazer um homem. Neste caso, quanto antes, melhor.

— Por que diz isso?

— O jovem Dallan me disse que era um filho bastardo. Suspeito que escapou da casa onde o criaram. Está sozinho no mundo, mais só do que pensa. E é ansioso por natureza.

— Sim, mas...

— Se quer sobreviver deve aprender a cuidar de si mesmo. Pelo que ouvi de sua infeliz poesia, não pode depender de sua habilidade com a harpa para abrir caminho neste mundo.

Clare ouviu a crua convicção na voz de Gareth, que desbaratava com tino o resto de seu irado discurso.

— Sabe do que fala verdade?

— Sim. A diferença de Dallan, eu tive a vantagem de crescer na casa de meu pai. Entretanto, sigo sendo um filho bastardo e não há nada que possa mudar isso. Um homem que nasce sem nome deve fazer seu próprio nome.

A frieza de suas palavras foi muito reveladora para Clare. Gareth, efetivamente, criou-se na casa de seu pai, mas nunca havia se sentido bem recebido naquele lar.

Ela, pelo menos, sempre tinha tido a ilha Desejo, pensou. Até nos tempos mais difíceis, tinha tido um lar, um lugar onde a gente a queria e a necessitava, um lugar ao que pertencia.

Resistiu a um impulso estranho, quase irresistível de acariciar o rosto de Gareth e dizer que agora ele também tinha um lar, mas sabia que ele não agradeceria a compaixão.

— Agrada-me sua preocupação por meu trovador. Mas Dallan está a salvo em Desejo — disse com tom enérgico.

— De verdade?

— Claro que sim, e William também. Nunca houve violência nesta ilha. Nunca ninguém teve que defender nem a mansão nem o povoado. A única razão pela que precisamos uma companhia de homens armados é para proteger os envios que mandamos fora.

Gareth apertou os lábios.

— Sou consciente de que vê meu papel na ilha muito limitado. Entretanto, é meu dever protegê-la, e deve me permitir tomar as decisões relativas a estes assuntos.

Clare lhe lançou um olhar vacilante perguntando-se se o tinha ofendido de algum modo.

— Seguro que não necessita a ajuda de William e Dallan para defender a ilha.

— Quem sabe? Devemos estar preparados para qualquer situação.

— Sim, mas...

— Clare, seja razoável. O jovem William precisa fazer exercício, está em perigo iminente de morrer asfixiado por sua boa mãe, ou de transformar-se em um gordurento bolo de carne de porco.

Clare sabia que tinha razão, mas custava admiti-lo por que fazê-lo significaria abandonar a batalha.

— Não discutirei que William necessita mais atividade física — começou com severidade

— Não obstante...

— Também necessita o conselho de um homem, igual Dallan.

Aquilo era o cúmulo.

— Sei que ultimamente o jovem William se converteu na sombra de sir Ulrich, mas Dallan esteve sempre muito contente nesta casa.

— Muito. — Gareth parecia preocupado. — Acredito que o trovador está obstinado a suas saias e pula ao mínimo ruído porque seu anterior senhor o atemorizou de má maneira. Para combater esse medo, deve adquirir confiança em sua própria habilidade para defender-se sozinho.

Clare lançou um olhar contrariado. Era evidente que Gareth tinha analisado a situação com todo detalhe e estava confirmando algumas das conclusões às que ela mesma havia chegado.

Apesar disso, Clare sabia que havia outro tema muito mais importante implícito na conversa. Tinha a ver com a questão de quem dava as ordens na casa.

— Não negarei que ao William e ao Dallan iria bem o conselho de um homem — disse Clare com cautela — E estou de acordo em que o exercício oferece um grande benefício para restaurar os humores do corpo. Entretanto, não é necessário que os meninos sofram o treinamento perigoso e rigoroso de um cavalheiro.

— Estarão a salvo sob a tutela de Ulrich..

— Joanna se preocupará.

— Acostumar-se-á à situação. Não obstante, não é isso o que estamos tratando, verdade?

— Não. — Clare se deteve e se voltou para ficar frente a ele — Esclareçamos algo. Eu tomarei as decisões que afetem aos membros desta casa.

O olhar de Gareth era tão inexpressivo como o cristal de sua espada.

— Clare, compreendo que durante muito tempo se encarregou sozinha desta casa e destas terras.

— Assim é — alegou com um olhar desafiante.

— Obviamente está acostumada a carregar sozinha com as responsabilidades.

— Exato!

— Mas agora já não está sozinha.

— Não é necessário que me recorde isso — replicou —, sou perfeitamente consciente disso.

Gareth se surpreendeu.

— Foi você quem escreveu a Thurston de Landry para pedir um marido que pudesse oferecer amparo a suas terras.

— E o que? Não tive escolha.

— Acredito que já tem o que pediu.

— Não exatamente.

— Sim, é verdade, já deixou claro que eu não reúno todos os requisitos de sua maldita lista.

Clare desejou não ter falado isso.

— Não era isso o que queria dizer.

— Sim era isso, mas não importa. Muito pouca gente consegue conseguir o que quer. —

Gareth apoiou a mão no punho da espada — Devemos aproveitar o que nos mandam os ventos da sorte.

Provavelmente, tampouco ela era a esposa de seus sonhos, pensou Clare.

— Estava tratando de dizer outra coisa.

— Igual a mim. Para ser sincero, possivelmente eu não seja o que você pediu, mas sou o único marido que tem. Permita-me desempenhar minhas tarefas sem interferências.

— O que tem a ver o treinamento de Dallan e William com defender estas terras?

— Clare! — chamou Joanna.

Clare olhou para a oficina. Joanna saía pela porta do secador e corria para o pátio.

— Deve detê-los! — gritou Joanna com urgência — William ainda está jogando com aquela espada.

— Eu me encarregarei — respondeu Gareth tranquilamente.

— Joanna é minha amiga — replicou Clare — Eu me encarregarei.

— Como teu marido e senhor destas terras, devo te rogar que me apóie nisto. — de repente, o olhar de Gareth se voltou frio e inflexível — Advirto-te, por nosso próprio bem, que não me contradiga diante da Joanna.

— Por todos os Santos! Isto é muito.

— Se você e eu não estamos unidos em nossas decisões, provocaremos confusão e descontentamento entre nosso povo. É isso o que quer?

«Nosso povo.»

As palavras retumbaram nos ouvidos de Clare. Tinha que aceitar que agora os habitantes de Desejo estavam vinculados a Gareth. Sabia que tinha razão ao insistir em que, como senhor e senhora daquelas terras, deviam estar unidos.

— Pegou-me em outra de suas ardilosas armadilhas — murmurou uns segundos antes que Joanna chegasse — Tome cuidado, algum dia me vingarei.

— Já se vingou e foi uma boa vingança. Sou um marido que ainda não teve noite de bodas.

Lançou-lhe um olhar esmagante enquanto Joanna se movia ansiosamente frente a eles.

— Clare, por que não ordenou a Ulrich que interrompesse os treinamentos? — perguntou Joanna — William poderia resultar ferido a qualquer momento. Olhe como move a espada de madeira.

Clare se armou de valor.

— Lorde Gareth acredita que este treinamento fará bem a William e a Dallan. O senhor e eu discutimos o assunto e chegamos à conclusão de que ele tem razão. Eu estou de acordo com sua decisão.

— Está de acordo? — Os olhos da Joanna se abriram de puro assombro.

Clare não se atrevia a olhar Gareth. Se naquele momento o via sorrindo triunfante não estava segura de poder evitar lhe estrangular.

— Dei meu consentimento para que ensinem a William e Dallan as artes cavalheirescas — confirmou Clare — Como método para fazer exercício, claro — apressou-se a acrescentar.

— Mas você nunca aprovou este tipo de atividades, nem sequer pelo bem da saúde — insistiu Joanna — Depois da morte de Edmund, assegurou-me que não queria voltar a ouvir o som de uma lança enquanto vivesse.

Clare estremeceu.

— Naquela época estava destroçada.

— Sem dúvida, a profunda tristeza que minha esposa experimentou ao morrer seu irmão a impedia de considerar de forma objetiva os benefícios do exercício — argumentou Gareth.

Joanna parecia desconcertada.

— Certo, naquele tempo estava triste e melancólica, mas eu a ouvi dizer claramente que o treinamento de um homem para chegar a ser cavalheiro é uma idiotice.

Clare viu o brilho nos olhos de Gareth e se ruborizou.

— Naquela época, minha esposa não conhecia quão saudável é para os jovens treinar e fazer exercício — continuou Gareth — O expliquei e está impaciente por que William e Dallan comecem.

— Que benefícios? — Joanna lhe lançou um olhar suplicante — William poderia se ferir.

— Também poderia se ferir subindo a uma macieira ou caindo pelas escadas, mas não é provável — replicou Gareth com uma doçura surpreendente — Seu filho está mais seguro sob a vigilância de sir Ulrich que em sua própria cama.

— William é de constituição débil— insistiu Joanna — Este tipo de treinamento e exercício o deixará exausto.

— Um exercício devidamente fiscalizado fortalecerá sua constituição e alinhará seus humores. Vi muitos exemplos de meninos débeis cuja saúde melhorou com atividade regular e vigorosa.

— Não estou muito segura. — Joanna olhou Clare em busca de ajuda.

Clare tentou sorrir para consolá-la.

— Devemos confiar em que meu marido e sir Ulrich sabem o que fazem Joanna. Os dois têm uma grande experiência nestas questões.

— Experiência capturando bandidos, não educando a jovens — lançou Joanna desesperadamente.

— Não — respondeu Gareth — Durante anos treinei aos homens que estiveram sob minhas ordens. Igual a Ulrich. Sabemos o que fazemos.

Joanna os olhou e sua visível agitação pareceu diminuir. Não parecia muito conforme, mas se dava conta de que estava frente aos senhores feudais. De um modo estranho, parecia que aquilo a reconfortava.

— Bem, se estiverem seguros de que William não resultará ferido, suponho que estará bem provar um programa de exercícios.

— Por que não discute os detalhes do treinamento de William com sir Ulrich durante o jantar? — sugeriu-lhe Clare — Acredito que responderá a todas suas perguntas.

O rosto de Joanna se iluminou.

— Sim, farei isso. Sir Ulrich é um cavalheiro muito amável e educado. E muito culto.

— Será um exemplo excelente para o jovem William e para Dallan. — os olhos de Gareth brilhavam — Não é o típico, cavalheiro duro de moleira, mal educado e com mau caráter.

Clare elevou o olhar ao céu e pediu forças a Santa Hermione.

— Sim, é possível que sir Ulrich seja uma boa influência para William. — Joanna inclinou a cabeça com educação para Gareth — Perdoe senhor, acredito que devo ir ver o treinamento.

— Faça-o de longe — aconselhou-lhe Gareth — Se não, distrairá a atenção de seu filho e o exercício não será tão benéfico.

— De acordo.

Clare observou Joanna enquanto se dirigia para as escadas da casa para reunir-se com outros observadores que se congregaram para presenciar o treinamento.

— Bem feito — murmurou Gareth — Sei que não te resultou fácil, mas já é hora de que deixe de mimar ao menino. Não o pode proteger eternamente.

Clare entreabriu os olhos a causa do brilho da luz do sol e se voltou para Gareth.

— Desta vez te saiu bem, espero que esteja satisfeito. A próxima vez me consultará antes de tomar qualquer decisão que afete aos homens que estão a meu cargo, ficou claro?

— Agora, você e eu devemos compartilhar a responsabilidade de tomar as decisões que afetem às pessoas destas terras, Clare.

— Com maior razão deve discutir os assuntos comigo antes de tomar estúpidas decisões. Gareth voltou a agarrá-la pelo braço e a levou para o secador.

— Acredito que seria melhor acabar esta conversa em privado. Já fui objeto de muitas especulações e intrigas por hoje.

O olhar de Clare se fixou na atadura do braço. O sentimento de culpa se apoderou dela.

— Estou a par, e não sei como te dizer quanto o sinto.

— Tenta-o.

— Perdão?

— Digo que tente me dizer quanto arrependimento te tem feito sentir meu ato de sacrifício pessoal. — Gareth a fez entrar com pressa ao interior aromatizado e escuro do abrigo.

— Está me tirando o sarro? — perguntou com receio.

— Não. — Gareth se deteve justo dentro do abrigo e inspecionou as largas fileiras de flores que penduravam dos varais. — De modo que aqui é onde produz a riqueza de Desejo.

— Sim, esta é uma de minhas oficinas.

— Eu gostaria de ver o resto das instalações. — Gareth começou a caminhar tranquilamente por um corredor flanqueado por vários bancos. Deteve-se frente a um pote cheio de flores de sabugueiro, pétalas de rosa e musgo de carvalho.

Tirou um punhado de mescla e o aproximou do nariz.

— Doce. Rica. Sem dúvida a fragrância de uma mulher. Uma de suas receitas mais rentáveis?

— Sim. Vender-se-á bem na feira da primavera. — Clare apertou os pulsos e começou a dar golpezinhos com o pé enquanto Gareth ia para outra terrina.

— Eu gosto desta — disse enquanto agarrava outro punhado de ingredientes secos e o levava ao nariz — Limpa e fresca. Cheira a mar.

Clare cruzou os braços.

— É uma mescla de especiarias e hortelã que usam muito os homens ricos de Londres.

Gareth assentiu com a cabeça e devolveu a mescla à terrina. Passeou ao redor da fileira de mesas onde estavam expostos vários ramalhetes de flores secas.

— E estes?

— Violetas, rosas e raiz de orquídea. Combino-as com cera de abelha para criar bálsamos perfumados. Duas vezes ao ano, os mando para as terras do sul. É bastante popular.

Gareth olhou para a porta que estava ao final do abrigo.

— O que há na oficina contigua?

— É o lugar onde elaboro os azeites aromáticos. Aí trabalho com flores e ervas frescas em vez de secas. Acredito que tenta me distrair.

— Crê que meu interesse por seu trabalho não é normal? — Gareth estava de pé junto à porta da outra oficina.

— Nestas circunstâncias sim.

Gareth abriu a porta e entrou na habitação.

— Não pode me culpar por ser curioso. Agora que deixei o negócio de cortar pescoços, minha fortuna está em suas mãos. — deteve-se justo no meio da habitação — Cheira como se todas as flores do mundo estivessem aqui.

Clare franziu o cenho e se apressou a segui-lo.

— Já te disse que esta oficina está cheia de pétalas frescas e outros ingredientes.

Gareth caminhou para uma imensa urna tampada e a destampou. Cheirou o conteúdo.

— Diabos! Isto enjoa a qualquer um.

— Azeite de rosas — explicou Clare.

— E isto? — Gareth levantou outra tampa.

— Uma mescla de azeites composta de lavanda fresca, cravos e muitos outros ingredientes. Perdoe-me se duvido de seu interesse por minhas criações. Os dois sabemos que está tentando evitar uma discussão.

— Uma briga. — Gareth cheirou o azeite de lavanda e cravo.

— Como?

— Estou tentando evitar uma briga. — colocou a tampa de novo e inspecionou três frascos que havia em cima da mesa — O que há nestes recipientes?

— Mel, cera de abelha e vinagre. — Clare aguentou seu interrogatório com uma elogiável força de vontade — Mescla várias flores e ervas nesta solução para criar distintas loções e cremes. Não quero discutir contigo mas...

— Excelente. — Gareth destampou o pote de mel — Eu não gosto das brigas. — tocou uma prensa grande e pesada feita de madeira e ferro — O que é este aparelho mecânico?

— Utilizo-o para extrair o azeite da canela e das rosas. É um desenho árabe.

— Onde o conseguiu?

— Pertencia a meu pai. Descobriu-o em sua última viagem a Espanha. Estava empacotado em uma das arcas cheias de livros e outros artigos que me mandou antes de morrer.

Gareth golpeou um dos parafusos de ferro. Sua expressão denotava uma grande curiosidade.

— Fascinante.

— Por desgracia, a prensa está quebrada. Não a pude reparar.

— Possivelmente eu possa fazer algo. Estudei alguns dos ensaios árabes traduzidos que descrevem aparelhos mecânicos.

— De verdade? — De repente, Clare estava intrigada. Aquela era uma faceta desconhecida de Gareth.

— Sim. — Gareth sacudiu uma das dobradiças da imprensa.

— Então acredito que você gostaria de visitar as oficinas de meu pai. Estão ao outro lado do pátio. Mantive-as fechadas desde que partiu de Desejo há um ano. Estão repletas de coisas que descobriu em suas viagens.

— Eu gostaria de ver as oficinas de seu pai.

— Bem, então deveria te dar as chaves. Possivelmente também desfrute lendo o livro que escreveu. Tenho-o no estúdio.

— Escreveu um livro? — Gareth parecia impressionado.

— É uma coleção de receitas e tratados que traduziu do árabe. Por desgraça, não era um escrivão excessivamente destro e custa um pouco lê-lo.

— Estou desejando começar.

Clare se exasperou ao dar-se conta de que Gareth tinha desviado sua atenção do tema que lhes ocupava.

— Neste momento, não obstante, minha intenção é discutir sobre nossa união.

— Como homem que sobreviveu por saber decidir quando lutar e quando embainhar a espada posso dizer que não te interessa esta discussão. Em todo caso, não agora.

— Por quê? — desafiou-lhe.

— Às vezes é melhor não enfrentar diretamente um problema.

— Tanta discrição me deixa atônita. Acreditava que preferia a guerra aberta.

— Não. Eu já livreii muitas batalhas.

— Deve me desculpar se duvido de sua afirmação.

— Pois é a verdade. — Gareth a olhou por cima da prensa — Preferiria inalar os vapores de seus perfumes antes que brigar contigo.

— Esta é uma briga que não se pode evitar. Vamos solucionar este assunto e o faremos agora.

— Que assim seja. Se esta for à batalha que quer, tê-la-á.

Clare o olhou incômoda.

— Deixemos claro quem dá as ordens em Desejo.

— Sim. — Gareth caminhou para outra urna e olhou dentro — O primeiro que deve te expor, é que eu não sou seu empregado, já que não contratou nem meus serviços nem minha espada. Sou seu marido.

— É difícil esquecê-lo. Estou tentando me acostumar a ser uma esposa correta, mas está me pondo isso muito difícil.

— Você não está facilitando as coisas me tratando como se fosse um simples guardião a seu serviço.

— Pela túnica de Santa Hermione! Eu não te trato como se fosse um guardião a meu serviço. — Clare estava indignada — Tentei te mostrar o respeito que se deve a um marido e acredito que o tenho feito em todos os sentidos.

— É assim como vê a situação? Crê que te forcei a me mostrar respeito?

— Sim, isso é exatamente o que acredito.

Gareth se apoiou de costas contra a mesa e cruzou os braços.

— E eu o que? Não aceitei eu os mesmos compromissos? Crê que é fácil para mim me acostumar a ser marido?

— Não vejo que tenha tido que superar grandes dificuldades.

— Devo fazer uma lista? — Gareth levantou a mão e enumerou as queixas com os dedos

— Desde o momento em que cheguei, deixou-me claro que eu não era o que tinha pedido.

— Não te esperava — resmungou Clare.

Gareth a ignorou. Levantou outro dedo.

— Anunciou diante de todo mundo que não tinha a intenção de ser uma boa esposa.

— Acessei compartilhar o dormitório contigo.

— Negou-te a consumir o matrimônio em nossa noite de bodas.

Clare estava indignada.

— Disse-te esta manhã que lamentava tal decisão. Foi um engano por minha parte não cumprir com minha obrigação ontem. — respirou fundo — Estou preparada para fazê-lo esta noite.

Gareth lançou um olhar zombador.

— Sua obrigação? Perdoar-me-á se não mostrar um grande entusiasmo por fazer amor com uma mulher que acredita que está sendo forçada a cumprir no dormitório.

Clare já tinha ouvido o bastante. Caminhou ofendida pelo corredor e se deteve frente a ele.

— Por isso te negou a consumir o matrimônio quando te dei a oportunidade esta manhã? Perdeu o entusiasmo pelo trabalho?

Gareth entreabriu os olhos.

— Culpa-me?

Clare estava fora de si.

— Se não sentir o menor entusiasmo, temos um problema grande, verdade?

— Que problema?

— Tenho entendido que, a diferença de uma mulher, um homem não pode cumprir com suas obrigações maritais a não ser que mostre algum grau de entusiasmo pela tarefa.

— Quem te contou isso?

— A priora Margaret — respondeu triunfalmente Clare.

— Ah! — exclamou Gareth.

— Discute sua afirmação? — perguntou Clare.

Gareth se encolheu de ombros.

— Não. Tem razão.

— O que vai fazer se não puder recuperar seu entusiasmo? Possivelmente teremos que anular o matrimônio.

Gareth ficou perigosamente quieto.

— De modo que esse é seu plano. Quer pôr fim a esta união antes que tenha começado.

Clare o olhou aos olhos e viu a fumaça dos fogos do inferno. Entretanto, estava envolta nas chamas de sua própria ira e não pôde controlar suas palavras.

— Uma anulação passaria a ser uma necessidade se não puder ter o suficiente entusiasmo para levar a cabo suas tarefas maritais.

— A boa priora se esqueceu de comentar um fator transcendental sobre o entusiasmo de um homem, milady.

— E qual é, milord?

— Às vezes o despertam as coisas mais estranhas. — Gareth sorriu lentamente — Às vezes, por exemplo, basta uma boa briga.

Clare leu muito tarde a advertência em seus olhos. Deu um passo para trás, mas não foi o bastante rápida.

Gareth tomou-a em seus braços, caminhou para a oficina e a soltou justo em cima de uma urna cheia de flores e ervas.

Clare gritou enquanto se afundava na massa cheirosa. As pétalas de rosa e as folhas de lavanda voaram pelo ar. Envolveu-a a intensa fragrância das flores frescas.

Antes que pudesse recuperar o fôlego, ele saltou dentro. A boca de Gareth cobriu a sua enquanto o peso a pressionava para a montanha de pétalas doces e cheirosas.

Capítulo 12

Clare se sentia afligida pelo peso do corpo de Gareth, emaranhava-lhe o cabelo com as mãos, sua boca era feroz, cálida, premente. Seu aroma, mais que o das pétalas entre os que estava enterrada, fazia que lhe desse voltas a cabeça.

Esqueceu-se da briga, dos insultos e da indignação que havia sentido uns momentos antes. Voltaram as lembranças sobre a maneira em que Gareth a havia tocado a noite anterior e cresceu a excitação. A euforia a fez estremecer. Queria voltar a sentir aquelas sensações maravilhosas.

Gareth separou os lábios.

— Felicito-te, senhora. Não conheço ninguém mais que me provoque da maneira em que você o faz. Agora deverá sofrer as consequências.

Clare procurou seus olhos.

— Está realmente zangado comigo?

— Neste momento não sei exatamente como me sinto. — a voz de Gareth era dura, escura e perigosa — Só sei que quando tiver acabado com isto não se falará mais da anulação.

Ela estremeceu.

— Eu não pedi a anulação. Só me limitei a tirar o tema para te insinuar que possivelmente não poderia cumprir no leito.

— Logo descobrirá que sempre tento cumprir com tudo. — Gareth voltou a beijá-la e sua língua invadiu a sua boca.

Clare apertou os dedos entre seu cabelo como resposta a aquele beijo profundo. Pensou que possivelmente estava tentando intimidá-la ou assustá-la um pouco, mas era impossível. Ela ansiava suas carícias, e a evidente paixão dele avivava seus sentimentos.

Clare sentiu como a perna de Gareth se afundava entre suas coxas. Depois levantou o joelho abrindo-a a suas carícias. Pegou as saias da túnica e do vestido e os subiu até a cintura. Clare estremeceu e esticou as mãos entre o cabelo de Gareth. Arqueou-se ao notar seus dedos.

— Está úmida como as rosas depois da chuva. — Gareth parecia perturbado. Acariciou-a como tinha feito a última noite, acariciou-a até que a sentiu tremente e desesperada.

Clare se aferrou a ele, sua voz era um grito suave de demanda.

Enlaçou sua perna com a dele, pedindo mais.

— Por que, em nome de todos os Santos, desperdiçamos a noite de ontem? — sussurrou Gareth com voz tensa e ofegante — Fui um louco. — delicadamente, introduziu um dedo dentro dela.

Clare gemeu e apertou seu corpo contra o dele.

— Foi minha culpa. Estava confusa, pensei que queria esperar.

— Você estava confusa e eu fui um idiota. Belo casal. — Gareth a encheu de beijos do pescoço até o ombro. Investigou seu interior com um segundo dedo.

— OH! — ofegou Clare — Ah!

— Tão tenso. Um suave botão sem abrir.

— Isto faz diminuir seu entusiasmo? — perguntou ela ansiosamente.

Ele gemeu e baixou a cabeça para beijar a curva de seu seio.

— Não, não.

Ela sorriu aliviada.

— Me alegre.

— Duvido seriamente de que as forças combinadas do céu e do inferno pudessem fazer diminuir meu entusiasmo neste momento.

Clare o notava estreitando-a, fazendo-a sentir mais úmida do que já estava. Ela estava tremendo de necessidade. A mágica tensão que tinha experimentado a noite passada se revolia em seu interior outra vez. Sentia-se inquieta e impaciente ante a expectativa.

— Aprese-se — disse lhe mordiscando a orelha — Por favor, apresse-se.

Gareth levantou a cabeça e a olhou. Seus olhos eram tão misteriosos como a névoa que às vezes cobria Desejo.

— Casei-me com uma tirana!

— Deve me perdoar já te disse que estou acostumada a estar ao mando.

— Em tal caso, seus desejos são ordens. — Gareth afrouxou sua roupa, deixando livre sua virilidade ereta.

Clare conseguiu ver seu membro estimulado enquanto se concentrava entre suas pernas. Em vez de lhe inspirar excitação, experimentou um breve temor de incerteza.

— Possivelmente deveríamos tentar diminuir um pouco seu entusiasmo antes de continuar.

— É muito tarde para que algo possa diminuir meu entusiasmo.

— Não queria te ofender. Não é culpa sua que não tenha o tamanho adequado. — abraçou-o com força e lhe beijou o pescoço — Estou segura de que encontraremos uma solução.

— Sim.

— Gareth, eu estou muito excitada.

— Noto-o. — Ele cobriu a boca de Clare com a sua e começou a empurrar.

Clare, esperando uma sensação parecida com a que tinha experimentado quando lhe introduziu os dedos, estava assustada por sua dureza.

Ele pressionou mais e ela, mais que assustada, estava pasmada.

— Gareth!

— Confie em mim.

— Espera, devemos falar mais deste tema — chiou Clare.

— Foi à discussão do tema anterior o que nos levou até este ponto.

— Sim, mas...

— Confie em mim, Clare — sussurrou.

Preparou-se e se juntou ao corpo de Gareth como se se estivesse preparando para baixar ao inferno.

— Estou preparada — disse com valor.

— Não será tão mau. — empurrou mais. Começou a suar — Pelo menos, espero que não seja difícil.

Clare fechou os olhos e os apertou forte.

— Me avise quando tiver terminado.

Ele articulou uma exclamação estranha, meio afogada.

— Sim, tentarei me lembrar de te avisar.

Clare sentiu que estava tenso e percebeu que sua respiração soava como se estivesse se preparando para uma perigosa batalha. Entrou dentro dela, embainhando até o punho com um convincente movimento.

O impacto daquela entrada deixou Clare sem voz e respiração. Quando se recuperou, arranhou as costas de Gareth. Estava furiosa, sentia que lhe tinham roubado o prazer estremecedor que ela esperava.

— Joanna tinha razão! Esta parte do matrimônio é um chateio!

— Fique quieta um momento. — Gareth parecia tão agitado como ela — Fique quieta, já te disse. Deixa de te retorcer.

Clare abriu os olhos e o olhou com má cara.

— Pensei que teria a mesma sensação que ontem noite.

— Terá — Gareth estava lutando para manter o controle — Com o tempo.

— Santo céu! Enganou-me, Lobo Sanguinário!

— Não, é só que não tenho experiência com virgens.

— Sabia que era muito grande — queixou-se — Soube do primeiro momento em que te vi.

Gareth deu pequenos beijos doces, persuasivos, no nariz e nas bochechas de Clare.

— Me perdoe, Clare. Não queria te fazer mal.

As desculpas a acalmaram um pouco.

— A verdade é que não me tem feito muito dano. Agora já não me dói, mas me alegro de que se acabou.

— Clare...

— Agora deve parar. Seguro que este matrimônio já está consumado. Já não deve temer que peça a anulação.

— Pela última vez, não se mova. — Gareth enfatizou cada palavra minuciosamente.

— Só tentava encontrar uma posição mais cômoda.

— Eu me encarregarei de sua comodidade.

— Não sairá?

— Ainda não.

Ela estava decepcionada.

— Isto significa que ainda não acabou com sua tarefa?

— Sim — Começou a deslizar-se para fora lentamente e com cuidado.

— Agora entendo por que é difícil que um homem tenha o entusiasmo suficiente para este tipo de coisas uma noite após outra — murmurou Clare.

— Ajudaria se a mulher não tagarelasse continuamente durante o esforço.

— Ui! — Clare estava desiludida — Minhas desculpas — disse friamente — Não queria interferir em sua concentração. Só tentava...

— Diabos, já basta! — Gareth lhe selou a boca com a sua. Ao mesmo tempo se introduziu lentamente dentro dela, chegando até o limite.

Clare gemeu, mas não de dor.

Gareth se retirou quase completamente e repetiu o processo.

Uma vez, e outra.

Cada investida estava cuidadosamente calculada, realizada com o controle mais insuportável. As linhas rígidas do rosto de Gareth e os músculos tensos de seu corpo não necessitavam interpretação. Era um cavalo de guerra puxando as rédeas contendo a força e tremendo por entrar em batalha.

Clare aguentou a respiração e fechou os olhos. Depois de um momento, deu-se conta de que os movimentos lentos não eram desagradáveis.

Sentia o suor nas costas de Gareth, empapando sua casaca. Apesar do esforço, seu entusiasmo não parecia diminuir absolutamente.

Clare abriu os olhos quando ele subiu suas pernas para seus ombros. Antes que pudesse protestar pela nova posição, ele moveu a mão para baixo, entre os dois corpos, e a acariciou. Sem prévio aviso, a tensão a envolveu outra vez.

— Gareth.

— Te disse que confiasse em mim.

Pegou o pequeno vulto inchado entre o polegar e o índice e o acariciou brandamente.

Clare gritou. Gareth amorteceu o som com sua boca. Ela cravou as unhas nas costas dele e se deixou levar pelos maravilhosos labirintos de prazer que a invadiam.

Quase não percebeu o grito rasgado de satisfação de Gareth. Mesclou-se com seus próprios gritos enquanto se afundavam mais profundamente no mar de pétalas de flores.

Ao cabo de um momento, Gareth abriu os olhos. Esticou-se luxuriosamente, incapaz de recordar ter se sentido tão bem em sua vida.

Olhou entreabrindo os olhos a pétala de rosa que posou em seu nariz. Soprou e a olhou enquanto voava pelo ar.

Estava virtualmente enterrado em flores cheirosas.

Sorriu.

O aroma embriagador da montanha de flores se misturava com outro aroma terrestre, que o enchia de satisfação. Fez de Clare sua esposa, em todos os sentidos. Já não se falaria mais de anulação.

A montanha de flores se removeu e mudou de forma. Ele voltou à cabeça e observou como Clare se sentava, arrumava o vestido e tirava as pétalas do cabelo.

Quando se deu conta de que ele a estava olhando, sorriu-lhe timidamente. Não disse nada.

— Agora pode falar, não queria te silenciar para sempre. — Gareth se moveu para lhe tirar uma pétala amarela da manga.

Clare sorriu.

— Não sei o que dizer.

— Nem eu tampouco. — Gareth passou a mão ao redor do pescoço de Clare e a atraiu para ele para lhe dar um longo beijo.

Clare se inclinou mais. Seu cabelo, que cheirava a ervas frescas, caía sobre o rosto de Gareth. Seus dedos desceram pelo peito e o corpo de Gareth que, em resposta, sentiu-se vibrar.

— Acredito que seu entusiasmo tornou a despertar.

— Acredito que tem razão. — Gareth envolveu o punho entre seu cabelo e a atraiu para ele.

Um súbito golpe na porta da oficina assustou Clare. Levantou-se e se sentou outra vez rapidamente.

— Senhor, está aqui? — gritou Ulrich — O ferreiro chegou.

— Por todos os demônios! — Gareth se levantou a contra gosto — Melhor que saia ou a hora do jantar todo mundo saberá o que fazíamos aqui dentro.

Clare franziu o cenho.

— Não crê que adivinhassem que nós...

— Sim.

Ruborizou-se ligeiramente.

— Por Deus! É que ultimamente não sabem falar de outra coisa?

— Deve confrontar o fato de que os detalhes de nosso matrimônio sempre serão de grande interesse para todos os habitantes destas terras.

— Eu gostaria que nossa gente encontrasse outro tema do que falar.

— Duvido de que o façam até que não deixemos de lhes oferecer entretenimentos tão interessantes. — Gareth saiu da urna de flores.

Precaveu-se de que Clare se referiu aos habitantes de Desejo como «nossa gente». Era um bom sinal.

— Senhor? — Ulrich voltou a gritar — Está aí dentro?

— Sim — respondeu Gareth — Estou saindo. — voltou-se para ajudar Clare a sair do montão de flores.

Era uma visão excepcional. Olhou-a momentaneamente cativado. Saindo das pétalas doces e cheirosas, parecia uma criatura mágica emergindo do leito de um bosque.

Depois viu a pequena mancha em seu vestido e a tocou com a mandíbula apertada.

— Te machuquei muito?

— Não. — Clare sacudiu as pétalas pegas à saia — Vá. Tem assuntos que atender. Eu tenho que arrumar meu vestido.

Gareth não podia afastar os olhos de seu rosto resplandecente. Agora era sua. Pertencia-lhe como não tinha pertencido a outro homem, nem sequer a Raymond de Coleville, seu ideal de cavalheirismo.

Possivelmente Clare amou ao tal De Coleville, possivelmente ainda o amava, mas não se entregou a ele. Manteve-se virgem para seu senhor e marido, o Lobo Sanguinário de Wyckmere.

«Sei bem como proteger o que consegui com meu esforço», pensou Gareth com repentina determinação. «E vou proteger, senhora de Desejo.»

— Logo o esquecerá, Clare — disse em voz alta.

Clare o lançou um olhar interrogante.

— Esquecer a quem?

Ulrich golpeou outras três vezes à porta.

— Devo dizer ao ferreiro que parta e retorne mais tarde, senhor?

— Não, já vou. — Gareth se afastou da vista de Clare coberta de flores. Caminhou para a porta, abriu-a e saiu à luz do dia. — E bem, Ulrich? Onde está nosso ferreiro? — Gareth fechou rapidamente a porta para que seu amigo não visse nada.

— Nos estábulos. — o olhar de Ulrich era divertido — Esteve muito tempo nas oficinas. Não sabia que estava tão interessado nos mistérios dos perfumes.

Gareth começou a andar cruzando o pátio.

— Já me conhece, Ulrich, sempre estou interessado em saber como funcionam as coisas. Ulrich ficou a seu lado.

— Sim, você sempre fuça nos mínimos detalhes.

— Tenho certas responsabilidades como senhor destas terras.

— Sim. — Ulrich lhe lançou um olhar vivo.

— Só um estúpido não tentaria familiarizar-se com o funcionamento interno da fonte de seus futuros ganhos.

— Ninguém te chamou de estúpido, senhor — particularizou Ulrich — Possivelmente bastardo, Lobo Sanguinário, filho do demônio, guardião *da Porta do inferno*, mas nunca estúpido.

Algumas pessoas se voltaram para olhar os dois homens que cruzavam o pátio. Gareth franziu o cenho ao advertir que alguns olheiros voltavam rapidamente à cabeça. Tinha a profunda suspeita de que estavam dissimulando um sorriso.

Esta suspeita se confirmou quando Gareth se deu conta de que John Blacksmith o olhava com a boca aberta de assombro.

— Ocorre algo, Blacksmith? — perguntou-lhe com uma correção perigosa. Tinha a estranha impressão de que o homem estava a ponto de estalar de risada.

— Não, senhor. — John fechou a boca e a limpou com a parte traseira da manga suja — Hoje a luz do sol é muito brilhante e cega os olhos.

— Duvido de que o sol seja mais brilhante que os fogos de suas forjas.

— Certo, senhor, sim, tem razão. Acredita que estou acostumado ao resplendor, verdade? — John olhou em vão Ulrich procurando ajuda.

Ulrich se limitou a sorrir e a não dizer nada. Um dos homens de armas que estava perto partiu da cena e se foi correndo para os estábulos.

Gareth se encolheu de ombros e resolveu o tema. Sabia por experiência que era inútil tentar saber o que era o que o ferreiro e os outros encontravam tão divertido.

— Bem, voltemos para o trabalho, Blacksmith — disse Gareth — Não trouxe nenhum armeiro quando vim a Desejo. Se for necessário procuraremos um em Seabern, mas conforme ouvi é habilidoso com o martelo e a bigorna.

John se ruborizou pelo elogio.

— Sim, senhor.

— Crê que pode se encarregar de arrumar o equipamento de meus homens e ter os cavalos bem ferrados?

John se ergueu com orgulho.

— Sim, senhor acredito que posso levar a cabo essa tarefa. Realizei alguns trabalhos delicados para minha senhora e para a priora. Inclusive fabriquei chaves e fechaduras.

— Excelente. — Gareth lhe deu um golpe nas costas e o guiou para os estábulos — Mostrarei-lhe o que tem que fazer e, quando tivermos acabado nos estábulos, tenho um aparelho mecânico muito interessante que te mostrar.

— Que aparelho mecânico, senhor?

— Uma máquina árabe desenhada para extrair azeite das rosas, da canela e coisas assim. Agora está quebrada, mas acredito que posso repará-la e vou necessitar sua ajuda.

Vinte minutos mais tarde, as risadas apagadas e os sorrisos escondidos ainda não tinham cessado.

Gareth deixou o ferreiro trabalhando e foi para o Ulrich, que estava apoiado em um poste do estábulo.

— Não crê — disse Gareth em voz baixa — que poderia me explicar a piada que todo o mundo encontra tão graciosa esta tarde?

Os olhos de Ulrich brilhavam sorridentes.

— Posso explicar-lhe isso, mas certamente não o encontrará gracioso.

— Evidentemente — murmurou Gareth — Entretanto, tenho muita curiosidade por saber a causa desta aberta algazarra. Só me diga, por que todos os homens daqui se esforçam por não engasgar-se com a risada?

Ulrich pigarreou.

— Acredito que tem a ver com as pétalas de rosa que estão enredadas entre seu cabelo e que penduram por trás de sua túnica, senhor.

Gareth grunhiu.

— Por todos os demônios! — passou os dedos pelo cabelo e as pétalas carmesim caíram revoando ao chão do estábulo.

— Parece que tem estado dando cambalhotas na urna de flores da senhora — disse Ulrich — A não ser que te tenha caído dentro acidentalmente, em cujo caso terei que pensar que ultimamente é muito propenso aos acidentes. Não há dúvida do que estavam fazendo nas oficinas de perfumes.

Gareth cerrou os punhos e esquadrinhou à multidão sorridente com um olhar sério. Imediatamente, os sorrisos desapareceram de todas os rostos.

Satisfeito, Gareth jogou a cabeça para trás e começou a rir a gargalhadas.

Ao cabo de três dias, Clare decidiu dar seu habitual passeio matutino pelos escarpados até o povo. Para sua surpresa e secreto prazer, desta vez não a acompanhou Joanna a não ser Gareth.

A tinha chamado do pátio enquanto ela baixava as escadas.

— Acredito que hoje me unirei a você. — Gareth tinha deixado a Ulrich a supervisão dos pedreiros que tinham chegado para começar a trabalhar na nova muralha. Tinha ido para Clare — Quero dar outra olhada a quão escarpados estão em cima das duas pequenas baías.

De repente, a Clare parecia mais brilhante o dia.

— Sim, eu acho que deva passear comigo. Vou levar um pouco de creme de ervas a anacoreta.

Enquanto ela e Gareth caminhavam pelos escarpados, deu-se conta de que o ar salgado nunca tinha sido tão vigorante e que os aromas da manhã nunca lhe tinham parecido tão frescos.

Compreendeu que tinha estado lutando com uma mescla de emoções desconhecidas e inquietantes do momento em que Gareth tinha pisado em Desejo. As sensações eram tão fortes e imprevisíveis como o preparado de um alquimista.

Entretanto, três dias antes, quando Gareth tinha consumado o matrimônio na urna das flores, tinha compreendido, finalmente, o significado da mescla instável.

Aquele dia, enquanto o via sair da oficina, empapada pelo aroma das rosas e de sua própria essência masculina, tinha admitido finalmente a verdade.

Estava se apaixonando pelo Lobo Sanguinário.

As duas últimas noites tinham sido aventuras em terras desconhecidas de paixão que ela nem sequer tinha sonhado que existissem. Parecia que a Gareth proporcionava um intenso prazer levá-la a cúpula das sensações físicas. Não ficava satisfeito até que ela vibrava e gritava em seus braços. Não a deixava descansar até que ficava exausta.

— Arrumou tudo para levar seus perfumes e frascos a Seabern? — perguntou Gareth distraídamente enquanto se detinha no topo do escarpado.

— Sim. No primeiro dia da feira levarão os perfumes a Seabern de navio. — Clare cobriu os olhos com a mão e olhou como Gareth examinava a água espumosa aos pés do escarpado — Joanna e eu iremos com os perfumes.

— Meus homens poderiam te ajudar. — Gareth caminhou com o passar da borda do escarpado e se deteve de novo para olhar para baixo. Sua expressão era de estranheza — Temos um par de tendas que podem utilizar, se quiser.

— Perfeito — titubeou Clare — O que está olhando?

— Ulrich sugeriu que, além do porto, este poderia ser um dos dois pontos nos escarpados onde poderia atracar um barco pequeno. Tinha razão.

— Se preocupa? — Clare caminhou para a borda do escarpado e olhou para baixo. A maré estava baixa. Viam-se duas pequenas baías.

— Não muito. É óbvio que aqui não poderia desembarcar uma grande força armada. Clare franziu o cenho.

— Nenhuma força hostil nem homens armados jamais desembarcaram em Desejo.

— Por minha experiência, acredito que é melhor estar preparados para qualquer eventualidade.

— É um homem precavido.

— Sou quando tenho algo valioso que proteger.

Ela o olhou de soslaio perguntando-se se se referia a ela ou a suas novas terras. Às terras, sem dúvida, pensou. Ao fim, as terras eram o que, em primeiro lugar, tinham-lhe atraído até Desejo.

Gareth pareceu não dar-se conta de seu olhar especulativo. Estava examinando a paisagem que se estendia frente a ele com uma expressão de intensa satisfação combinada com uma atenção igualmente feroz.

Clare se deu conta de que ainda não se acostumou à ideia de ter um lugar próprio no mundo. Gareth ainda atuava como se pensasse que alguém tentaria lhe arrebatara a Ilha Desejo. Só um estúpido o tentaria, pensou ela ironicamente. O Lobo Sanguinário estava alerta.

Inclusive naquele momento, em que simplesmente acompanhava a sua esposa ao povo, parecia perigoso. Seu cabelo negro era selvagem e estava revolto pela brisa marinha. Seu perfil era tão rígido como os abruptos escarpados.

Clare reprimiu um suspiro nostálgico. Naturalmente, Gareth estava preocupado pelo amparo de Desejo. Não duvidava de que também tentava proteger a ela, mas só porque formava parte do acordo.

Ela estava se apaixonando, mas não se atrevia a esperar que a Gareth estivesse ocorrendo o mesmo, em todo caso inclusive.

Sua habilidade fazendo amor indicava que tinha experimentado a paixão antes em sua vida. Durante os últimos três dias, Clare tinha aprendido que ele sabia bem como controlar as poderosas forças desatadas pelo desejo físico.

Também tinha aprendido que estava utilizando sua própria paixão controlada para conseguir a resposta que queria dela.

Era um homem acostumado a mandar, refletiu Clare. Certamente, para ele era natural ter o mando no leito. E ela, ela era muito novata para fazer-se com as rédeas.

Embora estivesse aprendendo depressa, pensou otimista.

Clare procurou um tema neutro.

— Parece que William e Dallan progridem em seu novo programa de exercício físico.

— Sim. Os meninos normalmente avançam com um estímulo adequado. Ulrich me informou que Dallan ainda se queixa, mas se apresenta pontualmente ao treinamento. Como mínimo, o trovador demonstrou ter a sensatez de não cantar mais baladas sobre senhores traídos.

— Sim, suas baladas se tornaram um pouco apagadas ultimamente, verdade? Poderia dizer-se que até são aborrecidas.

— Isso crê? — Gareth a olhou amavelmente.

Clare ocultou um sorriso.

— Todas essas doces canções sobre as bonitas rosas abrindo as pétalas para receber a alvorada da manhã me aborrecem. Falta-lhes a emoção das baladas anteriores.

— Emoção?

— Sim, nos novos poemas de Dallan não há perigo, ou o medo a ser descoberto, nem ação.

— Está me tirando o sarro?

— Possivelmente...

— Advirto-te que me dizem frequentemente que não aceito bem as brincadeiras.

— Tolices. Ouvi você rir. Acredito que poderia aprender a encontrar diversão nas canções mais aventureiras de Dallan, que tratam sobre amores ilícitos e senhores traídos.

Gareth se deteve. Agarrou Claire pelo queixo e a olhou com olhos brilhantes.

— Me entenda, Clare, eu nunca rierei da ideia de que minha mulher esteja nos braços de outro homem. Por essa traição, faria pagar o preço do próprio diabo.

— Como se eu pensasse em te trair — replicou Clare — Sou uma mulher com honra.

— Sim — disse tranquilamente Gareth —, é, e agradeço por isso.

Ela se sentiu reconfortada por seu olhar. Confiava nela, pensou. Era um bom começo.

— E agora que tratamos o tema — seguiu ela bruscamente — Quero que fique claro que eu tampouco tomarei bem a traição de meu marido.

Gareth esboçou um estranho sorriso.

— Você não gosta da ideia de que me deite na cama de outra mulher?

— Não. — sentiu-se nervosa, mas decidida — Eu também tenho meu orgulho.

— Orgulho... Por isso você não gosta da ideia de que eu leve a cama outra mulher? Simplesmente porque feriria seu orgulho?

Clare o fulminou com o olhar. Evidentemente, não ia confessar seu amor nesse momento. O Lobo Sanguinário se aproveitaria da confissão e estaria ante ele mais indefesa do que já estava.

— Que outra razão poderia haver exceto o orgulho? — perguntou inocentemente — Neste aspecto não sou diferente de você certamente é o orgulho o que te faz ter as ideias tão claras sobre a traição.

— Sim. — Gareth entreabriu os olhos enquanto a olhava — O orgulho de um homem é um assunto muito sério.

— Também é o de uma mulher.

— Bem, então, o jovem Dallan deve continuar cantando sobre as rosas na chuva e outros temas assim de estúpidos. — Gareth baixou a cabeça e roçou os lábios de Clare.

— Gareth...

— Venha, faz-se tarde e hoje tenho muitas coisas que ver. — agarrou-a da mão e a conduziu pelos escarpados até o povo.

Dez minutos mais tarde, Clare e Gareth chegaram à entrada do convento, o que indicava que se achavam no coração da aldeia. Adiantou-lhes um carro cheio de palha da que se empregava como teto. O carreteiro os saudou educadamente. Um pastor fez o mesmo enquanto conduzia o rebanho para o centro da rua.

Todo mundo se voltava para ver como o senhor e a senhora de Desejo caminhavam pegos pela mão pela pequena comunidade.

Clare sabia que a maioria dos olhares era para Gareth. A conheciam muito e não despertava aquela espera. Entretanto, Gareth ainda era uma novidade, um estranho e um desconhecido para muita gente. Também sabiam que seu destino estava em suas mãos.

— Devo entregar o creme de ervas a Beatrice — disse Clare quando ela e Gareth chegaram à cela da anacoreta — Só será um momento.

Gareth se deteve e olhou a janela da cela.

— A cortina está corrida. Possivelmente ainda dorme.

— Não acredito. — Clare riu entre dentes — Beatrice sempre se levanta muito cedo. Normalmente, o primeiro que faz é abrir a cortina para não perder nenhuma novidade.

Clare foi para a janela. Esta estava entreaberta como se Beatrice tivesse estado olhando para a rua.

— Beatrice?

Não obteve resposta.

— Beatrice? — Clare vacilou, mas afastou a cortina pesada de lã — Está doente? Necessita ajuda?

Silêncio no interior escuro. Clare registrou com a vista a pequena habitação. Ao princípio não via nada. A cortina da outra janela também estava fechada, por isso o quarto estava em sombra.

Quando os olhos de Clare se acostumaram à escuridão, o primeiro que viu foram os pés de Beatrice no chão.

— Beatrice! — Clare se inclinou no banco de pedra da janela e tentou ver a figura estendida de barriga para baixo.

Gareth se preocupou. Aproximou-se da janela.

— O que ocorre?

— Não sei. — Clare o olhou — Está estendida no chão. Não se move, Gareth, pode estar ferida gravemente.

Gareth examinou o interior da cela.

— A porta está fechada, vejo a chave pendurando na parede.

— Como entraremos? — perguntou Clare.

— Mande alguém procurar John Blacksmith. Rápido, Clare!

Clare não necessitava que lhe apressassem mais.

Um momento depois, o ferreiro introduzia uma ferramenta entre a parede de pedra e a fresta da porta da anacoreta. Continuando, ele e Gareth empurraram a pesada porta com os ombros.

A porta saiu de suas dobradiças na terceira tentativa.

Gareth foi o primeiro a entrar na pequena cela. Olhou o corpo do chão e negou com a cabeça.

— Está morta, e não por causas naturais.

Capítulo 13

— Assassinada! — Clare olhou Gareth com incredulidade. — Não posso acreditar.

Margaret, cuja presença tinham reclamado imediatamente, ficou atônita.

— É impossível, durante os quinze anos que estive a cargo deste convento nunca tivemos nenhum assassinato.

Clare moveu lentamente a cabeça.

— Em toda minha vida jamais tinha visto um só assassinato em Desejo.

— Isto foi, definitivamente, um assassinato. — Gareth olhou os olhos abertos, sem vida, da anacoreta. Havia visto suficientes mortes violentas em toda sua vida e podia reconhecê-las.

— Está seguro? — perguntou Margaret com expressão angustiada — Possivelmente caiu em plena noite, tentou pedir ajuda e não conseguiu chegar à porta.

Gareth se agachou junto ao corpo. Tocou um dos dedos da mulher morta e o encontrou murcho. A rigidez que segue à morte já tinha passado.

— Morreu de noite, mas não por causa de uma enfermidade. — estudou as dobras da touca de Beatrice — Costumava dormir com o véu de freira?

— Não sei — respondeu Margaret — Isso parece. Possivelmente era um ato de piedade.

— Era mais simples vaidade — refutou Clare tranquilamente — Beatrice estava muito preocupada com a papada. Não queria que ninguém a visse.

— Adorava mexericar e gostava muito dos perfumes e dos cremes de Clare — recordou Margaret — Coisas pequenas, agora que tudo terminou para ela. Todos os nossos pecados deveriam limitar-se a estas pequenas transgressões.

Gareth levantou uma sobrancelha.

— Sim.

— Está de roupa de dormir — constatou pensativamente Clare —, embora leve postos os sapatos e o véu de freira.

Margaret olhou atentamente a Gareth.

— Está absolutamente seguro de que isto não é o resultado de uma enfermidade grave, senhor?

— Foi um assassinato. — Gareth apontou ao enrugado véu de freira ao redor do pescoço de Beatrice — Vê estas marcas?

Margaret se aproximou.

— Sim.

Gareth começou a levantar a prega do véu de freira.

Margaret moveu a mão como se fosse lhe deter.

— O que faz senhor?

— Quero ver o pescoço. — Gareth seguiu retirando o linho branco.

Machucados escuros e feios no pescoço de Beatrice eram uma prova evidente.

— Santa Hermione! — murmurou Clare.

— Que sua alma descanse em paz — suspirou Margaret.

Clare olhou Gareth.

— Viu estas marcas em outras ocasiões?

— Sim — confirmou Gareth baixando o véu de freira — A anacoreta foi estrangulada.

— Mas isso é impossível. — o olhar de Clare foi para a pesada porta de madeira que Gareth e John tinham forçado — A porta estava fechada por dentro. E as janelas são muito estreitas para que passe um homem.

Gareth olhou para a entrada. Através da abertura podia ver que se reuniu um grupo de curiosos. Algumas monjas e noviças, e também alguns aldeãos, estavam fora, tentando olhar dentro da cela.

— Dê a ordem de que todo mundo volte para seu trabalho — indicou a Margaret — Não os quero ver mais bisbilhotando fora da cela.

Margaret o olhou com consideração.

— Sim, milord.

Foi para a porta e dispersou à pequena multidão.

Clare se encontrou com os olhos de Gareth.

— No dia antes de nossas bodas, Beatrice insistiu em que tinha visto o irmão Bartholomew entrar no convento. Disse que atravessou as portas fechadas.

— O irmão Bartholomew? — Gareth recordou a conversa que tinha ouvido entre Clare e Beatrice — Ah, sim, o fantasma! Nunca me contou do que ia tudo aquilo.

— É somente uma velha lenda — apressou-se a responder Margaret — O irmão Bartholomew era um monge viajante. Há muitos anos chegou a Desejo para pregar entre os aldeãos e os membros desta casa. Contam que enquanto estava na ilha seduziu a uma jovem monja e a convenceu para que escapasse com ele.

— Foram-se durante uma tormenta — explicou Clare — Os dois se afogaram quando seu barco afundou.

— Isto aconteceu enquanto você estava a cargo deste convento, senhora? — perguntou Gareth.

— Claro que não! — repôs Margaret ofendida — Eu nunca teria tolerado semelhante estupidez. Não, a história é de antes de meu mandato.

— E de antes do meu — apontou Clare — A lenda conta que o irmão Bartholomew volta algumas noites procurando a sua amada. Diz-se que cada vez que aparece no convento, acontecem desgrças.

Gareth se levantou.

— Posso lhe prometer que a anacoreta não a matou um fantasma. Um homem de carne e osso deixou estas marcas em seu pescoço.

Caminhou para a porta e olhou a erva pisada.

— Diabo! Tinha que ter pensado antes em manter afastados aos curiosos. Agora será impossível ver se existem marcas estranhas de botas diante da cela.

— Meu senhor — reclamou a voz de Clare, tranquila e reflexiva —, aqui há algo estranho.

— Sim. Os assassinatos são sempre estranhos.

— Refiro a um aroma estranho.

Gareth se voltou e a olhou inquisitivo.

— Tenho um grande respeito por seu sentido do olfato. Que aroma detecta?

— Cheira a hortelã.

— Hortelã? — Gareth se aproximou do corpo. Inalou profundamente tentando cheirar o ar — Sim, muito vagamente.

Margaret franziu a testa confundida.

— O que tem de estranho no aroma de hortelã? Possivelmente ela a utilizou para preparar uma comida.

Clare moveu o nariz.

— Não, a fragrância está em sua roupa de dormir.

Gareth se ajoelhou ao lado do corpo.

— Tem razão. Está na prega da camisola. — olhou as manchas verdes nas sapatilhas de pele da morta — E nos sapatos.

Clare cruzou os braços à altura da cintura.

— Há uma grande plantação de hortelã nos jardins do convento. Acredita na possibilidade de que Beatrice saísse ontem noite?

— Nunca abandonava a cela — assinalou Margaret em seguida — Nunca, em todos os anos que em que a conheço. Não esqueça que era anacoreta. Queria estar encerrada. De fato, uma vez me contou que lhe desgostava profundamente estar no mundo exterior.

— Sim, mas se realmente pensou que tinha visto o fantasma do irmão Bartholomew — refletiu Clare —, possivelmente teve a suficiente curiosidade para deixar a cela e lhe seguir.

— Clare não acredita nesta velha lenda, verdade?

— Não, mas Beatrice sim.

— Minha esposa tem uma suspeita — indicou Gareth olhando Clare — Possivelmente Beatrice viu alguém ontem de noite, alguém que ela pensou que era um fantasma. E possivelmente saiu para ver o que fazia.

Margaret o negou.

— Não tem sentido. Se tivesse pensado que era um fantasma se assustaria e teria permanecido aqui dentro com a porta fechada.

— Quem sabe? — disse Clare — Beatrice era uma pessoa muito curiosa. Sabia que ninguém acreditaria que tinha visto o fantasma do irmão Bartholomew. Possivelmente andava procurando uma prova para corroborar sua história... E por isso a assassinaram.

— Mas não há ninguém na ilha que tenha motivo algum para matar Beatrice — rebateu Margaret.

Gareth manteve o olhar no rosto preocupado de Clare.

— Vamos ver a hortelã.

Clare assentiu.

— Está plantada perto da biblioteca. — voltou-se e saiu da cela.

Margaret saiu atrás dela.

Gareth deu um último olhar a anacoreta assassinada e seguiu Clare e à priora por um atalho do jardim para um terreno verde escuro situado perto de um muro de pedra. Imediatamente, fizeram-se evidentes os sinais da vegetação pisoteada. Havia um forte aroma de hortelã esmagada.

— Alguém esteve aqui nas últimas horas — constatou Gareth. Caminhou pela parcela, examinando-a por todos os lados. Depois, olhou para cima, para a janela da parede — A biblioteca está ao outro lado desta parede?

— Sim — respondeu Margaret.

— Eu gostaria de olhar dentro, se não tiver objeção, senhora.

— Naturalmente que não, mas não vejo o que isto possa servir.

As pesadas chaves do cinturão de Margaret faziam ruído e tilintava enquanto escolhia a correta.

— Outra porta fechada — murmurou Clare enquanto Margaret se aproximava da porta da biblioteca e introduzia a chave.

— Sim — afirmou Gareth — Quase parece que o assassino é realmente um fantasma.

Clare se preocupou.

— Não o crê, verdade?

— Não — respondeu Gareth —, mas parece que alguém quer que o creiamos.

Margaret soltou um suspiro audível de alívio enquanto abria a biblioteca e dava uma rápida olhada no interior.

— Tudo está bem, aqui. Por um momento tive medo de que nos tivessem roubado.

— E que tivessem matado a anacoreta porque viu os ladrões? — Gareth assentiu com a cabeça — É uma boa teoria.

Entrou na biblioteca. Clare o seguiu pega a seus calcanhares. Os dois examinaram as estantes cheias de livros pesados. Os volumes mais apreciados estavam encadeados à parede.

Gareth estava impressionado.

— Tem muitos livros valiosos, priorisa.

— Sim, e estou orgulhosa de dizer que a biblioteca não sofreu nenhum roubo enquanto eu fui priorisa. Não obstante, nunca se é a bastante precavida com objetos tão valiosos como os livros.

— Meu senhor! — Clare o chamou da última fileira de estantes — Há um livro aberto em uma das mesas.

— Não é possível. — Margaret correu pelo corredor, claramente alarmada — Todos os livros se devem guardar depois de usados. Dei ordens estritas de que assim se faça.

Gareth caminhou pelo corredor para onde estava Clare ao lado do livro aberto. Olhou a página decorada cheia de palavras esquisitamente escritas. O elaborado desenho que emoldurava a primeira letra da página estava pintado em ouro brilhante, vermelho e azul.

— É um tratado sobre ervas — explicou Clare — Eu mesma o consultei várias vezes.

— Não posso acreditar que algum dos membros desta casa deixasse o livro aberto sobre a mesa desta forma — disse Margaret — É muito valioso para ser tratado assim.

Gareth olhou para a janela que dava à plantação de hortelã. O pesado cristal verde permitia o passo da luz do sol para o interior da sala.

— Pergunto-me se o assassino queria roubar este livro quando se deu conta de que havia alguém fora olhando-o.

— Acredita que matou a pobre Beatrice e logo escapou? — perguntou Clare.

— Pode ser. — Gareth avaliou a possibilidade durante uns minutos — Mas, neste caso, é evidente que antes de escapar encontrou com o problema de carregar o corpo da anacoreta até a cela.

— E como a encerrou dentro? — perguntou Clare — A chave da porta está pendurada na parede do interior. E o assassino não voltou para procurar o livro que queria tão desesperadamente.

— Deve ter temido que o descobrissem — sugeriu Margaret.

— Sim, ou possivelmente não era o livro o que procurava. — Gareth examinou o livro aberto — Se algo disto é verdade, e não podemos estar seguros, fica um problema interessante.

— Quer dizer que devemos encontrar a um assassino? — perguntou Clare.

— Sim. — respondeu Gareth — Um que saiba ler.

Naquela noite Gareth esperou como fazia sempre, que Clare o agarrasse, suplicasse e lhe mordiscasse os ombros com seus pequenos dentes afiados. Então entrou nela com um sentimento de transbordante satisfação.

Relaxou depois da resistência inicial de sua pequena e úmida vagina e seguiu até o fundo. Ela o envolveu forte e ardorosa. Ele liderou a luta interna diária para conter-se até que ela tremesse e gritasse agradada em seus braços.

— Gareth!

Introduziu-se uma última vez dentro dela, estremeceu e, finalmente, rendeu-se às quebras de onda de sua própria liberação.

Quando se separou dela e se deitou de costas, os lençóis estavam úmidos e o ar da cama era pesado e cheirava a paixão esgotada.

Usou os pés nus para abrir as cortinas. A luz da lua entrava pela janela e se derramava pelo leito.

Clare estava silenciosa e imóvel. Gareth pensou que havia dormido, assim que se surpreendeu quando lhe falou entre seus braços.

— Faz-me amor como se temesse que, se não me esgotar de paixão, escaparei durante a noite — disse com doçura — Todos os maridos tratam assim a suas mulheres?

Gareth ficou quieto.

— Tem alguma queixa sobre minha forma de fazer amor?

— Não estou me queixando, sabe. — Clare se apoiou sobre o cotovelo e lhe olhou. Os olhos procuravam seu rosto na luz pálida — Há vezes que não te entendo, Gareth.

— O que tem que entender? — passou-lhe os dedos pelo cabelo — Sou um homem recém casado permitindo os prazeres do leito matrimonial. Não há nada estranho nisso.

— Acredito que há algo mais. O que é o que teme meu senhor?

— Não a você, senhora — sorriu.

— Não estou tão segura.

Gareth atraiu Clare para sua boca e a beijou profundamente. Não a soltou até que seus lábios se separaram e se amoldaram.

— Quão único temo de você, senhora — disse quando pensou que a tinha distraído —, é que me voltará louco de desejo.

— Está rindo de mim.

— Eu? — Beijou-a no pescoço.

— Sim, notei que o faz frequentemente quando quer evitar uma discussão séria.

— Isto é o que está fazendo agora? Ter uma discussão séria? — sustentou seu seio na palma da mão e passou ligeiramente o polegar por cima do mamilo, que se contraiu ao contato — Não o tinha notado.

— Tinha-o notado. Simplesmente pretende que não.

— Preferiria fazer amor contigo.

— Vê? — Clare se sentou bruscamente e dobrou as pernas. Apoiou os cotovelos em cima dos joelhos e segurou a cabeça com as mãos — Isto é exatamente o que quero dizer. Cada vez que tento falar contigo sobre nosso matrimônio, faz-me amor.

— É um pecado tão terrível? — acariciou-a da coxa até o joelho. Por Deus, tinha uma pele tão suave — Se quer ter uma conversa séria, com o mínimo que seja sobre um tema interessante.

— Que tema seria? — perguntou com suspicácia.

— Vamos falar de paixão, esposa.

— Quer falar de paixão, meu senhor? Muito bem, tenhamos esta discussão. Só por esta vez, eu me farei cargo da conversa.

— Fará?

— Sim. — Estendeu a mão e envolveu os dedos timidamente, mas com bastante determinação ao redor de sua haste possante.

Atirou experimentalmente.

— Ai! — Gareth tomou ar — Esta promete ser uma conversa muito interessante. — era a primeira vez que ela tomava a iniciativa e estava tendo um efeito sensacional sobre seus sentidos.

— Espero que a encontre interessante. — inclinou-se sobre ele sustentando-a entre as mãos. O cabelo roçou sua coxa — Há muito que falar sobre este tema, de fato, a matéria se amplia por momentos.

Gareth dobrou os braços sob a cabeça e pôs em prática todos seus formidáveis poderes de autocontrole

— Não quereria que te aborrecesse com o tema.

— Não, não acredito que o faça.

Sem prévio aviso, ela baixou a cabeça e beijou sua virilidade.

— Diabos! — Gareth estava tão surpreso por seu atrevimento que se ergueu de repente.

— Ficou nervoso? Este tema não é de seu agrado?

Voltou a apoiar-se nos cotovelos.

— Por todos os Santos! O que está fazendo?

— Investigar o tema em profundidade. Já sabe que sou uma boa aluna. — sua pequena língua o voltou a tocar outra vez, morna, úmida, sedutora — Tem alguma objeção, milord?

Gareth gemeu e se deitou em cima do travesseiro.

— Não, senhora. Confio em que explorará todos os detalhes.

— Esforçarei-me por ser meticulosa.

Já se tinha acabado a conversa incômoda sobre sua relação sobre marido e mulher, pensou Gareth com satisfação. Aquele outro tema era muito mais seguro.

Foi mais tarde, quando Gareth acreditou que Clare havia dormido finalmente, quando se permitiu contemplá-la com doçura, uma provocação muito perigosa.

«O que é o que teme meu senhor?», recordou.

Embora tivesse desejado admitir tal debilidade, não teria podido lhe dar uma resposta. Não a tinha.

Por um lado, agora possuía tudo pelo que tinha lutado em sua vida. Tinha terras, uma esposa, uma casa própria. Entretanto, faltava-lhe algo. Não entendia o que era, mas pressentia que Clare tinha a chave.

Em certo sentido, que não podia explicar, sabia que tinha que inclui-la em todas suas ordens.

— Ela predisse sua morte, sabe? — disse Clare entre as sombras.

Gareth se voltou e a atraiu para ele.

— Não vai dormir esta noite?

— Espero que sim — bocejou Clare — Preciso descansar. Teremos muito trabalho na feira.

— Quem predisse sua morte? A anacoreta?

— Sim, mas frequentemente vaticinava escuridão e desastres. Desta vez, por desgraça, teve razão. — Clare se voltou para ele e entrelaçou uma perna com as suas — Como o fará para encontrar ao assassino?

— Farei o que sei fazer melhor: estender armadilhas.

— O que quer dizer?

— Parece que o assassino não teve a oportunidade de roubar o que queria da biblioteca. Tentará outra vez e, quando o fizer, estaremos preparados.

— Como?

Gareth se encolheu de ombros.

— Colocarei guardas ao redor do convento todas as noites e lhes darei ordens de ocultar-se entre as sombras. Estarão em posição de ver se alguém tenta escalar a parede ou passar pela grade.

— Um plano brilhante.

Ao Gareth fez graça o tom de genuína admiração de sua voz. Há pessoas mais fáceis de satisfazer que outras, refletiu. Esperam tão pouco que lhes aflige qualquer amostra de competência.

— Obrigado.

— Está seguro de que o assassino é um homem?

Gareth se lembrou das marcas no pescoço da anacoreta.

— Sim. Também poderia tê-la matado uma mulher forte, mas acredito que uma mulher teria tido que arrastar o corpo até a cela, e a Beatrice a carregaram.

— Sim, não havia sinais de que a tivessem arrastado pelos canteiros.

— Nem pelos atalhos de cascalho. As pedras estavam bem colocadas.

— É um bom observador.

— Quer dizer para ser um cavalheiro sem inteligência e com muitos músculos?

— Cale — sussurrou lhe cobrindo a boca com a gema dos dedos — Nunca deveria ter dito isso.

— Perdão. Foi meu engano. Não sei por que o disse.

— Já basta de brincadeiras. Já tive suficiente.

— Sim.

Clare calou durante uns segundos e suspirou.

— Custa tanto imaginar a alguém matando a uma mulher velha e inofensiva como Beatrice.

Gareth pensou nos anos que passou apanhando a homens violentos.

— Por desgraça, é muito fácil imaginar a alguém cometendo um assassinato. A pergunta é por quê?

— Para roubar um livro?

— Os livros são valiosos, certo, mas só para os eruditos, e não acredito que haja muitos dispostos a matar por um. Inclusive se um homem quer conseguir um livro, deve admitir que Desejo seja uma ilha afastada. Não entendo que alguém viaje tão longe só para roubar.

— Muitos eruditos enfrentaram os perigos dos caminhos da Espanha e Itália só para conseguir um livro. Em certo sentido, meu pai morreu devido a seu afã por conseguir os tesouros armazenados nos tratados árabes.

— Não o tinha pensado dessa forma, mas tem razão. Sir Humphrey arriscou sua vida procurando livros. Possivelmente haja alguém disposto a fazer o mesmo.

— Em momentos assim — começou tristemente Nicholas de Seabern — é quando compreendo a verdadeira magnitude de tudo o que perdi ao não conseguir a mão da senhora de Desejo. Espero que aprecie sua boa sorte, Lobo Sanguinário.

Gareth seguiu seu olhar até Clare, que estava em pé fora de uma tenda de raias amarelas e brancas. Estava negociando com um comerciante. Pelas poucas palavras que chegavam até ele, era óbvio que sua mulher estava concentrada em um complicado regateio. Parecia que estava desfrutando imensamente.

— Sim — respondeu Gareth sentindo uma quebra de onda de prazer ao olhá-la. Era tão vibrante e cálida como aquele dia de primavera. Seus olhos brilhavam de entusiasmo e suas mãos se moviam com graça no ar quando dava ênfase a uma questão. Umas mechas de cabelo lhe escapavam da rede para cabelo amarelo — Não sou dos que confiam na sorte.

— Só esta venda te contribuirá um substancial benefício. — Nicholas tomou um longo sorvo de vinho com especiarias — E ainda ficam dois dias de boas vendas. Será mais rico que aquele comerciante de Londres antes que termine a feira.

Gareth sabia que o comerciante em questão tinha feito todo o caminho de Londres para comprar perfumes de Desejo. Era um homem baixo, corpulento, de meia idade. Seus olhos ardilosos brilhavam pelo prazer de regatear com uma oponente que estava a sua altura. Ia envolto em uma fina túnica de lã. Seu chapéu e seu casaco estavam adornados com peles e veludo e levava anéis caros nos dedos polegares.

Joanna estava fora de uma banca verde e branca próxima. Estava atarefada tratando com outros dois comerciantes. Vendia quantidades de bolsas finamente bordadas e travesseiros perfumados. Parecia que se divertia tanto como Clare.

Ulrich e um dos homens de armas de Gareth passeavam despreocupadamente entre as duas tendas. Comiam bolos quentes, mas sem afastar a vista das mesas cheias com as mercadorias de Desejo. Os trombadinhas, igual aos vendedores ambulantes, os comerciantes, os trovadores e os acrobatas, também participavam de uma feira tão concorrida.

Gareth tinha a mão sobre o punho *da Porta do inferno* e examinava o desdobramento de tendas e bancas de vendedores ambulantes que se instalaram frente a Seabern Keep.

A feira não só tinha atraído aos habitantes de Seabern e Desejo a não ser a um grande número de visitantes dos povos vizinhos. As bandeirolas ondeavam no ar. Os músicos passeavam entre a multidão com alaúdes e tambores. Os comerciantes vendiam comida, vinho com especiarias e cerveja. Era uma cena frenética e Gareth sabia que era divertido para todos os implicados.

— Não se lamente de sua perda comigo — disse a Nicholas — Seabern tirará muito proveito desta feira. Aqui todo mundo ganha e gasta dinheiro.

— Sim — sorriu Nicholas — Deveria vê-lo pelo lado bom. Assim desfruto do talento de sua esposa sem necessidade de aguentar sua afiada língua nem seu engenho.

— Agradeço-te que não tente voltar minha boa sorte contra mim.

— Absolutamente. — Nicholas tomou outro sorvo de vinho e adotou uma expressão filosófica — E eu te agradeço que não sinta a necessidade de me atravessar com *a Porta do inferno*.

— Estou completamente convencido de que não há necessidade de te matar, Nicholas.

— Já lhe disse isso — Nicholas lhe deu um golpe nas costas — Ou seja, que depois de tudo, a senhorita era virgem, né? Confessarei-te que me passou pela cabeça que Raymond

de Coleville podia tê-lo conseguido, mas não me surpreende que tampouco pudesse seduzi-la. Clare tem o orgulho de uma rainha.

— Sim.

— E o sangue-frio, se me permitir.

— Não pedi sua opinião.

Nicholas ignorou o comentário.

— Estará-te agradecida quando for, sabe? Não necessita um marido.

— Possivelmente descubra um.

Nicholas estalou em risadas e a ponto esteve de engasgar-se com o vinho de especiarias.

— Ai, Deus! Esta sim que é uma boa piada. Não sabia que tinha senso de humor. Bem, como somos vizinhos e devemos lealdade a Thurston de Landry, diria que também podemos ser amigos.

— Uma oferta interessante.

— Não quero te ofender, mas sua senhora teria transformado minha vida em um inferno. — Nicholas negou com a cabeça — Isto se deve à educação que recebeu de menina. Arruína as mulheres, já sabe. Ela pediu para casar-se com um homem que soubesse ler. Você pode acreditar nisso?

— Assombroso.

— E eu me pergunto, do que serve ler a um cavalheiro com um bom braço para empunhar a espada?

— Você não sabe ler? — perguntou distraídamente Gareth.

— Não. — Nicholas arrotou — Nunca acreditei que fosse útil. Posso contratar a todos os escrivães e clérigos que necessito para que se façam cargo de minhas contas e demais. Ler é uma perda de tempo e energia para um homem.

Podia eliminar a um suspeito da lista de possíveis assassinos, pensou ironicamente Gareth. Sem dúvida Nicholas de Seabern era bastante capaz de matar a qualquer que

cruzasse em seu caminho, mas era pouco provável que se colocou na confusão de estrangular a anacoreta por um livro que nem sequer podia ler.

— Meu senhor. — Clare levantou a mão para que ele se reunisse com ela na tenda verde e branca — Poderia vir aqui um momento, por favor?

— Deve me desculpar — disse Gareth a Nicholas — Minha senhora me reclama.

— Sim — respondeu tristemente Nicholas — E certamente isto é só o princípio. Recordo minhas palavras. Irá à pior com o passar dos anos. Está acostumada a dar ordens. Passará os dias correndo daqui para lá satisfazendo seus caprichos.

— Isso crê?

— Sim. Já o vejo agora. Chamará-o e o despachará o tratando como um maldito servente.

— Um homem deve pagar um preço por tudo. — Gareth foi passeando para Clare.

Ela o olhou com um sorriso aparentemente benigno quando se reuniu com ela e com o comerciante. Entretanto, seus olhos tinham um brilho de advertência.

— Meu senhor, eu gostaria que conhecesse Edward Kingsgate, um comerciante muito inteligente que vende meus perfumes a seus clientes de Londres.

— Senhor. — Kingsgate tirou o chapéu aveludado e fez uma grande reverência a Gareth — É uma honra, senhor.

— Comerciante — Gareth olhou a Clare para que lhe guiasse.

O sorriso de Clare se ampliou.

— Meu amigo Kingsgate conseguiu uma muito boa oferta, o que me deixa com os mínimos benefícios.

— Não, milady — protestou Kingsgate — Você conseguiu a melhor oferta. Além disso, eu só ficarei com uns peniques depois de pagar os gastos desta viagem.

Clare dava golpes com os dedos em cima da mesa.

— Kingsgate quer baixar ainda mais o preço se por acaso encontra ladrões no caminho de volta a Londres.

— Vejo-me obrigado a contratar uma guarda armada — explicou tranquilamente Kingsgate — Já sabe que os caminhos são em extremo perigosos, milord. E eu levarei uma valiosa mercadoria que devo proteger.

Por fim, Gareth entendeu o que estava acontecendo.

— Não deve preocupar-se com o custo acrescentado de contratar homens armados para custodiar o envio. Eu mandarei três de meus melhores homens para escoltar a você e às mercadorias até Londres.

O comerciante piscou enquanto assimilava a informação.

— Seus próprios homens, senhor?

— Sim. — Gareth colocou a mão no punho de cristal defumado *da Porta do inferno*. O olhar de Kingsgate seguiu o movimento — Asseguro-lhe que estão bem treinados e têm experiência no trato com assassinos e ladrões.

— Não o duvido. Sua reputação me garante a veracidade de suas palavras — murmurou Kingsgate.

— Vê? — disse rapidamente Clare — Economizará a importância de contratar a seus próprios guardas e, de uma vez, terá a certeza de que tanto a mercadoria como sua vida estão em boas mãos protegidas por homens do Lobo Sanguinário. Que mais poderia pedir um homem como garantia de segurança?

Kingsgate esclareceu garganta.

— Como diz senhora, que mais poderia pedir um homem? Bem, se me subministrarem o guarda, temos um trato.

— Excelente! — os olhos de Clare brilhavam de satisfação — Espero voltar a fazer negócios com você no outono, Kingsgate.

— Sim, senhora. Bom dia, senhor. — Kingsgate lhes ofereceu outra reverência e se foi ao trote com expressão agradada.

— Obrigado, meu senhor — murmurou Clare — Dirigiu-o muito bem.

— Tento ser útil, senhora.

Gareth lançou um olhar afiado para Clare. Depois, seus olhos se suavizaram.

— Acredito que formamos uma boa equipe.

— Alegra-me que esteja agradada.

Gareth estava a ponto de lhe perguntar se queria algo de comer enquanto não tinha nenhum cliente, quando viram William correr para a tenda.

O menino ofegava pelo esforço. Olhou aliviado ao ver juntos Gareth e Ulrich. Agitou a mão freneticamente para atrair sua atenção.

— Meu senhor, senhor! — ofegou William quando se deteve — Um de vocês deve vir comigo. Dallan está em meio de uma terrível briga com um trombadinha. O ladrão tem uma adaga e apunhalará Dallan.

Gareth olhou Ulrich.

— Vou ver do que se trata. Fique aqui e não tire o olho de nossas fortunas.

— Sim, meu senhor. — Ulrich sorriu — Procura não ter nenhum acidente com a adaga do ladrão! Ultimamente está um pouco torpe...

Capítulo 14

Gareth viu imediatamente que Dallan estava em inferioridade de condições.

O ladrão era fraco e robusto e não muito maior que o trovador. Entretanto, os rigores de sua profissão não só lhe tinham endurecido, mas também lhe tinham dotado de habilidades básicas de luta com a adaga e lhe tinham tirado qualquer sentido de cavalheirismo. Ao menos, não parecia ter em conta que seu oponente ia desarmado.

Apesar da desvantagem, Dallan tinha conseguido, de alguma forma, abandonar o ladrão atrás da grande loja de um cervejeiro. Dallan tinha sangue no braço, mas parecia que saía do nariz, não do corte de uma adaga. Gareth se sentiu aliviado. Não lhe faria nenhuma graça ter que explicar a Clare que seu querido trovador se deixou cortar.

Era óbvio que Dallan compensava sua falta de habilidade com pura e inquebrável determinação. Plantava cara ao ladrão sem medo, tão agressivo como um jovem cão de caça com seu primeiro javali.

O ladrão, acostumado a um enfoque mais sigiloso destas lides, parecia confundido pelo assalto incessante de seu oponente. Tampouco gostava do interesse que estava despertando a briga.

Alguns dos clientes do cervejeiro apareceram na esquina da loja para observar a luta. Enquanto os dois meninos brigavam, as ovações e os gritos de ânimo enchiam o ar. Por uma vez, Dallan não tremia.

Os olhos do ladrão começaram a olhar a esquerda e direita. Evidentemente, estava procurando uma oportunidade para pôr-se a correr e confundir-se entre a multidão.

Gareth observou com um só olhar a arena de espectadores procurando o motivo da recente audácia de Dallan.

Viu-a imediatamente. Era uma garota bonita com cachos loiros, olhos azuis e um alegre chapéu verde. Sua expressão de encantamento e suas bochechas rosadas diziam tudo. Dallan tinha encontrado uma donzela que necessitava sua ajuda.

— Detenham-se, os dois!

Gareth se introduziu no meio da briga e agarrou aos dois jovens pelo cangote. Sacudiu-lhes um pouco e os manteve afastados até que voltaram em si e compreenderam que uma pessoa de fora tinha interferido na briga.

— Esta briga acabou — sentenciou Gareth.

— Ele começou! — Dallan limpou o nariz com a manga — Tentou roubar o moedeiro de Alison.

— Não é verdade! Mente! — o ladrão fulminou Dallan com o olhar. Sua adaga tinha desaparecido misteriosamente entre as dobras volumosas de suas roupas gastas.

Gareth deduziu que Alison era o nome da garota e a olhou.

— Ainda tem o moedeiro?

Primeiro Alison parecia assustada e, depois, claramente inquieta por estar ante o senhor de Desejo. Ruborizou-se.

— Sim, meu senhor. Está em lugar seguro. — deu um golpezinho à pequena bolsa de couro que pendurava de seu cinturão. Seus olhos brilhavam de admiração feminina enquanto olhava a seu campeão — Graças a Dallan!

— Ora! Nunca pus a mão em cima de seu moedeiro. — a fúria primitiva da briga se desvaneceu do olhar do ladrão deixando passo à cautela. Fixou-se em Gareth com uma olhada rápida e, obviamente, reconheceu-o. Como ladrão profissional, tinha aprendido a fixar-se nos homens de fila entre a multidão para evitar enganos que podiam lhe custar muito caros. Uma má escolha de vítima podia levar-lhe a um mal final — Sou inocente, meu senhor, juro sobre a tumba de minha mãe!

— É um pilantra e um ladrão! — declarou Dallan.

— Pode ser — disse Gareth em voz baixa —, mas para um homem é tão importante saber quando deve terminar uma briga como saber quando deve começá-la. Salvou o moedeiro de Alison. Um ato cavalheiresco ao dia é suficiente para qualquer homem. — olhou ao ladrão — E você, vá logo. E vigia que meu futuro escudeiro não se veja obrigado a enfrentar contigo uma segunda vez.

O ladrão o olhou fixamente.

— Futuro escudeiro? Juro-lhe senhor que não sabia que era um homem dos seus.

— Agora já sabe — recalcou Gareth.

— Foi só um engano — gemeu o ladrão — Podia-lhe ter passado a qualquer.

— Fora!

O ladrão não necessitou que o repetissem. Deu meia volta rapidamente e se confundiu entre a multidão.

Decepcionados com o singelo final do evento, os curiosos voltaram para a loja para encher as taças.

Dallan olhou o sangue de sua manga e levantou os olhos atônitos para o rosto de Gareth

— Era a sério, senhor? Vou ser seu escudeiro?

— Eu adoraria ter um homem tão valente a meu serviço. — Gareth estendeu as mãos — Prometerá-me fidelidade, Dallan de Desejo? Pense bem antes de fazer o juramento. Eu peço lealdade absoluta e inquebrável aos que me servem.

— Dallan de Desejo... — o jovem repetiu as palavras como se fosse um encantamento mágico. Pôs as mãos em cima das de Gareth, ajoelhou-se e lhe fez uma reverência com a cabeça — Meu senhor, de agora em diante, juro-lhe que sou seu homem.

— Feito, então. — Gareth olhou Alison e William que contemplavam a pequena cerimônia com expressões sobressaltadas — Vocês dois são minhas testemunhas. A partir de agora, este homem deverá ser conhecido como Dallan de Desejo e estará a meu serviço. Tem o direito de meu amparo e em troca me jurou fidelidade.

— Sim, meu senhor — murmurou entusiasmado William — Não posso esperar para contar a minha mãe e a lady Clare.

Alison olhou Dallan como se, de repente, de um trovador valente se transformasse em um herói de lenda.

— Serve ao Lobo Sanguinário de Wyckmere — suspirou agradada por sua nova condição. Gareth aguentou a vontade de sorrir enquanto Dallan estava a seus pés.

— Vá e limpe o sangue, futuro escudeiro. Assustará as damas.

— Sim, meu senhor. — Dallan levantou seus magros ombros.

— Eu te ajudarei a se limpar — William se propôs voluntário com entusiasmo.

— Irei procurar um pano — disse Alison.

Gareth olhou enquanto Dallan ia com seus admiradores. Havia um novo ar arrogante nos passos do trovador e um orgulho masculino em seu queixo.

Era surpreendente como se alterava o conceito da gente mesmo e do mundo quando se sabia que se pertencia a algum lugar, pensou Gareth.

— A fim sós! — Gareth se deitou no manto que Clare tinha estendido sobre a erva. Apoiou-se no cotovelo e olhou a multidão da feira — Pensava que nunca me liberaria de Dallan. O menino esteve atrás de meus calcanhares toda a tarde.

— Estou surpreendida de quão entusiasmado entrou a seu serviço. — Clare deu a Gareth um dos bolos quentes cheios de carne picada e nozes que tinha comprado em uma banca próxima — Nunca teria pensado que estaria tão contente por ser seu escudeiro pessoal.

— Futuro escudeiro — resmungou Gareth.

— Há alguma diferença?

— Sim. Ao jovem Dallan fica muito caminho por percorrer antes de estar qualificado como bom escudeiro. Ainda não sabe distinguir um final da lança do outro.

— Acredito que hoje experimentou uma grande mudança.

— Transformar-se repentinamente em um herói tem estes efeitos em um homem.

Clare sorriu.

— Foi muito generoso por sua parte convertê-lo em herói.

— Ninguém pode criar um homem heróico, tem que fazer-se a si mesmo. Dallan tem coragem. — Gareth deu uma grande dentada em seu bolo — Odeio te dizer isto, mas perdeu um de seus admiradores. Temo que escolheu dedicar-se a outra dama.

— Já a vi. Uma moça jovem com os olhos azuis e loira. — Clare mastigou o bolo com entusiasmo. Depois do duro regateio da manhã, estava morta de fome — Como posso competir?

— É inútil. Deve se resignar ao aborrecimento de estar casada com um marido que não sabe compor uma balada nem cantar uma só nota.

Clare sorriu. Gareth parecia um pouco menos aborrecido estendido sob o sol. Estava convexo sem fazer nada, gracioso e perigoso, igual a uma fera de presa.

Não tinha tido muito tempo para falar com ele desde que tinham chegado pela manhã cedo para instalar as tendas e preparar-se para a venda. Entretanto, viu que vigiava a ela e a Joanna. Sempre havia um ou dois de seus homens ao redor para assegurar-se de que os ladrões não lhes roubassem a mercadoria.

— Você e sir Ulrich foram uma boa influência para Dallan e o jovem William — concedeu Clare — Devo admitir que, ao princípio, Joanna e eu estávamos preocupadas com algumas das decisões que tomaram.

Seus olhos brilharam com satisfação.

— Cono estava preocupada com ter que escolher um marido.

— Sim. — Clare terminou o bolo e rodeou as pernas com os braços — Embora pareça que tudo funciona bastante bem.

— Claro que tudo funciona bem. — Gareth levantou o ombro em um movimento de ofensa enquanto engolia a última parte de bolo — Por que não deveria ir bem? Não vejo dificuldade no matrimônio. Tudo me parece muito singelo.

— De verdade? — Clare olhou-o com zombadora admiração.

— Sim. — Gareth sacudiu os miolos das mãos — Trata-se simplesmente de que um homem se faça cargo de uma casa e fixe algumas regras. Quando todo mundo conhece as regras, os assuntos se arrumam tranquilamente e tudo é harmonia.

Clare agarrou a bolsa que tinha utilizado para levar o manto e os bolos e a levantou de forma ameaçadora.

— Um homem se faz cargo de uma casa, isto é o que disse?

Gareth levantou a mão para parar o golpe.

— Não qualquer homem, evidentemente. Um que saiba ler.

Lançou-lhe brandamente a bolsa à cabeça. Gareth caiu de costas como se o tivessem ferido mortalmente.

— Alguns maridos tomariam isto como um ataque – disse em tom de ferido.

— Mas você não, meu senhor. Sir não é um marido comum.

Nem um homem comum, pensou Clare. É o homem ao que amo.

— Sem dúvida um marido comum te aborreceria.

— Sim. — Clare fechou os olhos e respirou profundamente. Sentia-se bem compartilhando a tarde com Gareth.

Os aromas da feira se diferenciavam em seu sensível nariz. Podia detectar os aromas saborosos das barracas de comida, os das ovelhas e as cabras, a fresca essência da erva em que tinha estendido o manto.

Por cima de tudo, não obstante, era consciente da indefinida fragrância do homem que estava a seu lado

Gareth esperou como se estivesse pendente de outra reação por parte dela. Quando viu que não havia, agarrou a bolsa de pele que lhe tinha jogado.

— Há algo nesta bolsa.

— Sim.

— Possivelmente algo mais de comer? — Abriu a bolsa e olhou dentro — Poderia comer outro bolo.

— Não. Não é nenhum bolo. — Clare respirou profundamente e tentou falar com normalidade — É um presente para você.

— Um presente? — Gareth levantou a cabeça com uma velocidade assombrosa. Toda sua têmpera de pessoa calma se desvaneceu — Para mim?

— Sim. — Ela pôs o queixo em cima dos joelhos e o examinou.

Gareth a olhou fixamente com uma expressão muito estranha em seus olhos. Era a primeira vez que Clare o via desconcertado.

— Obrigado — disse finalmente.

— Não me agradeça até que o tenha visto. Possivelmente você não goste.

Gareth procurou dentro da bolsa e tirou um frasco adornado elegantemente. Admirou-o com imenso prazer.

— Perfume? Para mim?

Clare se ruborizou.

— É uma fórmula especial que criei para você, só para você. Espero que goste.

Gareth tirou o plugue e inclinou a cabeça para cheirar a fragrância.

— Um momento.

Gareth a olhou com expressão interrogante.

— Meu senhor quase me esqueço de te perguntar se tem alergia a artemisa, a hortelã, os cravos ou qualquer outro ingrediente.

Gareth negou com a cabeça.

— Não. Por que pergunta?

Clare se relaxou.

— Não importa. É só que uma vez conheci alguém a quem a artemisa provocava uma reação muito violenta.

— Eu gosto da artemisa. — Gareth aspirou profundamente — Esta mescla é muito, muito deliciosa.

— De verdade que você gosta?

— Sim. — cheirou-a outra vez — Cheira a muitas das coisas que sempre desfrutei, o ar fresco do amanhecer e o sabor do mar. Guardarei-o em meu armário.

— Estou encantada de que você goste — disse ela sorridente — Não são todos os homens que se importam que sua roupa cheire bem.

— Devido ao tipo de trabalho que fazia antes, vi-me obrigado a cheirar muitas fragrâncias que eu gostaria de esquecer — disse Gareth — Este perfume as substituirá em minha mente.

Clare inclinou a cabeça.

— Que tipo de aromas teve que suportar quando capturava bandidos?

Gareth examinou o delicioso frasco de perfume.

— Quando penso em meu passado recordo os aromas de casas queimadas, homens mortos e mulheres chorando. Cada vez que os cheirava sabia que tinha chegado muito tarde. Só ficava começar a caçada do homem que tinha criado o fedor.

Clare estremeceu.

— Que terrível Gareth! Não se estranha que estivesse impaciente por ter uma casa própria.

— Pensarei em você cada vez que cheire a fragrância deste perfume — disse Gareth com voz rouca.

— E em Desejo, meu senhor, que é seu novo lar.

— Sim, evidentemente pensarei em Desejo. — seus olhos se encontraram com os dela — Há alguma razão especial para este presente?

— Não — respondeu Clare — Simplesmente a de sempre.

— A de sempre? E qual é?

— Uma prova de meu respeito, naturalmente.

— Respeito?

— Sim. Que outra razão teria uma esposa para fazer um presente a seu marido?

— Boa pergunta, senhora.

— Dallan, ajude Ranulf a desmontar a tenda!

Dallan se deteve como se o tivessem ferido.

— Sim, meu senhor.

Gareth olhava preocupado como o trovador corria a ajudar Ranulf a guardar a tenda de raias amarelas e brancas.

Algo ia mal.

Gareth tinha notado uma mudança em Dallan durante a tarde daquele último dia de feira. Já não caminhava com ar arrogante e não mostrava entusiasmo por sua posição de futuro escudeiro.

Tinham desaparecido por arte de magia no transcurso de umas horas. Em seu lugar, havia melancolia e um comportamento ansioso.

De repente, Dallan parecia muito preocupado com assuntos que estavam no mais profundo de sua alma. Pulava cada vez que alguém lhe falava. Seguia obedecendo às ordens que Gareth dava, mas tinha desaparecido o entusiasmo que tinha caracterizado seu comportamento desde que jurou fidelidade a seu novo senhor.

Gareth pensou que sabia qual era o problema, mas não sabia o que devia fazer. Não era um perito em assuntos do coração.

Esperou até que os navios estiveram carregados para a viagem de volta a ilha Desejo antes de chamar Dallan.

— Dallan!

— Meu senhor? — Dallan esfregou as mãos contra a túnica em um gesto nervoso — Fiz algo mal?

— Não. Vamos dar um passeio, quero falar contigo um momento.

— Sim, meu senhor. — Dallan lhe olhou nervoso enquanto, obediente, aproximava-se para ele.

Gareth juntou as mãos atrás das costas e tentou encontrar a melhor forma de tratar um tema tão delicado.

— Você cantou muitas canções de amor, trovador, mas possivelmente não sabe muito a respeito deste assunto.

— Como, senhor?

Gareth esclareceu garganta.

— Para um homem, o primeiro sabor da paixão é tão desconcertante como sua primeira batalha. Os dois são poderosos a sua maneira e os dois distorcem temporariamente a visão. De você mesmo e do mundo que te rodeia.

Dallan o olhou educadamente sem dizer nada.

Gareth suspirou e voltou a tentar.

— Sei que acredita que se apaixonou pela jovem Alison. Não duvido que se entristeça em se separar dela.

Dallan franziu o cenho.

— Sentirei falta dela.

— Sim, é compreensível. Entretanto...

— Mas não a amo.

Gareth o olhou surpreso.

— Não?

— Não. Passamos bem, mas lhe confessei que ainda não posso amar a uma mulher. Devo me fazer um lugar no mundo antes de pensar nestas coisas.

— Ah. — Gareth estava aliviado — Uma afirmação muito inteligente vindo de um homem de sua idade. Estou impressionado por seu sentido comum. Vi homens que lhe dobram a idade cometendo loucuras por uma mulher. Não é uma visão muito agradável.

Dallan o olhou interrogante.

— Isto é tudo o que queria me dizer, senhor?

— Sim. Vá e ajuda a guardar as tendas.

— Sim, meu senhor.

Gareth observou como Dallan ia ajudar aos outros. Perguntou-se se tinha interpretado mal o humor de Dallan. Era possível que o menino sofresse graves transtornos de humor. A enfermidade podia ser letal. Uma vez, Gareth conheceu um homem que estava gravemente afetado por transtornos de humores e acabou suicidando-se.

Gareth optou por vigiar seu futuro escudeiro.

Três dias depois, Clare estava sentada em sua mesa mordiscando a pluma. Estava refletindo sobre a última fórmula de um perfume. Era realmente difícil descrever os passos exatos necessários para combinar as distintas substâncias e conseguir os resultados desejados para suas criações mais complexas.

Leu o que acabava de escrever:

Verter uma quantidade de água em uma caçarola e pôr a caçarola ao fogo. Quando a caçarola estiver vermelha e a água comece a ferver, agarrar a quantidade justa das melhores pétalas de rosa e jogá-la na caçarola.

A frase «quantidade justa» não era muito precisa. A abadessa Helen tinha recomendado que fosse muito explícita ao escrever receitas.

Clare apagou «quantidade justa» e trocou por «dois punhados».

Um só golpe autoritário foi o aviso que teve antes que se abrisse a porta e Gareth entrasse na habitação. Sustentava o livro de seu pai aberto nas mãos. Tinha o olhar fixo em uma passagem.

— Clare, temos enxofre?

— Sim. Meu pai guardava um pouco nos armazéns junto com outros ingredientes. Os tratados árabes fazem frequentes referências a receitas que precisam de enxofre. Ele

estava acostumado a expressar seu desejo de experimentar com isto. Eu, pessoalmente, nunca me interessei por esta substância, eu não gosto de seu aroma.

— Excelente, excelente. Vou ver se o encontro. — Gareth olhou outra vez o que fosse que estava lendo — O carvão não será nenhum problema, é fácil fazê-lo.

— Encontrou alguma receita interessante?

— Neste livro, seu pai descreve receitas muito curiosas do leste.

— Receita com enxofre?

— Sim. Mais tarde as examinarei. — fechou o livro e o colocou debaixo do braço — O que faz?

— Estou trabalhando em meu próprio livro.

— Ah, sim. Seu livro de fórmulas de perfumes. — Gareth inspecionou os livros colocados nas estantes do estúdio — Sua biblioteca é quase tão grande como a do convento.

— Sim, e estou muito orgulhosa dela. Muitos dos livros os conseguiu meu pai, evidentemente, mas eu adquiri um ou dois. Eu gosto em especial o que escreveu a abadessa Helen de Ainsley. É um trabalho muito elaborado sobre ervas que consulto habitualmente.

— A abadessa Helen de Ainsley? — repetiu Gareth com uma insólita voz neutra.

— Sim — sorriu Clare orgulhosa —, foi tão amável de manter correspondência comigo.

— Corresponde-se com uma abadessa?

— Frequentemente. Suas recomendações sobre as propriedades das ervas são muito valiosas. Logo virá nos visitar.

— De verdade? — Gareth parecia surpreso.

Clare assentiu com a cabeça.

— Estou muito entusiasmada. A priora Margaret mandou uma mensagem esta manhã. Dizia-me que posso esperar à abadessa Helen qualquer dia a partir de hoje. Poderá conhecê-la.

— Será interessante.

— Sim. Além disso, seguro que se hospedará nesta casa. Assim o fez a última vez que nos visitou. É uma grande honra para nós.

— Já vejo. — Gareth se sentou no batente da janela — Bem, dá igual aqui que ali. Agora quero te falar de Dallan.

— O que lhe ocorre? — Clare se preocupou — Pensava que estava bem em sua nova posição de futuro escudeiro. Se tiver dificuldades ou não oferece um bom serviço, rogo-te que tenha paciência. Precisa seu tempo.

— Leva a cabo suas tarefas com boa vontade. Este não é o problema. Estou preocupado por sua crescente melancolia.

— Já sei o que quer dizer. — Clare deixou a pluma — É muito preocupante. Está quase tão mal como quando chegou a Desejo. Tinha melhorado, mas desde a feira parece que volta a estar muito inquieto.

— O que sabe da história do jovem Dallan?

Clare o olhou pensativa.

— Muito pouco. Como sabe, é um filho bastardo. Diz que se criou na casa de um homem de fila. Como você e eu já comentamos, suspeito que não lhe tratou bem.

— Isto é tudo o que sabe?

Clare pensou na pergunta.

— Sim, acredito que sim. Nunca fala de seu passado.

— Nem do homem que o criou?

— Não. Tenho a impressão de que preferiria esquecer ambas as coisas.

— Possivelmente não pode esquecer embora o tente.

— Sim. Há coisas que não se esquecem.

— É certo, mas um homem que não pode esquecer deve aprender a viver com os demônios que o perseguem.

— Dê um tempo a ele. Leva muito pouco conosco.

— O que me preocupa é esta mudança repentina para a melancolia. Durante a feira, até o último dia, estava contente e alegre. Ao princípio acreditei que padecia do mal do amor.

Clare sorriu.

— A jovem Alison?

— Sim. Falei com ele sobre o assunto, mas diz que não está afetado pela enfermidade. — Gareth fez uma careta — Menos mal! Porque não tenho a menor ideia de como curar este tipo de mal rapidamente e não conheci a nenhum médico que saiba o remédio.

— Acredito que uma vez me contou que você, pessoalmente, fazia muitos anos que não a padecia — murmurou secamente Clare.

— Não — negou Gareth — O mal do amor é para poetas e loucos.

— Claro.

— Um homem de minha posição não pode permitir-se este tipo de enfermidade.

— Por que não? Que dano pode lhe fazer?

— Que dano? — Gareth pôs cara de poucos amigos — É evidente. É a febre mais perigosa. Destrói o sentido comum.

— Claro. Não sei no que estaria pensando ao fazer esta estúpida pergunta. Bem, então, a respeito de Dallan. O que sugere?

Gareth pensou.

— Sem dúvida seria melhor lhe dar algo em que pensar que o que o preocupa.

— Um plano excelente. Notei que os homens têm uma grande habilidade para ignorar certos problemas e desfrutar com outros afazeres.

Gareth levantou uma sobrancelha.

— Disse algo que te incomodou, senhora?

— Não, absolutamente — assegurou Clare — O que crê que poderia distrair Dallan do que seja que está transtornando seu humor e o induz à melancolia?

Gareth olhou o livro que tinha sob o braço.

— Possivelmente peça a ele que me ajude em meus experimentos com enxofre e carvão.

— Acredito que lhe parecerá muito interessante. — Clare estava um pouco intrigada — Me faça saber quando estiver preparado para me demonstrar os resultados de seu trabalho. Eu gostaria de vê-lo embora eu não goste do aroma do enxofre.

— Farei que lhe mandem uma mensagem quando acabar o experimento.

Gareth se levantou, beijou-a e se foi para a porta.

Clare o viu partir. Experimentou uma pontada de melancolia enquanto recordava a conversa.

«O mal do amor é para poetas e loucos.»

Ela não era poetisa nem estava louca, mas temia padecer do mal do amor.

Não gostava de sofrer sozinha.

Não era que Gareth não tivesse emoções, pensou. Havia alguns indícios esperançosos, disse a si mesma. Por exemplo, sempre cheirava ao perfume que o tinha dado.

E não havia dúvida da força de sua paixão, pensou. Seu desejo por ela não era nenhum segredo e parecia agradado de que ela respondesse completamente a sua forma de fazer amor. A verdade é que necessitava de uma resposta por parte dele.

Sabia que respeitava seu conhecimento, habilidade e inteligência no terreno dos perfumes, mas aquilo não significava nada. Até Nicholas tinha inteligência suficiente para apreciar seu talento para ganhar dinheiro.

O que lhe dava a maior esperança era que, como tinha feito a um momento, Gareth tinha começado a lhe consultar as coisas antes de tomar uma decisão.

Sua união estava começando a funcionar justo como ela tinha esperado quando criou a receita para um marido. Ela e Gareth estavam começando a compartilhar suas tarefas e responsabilidades. Estavam aprendendo a confiar um no outro cada vez mais.

Em muitos aspectos, ela tinha conseguido exatamente o que queria em um marido, inclusive tinha mais do que tinha especificado.

Mas não era suficiente.

Queria amor.

E segundo Gareth, o amor era para poetas e loucos.

Dois dias depois, Clare estava outra vez em sua mesa quando se ouviu um grande trovão no pátio.

Assustada, levantou-se e foi para a janela. Preocupou-se ao advertir que não havia nenhuma só nuvem de tormenta à vista.

Confusa, olhou para o pátio. Ouviu-se um grito. Uma faxineira gritou. Os trabalhadores da pedreira deixaram de trabalhar na nova parede. Os homens saíram dos estábulos alarmados. Um cavalo relinchou e correu de medo. As galinhas cacarejavam como loucas enquanto corriam pelo pátio.

E a seguir saíram grandes nuvens de fumaça da janela da oficina de seu pai. Enquanto Clare olhava, a porta se abriu e saíram duas figuras cambaleando. Gareth e Dallan estavam cobertos de cinza.

Clare deu meia volta e saiu rapidamente da habitação. Correu alarmada para as escadas da torre e voou para baixo.

— Gareth! Meu senhor está bem? — gritou enquanto baixava correndo os degraus. Olhou fixamente às duas figuras cobertas de cinza. O aroma azedo de enxofre lhe atacou as narinas.

Dallan sorriu fracamente. Parecia aturdido, mas ileso. Os dentes de Gareth brilharam em um sorriso triunfante através de sua máscara cinza.

— Funcionou!

— Santo Deus! — Clare gritou quando Gareth correu para ela e a levantou — O que funcionou?

— Uma das receitas de enxofre de seu pai. — Gareth a agarrou lhe dando voltas. Sua risada se ouviu por todo o pátio — Funcionou, Clare! Funcionou de verdade!

— Isso já o vê. Mas, qual pode ser o uso desta mescla de enxofre?

— Ainda não sei. O importante é que a fórmula funcionou.

Clare levantou a vista e observou suas feições imprecisas e risonhas e sorriu compreendendo tudo repentinamente. Gareth estava eufórico com a novidade do descobrimento. Ela mesma tinha experimentado muitas vezes a mesma sensação, embora de forma menos espetacular.

— Sim, meu senhor. Está muito claro que a fórmula funcionou. Possivelmente possa te dedicar à alquimia de agora em diante.

— Pois é uma atividade bem mais interessante que minha anterior ocupação de capturar bandidos.

Capítulo 15

Clare fechou os olhos para separar de sua mente a distração dos golpes e o repico das ferramentas dos pedreiros e os gritos dos operários. Fora das oficinas, a construção do novo muro de pedra ao redor da mansão prosseguia a ritmo acelerado. Criava um estrondo incessante durante todo o dia.

Só de noite, quando os homens de Seabern partiam depois da jornada de trabalho, reinava o santo silêncio. Clare tinha a esperança de que aquelas obras terminassem logo.

Colocou a mão no pote que tinha sobre o banco de frente, tirou um punhado da nova mescla de ervas e flores secas e aproximou a mão ao nariz. Por algum motivo, o ligeiro aroma de artemisa recordou a Raymond de Coleville.

A artemisa o tinha feito chorar e espirrar de forma incontrolável e teve sérias dificuldades para respirar.

Recordou o dia em que o surpreendeu com um recipiente que continha artemisa, entre outras especiarias e flores. Foi à única vez que viu Raymond perder os estribos.

— Por todos os Santos, afasta esse aroma! — rugiu — Deve conter artemisa... O que quer? Matar-me?

Clare tinha ficado horrorizada. Como iria saber que ele não suportava a artemisa? Desculpou-se humildemente e tinha jogado fora aquela mescla. Raymond recuperou em seguida seu habitual aspecto encantador e aí ficou tudo.

Clare estranhou que aquela lembrança tivesse cruzado sua mente. O certo era que não tinha pensado muito em Raymond de Coleville desde o dia em que Gareth tinha chegado a ilha Desejo.

Para falar a verdade, naquela época ela custava pensar em qualquer outro homem que não fosse seu marido. Gareth era muito corpulento, muito aprumado, muito interessante para que qualquer outro ocupasse seus pensamentos. Com ele perto, o resto pareciam homens miúdos e bastante comuns, mais ainda a vaga lembrança de um homem que a tinha enganado.

— Clare? — Joanna apareceu pela porta aberta da oficina, procurando-a entre as sombras — Está aqui?

— Sim, Joanna — Clare voltou a deixar o punhado de ervas secas no recipiente — Ocorre algo?

— Não, só vinha te mostrar meu último bordado. Acredito que ficará perfeito nas almofadas maiores. — Joanna sacudiu um grande quadrado de tecido decorado com um esboço de um cavalheiro ajoelhado ante uma dama. O casal parecia estar sentado em uma ramagem.

— É precioso Joanna. As cenas românticas como esta sempre vendem muito bem. O que é essa criatura que há no fundo?

— Um unicórnio. — Joanna dobrou o tecido com um gesto de satisfação. — Às senhoras de Londres gostam muito dos unicórnios. Bem, então, se o aprova, farei que as mulheres do povo e as monjas comecem a bordar em seguida os novos motivos nas almofadas.

— Perfeito.

— Deveríamos ter muitos para meados do verão para serem preenchidos com suas flores e ervas secas.

— Pelo menos temos mais possibilidades de que este envio chegue a seu destino. Lorde Gareth se ocupará disso — disse Clare enquanto acrescentava um par mais de pétalas de rosa à mescla do pote.

— Sim. O Lobo Sanguinário tem sua utilidade, isso não pode negar-se. — Joanna lançou a Clare um olhar reflexivo — Pergunto-me se ficará conosco todo o inverno.

— O que? — Clare se voltou em seco — É claro que vai ficar! Agora este é seu lar. Por que iria partir?

— Os homens sempre partem uma vez que conseguiram assegurar suas terras e ter um herdeiro — criticou Joanna — Agora que está casada, ilha Desejo está a salvo de Nicholas ou qualquer outro invasor.

— É certo, mas o que me diz dos ladrões que ameaçam constantemente nossos envios? — Clare estava atônita. Uma estranha sensação lhe oprimia o peito.

— Imagino que lorde Gareth não terá nenhum problema em deixar alguns de seus homens de armas em Desejo para que se ocupem dos envios — suspirou Joanna — Suponho que sir Ulrich acompanhará lorde Gareth quando partir. É uma pena. William lhe tem muito carinho. Acredito que este novo programa de exercícios está tendo um efeito positivo em meu filho, tal como predisse lorde Gareth.

— O jovem William não é o único que se afeiçoou com sir Ulrich, verdade? — perguntou Clare com doçura.

Joanna se ruborizou.

— Tanto se nota?

— Sim. E parece que ele te professa o mesmo carinho.

Joanna examinou o pote de ervas e flores.

— Diz que me quer.

«Que afortunada», pensou Clare. Era muito mais do que Gareth havia dito a ela.

— Me alegro por você, Joanna.

— Ontem à noite me beijou. — Joanna lhe lançou um olhar furtivo — Pela primeira vez compreendi que fazer amor podia ser tão prazeroso para uma mulher como é para um homem.

— Embora isso só ocorre com o homem adequado.

Joanna se sentou lentamente em um tamborete e entrelaçou as mãos sobre o colo.

— Isto ficará muito solitário quando partirem, verdade?

— Lorde Gareth não me disse nada sobre partir.

— Os homens não costumam comentar seus planos com as mulheres, já sabe. Em algum momento se incomodou seu irmão em te informar de suas intenções antes de ter já um pé fora?

— Não, mas lorde Gareth é distinto. Ele discute comigo os temas importantes.

— Seu marido segue estando na fase em que se diverte mimando a sua nova esposa. Isso logo mudará — apontou Joanna em tom triste —, sempre muda.

Clare notou uma pressão no estômago. Não podia suportar a ideia de que Gareth partisse, e menos agora que estavam começando a conhecer-se, a entender-se, a falar.

— Terei que falar com ele disto — sentenciou Clare olhando fixamente para a porta.

— Aonde vai?

— Procurar meu marido. Quero falar com ele.

Joanna franziu o cenho.

— Neste momento está ocupado.

— No que?

— Está fiscalizando as reparações do moinho de vento, acredito. Estão trocando uma das pás.

— Só será um momento.

Clare cruzou a porta. O moinho de vento estava ao outro lado do pátio, com as pás paradas. Havia vários homens, incluídos Gareth e Ulrich, congregados ao redor do moinho e, pelas expressões sérias de seus rostos, pareciam estar ao redor de uma tumba.

Por um momento, perguntou-se se os homens adotavam esses ares de severidade quando enfrentavam a dispositivos mecânicos avariados para impressionar uns aos outros ou se estavam realmente alarmados pelo desafio que supunha repará-los.

— Meu senhor... — deteve-se a uns passos do grupo — Eu gostaria de falar contigo.

Gareth desviou com reticência a atenção da lona rasgada da pá e a olhou.

— Mais tarde, senhora. Como pode ver, agora estou ocupado.

— É muito importante. — Clare era consciente de que todos os homens do grupo estavam escutando com suma atenção — Será só um momento.

A sobrelha de Gareth se arqueou como resposta ao tom autoritário de Clare.

— De acordo, se for importante... — Fez um gesto com a cabeça a Ulrich — Sigam trabalhando. Já volto.

— Sim, meu senhor — Ulrich se voltou para a lona com um sorriso zombador nos lábios.

Gareth se aproximou de Clare a grandes pernas e baixou a vista para olhá-la. Seus largos ombros lhe tampavam a visão do moinho.

— Bem, vejamos Clare. O que é tão urgente que não pode esperar?

De repente, Clare se sentiu ridícula, mas tinha que fazer a pergunta.

— Só queria saber se tem a intenção de partir de Desejo dentro de pouco.

— Partir?

— Partir — afirmou com um olhar fulminante nos olhos — Há quem diz que, agora que assegurou umas terras e me deixou em estado, desaparecerá. Queria saber se é essa sua intenção.

Gareth a olhava fixamente.

— Está grávida?

— Isto... não, não — Clare esclareceu garganta — Bom, ao menos, não acredito que seja o caso. Gareth, essa não é a questão. O que te pergunto é se tem intenção de abandonar a ilha.

Gareth esboçou um sorriso forçado.

— Diabos! Este não é o momento de discutir estas coisas. Estou tentando arrumar o maldito moinho.

— É mais importante o moinho que seus planos de futuro, senhor?

Gareth passou os dedos pelo cabelo.

— Que diabos lhe fez vir em busca de mim para me perguntar isso agora?

— Isso não importa meu senhor. Simplesmente responda à pergunta. Você vai partir logo?

— Acaso quer que parta?

— Não, meu senhor. — Clare se fixou em seu peito cheio — Para ser sincera, acredito que é muito útil e está bem te ter por aqui, assim não estou desejando vê-lo partir.

— Útil?

— Sim, senhor, útil.

— No que sou útil?

— Bom, arrumou muito bem a máquina de prensar que utilizo para extrair azeite das rosas e a canela. — Clare mostrou um breve sorriso amável — Agora funciona perfeitamente.

— Obrigado — pronunciou Gareth entre dentes —, me alegro de ter podido prestar um bom serviço.

Clare se deu conta de que estava aborrecido e ela também se zangou.

— Só quero saber quais são seus planos para poder fazer os meus. Parece te pedir muito?

Ele entreabriu os olhos e lhe lançou um olhar frio.

— Não tenho a menor intenção de deixar Desejo, a menos que me chame meu pai. Sabe tão bem como eu que sou um vassalo de Thurston de Landry e, como tal, devo-lhe certo número de dias ao ano se ele os reclamar.

Clare franziu o cenho.

— Não sou estúpida. Entendo-o perfeitamente. Não te perguntava pelas obrigações que tem com lorde Thurston. Referia a seus planos pessoais.

— Neste momento, meus planos pessoais são arrumar esse maldito moinho antes o possível. Depois, tenho intenção de fiscalizar o trabalho dos trabalhadores de pedreira e, quando tiver terminado com isso, retornarei a minha oficina para seguir com meus experimentos. Responde isso a sua pergunta?

— Assim, decididamente, não vai partir de Desejo?

— Não.

— Jura-me isso?

— Sim.

Uma sensação de alívio percorreu todo o corpo de Clare, embora tentou não demonstrar.

— Isso é o que queria saber.

Gareth apertou os punhos.

— Está satisfeita, senhora? Já posso voltar para a reparação da pá do moinho?

— Claro, peço desculpas por incomodá-lo enquanto trabalha — Clare começou a voltar-se.

— Clare!

— Sim?

Gareth a repassou de cima abaixo.

— Me disserão que não cobra dos aldeãos por utilizar o moinho.

— Sim, é certo. Sei que muitos senhores cobram a sua gente para moer a farinha, mas eu acredito que não há necessidade de fazê-lo. Os vizinhos nos abastecem com toda a farinha que necessitamos, assim, pelo que a mim respeita, considero que é um trato justo.

— Compreendo.

Clare o olhou inquieta.

— Suponho que não pretende cobrar a nossa gente para moer sua farinha.

— Não. Nesta família você é a que tem cabeça para os negócios. Se crer que o acordo atual é justo, quem sou eu para discutir isso.

— Cabeça para os negócios, sim, é o que sempre me disseram — explicou-lhe com um olhar irônico — Ora, parece que ambos temos nossa utilidade.

Os olhos de Gareth se iluminaram.

— Nenhum marido poderia pensar em uma mulher mais útil que você. E agora te rogo que me desculpe, devo voltar para o trabalho.

Retornou e se meteu entre o grupo concentrado ao redor do moinho.

Clare o seguiu por um momento com um olhar nostálgico. Pensava na palavra «útil».

Ela sempre tinha sido útil, pensou. Tinha sido útil para sua mãe, que tinha carregado com a responsabilidade de dirigir o feudo enquanto o senhor percorria todo o continente em busca de conhecimentos.

Tinha sido útil para seu avoado pai, um intelectual que preferia estudar em Paris e na Espanha que assumir as responsabilidades de ser um marido, um pai e o suserano de Desejo.

Tinha sido útil para seu irmão, que tinha preferido a agitação e a fama dos torneios que as terras que devia herdar.

Tinha sido útil para Raymond de Coleville, que tinha querido divertir-se com alguma aventura enquanto estudava com seu pai.

Nicholas de Seabern tinha pensado que a converteria em uma esposa útil... Útil para encher seus bolsos.

Tinha sido útil para Thurston de Landry, que valorizava os ganhos de Desejo.

E agora, ao que parecia, o Lobo Sanguinário também a considerava útil.

Não era um pensamento muito alentador, mas Clare opinou que existiam destinos piores que ser útil.

Destinos como apaixonar-se por um homem que considerasse o amor como algo não especialmente útil, por exemplo.

Aquela tarde, Clare por fim encontrou tempo para subir as escadas da torre até seu estúdio. Apressou-se ao dobrar a última esquina, no alto da escada, e de repente se chocou precipitadamente com Dallan.

— Ui! — Clare tentou serenar-se enquanto dava um passo para trás cambaleando.

— Lady Clare! Perdoe-me! — Nos olhos de Dallan brilhou algo mais que surpresa, algo que podia ser temor.

Ela sorriu com tristeza.

— O que está fazendo aqui, Dallan? Acreditei que estava ajudando lorde Gareth com seus experimentos.

— Perdoe-me, milady. — olhou com nervosismo para a casa e logo depois de novo para ela — Não a ouvi subir as escadas.

— Vou para meu estúdio.

— Ah! — Dallan passou as mãos pela túnica com nervosismo — Está bem?

— Não se preocupe. Não me machucou — Clare o olhou preocupada — Ocorre algo, Dallan?

— Não, senhora.

— Está seguro? Vejo-te cada vez mais abatido desde a feira da primavera. Está seguro de que não sofre por amor por sua bela Alison?

— Alison? — Dallan parecia confuso — Não, senhora não sofro.

— Seguro?

— Sim, senhora, seguro.

— Acaso há algo mais que o preocupa?

— Não, senhora. — Dallan duvidou, mas logo se encolheu de ombros. Em seus olhos havia um brilho de tristeza, quase de desespero. — Lady Clare, nunca a agradei quão generosa foi comigo. Agora quero fazê-lo.

Clare sorriu.

— Sou eu quem deve te agradecer, Dallan. Você alegrou nossas vidas em Desejo com sua música e seus belos poemas. E sei que lorde Gareth está muito contente de te ter como ajudante na oficina.

— Meu senhor é um homem muito inteligente — sussurrou Dallan —, como você, senhora. Foi uma honra servi-la.

— Por que diz isso? Obrigado, Dallan.

— Rogo que me desculpe senhora — murmurou Dallan — Agora devo ir. O senhor deve estar me esperando.

— Então vá. Verei-te no jantar.

— Adeus, milady. E obrigado de novo por ser tão generosa comigo. Não o mereço.

— Que tolice, claro que o merece! — Clare seguiu para seu estúdio.

Abriu a porta e tentou entrar, mas algo a fez duvidar. Voltou-se e olhou para trás. Dallan a estava observando com um olhar profundamente melancólico. Ela voltou a lhe sorrir para que se tranquilizasse. Logo, entrou no quarto e fechou a porta.

Dirigiu-se para o escritório e se sentou apoiando o queixo entre as mãos. Refletiu durante um momento sobre a forma em que Dallan tinha agradecido sua amabilidade.

— Foi muito estranho, Gareth — explicava-lhe Clare aquela noite quando estavam a sós no dormitório — Era como se estivesse se despedindo de mim.

— Quem se despediu? — Gareth não levantou a vista do enorme volume que estava examinando.

Pensava que o pai de Clare fez um bom trabalho traduzindo do árabe ao latim, mas que sir Humphrey não tinha sido um escrivão excessivamente habilidoso. Teria que fazer um esforço enorme para decifrar as palavras do ensaio que estava tentando entender sobre os elementos.

Embora tivesse sido um dia quente, de noite tinha refrescado mais que o habitual. Na lareira do dormitório ardia um bom fogo. Fora começava a soprar um vento que anunciava tormenta antes do amanhecer.

— Dallan, está me escutando, meu senhor?

— Claro que estou te escutando. Sempre te escuto quando fala. Acaso não deixei de trabalhar no moinho esta manhã para te escutar? — Gareth franziu o cenho concentrando-se em uma palavra escrita com grande estupidez. Não conseguia decifrar se punha «vapor»

ou «sabor». Decidiu que tinha que ser «vapor». «Sabor» não tinha sentido no contexto: «O calor intenso faz que o líquido ferva e desprenda vapor, que se converte em líquido [...]».

— Assim sempre me escuta, né? — Clare emitiu um leve suspiro muito feminino para mostrar sua incredulidade — E o que acabo de dizer?

Gareth se concentrou na complexa explicação sobre as propriedades do fogo, a terra, a água e o ar.

— Disse algo sobre que Dallan se despediu de você.

— Disse que parecia que se estava se despedindo. Era como se planejasse partir de Desejo.

— Já lhe disse, não tenho intenção de partir da ilha.

— Você não... Dallan! Vê! Sabia que não estava me escutando.

Gareth renunciou à leitura do tratado traduzido do árabe. Estendeu as pernas as aproximando do fogo, recostou-se na cadeira e olhou Clare.

A imagem da mulher sentada ali com o livro no colo, com seu rosto inteligente compungido em uma expressão de intensa inquietação, fez que por um instante se esquecesse do ensaio sobre os quatro elementos.

«Minha esposa» pensou com um sentimento de assombro. Ainda não podia acreditar que fosse sua.

As chamas ressaltavam a reluzente escuridão de seu cabelo e davam a sua pele um tom cremoso. Ela o olhava com aqueles olhos sérios de cor clara. Pensou na maneira de fazê-la resplandecer de paixão e seu corpo começou a esticar-se. Sempre lhe ocorria quando pensava em Clare nua entre seus braços.

— Qual é o problema? — inquiriu Gareth.

— Temo que Dallan esteja atormentado por alguma horrível preocupação. Está mais angustiado que nunca. Ao que parece, o jovem William topou com ele quando saía de um dos aposentos esta tarde. Dallan tinha os olhos chorosos.

— Estava chorando? Mas, por quê?

— William contou a Ulrich que tinha feito exatamente essa pergunta e que ele respondeu que não era assunto dele. É terrível! Dallan não conta o que é o que o preocupa. O que sugere?

— Não podemos fazer outra coisa que vigiá-lo. Ulrich se ocupará disso.

— Vigiá-lo? — inquiriu Clare surpreendida — Por que tem que vigiá-lo? Teme que se faça mal?

— É possível. A melancolia é uma enfermidade estranha, às vezes inclusive perigosa.

— Esse é um pensamento alarmante.

— Não se preocupe esta noite. Ulrich se ocupará de vigiá-lo — Gareth reatou a leitura — Clare, temos mercúrio?

— Sim — respondeu distraída — Meu pai o guardava em alguma parte. Ocorreu-te algum outro suspeito que possa ter assassinado Beatrice?

— Não.

— Ainda pensa que o motivo foi o roubo de um livro?

Gareth olhava fixamente a beberagem alquímica que estava estudando. Pensou na potente explosão que tinha provocado com a mescla de enxofre e carvão.

— Dei-me conta ultimamente de que estes tratados antigos escondem muitos segredos incríveis que seu pai traduziu.

— Sem dúvida, mas os livros que há no convento não procedem do leste. São basicamente herbários ingleses e livros históricos da Igreja. Seguro que nenhum deles contém nenhum segredo pelo que valha a pena matar.

— E se o assassino não sabia o que ia encontrar neles? — Gareth acariciou o fio das páginas irregulares de pergaminho do livro que sustentava — E se acreditava que ia encontrar neles algo de grande valor?

— E que segredo poderia encontrar?

— Possivelmente o elixir que pode transformar em ouro os metais básicos.

— Ah, isso! Os alquimistas levam anos procurando essa fórmula — respondeu Clare em tom zombador — Meu pai se assegurou que não existia.

Pouco antes da alvorada, ouviram-se uns golpes na porta do dormitório que despertaram Gareth de um inquietante sonho com sangue e um livro aberto.

No sonho estava tentando ler a fórmula alquímica escrita no livro, mas, antes que pudesse distinguir as palavras, a página do livro tinha ficado coberta de sangue.

Ao ouvir o golpe, Gareth despertou, como sempre, rapidamente e acordou por completo. Pela força do hábito, tirou o braço pelo lado da cama procurando algo e sua mão rodeou o punho *da Porta do inferno*.

— O que ocorre? — perguntou Clare com voz sonolenta — Algo vai mal?

— Há alguém na porta — Gareth afastou a cortina da cama e cruzou a habitação sem fazer ruído com a espada na mão.

— Quem é?

— Ulrich, senhor.

Gareth abriu a porta. Ulrich estava no vestíbulo, vestido e sustentando uma vela. Olhou Gareth, que ia completamente nu e só levava a espada.

— Sinto te incomodar.

— O que ocorre?!

— O trovador abandonou a casa, tal como disse.

— Dallen? — Clare apareceu à cabeça entre as pesadas cortinas da cama — Diz que partiu?

Gareth fez caso omisso de sua pergunta.

— Partiu com as mãos vazias?

— Não sei, mas a porta do estúdio de lady Clare está entreaberta.

— Assim, depois de tudo, o moço estava decidido a nos trair — sentenciou Gareth em um murmúrio.

— Adverti-lhe de que podia ser perigoso — particularizou Ulrich discretamente.

— É certo. — Estava preparado para aquilo, inclusive o esperava depois de ter observado o estranho comportamento do trovador nos últimos dias. Entretanto, as ações de Dallan o entristeceram de um modo que não podia explicar. Pensou que era como a tristeza que se sente quando um amigo demonstra não ser de confiança.

Gareth tinha se convencido de que ele e Dallan tinham estabelecido um vínculo apoiado na carga de sua mútua ilegitimidade e no interesse pelos experimentos. Era evidente que se equivocou.

— Indicou-me que se ocorria algo assim queria se ocupar disso pessoalmente. — Ulrich não olhou para a cama.

— Sim. Vou me vestir. Prepara um dos cavalos.

— Vou contigo — disse Clare.

— Não faz muito que se desatou a tormenta, senhor. — Ulrich seguia com o olhar educadamente cravado em Gareth — Faz um tempo horroroso aí fora.

— Irei sozinho — disse Gareth.

— Não, meu senhor. — Clare afastou a cortina de repente. A camisola lhe subiu até a cima dos joelhos enquanto deslizava as pernas para a borda da cama — Irei contigo.

Gareth voltou o rosto e a olhou por cima do ombro, contrariado.

— Volte para a cama — e voltando-se para Ulrich —: Se ocupe do cavalo. Agora mesmo baixo.

— Sim, meu senhor, — Ulrich retrocedeu imediatamente para o corredor.

Gareth fechou a porta. Cruzou a habitação com três rápidas pernadas e tirou suas roupas de um cofre.

— Gareth, quero ir contigo. — Clare se levantou da cama e se apressou para o cofre onde guardava suas túnicas e vestidos — Tem que me esperar.

— Não. Eu me ocuparei deste assunto.

Gareth terminou de vestir-se e grampeou o cinturão a meia no quadril. Agarrou a espada e a vagem e se dirigiu à porta.

Clare estava fazendo grandes esforços para colocar o vestido pela cabeça.

— Por que supõe que Dallan foge assim às escondidas?

— Possivelmente porque encontrou o livro que tinha vindo roubar — respondeu Gareth da porta aberta.

— Como? — Clare conseguiu colocar o vestido de um puxão. O olhar que dirigiu a Gareth era de preocupação — Não posso acreditar que faça algo assim.

— Bom, então pode ser que escape porque não quer que o perguntem pelo assassinato de Beatrice a anacoreta — sugeriu Gareth.

Fechou a porta com firmeza ante a expressão horrorizada de Clare.

A montaria o esperava no pátio. O vento soprava e os brilhos dos relâmpagos inquietavam ao cavalo, que saltava e fazia cabriola sobre as pedras até que Gareth saltou à sela. Assim que sentiu as firmes mãos nas rédeas, o cavalo se acalmou.

— Abre a porta! — ordenou Gareth.

— Sim, meu senhor. — Ranulf correu para o barraco. Ulrich levantou a vista para olhar Gareth. — Está seguro de que não quer que te acompanhe?

— Eu me ocuparei do trovador. Quanto faz que partiu?

— Não mais de meia hora. Ordenei que comprovassem seu quarto a cada meia hora como ordenou. Quando o guarda o encontrou vazio me informou imediatamente e eu vim direto a você.

— Suponho que não partiu pela porta, já que os guardas o teriam visto.

— Sim. Seria interessante saber como conseguiu sair do pátio sem ser descoberto.

— Isso saberemos quando o tiver capturado. — Gareth deu o sinal ao cavalo e o animal saiu atirado para a porta aberta.

A luz cinza de um amanhecer tormentoso ia abrindo passo pela ilha enquanto Gareth galopava pelo caminho para o povo. Seu destino era o porto. A única forma de sair de

Desejo era de navio, e as únicas embarcações disponíveis estavam amarradas no mole do povo.

O cavalo corria a toda pressa deixando atrás os campos e as casas dispersas. Com a primeira luz do dia, Gareth podia ver as fileiras de flores dobrando-se ao passo do vento.

A porta do convento ainda estava fechada quando passou por diante cavalgando. Ainda não havia gente pelas ruas nem na praça do mercado.

Quando chegou ao porto, divisou imediatamente a solitária figura no mole. A capa de Dallan se agitava violentamente sobre seu magro corpo enquanto lutava com as cordas de uma pequena embarcação, que cambaleava e virava nas revoltas águas do porto. Apoiada na parede de pedra do mole havia uma grande bolsa de couro.

— Espere trovador! — A voz de Gareth trovejou por cima do rugido do vento — Como seu senhor, ordeno que te detenha.

Dallan se deu a volta com o rosto compungido e cheio de temor.

— Não, me deixe partir, senhor, o rogo! Tenho que ir. Matará-a se não lhe dou o livro.

Gareth desceu da montaria, atou as rédeas a um poste e se dirigiu para o mole.

— Faz o que te ordeno Dallan de Desejo, ou saberá aqui e agora como trato eu aos ladrões e assassinos.

— Não. — Os olhos de Dallan mostravam pavor. Agarrou a bolsa de couro e saltou do mole ao barco oscilante.

Não aterrissou no centro, de modo que o barco se inclinou perigosamente para um lado.

Dallan gritou e lançou a bolsa de couro ao fundo do barco. Moveu-se bruscamente para tentar manter o equilíbrio.

O barco voltou a balançar e, finalmente, Dallan caiu às águas revoltas.

Gareth pôs-se a correr. Justo quando alcançava ao final do mole ressonaram uns cascos no meio-fio. Voltou à vista atrás e viu Clare cavalgando para ele sobre seu palafrém. O vento tinha jogado para trás o capuz de sua capa e o cabelo batia em seu rosto.

— Gareth, o que vai fazer? — gritou.

— Vou tirar seu trovador favorito do mar e depois o ensinarei qual é o preço que se paga pela traição.

— Meu senhor, não lhe faça mal! Estou segura de que tem que ter uma explicação para este comportamento.

— Claro — resmungou Gareth —, aposto que sim, e tenho intenção de ouvi-la antes de lhe enforcar.

— Não, não pode enforcá-lo — gritou Clare.

— Por que não? Assim é como estou acostumado a tratar aos ladrões.

Dallan voltou a gritar.

Gareth o olhou e viu o moço debatendo-se em vão com o mar enfurecido. Era óbvio que não sabia nadar.

Gareth desabotoou todo o cinturão de couro. Deu duas voltas à cintura com ele e logo se inclinou na borda do mole.

— Agarre a meu cinturão, Dallan.

— É melhor que me afogue.

— Pode ser que sim, mas não vai se afogar. Tenho outros planos para você. Agarre meu cinturão.

Dallan se agarrou ao cinturão.

Capítulo 16

O inquietante silêncio que reinava no quarto da lareira incomodava Clare. Sabia que Dallan estava, mais que intranquilo, aterrorizado. Ambos estavam sentados muito quietos em suas banquetas e esperavam que Gareth falasse.

Clare lançou a Dallan um leve sorriso para animá-lo, mas ele não o devolveu.

Gareth não fazia nada para melhorar a atmosfera opressiva. Clare tinha começado a suspeitar que, deliberadamente, estava deixando que aumentasse a tensão. Deixou-se cair em uma cadeira diante do fogo e observou as chamas com uma expressão escura e sinistra que pressagiava o pior. Tinha os braços apoiados nos braços esculpidos da cadeira de carvalho.

Finalmente, começou a falar e Clare se sobressaltou.

— Como se chama esse outro amo ao que serve, Dallan de Desejo?

Dallan estremeceu. Clare observou como abria e fechava os lábios com nervosismo. Brincava com as mãos sobre o colo.

— Meu senhor, rogo que não me peça que lhe dê esse nome. Se o disser, a desgraça se abaterá sobre esta ilha.

— Tão poderoso é? — Gareth falou com voz baixa.

— Sim.

— Um grande cavalheiro?

— Sim.

— Uma vez me disse que tinha ido a uma cruzada.

— Sim.

— Teme a ele mais que a mim?

Dallan baixou a vista para suas mãos.

— Você o máximo que fará será me enforcar, milord. Meu amo pode me fazer coisas muito piores.

— O que pode ser pior que morrer na forca, trovador?

Dallan dirigiu um olhar breve a Clare. Umedeceu os lábios.

— Prometeu matar minha senhora se o trair.

Uma terrível sensação se apoderou de Gareth.

— Realmente pronunciou essas palavras? Ameaçou especificamente matar lady Clare?

Dallan sentiu um calafrio, apesar de que já estava seco e a estadia estava quente.

— Jurou que assassinaria a todas as pessoas pelas que eu sinto afeto. E depois prometeu me matar da forma mais espantosa. Não se ofenda senhor, mas prefiro morrer enforcado que por efeito da magia.

Clare o olhou.

— Magia?

Dallan apertou os lábios temendo já ter dito muito.

— Magia. — Gareth repetiu a palavra de uma forma estranha, como se estivesse saboreando-a — Portanto, esse senhor ao que teme é um grande mago.

Dallan voltou a baixar o olhar para suas mãos apertadas.

— Sim. É um professor das artes escuras. Pode atravessar portas fechadas. Pode fazer desaparecer objetos. Conhece os segredos dos antigos.

Gareth arqueou as sobrancelhas.

— E esse grande mago que pode atravessar as portas e fazer desaparecer coisas tem que mandar um moço de dezesseis anos para roubar um livro de uma mulher? E por que não se materializou no estúdio de minha esposa e escolheu ele mesmo o volume? Depois, poderia ter se esfumado rapidamente antes que alguém se inteirasse.

— Meu senhor não pretendo entender seus motivos — aduziu Dallan desesperado —, mas nunca conta seus planos, nem a mim nem a ninguém. Não é sua forma habitual de proceder. É sempre muito reservado.

— O que te ordenou exatamente que fizesse enquanto estivesse aqui? — perguntou Gareth.

— Mandou-me que viesse a Desejo e entrasse na casa como trovador. Disse que tinha que me familiarizar com a mansão e as pessoas que vivem aqui e que esperasse seu sinal.

— Sabia que me afeiçoaria com um trovador? —manifestou Clare desgostada.

— Sim, meu amo... — Dallan se deteve e lançou um rápido olhar de desconforto a Gareth — Quer dizer, meu antigo amo disse...

— O que? — pediu Clare gentilmente.

Dallan conteve umas quantas lágrimas.

— Disse que minha estúpida poesia a agradaria, milady. Disse que você me apreciaria porque tinha uma grande afeição pelas ridicularias românticas.

— Tinha razão em uma coisa — afirmou Clare —, aqui te apreciam Dallan.

— O apreciava — corrigiu Gareth — Até que traiu esta casa e me traiu .

— Tive que fazê-lo — sussurrou Dallan — Tinha que roubar o livro. Ele me ordenou isso.

O olhar de Gareth se endureceu.

— Quando te deu essa ordem?

— Apareceu no último dia da feira da primavera. Buscou-me entre a multidão e me descreveu o livro que queria. Disse-me que se não o levava no prazo de um septenário⁵, destruiria esta casa e a todos os que habitam nela.

— Na feira da primavera? — os olhos de Gareth diminuíram — Esteve em Seabern?

— Sim — respondeu Dallan com outro suspiro —, materializou- se disfarçado de camelô.

— Assim por isso mudou tanto seu humor no último dia da feira... — comentou Clare.

⁵ Espaço de sete dias (geralmente com referência à duração de uma doença).

— Tinha começado a acreditar que se esqueceu de mim — murmurou Dallan — Em realidade, nos dois últimos meses cheguei a acreditar que já não lhe era de utilidade e que possivelmente já era livre.

— Por isso me jurou lealdade, Dallan de Desejo? — perguntou Gareth — Porque pensou que o mago tinha te liberado de seu juramento para ele?

— Nunca me pediu que lhe jurasse fidelidade como você, meu senhor. — Dallan olhou tristemente para o chão — Para ele, fui nada mais que um servo. Ninguém pede a um servo que dê o juramento de cavalheiro.

Clare dirigiu a vista para o livro que estava sobre o escritório.

— Como soube qual dos livros de meu pai queria roubar o mago?

— Ele me descreveu quando me encontrou na feira — respondeu elevando o olhar ao volume que estava em cima da mesa — Disse que seria um livro grande com muitas receitas estranhas escritas com má caligrafia. Disse que seguro que estaria entre os artigos que sir Humphrey tinha mandado para casa justo antes de morrer.

— Você sabia que eu tinha estado estudando precisamente esse livro nos últimos tempos posto que me ajudou com alguns experimentos — sentenciou Gareth.

— Sim, milord.

Gareth torceu o gesto.

— Pensei que tinha um talento especial para os experimentos, mas agora me dou conta de que era porque deveria ajudar ao mago em algumas ocasiões.

— Sim. — Dallan tragou saliva penosamente — Ensinou-me o que precisava saber para lhe ajudar em seus estudos. Senhor necessito que me diga se for me enforcar esta noite.

— Por que pergunta?

— Eu não gostaria de morrer sem ter me confessado. Entendo que não tenho direito a pedir nenhum favor, mas lhe agradeceria muito que chamasse um sacerdote antes de me pendurar.

— Por Deus misericordioso, lorde Gareth não vai enforcar ninguém esta noite! — apontou Clare rapidamente — Verdade que não, meu senhor?

Gareth não respondeu. Seguiu refletindo com o olhar cravado nas chamas.

Dallan mordeu o lábio e olhou os dedos trêmulos.

— Só rezo para que algum dia possa me perdoar, lady Clare.

Clare olhou Gareth com gesto interrogativo e logo se voltou para Dallan.

— Não faça caso ao senhor, Dallan, está de muito mau humor. Não vai te enforcar.

Dallan a olhou como se estivesse louca.

— Meu senhor, poderia dizer amavelmente ao Dallan que não vai enforcá-lo hoje? — sugeriu Clare com impaciência.

— Ainda o estou considerando — murmurou Gareth.

— Senhor, sabe perfeitamente que não vai pendurar o escudeiro que está treinando — repôs Clare sorrindo a Dallan — Compreendo que levou o livro porque queria me proteger, Dallan, e lorde Gareth também o compreende.

Dallan não parecia muito convencido de que Gareth também o compreendesse.

— Meu senhor, sei que acredita que o que fiz foi um ato de traição. Desejaria com todo meu coração ter podido seguir servindo-o como escudeiro, mas você mesmo me disse uma vez que um homem deve fazer todo o necessário para proteger aqueles que dependem dele. E eu tinha que proteger lady Clare.

— Um homem não pode servir a dois senhores, Dallan de Desejo.

— Certo, senhor, sei. Mas quando lhe jurei lealdade, acreditava seriamente que era livre para poder servi-lo. Para o mago eu era um dom ninguém, simplesmente um moço que tinha comprado por umas quantas moedas. Depois de estar um tempo aqui em Desejo, cheguei inclusive a acreditar que se esqueceu de mim ou que já não me necessitava. Dizia-me mesmo que jamais viria me buscar.

Os olhos de Gareth brilhavam com a intensidade cinza da fumaça.

— Quero o nome desse mago, Dallan.

A expressão de Dallan foi de pavor.

— Juro, senhor, não me atrevo a pronunciá-lo! Se o fizer, todos estarão em grave perigo, e especialmente lady Clare.

— Lady Clare já está em perigo — argumentou Gareth — A única forma em que posso protegê-la e proteger esta casa e a todos os que estamos aqui é sabendo todo o possível sobre seu amo.

— Mas não se trata de um cavalheiro comum, meu senhor. É um mago — gemeu Dallan.

— Pelas chamas do inferno! Parece-me que é um alquimista, um homem comum que chegou a dominar uns quantos truques orientais, nada mais. Quero seu nome.

Clare acariciou a mão de Dallan.

— Nos dê o nome do mago, Dallan. Será o melhor. Lorde Gareth se encarregará de solucionar o problema. É perito em solucionar problemas.

Os olhos de Dallan se moviam ansiosamente do rosto duro e inflexível de Gareth ao sorriso tranquilizador de lady Clare.

— Perdoe-me. Sei que você é um grande cavalheiro, meu senhor, mas nem você pode defender-se das artes desse mago.

— Que tolice! — exclamou Clare — Lorde Gareth é perfeitamente capaz de ocupar-se de um simples mago.

O olhar impenetrável de Gareth se fixou por um instante no rosto de sua esposa.

— Obrigado pela confiança, senhora.

Clare sentiu o rubor nas bochechas ante seu tom irônico.

— Não tenho nenhuma dúvida de que é capaz de proteger esta casa, meu senhor.

— Pois se meu futuro escudeiro me demonstrasse essa mesma confiança — assinalou Gareth com toda a intenção —, possivelmente teria mais possibilidades de cumprir meu encargo.

O rosto de Dallan se iluminou por um segundo, mas logo se decompôs em um gesto de desespero.

— Já não sou seu escudeiro, meu senhor. Ambos sabemos.

— Acaso não disse que nunca jurou fidelidade a esse mago?

— Não, senhor.

— Me jurou fidelidade ante testemunhas.

— Sim.

— E não aceitei seu juramento e te dei a minha em troca?

— Sim.

— O que te prometi em troca de seu honesto serviço, Dallan de Desejo?

— Seu amparo, meu senhor.

— Eu nunca cometi perjúrio, trovador. Meu juramento sempre foi minha única posse. Não estou acostumado a jurar levemente e, uma vez que prestei um juramento, cumprio-o.

— Entendo-o, senhor — Dallan apertou mais ainda as mãos —, mas já não tenho direito a solicitar seu amparo.

— Tem-no se não jurou em falso — assegurou Gareth com suavidade.

A cabeça de Dallan atuou com rapidez.

— Mas o tenho feito ou, ao menos, você acredita que o tenho feito.

— O que eu acredito — continuou Gareth com ar pensativo —, é que teme tanto a este alquimista que fez o que te ordenou.

— Sim.

— Mas também acredito que lhe obedeceu porque queria proteger lady Clare.

— É a verdade — murmurou o jovem —, juro.

— Então não me traiu — prosseguiu Gareth — Obrou de uma forma incorreta e insensata, mas não cometeu perjúrio. Segue sendo meu vassalo escudeiro e eu seu suserano.

Dallan fechou os olhos e respirou fundo, tremendo.

— É você muito generoso, meu senhor. Não mereço seus favores.

— O nome, Dallan. — A mão de Gareth se fechou em um punho sobre o encosto da cadeira — Quero o nome do mago.

— Lucretius, meu senhor. — Dallan ficou imóvel, com os olhos muito apertados como se esperasse ser fulminado por um raio ali mesmo. Ao comprovar que não ocorria nada, começou a abri-los com suma cautela. Seu tom se afirmou — Chama-se Lucretius de Valemont.

— Lucretius de Valemont — repetiu Gareth em voz baixa.

Dallan apoiou a cabeça entre as mãos.

— Deus nos proteja, vai matar a todos!

— Como saiu Dallan do pátio sem que o visse o guarda? — a calvície de Ulrich brilhava enquanto se inclinava para estudar o mapa de pergaminho que estava estendido sobre a mesa.

— Esperou que tivesse passado a ronda. — Gareth riscou a linha da costa com o dedo em busca dos dois lugares onde se podia desembarcar de uma nave pequena — Logo pôs uma escada na parede de trás da quadra e, quando esteve no alto da muralha, baixou com uma corda até o chão.

— Bastante hábil para ser um trovador, ou é que não o é?

— Sim. — Gareth deu uma olhada pela janela. Amanhecia um novo dia. A tormenta tinha passado, mas tinha deixado um ar carregado — Se alguém pode sair daqui com tanta facilidade, igualmente fácil seria entrar. Ponha outro guarda aqui na casa, Ulrich.

— Para fazê-lo terei que tirar os guardas do convento.

— Não acredito que o convento esteja em perigo por agora. O alquimista sabe que o livro está aqui na casa. — Gareth encontrou os entrantes na linha costeira — Também quero vigilância nestas posições e no porto. Que se inspecionem as baías do escarpado cada vez que baixe a maré.

— Seremos muito poucos guardando a ilha, meu senhor. Os três homens que mandou para custodiar os perfumes que comprou o comerciante de Londres não retornaram ainda. Ainda nos falta pessoal.

— Você e eu montaremos guarda, e meu escudeiro também.

Ulrich levantou a cabeça com um brilho de curiosidade no olhar.

— Vai confiar a Dallan a guarda?

— Dallan é meu vassalo. Tem medo de seu antigo amo, mas não está a seu serviço a não ser ao meu.

Ulrich vacilou, mas depois assentiu com a cabeça.

— Muito bem! Sempre soube julgar aos homens.

Deixaremos que monte guarda perto do convento.

— Eu ficarei aqui na mansão — especificou Gareth — Você vá ao porto com um par de homens.

— De acordo, meu senhor. Crê que esse tal Lucretius de Valemont tentará entrar em Desejo com homens armados?

— Não sei. Suponho que sabe o difícil que resultaria desembarcar com uma companhia armada sem ser visto.

— Neste momento, não pode saber que você sabe quem é e quais são suas intenções.

— Mas logo o deduzirá. — Gareth estudou o mapa — Tenho a impressão de que quando vir que Dallan não leva o livro virá buscá-lo ele mesmo. Já pisou em nossa ilha em uma ocasião anteriormente.

Ulrich o olhou com uma expressão inquisitiva.

— Quando?

— À noite em que registrou a biblioteca do convento.

— Crê que foi ele que assassinou a anacoreta?

— Assim é.

— Ah, claro! Nosso misterioso fantasma que atravessa portas fechadas — disse Ulrich pensativo.

— Provavelmente um homem vestido com hábito de monge que sabe forçar uma porta. Suspeito que chegou e que logo escapou em um pequeno bote que deixou em um destes dois pontos — indicou assinalando com o dedo as pequenas baías desenhadas no mapa.

Ulrich sorriu sem o menor vestígio de sua habitual alegria.

— Se o mago voltar uma segunda vez, o apanharemos.

— Sim. Só é um homem, apesar do que Dallan possa acreditar.

— Onde está o jovem Dallan?

— Clare o levou às cozinhas para lhe dar de comer. Agora que já se recuperou de suas aventuras, está morto de fome e já não teme ser enforcado.

Ulrich estranhou ante aquela resposta.

— Eu gostaria de ter mais informação sobre o mago.

— Eu também, mas Dallan o teme tanto que lhe resulta difícil falar dele. Clare diz que o trovador estará mais comunicativo depois de comer.

— Encarregou sua esposa de interrogar o menino?

— Foi ideia dela — admitiu Gareth.

— É um mago? — Joanna tinha a boca aberta de assombro — Está segura?

— Isso diz Dallan — respondeu olhando o moço — Não é assim?

— Sim, milady. — Dallan estava sentado à mesa de cavalete da cozinha. Tinha diante uma boa fatia das sobras de um frango assado e a estava devorando como se não tivesse comido em semanas.

William estava sentado diante dele, mordiscando uma parte de queijo.

— Sir Ulrich diz que a magia não existe — disse William — Diz que Lucretius de Valemont deve ser um alquimista e não um mago de verdade.

— Lucretius de Valemont pode atravessar portas fechadas — insistiu Dallan.

— É isso certo? — inquiriu William intrigado.

— Vi-o entrar em uma habitação fechada sem utilizar chave — contou Dallan com a boca cheia de frango — Também o vi fazer aparecer e desaparecer objetos. Sei que lorde Gareth não me acredita, mas é certo.

— Aposto que não é um grande cavalheiro como lorde Gareth e sir Ulrich — assegurou William com firmeza.

Dallan deixou de mastigar. Seus olhos denotavam preocupação.

— Já disse, Lucretius de Valemont foi a uma cruzada. É um temível cavalheiro, embora diga que só um parvo usa a espada quando pode utilizar a magia.

William deu outra dentada ao queijo.

— É tão grande e tão forte como lorde Gareth e sir Ulrich?

— Não. — por um instante, Dallan pareceu um pouco mais animado — Não é tão grande como meu senhor. — seu rosto voltou a escurecer-se — Mas é muito destro com a espada. E é muito inteligente. Diz que é muito fácil vencer os homens fornidos porque sempre confiam mais em seus músculos que em seu engenho.

— É evidente que o mago não conhece lorde Gareth, não é? — Clare se sentou no banco junto a William e observou Dallan.

— Não. — Dallan pareceu relaxar ante aquele pensamento — Lorde Gareth é muito inteligente, verdade? Possivelmente seja inclusive mais inteligente que o mago.

— Espero que sim — disse Clare cortando uma fatia de pão quente — Está casado o mago?

— Não, mas as mulheres o encontram bonito. De fato, costumam gostar muito dele. Frequentemente as vi competir para chamar sua atenção. Mas ele diz que não lhe interessam muito as mulheres.

Joanna estava servindo uma porção de mingau e seus olhos se encontraram com os de Clare.

— Então, prefere a companhia dos homens? — perguntou casualmente.

Dallan se encolheu de ombros.

— Não.

— Possivelmente a dos meninos jovens? — sugeriu Joanna em voz baixa.

Clare conteve a respiração ao dar-se conta das implicações da pergunta de Joanna, mas Dallan só parecia confuso ante aquela observação. Sacudiu a cabeça e se serviu mais de mingau.

— Não, em realidade, ao mago não lhe importa ninguém. Dedicar-se plenamente a seus estudos de magia negra, embora o vi mostrar-se solícito com as damas quando quer algo delas.

Clare nem se moveu.

— O que quer dizer?

— Faz-lhes presentes românticos quando quer conseguir que lhe prestem algum serviço.

— Que tipo de presentes? — perguntou Clare.

— Uma rosa vermelha... Às vezes lhes compõe um poema, embora pense que é uma estupidez... — Dallan fez uma careta — Às damas gostam muito desse tipo de presentes. Não se dão conta de que não sente nada por elas.

— Uma rosa vermelha — Clare repicou com os dedos na mesa — Me diga, Dallan perfuma esse mago sua roupa ou utiliza um sabão perfumado?

— Não, traz sem cuidado os perfumes e as fragrâncias. Diz que são para mulheres, mas, em realidade, acredito que não gosta porque alguns lhe fazem espirrar.

Clare trocou um olhar com Joanna.

— De que cor tem o cabelo do mago?

— Loiro — respondeu Dallan olhando-a — Por que pergunta?

— E tem os olhos castanhos?

— Sim — respondeu Dallan estranhando — Como sabe?

Clare topou com o olhar inquietante de Joanna.

— Era uma hipótese, pelo que foi dizendo dele.

William estava visivelmente impressionado.

— Mas como pôde adivinhar a cor de seus olhos, lady Clare?

— Acredito que conhecemos mago, William.

— Conhecemo-lo? — disse William olhando-a fixamente.

— Sim.

— Isso é impossível — exclamou William.

— Deus Santo! — sussurrou Joanna olhando Clare com expressão alarmada — Não acreditará que...

— Sim, acredito — afirmou Clare apertando os lábios — Pensa, Joanna. Está acostumado a dar de presente uma rosa vermelha e compõe poemas para as mulheres. É um cavalheiro cortês que estuda os segredos dos textos árabes. É de meia estatura e se mofa dos homens corpulentos que confiam em sua força. E não lhe interessam os perfumes porque ao que parece algumas fórmulas lhe fazem espirrar.

— E — disse Gareth com voz baixa da soleira da porta — sabe muitas coisas desta ilha e desta casa. O bastante para mandar Dallan com instruções precisas do que devia fazer para congar-se nesta casa.

— Meu senhor! — disse Dallan jogando-se em seus pés — Não lhe ouvi entrar!

William franziu o cenho.

— Não entendo quem é esse mago?

Clare olhou Gareth. A cor cinza de seus olhos coincidia com o do céu que tinha detrás. Olhava-a fixamente, à espera de sua resposta.

— O conhecemos como Raymond de Coleville — precisou Clare.

— Por todos os Santos! — murmurou Joanna surpreendida — Seu Raymond?

— Sim — respondeu Clare sem afastar a vista do sombrio rosto de Gareth — Mas é um alívio, não?

— Por que é um alívio? — inquiriu Dallan.

— Porque conheço muito bem tanto Raymond como lorde Gareth. — Clare se levantou e esquadrinhou os rostos espectadores que a observavam. Sorriu com serenidade — E posso assegurar que o mago não está à altura do Lobo Sanguinário.

Gareth estava de pé junto à janela do estúdio de Clare olhando o mar. Havia uma desagradável névoa cinza espreitando sobre o fluxo de cor aço que ameaçava cobrir a ilha rapidamente.

— Era seu cavalheiro ideal, o modelo de cavalheirismo no que apoiou sua receita para um bom marido — disse Gareth sem a menor inflexão em seu tom de voz.

— É certo, utilizei Raymond de Coleville como modelo. — Clare estava sentada muito erguida na cadeira e tinha as mãos enlaçadas sobre o escritório — Depois de tudo, uma mulher necessita de uma receita básica a partir da qual trabalhar.

— Ah, sim?

Clare assentiu com a cabeça.

— Não conheci a muitos cavalheiros, meu senhor, e os poucos que conheci não eram muito impressionantes. Normalmente se pareciam com sir Nicholas ou a meu irmão. Meu pai era também um cavalheiro e eu lhe tinha muito afeto, mas tinha claro que não queria um marido que se desentendesse de suas responsabilidades como ele.

— E então o mago apareceu pela ilha e te encantou com seus feitiços.

Clare franziu o nariz.

— Eu não o diria assim.

— Eu gostaria de saber uma coisa — disse Gareth.

— Fale, meu senhor.

— Ainda o ama?

Clare ficou gelada.

— Não, não amo Raymond de Coleville, ou Lucretius, ou como se chame.

Gareth se voltou para ela com a mandíbula apertada.

— Está segura? Porque é muito provável que tenha que matá-lo, Clare.

Clare estremeceu.

— Preferiria que não matasse a ninguém.

— Eu também, mas esse mago é um assassino.

— Beatrice?

— Tem que ser ele que a estrangulou.

— Sim, suponho que sim, embora custe a acreditar que Raymond seja um assassino.

— Também tem que considerar a possibilidade de que foi ele que matou a seu pai.

— Meu pai? — Clare estava atônita — O meu pai o matou uns ladrões na Espanha.

— E o que tinha seu pai pelo que valesse a pena matá-lo? — perguntou Gareth com delicadeza — Pensa Clare.

— Seu livro traduzido de alquimia — murmurou — O que busca o mago.

— Certo. Sabemos que o mago já matou uma vez por esse livro. Pode ser que tenha matado duas vezes.

Clare fechou os olhos pela dor.

— Custa-me entendê-lo. Sinto muito que em Desejo estejamos demonstrando ser tal chateio, meu senhor. Sei que esperava ter uma vida pacífica e tranquila.

— Tudo tem um preço, Clare, inclusive uma existência tranquila e pacífica. E eu estou disposto a pagar um preço pelo que quero.

Clare abriu os olhos e escrutinou seu rosto.

— Sim, isso já sei. Só espero que algum dia encontre o que busca.

— Eu também. — Gareth entreabriu os olhos para ocultar seu olhar — Está segura de que não ama ao mago?

— Estou muito segura, meu senhor. Em realidade, faz muito tempo que me dei conta de que não poderia amá-lo.

— E como...? — Gareth se calou como procurando as palavras que queria pronunciar — O que te convenceu de que não estava apaixonada por ele? Como sabe que já não está apaixonada por ele?

— Por duas razões. A primeira é possível que não a compreenda.

— Qual é?

Clare se encolheu de ombros.

— Nunca me cheirou bem.

Gareth piscou surpreso.

— Como diz? Não se banhava?

— Ah, não, não é isso! Era do mais escrupuloso com seus hábitos pessoais — explicou com um leve sorriso — Mas, simplesmente, não me cheirava bem, não sei se me entende.

— Não, não te entendo, mas quem sou eu para discutir de aromas? — fez uma pausa — E a segunda razão para estar tão segura de que não lhe ama?

Clare deu um grande suspiro.

— É impossível que esteja apaixonada pelo mago, senhor, por que estou apaixonada por você.

— Por mim? — Gareth a olhava intensamente.

— Sim, você sim me cheira bem. Soube desde o primeiro dia, quando me tirou do convento e me sentou diante de você. Acredito que me apaixonei por você nesse preciso instante.

Capítulo 17

Gareth observou o suave sorriso que esboçavam os lábios de Clare e sentiu como se lhe gelasse o sangue.

— Não burle de mim — disse cruzando a habitação em um par de pernadas rápidas. Rodeou o escritório e alargou as duas mãos para Clare —, e menos ainda sobre isto.

— Meu senhor, o que está fazendo? — o sorriso de Clare se desvaneceu rapidamente. Lutava para escapar da cadeira.

Gareth lhe agarrou os braços e a puxou para levantá-la. Levantou-a até ter seus olhos frente aos seus.

— Adverti-te que não me fazem graça as brincadeiras perspicazes nem as palavras maliciosas das que outros riem.

— Pelo polegar de Santa Hermione! Não estava brincando, senhor! — Clare apoiou as mãos em seus ombros e o olhou com expressão indignada — Baixe-me agora mesmo! Este é precisamente o tipo de comportamento autoritário que eu não gosto dos homens corpulentos.

Ele fez caso omisso da ordem.

— Diga-o outra vez.

— Já disse, este é precisamente o tipo de comportamento autoritário...

— Não, não esse comentário néscio. — Olhava-a fixamente aos olhos — O outro.

— O outro comentário néscio? — repetiu timidamente.

— Pelo fogo do inferno, senhora não estou de humor para isto!

O sorriso pícaro de Clare voltou a brilhar em seus lábios.

— Te amo.

— Porque cheiro bem?

— Nem sempre — particularizou tratando de ganhar tempo —, mas sempre me cheirou bem.

— Bem?

— Sei que possivelmente te soe estranho, senhor, mas eu julgo muitas coisas por como me cheiram.

— Incluídos os homens?

Clare se ruborizou.

— Sabia que pensaria que minha explicação soaria frívola.

— Isso é mais que frívolo. É uma pura mentira. Quando te separei daquela parede e te sentei diante de mim acabava de chegar depois de uma viagem de quatro dias a cavalo. Não tinha me lavado em todo esse tempo, só o rosto e as mãos. Fedia a cavalo, a suor e ao pó do caminho.

— Sim, mas havia algo mais. Algo que eu reconheci.

— Não acredito que cheirasse a apaixonado.

Clare escrutinou seu rosto.

— Como cheira um apaixonado, senhor?

— Não sei. Suponho que a rosas, lavanda e cravo. Seguro que não a cavalo, suor e pó.

— Possivelmente tenha razão quanto ao aroma de outros apaixonados, meu senhor. Não sei. — Clare agarrou docemente o rosto dele entre as palmas das mãos — Só conheço sua fragrância. Reconheci-a desde o primeiro dia, embora não sabia que era o aroma de um apaixonado. Só soube que era a correta.

— E como é minha fragrância?

— É o aroma de uma tormenta no vento, a fragrância do mar ao amanhecer. É um perfume intenso e excitante que deslumbra meus sentidos e me faz ferver o sangue.

— Clare! — deixou-a deslizar sobre seu corpo até que seus pés se apoiaram no chão — Clare! — beijou-a com força.

Possivelmente era a paixão o que a fazia acreditar que o amava, pensou Gareth. Ela ainda desconhecia a força da paixão. Ou possivelmente fosse sua tendência natural a acolher aos desamparados.

Ou possivelmente... Sim, possivelmente o amasse seriamente.

Assustava-o acreditar, mas estava disposto a aceitar tudo o que pudesse obter.

Clare rodeou-lhe o pescoço com os braços e abriu seus lábios debaixo dos dele. Gareth sentiu o tato de seus dedos no cabelo e estremeceu pela urgência que sentiu.

Começou a brotar nele um anseio desesperado, como lhe ocorria sempre que a tinha entre seus braços e, junto com essa ânsia, a necessidade igualmente desesperada para protegê-la. Tinha que mantê-la a salvo. Clare era o mais importante de sua vida.

Abraçou-a com mais força. O que sentia não era só físico, era muito mais potente. Gareth sabia que tinha que aferrar-se a Clare com mais força e determinação da que nunca tinha usado com sua espada.

Ao fim, *a Porta do inferno* não era mais que um instrumento mortal.

Clare estava viva.

— Maldita névoa — resmungou Ranulf — É tão espessa que não poderemos ver as tochas de advertência se os guardas que vigiam os escarpados as acendem.

— É certo. — Gareth agarrou com ambas as mãos o parapeito da torre de vigilância e espiou a noite envolta em névoa — Por outra parte, é tão densa que nenhum homem em seu são julgamento tentaria remar com um bote esta noite de Seabern até Desejo.

— Nenhum homem em seu são julgamento não — confirmou Ranulf —, mas possivelmente um mago sim o tente.

Gareth ficou olhando.

— Não me diga que começou a acreditar nas histórias de meu escudeiro. Não estamos esperando um mago, Ranulf, a não ser um homem muito preparado que não se deterá ante nada para conseguir o que quer.

— Como você diga meu senhor.

— Crê que não podemos nos ocupar de Lucretius de Valemont?

— Não é isso. — as brasas resplandecentes do braseiro aceso iluminaram o rosto preocupado de Ranulf — Como diz minha senhora, o mago não está a sua altura, meu senhor.

— Obrigado, Ranulf.

— Mas não posso evitar pensar que teria sido melhor para todos nós ter aqui aos homens que ainda não retornaram de Londres.

— Por isso acredito que o mago tentará logo à sorte, por que andamos escassos de homens.

Ranulf o olhou desconcertado.

— Acredita que sabe que não temos homens suficientes?

— Assim é.

Os olhos de Ranulf se abriram de par em par.

— Acredita que é tão poderoso para utilizar sua magia negra para obter essa informação, senhor?

— Não — negou Gareth com um leve sorriso — Sem dúvida a obtive pelos canais habituais. Simplesmente observando. O mago esteve em Seabern durante a feira. Seguro que não teve muita dificuldade para inteirar-se de nossos planos de enviar uma escolta armada a Londres com o mercador. Teria sido muito fácil deduzir a força que fica.

— Claro. — era evidente que Ranulf se tranquilizou — Perdoe senhor. Possivelmente estive prestando muita atenção às histórias de Dallan. Segundo ele, o mago pode aparecer e desaparecer a seu desejo.

Ouviram-se passos na escada de madeira da torre e Gareth voltou a cabeça. Clare saiu pela abertura com um par de taças fumegantes nas mãos. Levava o capuz da capa posta para se resguardar do frio. A luz do braseiro brincava em seu rosto sereno.

— Pensei que vocês gostariam de beber algo quente.

— Obrigado — os dedos de Gareth roçaram os de Clare ao pegar uma das taças de sua mão. Seus olhos se encontraram e ele sentiu a calidez do doce fogo que viu neles.

— Obrigado, milady — disse Ranulf pegando a outra taça — Você sim sabe como aliviar os rigores de um guarda.

Clare se aproximou do corrimão e olhou a escura névoa.

— Amanhecerá dentro de um par de horas, mas, inclusive quando sair o sol, será impossível ver algo através desta névoa. Como verão os sinais das tochas?

— Não as veremos. — Gareth bebeu um sorvo de sopa — Se ocorrer algo enviarão um mensageiro para avisarnos.

— Sim, tem sentido — disse Clare — Não me tinha ocorrido uma coisa tão singela.

— Não é tua responsabilidade pensar nestas questões. Deixe a mim as coisas singelas. Estou perfeitamente preparado para me ocupar delas.

Ranulf se engasgou ao tragar a sopa e Gareth lhe lançou um olhar de desaprovação. O jovem guarda se compôs imediatamente com uma expressão séria.

Clare não pareceu advertir a cena. Abraçou-se e esfregou os braços com as mãos.

— Não lhes parece que esta névoa tem um aroma especialmente desagradável?

— Não — respondeu Gareth agarrando o punho *da Porta do inferno* — Cheira como cheiram todas as névoas, a umidade e a noite.

Clare inalou para comprová-lo.

— Eu acredito que há outro aroma misturado.

— Que aroma, milady? — perguntou Ranulf.

— Não o reconheço — respondeu Clare —, mas tampouco dou a ele excessiva importância.

Ouviram-se uns cascos na distância e a luz de uma tocha brilhou entre os redemoinhos de névoa.

— Abram a porta! — gritou uma voz conhecida de baixo — Trago notícias.

Ranulf se inclinou sobre o corrimão e esquadrinhou o homem montado a cavalo que tinha aparecido entre a névoa.

— É Malden Comstock, senhor.

— Abram! — ordenou Gareth. Olhou ao cavaleiro que cruzava a porta e entrava no pátio iluminado com tochas — Quais são as notícias, Malden?

— Meu senhor, um bote com cinco homens armados atracou no porto amparando-se na névoa. Matamos a dois, mas o resto se retirou a um abrigo.

— De modo que o mago encontrou o caminho através da névoa — sussurrou Ranulf — Ao melhor sim sabe de magia negra.

Gareth não lhe fez o menor caso.

— Por que não foram capturados os outros três homens, Malden?

— São peritos arqueiros, senhor. Desde longe conseguiram manter nossos homens a distância. Sir Ulrich ordenou que esperássemos até que lhes tenham esgotado as flechas. Diz que logo lhes apanharemos.

— Sim, pelo que conta parece que sim. Agora abaixo. — Gareth se voltou para Ranulf — Vou ao porto, você fique aqui na torre.

— Sim, meu senhor. — Ranulf parecia um tanto decepcionado, mas não chiou — Você crê que um dos homens que sir Ulrich e os outros têm apanhados é o mago?

— Ainda não sei. Quando a gente trata com alquimistas, nada pode afirmar-se com certeza.

Clare se moveu nas sombras.

— Meu senhor, por favor, tome cuidado. Eu não gosto disto.

Gareth deu um passo para ela e lhe agarrou o queixo com a mão.

— Tudo terá terminado à alvorada. — deu-lhe um beijo rápido — Volta para a casa e tranca a porta. Não saia por nenhum motivo até que eu retorne. Entendeu-me?

Passou os dedos pelo queixo de Clare com doçura.

— Sim, meu senhor.

De repente, tinha tantas coisas que dizer. Entretanto, não era o momento nem o lugar. Gareth cravou o olhar em seus olhos por uns segundos.

— Logo, falaremos. — Soltou-lhe o queixo e se dirigiu às escadas da torre.

O cavalo que tinha pedido que selassem e que estivesse preparado o esperava no pátio. William lhe segurava a cabeça.

— Posso ir contigo, meu senhor?

— Não. — Gareth saltou ao lombo do cavalo e agarrou as rédeas — Você ficará aqui com Clare e sua mãe e os criados. Deve proteger o interior da casa enquanto Ranulf vigia fora. Entendido?

William ficou firme.

— Sim, meu senhor.

Gareth fez girar a cabeça do cavalo e saiu a galope para a névoa. Malden Comstock levantou a tocha e esporeou seu cavalo para lhe seguir.

Um dos serventes fechou a porta com firmeza atrás deles.

Ulrich acabava de cumprir com seu encargo quando Gareth e Malden Comstock chegaram ao porto. Os brilhos das tochas projetavam um brilho infernal sobre os cadáveres dos dois intrusos. Os outros três guardavam um áspero silêncio e levavam as mãos atadas à costas.

Um grupo de aldeãos tinha saído de suas casas para ver o alvoroço.

Gareth desmontou e lançou as rédeas de seu cavalo a Malden.

— Bem feito, Ulrich.

— Aqui estão — disse Ulrich — Não nos causaram muitos problemas.

Gareth observou aos arqueiros vivos.

— Qual de vocês é Lucretius de Valemont?

Os cativos o olharam. A gente sacudiu a cabeça.

Gareth observou os homens com atenção.

— Há muitas formas de morrer e nem todas são rápidas. Me deem as respostas que procuro.

Um dos arqueiros, um homem fornido de meia idade, olhou-o atentamente.

— Seus homens lhe chamam o Lobo Sanguinário. Têm razão?

— Sim — afirmou Gareth.

— Dizem que seu juramento é tão firme como sua espada.

— Assim é.

— Se lhe dissermos a verdade, dá-nos sua palavra de que nossa morte será rápida?

— Sim. — Em realidade, refletiu Gareth, nunca tinha torturado a nenhum homem em toda sua carreira como captor de assassinos e ladrões, mas não havia motivo para que aqueles homens soubessem.

O arqueiro repensou brevemente.

— Verá, meu senhor, não conhecemos nenhum Lucretius de Valemont. E é certo, juro-o.

— Quem os contratou?

O homem se encolheu de ombros.

— Um cavalheiro que disse chamar-se sir Raymond. Pagou-nos bem para desembarcar na ilha esta noite. Disse que sabia como nos guiarmos através da névoa.

— E por que queria que viessem aqui a Desejo?

— Disse que aqui no povoado poderíamos conseguir suculentos lucros facilmente, mas não mencionou que a ilha estava sob o amparo dos homens do Lobo Sanguinário.

— Como lhes guiou através da névoa?

Os arqueiros trocaram olhadas carregadas de desconforto. O porta-voz olhou Gareth.

— Sir Raymond veio conosco. Dava-nos instruções depois de consultar algum artefato mágico que levava oculto em sua capa.

— Magia — grunhiu um dos arqueiros cuspiendo no chão com repugnância — Disse-te que não devíamos nos mesclar com esse tipo de escória. Nunca gostei deste trabalho,

apesar de que esse maldito cavalheiro renegado nos prometeu uma recompensa do convento com o que poderia afundar um navio.

O terceiro homem o olhou com expressão de chateio.

— Sim, mas você estava ansioso para convencer Brock e Dagget, e a todos nós para que participássemos. Disse que com isto nos arrumaríamos todos por toda a vida. E em vez disso, nos vão enforcar graças a você.

Gareth apoiou a mão no punho de sua espada sossegando a discussão imediatamente.

— Onde está esse sir Raymond?

— Como disse Brock, milord, não sabemos — respondeu um dos homens.

O porta-voz do trio se revolveu inquieto.

— Desceu do barco uns metros antes de chegar a terra e subiu em um bote pequeno que havíamos trazido amarrado para transportar a recompensa. Disse que se encontraria conosco mais tarde na porta do convento. Depois desapareceu na névoa.

Gareth fez uma pausa.

— E vocês três continuaram até o porto?

— Sim. Tampouco tínhamos muita escolha. Não podíamos retornar a Seabern em meio desta névoa sem sir Raymond e seu maldito artefato mágico. — o arqueiro se encolheu de ombros, resignado — Seus homens estavam nos esperando no mole e esse é o fim da história.

— Minha mãe sempre me disse que acabaria meus dias no extremo de uma corda — comentou um dos arqueiros.

Ulrich olhou ao Gareth.

— Pode ser que estes três estejam mentindo, senhor.

— Sim — assentiu Gareth escrutinando suas caras sem detectar em seus olhos nada mais que estupidez e boba resignação. Olhou os dois corpos inertes do mole — Vá procurar Dallan!

— Sim meu senhor. Uniu-se a nós faz um momento — Ulrich se voltou para os homens que estavam reunidos ali perto — Dallan, moços vêm aqui! Necessitamos sua ajuda.

Não houve resposta.

— Não está senhor — disse um dos homens de armas olhando confuso a seu redor — Possivelmente o feriu uma das flechas dos arqueiros.

— Olharei entre os aldeãos — disse Malden aproximando-se do pequeno grupo de curiosos olheiros.

Quando retornou ao cabo de um momento, estava pensativo.

— E? — perguntou Gareth.

— Parece que Dallan desapareceu meu senhor.

Ulrich estava muito sério.

— Adverti-lhe isso, disse que o menino podia resultar perigoso, senhor. Ao melhor mentiu desde o começo.

Clare atçou as brasas do braseiro que esquentava a estadia onde estava com Joanna e William.

— Não te parece especialmente fria esta noite, Joanna?

— Logo chegará o verão — apontou Joanna enquanto estudava o bordado à luz do abajur.

William estava em pé junto à janela, com o olhar cravado no pátio iluminado pelas tochas.

— Pergunto-me se já se desfizeram do mago. Creem que um dos arqueiros que abateram no porto poderia ser realmente Lucretius de Valemont?

Clare franziu o cenho.

— Sir Raymond nunca disse ser um arqueiro. O arco não é da classe de habilidades que aprende um cavalheiro.

Joanna a olhou.

— É certo. Os cavalheiros não se treinam com esse tipo de armas. Os arcos são para os simples homens de armas.

William seguia olhando pela janela.

— Lorde Gareth diz que essa ideia é uma estupidez. Diz que, se um homem quer sobreviver, deve ser hábil com muitas armas, incluído com o arco. Dallan e eu estivemos praticando com o arco junto a Ranulf e os outros.

— Sério? — perguntou Joanna surpreendida — Não sabia nada a respeito. Não acredito que seja nada benéfico.

Clare se apressou a mudar de tema.

— Ao melhor um dos homens que morreram no porto era Lucretius de Valemont.

— Não é provável — disse William —, Dallan o teria reconhecido e teria mandado a notícia com Malden Comstock.

— Mmmm, tem razão — aceitou Clare — O mago deve ser um dos que estão apanhados no abrigo.

— Sim — assentiu William satisfeito — Seguro que sir Ulrich e o resto já os terão capturado quando chegar lorde Gareth.

— Espero que tudo termine logo — murmurou Clare.

— Claro que sim. — Joanna deu outro ponto — Lorde Gareth e sir Ulrich se ocuparão de tudo.

— Não sei, parece-me tudo muito singelo. — Clare cruzou os braços sob os peitos. Não podia tirar de cima o frio que tinha sentido durante toda a noite.

Joanna a olhou com severidade.

— Por que diz isso?

— Suponho que porque com toda a confusão que se causou, não posso acreditar que possam deter Raymond..., bom, Lucretius, tão facilmente.

William fechou o punho sobre o batente da janela.

— Sir Ulrich diz que é provável que o mago assassinasse sir Humphrey.

Clare tremeu.

— E tudo por um livro de fórmulas alquímicas. Raymond ou Lucretius, ou como quer que se chame, tem que estar louco.

Joanna cravou a agulha no tecido.

— Nunca confiei nesse homem.

Clare trocou um olhar fugaz e irônico com William. Nenhum deles quis lhe recordar que em determinada época punha Raymond de Coleville nas nuvens.

Clare se aproximou da janela. William e ela contemplaram a noite esperando ver aparecer uma tocha pelo caminho.

— Eu gostaria de saber o que está ocorrendo no porto — disse William.

Clare se moveu ao cabo de um momento para observar a torre de vigilância entre as sombras.

— Não te parece que a tocha da torre não brilha o suficiente, William?

William dirigiu também o olhar para a torre.

— Sim. Possivelmente Ranulf não tem tocha de reposto. Deveria ir ver se necessita de outra?

— Não, irei abaixo procurar Eadgar. Pode mandar a um dos serventes à torre com uma tocha nova.

Clare se girou para a porta, agradecida por ter algo que fazer.

— Pedirá a Eadgar que nos traga algo de comer? — perguntou William com um olhar esperançoso — Estou morrendo de fome, juro.

Clare sorriu.

— Muito bem. — foi abrir a porta.

— Lady Clare, venha rápido! — a voz de William estava carregada de temor.

Clare deu meia volta e viu William com as duas mãos plantadas no batente. Estava olhando para o pátio.

— O que ocorre? — perguntou.

— Venha a vê-lo. Há homens no pátio, mas a porta segue fechada.

— Santo céu! — Clare cruzou a habitação correndo — O que está dizendo? Retornou lorde Gareth?

— Não é lorde Gareth com seus homens. Estes são forasteiros. — William se voltou para Clare com a cara desencaixada — Não estavam aqui faz um momento. Você e eu vimos perfeitamente que o pátio estava vazio. E ninguém abriu a porta. É magia.

Joanna deixou cair o bordado. Sua expressão era de absoluto pavor.

— É o mago!

Clare chegou à janela e olhou para baixo, para o pátio. Não podia acreditar no que estava vendo. Meia dúzia de homens armados e vestidos com capas negras com capuz se dirigia para as escadas da casa. Alguns levavam as capas jogadas para trás dos ombros. A luz das tochas emitia brilhos em suas cotas de malha.

O cabeça do grupo segurava alguém conhecido diante dele com uma adaga no pescoço.

— É Dallan — murmurou William — capturou Dallan.

— Meu Deus! — exclamou Joanna com voz entrecortada. O homem que tinha Dallan assinalou a um dos outros. Uma figura coberta com uma capa subiu as escadas e esmurrou a porta de entrada com o punho de sua espada.

— Abram em nome do grande mestre da Ordem da Pedra Estelar. Abram ou morram!

Clare se agarrou ao batente da janela com dedos trêmulos e apareceu.

— Quem está aí?

O homem que retinha Dallan com a adaga olhou para a janela aberta. Retirou o capuz e sorriu.

Clare descobriu ao homem a quem ela tinha conhecido como Raymond de Coleville.

— Boa noite, lady Clare! — a voz refinada e o sorriso resplandecente de Lucretius seguiam sendo tão encantadores como sempre.

Clare o olhou fixamente, por um instante negando-se a acreditar que de verdade estivesse dentro do perímetro das muralhas.

Mas não podia negar a realidade.

A potente luz das tochas projetava um brilho diabólico sobre os traços de Lucretius. Era formoso e elegante, esbelto e distinto, tal como o recordava. Um homem irresistivelmente atrativo, com dedos longos e afiados. A capa negra formava redemoinhos sobre seu corpo como as asas de ébano de uma grande ave de rapina.

— Como cruzou a muralha? — perguntou Clare.

— Que pergunta tão estúpida! Sou mago — respondeu Lucretius com um radiante sorriso — Abra a casa, senhora. Quero o livro que este moço insensato não conseguiu me trazer.

— Não o faça, lady Clare! — gritou Dallan — Não o deixe entrar!

Dallan se calou em seco, asfixiado pela pressão do braço de Lucretius ao redor de seu pescoço.

Clare observou atentamente o rosto de Lucretius.

— Se de verdade for mago, por que não se materializa simplesmente dentro de minha casa e leva o livro?

Lucretius seguia sorrindo.

— Materializar-se e desmaterializar-se é um trabalho complicado, senhora, inclusive para um mago tão perito como eu. Preferiria fazer isto da forma mais singela possível.

— Está louco?

— Trará-me o livro de seu pai ou matarei a seu trovador aqui e agora. — a adaga que Lucretius tinha na mão emitia brilhos — E depois entrarei em sua casa e matarei a sua gente um a um diante de você até que ditas me trazer o livro.

— Deixe que me mate, lady Clare! — suplicou Dallan — O rogo, deixe que me mate. Não deve abrir a casa.

Lucretius exibia um sorriso gélido.

— Felicito-te, Clare. Não acreditei que pudesse ganhar a fidelidade do jovem Dallan tão facilmente, mas é evidente que agora é seu fervente servidor. Acreditei que o moço teria a inteligência suficiente para não ficar contra mim, mas, ao que parece, não é assim.

— Não lhe dê o livro — gritou Dallan — Não me importa se me mata.

Lucretius não afastava os olhos do Clare.

— Não conhece muito bem sua senhora, moço. É tão bondosa... Nunca deixará que morra por um simples livro. Não é certo, Clare? Não vale a pena que alguém que te importa morra por um livro, verdade?

— Não — respondeu Clare rapidamente — Trarei-te o livro se promete deixar Dallan.

— Terá a seu trovador assim que eu tenha o livro de sir Humphrey. De todas as formas, este torpe não foi nunca de muita utilidade.

— Muito bem, lançarei-te o livro dessa janela — disse Clare.

— Não, não, não, senhora. Trará-me o livro até aqui. Além do livro também quero você.

— A mim? Por que me quer?

— Sou um homem cauteloso. Prefiro um refém mais útil que Dallan para me assegurar a fuga. Vai-me acompanhar até que esteja são e salvo longe de Desejo.

— Mas por quê? — perguntou Clare desesperada.

— Algo me diz que a Besta Infernal negociará com maior interesse por sua vida que pela do moço. Você é muitíssimo mais importante para sir Gareth, não é assim? Depois de tudo, é quem assegura a prosperidade desta ilha.

— Trarei-te o livro — Clare se separou da janela e correu para a porta.

— Clare, não deve abrir a porta da mansão — indicou Joanna — Porá em perigo as vidas de todos.

William tinha os olhos totalmente abertos.

— Talvez seja um mago de verdade. Se for assim, estamos perdidos.

— Isso é ridículo! Não é nenhum mago. A magia não existe. Lorde Gareth tinha razão. Lucretius é só um alquimista ardiloso.

Clare abriu a porta e correu para seu estúdio enquanto Joanna e William a seguiam.

— William, me traga uma bolsa grande com lapela.

— De acordo — aceitou William partindo em direção oposta.

Clare se precipitou ao interior do estúdio e pegou da prateleira o pesado livro encadernado em couro. Abriu o fechamento e se aproximou de uma urna cheia de flores secas.

Joanna a observava.

— O que está fazendo?

— Nesta mescla há uma boa quantidade de artemisa. — Clare polvilhou uns quantos punhados da mescla entre as capas do livro — Ao mago não gosta da artemisa porque lhe faz espirrar de forma descontrolada.

William apareceu na porta.

— Aqui está à bolsa, senhora.

— Dê-me isso.

Clare agarrou a bolsa e jogou o que ficava da urna dentro dela. Depois, fechou a lapela e pendurou a bolsa ao ombro. Agarrou o livro com as mãos.

— Lucretius querará ver o livro antes de colocá-lo na bolsa para assegurar-se de que não lhe engano.

— Clare, por favor, não o faça, lhe rogo — murmurou Joanna — É muito perigoso.

Clare a olhou.

— Sairei sozinha. Fechem e tranquem a porta atrás de mim no instante em que tenha saído às escadas. Não a abram até que Lucretius e seus homens se forem.

— Mas e você? — gemeu Joanna.

— Lorde Gareth se dará conta em seguida do que ocorreu e retornará para voltar a tomar a mansão. Depois virá me buscar. — Clare sorriu com tristeza — O mago tem razão. Sim aprecio ao Lobo Sanguinário. Estas terras não seriam muito menos proveitosas sem mim.

Passou rapidamente entre a Joanna e William. Suas botas de couro suave não faziam o menor ruído sobre o chão de pedra do corredor enquanto avançava para as escadas da torre.

Abaixo, no vestíbulo principal, encontrou ao Eadgar e os serventes acurrucados ao amor da luz. Seus rostos manifestavam terror.

— Desobstrui a porta, Eadgar — ordenou Clare.

— Mas, milady...

— Por favor, faz o que te digo.

— Sim, senhora — Eadgar inclinou a cabeça e se dirigiu para a porta.

Eunice e Agnes retorciam as mãos.

Eadgar levantou a pesada barra de ferro que assegurava a porta principal.

Clare saiu ao encontro da noite.

— Fecha a porta, Eadgar. Rápido!

A porta se fechou atrás dela e ouviu como a barra era colocada em seu lugar.

Nunca em sua vida tinha se sentido tão sozinha.

— Tem o livro? — perguntou Lucretius.

— Sim. — Clare o levantou para que pudesse vê-lo — E uma bolsa para levá-lo — disse levantando a lapela da bolsa e depositando o livro no interior, sobre a mescla de Artemisa

— Agora, deixa ao Dallan.

— Aproxime-se, Clare — ordenou Lucretius.

— Não! — implorou Dallan.

Clare começou a baixar as escadas.

Naquele instante, uma chuva de flechas caiu no pátio. Os cavalheiros de capas negras gritaram advertindo uns aos outros em plena confusão.

— Que diabos é isto? — a capa de Lucretius oscilou ao voltar-se para ver o que ocorria.

Gareth e seus homens apareceram no telhado das oficinas de Clare. Três deles levavam arcos.

— Gareth — sussurrou Clare.

— Maldito Lobo Sanguinário! — resmungou Lucretius afastando Dallan — Apanhem-no! Não têm nada que fazer contra os cavalheiros da Pedra Estelar. Apanhem-no, agora, ordeno-lhes isso! — gritou.

Com as espadas desembainhadas, os cavalheiros negros começaram a aproximar-se com cautela à oficina.

Antes que tivessem percorrido mais de três passos, as flechas de fogo que tinham caído no pátio estalaram em uma rajada de trovões.

— Que tipo de magia é esta? — vociferou um dos homens.

Uma quebra de onda de fumaça espessa se levantou e cobriu a noite iluminada com tochas. Ficaram às escuras.

Um homem gritou.

Dallan correu escada acima para situar-se junto a Clare. Olhava a cena maravilhado.

— Esta é a receita de enxofre e carvão de lorde Gareth, milady. Já lhe dissemos que funcionava.

— Sim — disse Clare —, disseram-me isso, mas não me comentaram que lhe tinham encontrado uma utilidade.

Outra descarga de trovões sacudiu o pátio e o pânico se apoderou dos cavalheiros negros. Os gritos ressonavam sobre o estrépito das flechas explosivas.

— O verdadeiro mago é o maldito Maligno! — grunhiu um dos cavalheiros — Salve-se quem pode!

O pátio ficou alagado em outra nuvem de fumaça. De repente, Lucretius apareceu entre a espessura e se equilibrou para as escadas da mansão com a mão estendida para agarrar Clare.

— Não se atreva a tocá-la. — Dallan agarrou a mão de Clare e puxou para que Lucretius não pudesse alcançá-la.

— Ouça-o, mago. — A voz de Gareth trovejou em uma ordem sinistra e sobrenatural que poderia ter saído do próprio inferno — Nem se atreva a pôr suas mãos sobre minha esposa!

À luz das tochas, Clare viu como se formavam redemoinhos e se separavam as nuvens de fumaça. Gareth se aproximava das escadas a grandes pernadas entre a névoa infernal como se fosse realmente um lobo sanguinário.

Lucretius ficou olhando.

— Que tipo de alquimia é esta? Que segredos aprendeu com o livro, bastardo? Que truque empregou?

O sorriso de Gareth brilhou com uma intensidade infernal digna do próprio diabo.

— O que ocorre, mago? Acaso acreditava ser o único cavalheiro que sabe ler?

Capítulo 18

Tudo teria ido bem se William não tivesse saído naquele momento às escadas da casa. Joanna estava justo atrás dele.

— William vem aqui! — gritou Joanna.

— Clare, Clare! Está bem? — perguntou William.

Antes que Gareth pudesse intervir, o moço se inclinou para Lucretius.

O mago não demorou em demonstrar por que tinha conseguido parte da reputação que tinha, já que o agarrou em um hábil movimento.

— Um escudo é tão bom como outro. — Com uma mão, Lucretius arrastou sua vítima para si. Com a outra, desembainhou a espada.

— Para trás, Lobo Sanguinário!

Joanna gritou e desmaiou na soleira da porta, apesar de ninguém lhe prestar atenção. Pela extremidade do olho, Gareth viu que, impulsivamente, Clare se equilibrava para Lucretius.

— Façam o que diz — disse Gareth — Não se aproximem.

Clare se deteve e o olhou com uma expressão de desespero.

— Gareth...

Gareth olhou a Lucretius.

— Quão máximo pode esperar neste momento é escapar da ilha com o livro, Lucretius.

— Isso é o que pretendia desde o primeiro momento — respondeu Lucretius com um sorriso forçado — Vamos Dallan, canalha estúpido, me lance a bolsa!

Dallan olhou Gareth.

— Faça-o!

Dallan recolheu a bolsa de couro e a lançou a Lucretius, que conseguiu fazer-se com ela sem soltar William.

Lucretius passou a tira pelo outro ombro para colocar a bolsa a tiracolo.

— Perfeito, já tenho tudo o que necessito. Só fica desaparecer.

— Através da porta oculta que há atrás do velho muro e que um dos pedreiros construiu para você? — perguntou Gareth em voz baixa.

— Deduziste-o? — disse Lucretius rindo entre dentes — Aquele homem me devia um favor. Sua vida para ser mais preciso. A entrada secreta em sua parede foi o preço que lhe fiz pagar por sua existência.

— Muito hábil mago. Será melhor que se apresse, porque meus homens quase venceram ao último de seus cavalheiros. Só ficam a fumaça e a névoa para cobrir sua retirada.

Lucretius avaliou a situação dando uma olhada ao pátio alagado de fumaça. Era quase impossível ver o que estava ocorrendo, mas era evidente que o bater de espadas diminuía com celeridade. Podia ouvir a voz de Ulrich por cima do estrépito pedindo a rendição dos invasores.

Lucretius olhou Clare.

— Preferiria ter melhor escudo. Venha aqui, Clare. Trocarei o jovem William por você.

— Não! — opôs-se Gareth — Não a necessita. Tem minha palavra de que não te impedirei de abandonar o pátio.

— Perdoe se não confio em que seus sentimentos por este jovem sejam profundos — disse Lucretius — Em troca, sei que o pensará duas vezes antes de arriscar o pescoço de sua dama. Depois de tudo, Clare é o membro mais valioso de seu lar, não é certo? Sem ela, as flores de Desejo não têm nenhum valor. Clare venha aqui imediatamente!

— Não, Clare — insistiu Gareth com brutalidade. Sentia seu estômago encolhido pelo temor.

— É melhor assim, meu senhor — respondeu Clare — Por favor, confia em mim.

Baixou as escadas com calma.

Lucretius não duvidou. Soltoou William, agarrou Clare e dobrou o braço ao redor de seu pescoço.

Depois, retirou-se com rapidez para a bruma que enchia o pátio.

— Amaldiçoo sua alma endiabrada, mago! — A fúria se apoderou de Gareth em um arrebatamento de ira fera e infernal. Dispôs-se a segui-los.

— Espere meu senhor! — exclamou William lhe agarrando pelo braço.

— Volte a entrar na casa. — Gareth se deu conta de que o maldito mago já estava desaparecendo entre a fumaça.

— Mas devo dizer algo antes que persiga o mago — vaiou William em voz baixa — Clare pôs artemisa dentro da bolsa. Sir Lucretius logo sofrerá um ataque de espirro. Começará a lacrimejar os olhos e ficará indefeso.

Gareth olhou William.

— Está seguro disso?

— Sim, meu senhor. Tem uma terrível alergia a artemisa. Eu vi o que aconteceu uma vez que milady deu a ele um recipiente cheio dessa planta. Acusou-a de tentar envenená-lo.

— Vá para dentro e espere que sir Ulrich te diga que abra a porta!

— Sim, senhor — vacilou William — Trará milady de volta, verdade?

— Claro — respondeu olhando Dallan — Vêm comigo, trovador!

Dallan o olhou muito sério.

— A matará, senhor.

— Não. A resgataremos. O mago é quem não vai passar desta noite.

Dirigiu-se para a porta e ordenou a um dos homens de armas que a abrisse.

Ulrich lhe fez um sinal através da fumaça.

— Temos aos cavalheiros do mago, meu senhor!

— Vigiem-os até que retorne.

— Mas aonde vai?

— Em busca do mago.

Assim que estiveram fora da fortaleza, Gareth descobriu que um silêncio assustador se deu apropriou da ilha. O frio do amanhecer tinha espessado ainda mais a névoa.

A bruma cinza brilhava com a tênue luz da manhã. Por desgraça, aquela luminescência perolada só servia para esfumar mais ainda a paisagem. Tentar ver através daquela névoa era como olhar através do cristal defumado que decorava o pomo de sua espada, pensou Gareth. Havia luz, mas enganava a vista e obscurecia as profundidades.

— O que vamos fazer? — perguntou Dallan em um sussurro.

— Acredito que nos dirigiremos à primeira das pequenas baías. Irá à busca do bote que escondeu.

Dallan olhou surpreso a Gareth.

— Encontraram um bote em uma das baías?

— Sim. Dei ordens de que as registrassem a cada poucas horas. Um dos homens descobriu ali uma embarcação oculta não faz muito.

— O bote do mago?

— Seguro. Os arqueiros foram só uma distração. Nunca teve intenção de reunir-se com eles nem de partir pelo porto. — Gareth olhou a seu redor procurando pontos de referência conhecidos entre a névoa e divisou a forma de um dos abrigos — Por ali! De agora em diante, não diga nada e caminha fazendo o menor ruído possível.

Dallan fez um gesto afirmativo.

Gareth abria passo através do campo coberto de névoa. Quando o abrigo desapareceu de sua vista, guiou-se pelo ruído das ondas do mar.

Ele e Dallan não tinham dado mais de vinte passos quando ouviram o primeiro espirro. Soou um pouco mais adiante, para cima e à esquerda.

Dallan olhou Gareth lhe indicando com o olhar que tinha compreendido.

Gareth sorriu. «Minha doce Clare, que esperta é! Estendeu uma armadilha ao mago. Agora, tudo o que tenho que fazer é esperar o momento adequado para matá-lo», pensou.

Depois do seguinte espirro ressonou uma maldição raivosa.

— Maldita esta ilha e todos seus odiosos perfumes, Clare! Deve ter artemisa perto daqui.

— Me libere senhor! — ordenou Clare — Já não me necessita!

— Cale-se, não volte a falar! Seguro que o maldito Lobo Sanguinário nos segue... — suas palavras ficaram interrompidas por causa de um espirro.

Gareth aguçou o ouvido para guiar-se até sua presa. Indicou a Dallan que ficasse atrás dele.

Estavam perto da borda do escarpado e Gareth podia ouvir o eco das ondas na baía. Ouviu Clare queixar-se levemente ao tropeçar com algo.

— O bote está escondido na enseada que há aí abaixo — murmurou Lucretius — Descerá pelo caminho diante de mim. Não pode fugir a nenhuma parte, assim nem o tente. Estarei justo detrás...

As palavras do mago ficaram novamente interrompidas por um ataque de espirros sonoros e convulsivos. Voltou a renegar com rudeza. E logo, outro espirro.

A seguir se ouviu o ruído de uma pequena refrega.

— Não! Não penso ir contigo! — exclamou Clare.

— Volta aqui, mulher estúpida! Matarei-te com a magia se não voltar aqui agora mesmo.

— Lucretius sofreu outro ataque de espirro — Mas o que é isto? — ofegou — O que me fez? Maldita seja, é o livro!

Ouviu-se cair algo pesado no chão. Gareth soube que era a bolsa de couro que Lucretius pendurou no ombro. O mago a tinha atirado ao chão de raiva.

— Tentou me envenenar! — gritou Lucretius — Matarei-te por isso! Como matei seu pai!

— Deixe-me! — gritou Clare — Foge enquanto pode mago! Se meu marido te encontrar, fará-te pedaços.

Gareth viu momentaneamente o vestido de Clare em meio da névoa. Assaltou-o um novo temor. Deu-se conta de que Clare não podia ver muito mais do que ele via. Se por acaso se desorientava, podia cair ao mar.

— Clare, por aqui! — gritou — Não corra para os escarpados, corre para mim!

OuvIU-se o ruído surdo de uns passos ligeiros sobre o chão úmido. Clare apareceu entre a névoa correndo às cegas para a voz de Gareth. Então, viu-o.

— Gareth!

— Fica com Dallan! — indicou levantando a espada e partindo.

Quase tropeçou com a bolsa de couro, que estava no chão. O livro tinha caído da bolsa, e havia flores secas pulverizadas ao redor. O aroma familiar de artemisia era intenso.

Outro forte espirro fez Gareth voltar-se para a esquerda. Lucretius estava de pé em meio da névoa cinza. Levava a capa negra arremessada para trás sobre os ombros deixando ao descoberto a cota de malha.

— Assim crê que é um mago mais engenhoso que eu, Lobo Sanguinário?

Gareth não respondeu. Precipitou-se para Lucretius.

— Para trás! — Lucretius tinha a espada preonta para a luta em uma mão e, com a outra, procurou entre as dobras de sua capa e tirou um objeto do tamanho de uma taça — Posso te lançar o conteúdo deste frasco antes que me possa alcançar com a espada, Lobo Sanguinário.

Gareth estudou o frasco. Continha uma poção esverdeada que não reconheceu.

— Crê que me dá medo o que leve nessa ampola?

— Pois deveria — afirmou Lucretius com um sorriso desumano — É um líquido corrosivo que queima tudo o que toca inclusive a pele e os olhos.

— Tem razão, meu senhor — Dallan deu um passo para diante olhando fixamente o frasco que Lucretius sustentava na mão — É uma mescla que inventou quando tentava criar ouro a partir de metais básicos. Queima como o fogo.

Lucretius sorriu com malícia.

— Faça caso ao moço, Lobo Sanguinário, ou se arrisque a perder os olhos. O que poderia fazer um lobo cego?

— Gareth, acredito que diz a verdade — disse Clare — Não se aproxime mais a ele.

— Sim, diz a verdade — insistiu Dallan — Cuidado, senhor.

Clare não afastava a vista do Lucretius.

— Por que matou a anacoreta?

Lucretius se encolheu de ombros.

— Aquela estúpida mulher me viu e acreditou que era o fantasma do irmão Bartholomew que tinha ido procurar a sua irmã perdida Maud. E, por algum motivo, acreditou que tinha que demonstrá-lo.

— Seguiu-te até a biblioteca do convento e a matou — sussurrou Clare.

— Queria ver se tinha guardado os livros de seu pai na biblioteca antes de me incomodar em procurá-los na mansão. Teria sido tudo mais singelo se o tivesse dado às monjas, Clare.

— Não lhes interessava — argumentou Clare —, assim fiquei com ele.

— Que bobas! — Lucretius fixou a vista no volume que jazia perto da bolsa — Nesse livro estão os maiores segredos dos antigos. Seu pai os encontrou nos tratados árabes que traduziu. É possível que inclusive o segredo da imortalidade esteja aí.

— Tem intenção de abandonar a ilha sem seu valioso livro, mago? — Gareth empurrou o livro com a ponta da bota.

— Ao que parece hoje terei que partir com as mãos vazias, mas podem estar seguros de que voltarei por ele. — Lucretius voltou a mostrar seu mais frio e deslumbrante sorriso — E nunca saberão nem quando nem como voltarei a aparecer. E sabendo-o, não poderá dormir pelas noites, verdade Lobo Sanguinário?

— Desta vez te parei os pés, não é assim? Posso voltar a fazer se for necessário.

— Ora! Desta vez teve sorte, isso é tudo. A próxima vez será diferente.

— Parte, pois, se for essa sua intenção. Leve seu repugnante elixir e saia desta ilha.

— Como queira, Lobo Sanguinário, mas antes te deixarei uma lembrança para que não me esqueça nunca. — Lucretius lançou o frasco diretamente ao rosto de Gareth.

— Nãoooo! — gritou Dallan. Deu um salto para interceptar a garrafa e apanhá-la com as mãos.

— Dallan! — exclamou Clare.

Gareth nem pensou em sua reação. Foi instantânea, uma resposta física rápida que lhe tinha salvado a vida em mais de uma ocasião.

Com uma mão agarrou Dallan e o afastou e, com a outra, levantou sua espada descrevendo um arco veloz e curto. O frasco posou sobre a folha plana de sua espada.

Gareth aproveitou o impulso da oscilação para lançar a ampola para um lado. Chocou-se contra uma rocha e se fez pedacinhos. Ouviu-se como um chiado.

— Santo Deus! — suspirou Clare — A rocha está se desintegrando!

— Tem a sorte do próprio diabo, Lobo Sanguinário — sentenciou Lucretius dirigindo-se para o caminho do escarpado — Mas não durará para sempre.

— Não há nenhum bote te esperando na baía, mago — disse Gareth agradado — Meus homens o descobriram faz um momento.

— Não pode ser! — A capa de Lucretius se bateu ao deter-se no alto do caminho — Está mentindo. Eu as descobri. Ninguém conhece as baías do escarpado.

Gareth sorriu.

— Não conhece bem aos jovens. São curiosos por natureza. William as encontrou faz muito tempo.

— Maldito seja, Lobo Sanguinário! — Lucretius se equilibrou sobre ele com a espada em alto.

Gareth parou a carga facilmente. Os aços chocaram.

Lucretius saltou para trás, fez uma ameaça e voltou a carga.

O mago era bom, reconheceu Gareth mentalmente enquanto ambos descreviam um círculo. Era rápido e ardiloso. Pode ser que tivesse desprezado as artes da luta frente ao poder da magia, mas era óbvio que tinha talento para dirigir a espada.

Consciente da queda que havia na borda do escarpado, Gareth se colocou em uma posição que lhe assegurasse que fosse Lucretius que estivesse de costas ao precipício. Pela extremidade do olho, viu Clare afastando Dallan.

Lucretius iniciou um novo ataque rápido, mas Gareth o esquivou.

O mago girou e desta vez Gareth se encontrou justo na posição que tinha querido evitar. Estava de costas ao escarpado.

Lucretius se aproximou outra vez. Sua espada lançava leves brilhos na luz cinza. Gareth notou que o terreno cedia sob o calcanhar de sua bota esquerda. A borda do escarpado começava a desmoronar. As ondas soavam muito fortes.

Com toda sua força, lançou-se para diante inclinando-se com a intenção de passar por debaixo da estocada de Lucretius.

Lucretius já estava imerso no golpe e tinha o rosto retorcido de ira quando Gareth se deslizou por debaixo da folha, golpeou o chão com o ombro e rodou.

— Morre Lobo Sanguinário! — Lucretius se voltou enquanto Gareth se levantava — Morre maldito!

Gareth viu a possibilidade e se lançou brandindo a espada. Lucretius não pôde levantar sua espada com a suficiente rapidez para desviar o golpe.

Justo quando Gareth entrava em matar, Lucretius gritou e jogou sua espada. Agitou os braços com desespero enquanto o terreno a cedia sob seus pés.

— Não! — gritou — Não pode ser assim. Sou mago.

Gareth se conteve e se afastou rapidamente da borda do escarpado.

Lucretius caiu para trás no vazio cinza.

Seu alarido rasgou o ar durante uns segundos intermináveis e logo cessou bruscamente.

No profundo silêncio que reinou depois, os olhos de Gareth se encontraram com os de Clare.

— Gareth! — Correu para ele e se lançou a seus braços abraçando-o com força — Está a salvo!

— Sim — disse ele levantando a vista por cima de sua cabeça para olhar Dallan, que observava o lugar onde tinham visto Lucretius pela última vez.

— Acredita que está realmente morto, senhor? — perguntou Dallan com um tom estranho.

— Sim. Você e eu baixaremos juntos à baía. Tenha por seguro que encontraremos seu corpo sobre as rochas. Depois de tudo, só era um homem.

— Um homem terrível — particularizou Clare do círculo do braço de Gareth — A pior fórmula para um marido.

Clare não tinha se recuperado ainda da comoção por todo o acontecido durante o dia quando ela e Gareth se retiraram ao dormitório de noite.

Aparentemente, tudo tinha voltado à normalidade. Tinham encontrado Ranulf vivo, embora inconsciente, na torre de vigilância. Recuperou-se em seguida do golpe recebido na cabeça, mas Clare suspeitava que seu orgulho demorasse mais em sarar.

O corpo de Lucretius tinha sido retirado da baía. Os quatro cavalheiros de capas negras que tinham sobrevivido e os três desventurados arqueiros estavam encerrados em um porão da casa.

Joanna tinha se recuperado do desmaio, tinha abraçado William até que o moço lhe rogou que cessasse e depois se lançou aos braços de Ulrich.

O povo bulia de excitação à medida que a história percorria as ruas e as casas. E cada vez que alguém voltava a contá-la, as proezas do Lobo Sanguinário eram mais impressionantes. Clare sabia que sua gente estava orgulhosa de que seu suserano tivesse demonstrado ser mais poderoso que um mago.

Na hora do jantar, tinha havido um grande regozijo e júbilo entre os homens de Gareth. Cook tinha elaborado uma coleção de pratos para celebrá-lo. Os serventes tinham falado e brincado com os homens de armas.

Dallan tinha contribuído ao ambiente de celebração cantando uma apaixonante balada em que narrava o resgate de Desejo. Tinha-a composto em menos de duas horas e todos admiravam seu talento.

Clare tinha conseguido manter sua presença de ânimo enquanto se limpava o pátio e tudo voltava para seu lugar. Entretanto, era tudo fachada. Não foi capaz de provar nada em todo o jantar.

— Está bem, Clare? — perguntou Gareth em voz baixa. Estava diante da lareira tirando a túnica e as botas.

— Sim, só tenho um pouco de frio. — Fechou as mãos sobre a borda do edredom e ficou olhando Gareth enquanto se despia.

Gareth enrolou o cinturão de couro no punho.

— Esta noite tive um comportamento muito estranho.

— Bom, é que foi um dia um tanto estranho.

Arqueou uma sobrancelha enquanto deixava o cinturão enrolado dentro de uma arca gravada.

— Compreendo.

— Seriamente, Gareth?

— Sim. Aqui em Desejo não estão acostumados à violência.

— É certo.

— Bom tranquilize-se — disse Gareth bocejando — Não há muitas probabilidades de que tenhamos que enfrentar a uma situação similar em um futuro próximo. A fazenda está a salvo. Nossa gente está a salvo.

— Graças a você.

Seus largos ombros se encolheram enquanto cruzava a habitação em direção à cama.

— O mago não era mais que um ladrão com aparência de cavalheiro. E sei muito bem como tratar aos ladrões, senhora. Tenho muita prática, não sei se o recorda.

Sua despreocupação ante os tremendos acontecimentos do dia foi muito. Clare se sentou muito erguida na cama e levantou o edredom até tampar o pescoço com dedos trêmulos.

— Santo céu! Como pode falar com tal despreocupação sobre isto?

Ele se deteve obviamente surpreso pelo arranque de ira. A preocupação sulcou sua testa.

— Clare, está bem? Quer beber algo quente que te ajude a dormir? Hoje sofreu muito.

— Está claro que hoje sofri muito. — Clare se levantou ficou de pé no meio da cama. Pôs os braços na cintura e o olhou com o cenho franzido — Quase te matam, Lobo Sanguinário. Ele a olhou com expressão maliciosa.

— Havia muito poucas possibilidades de que isso ocorresse.

— Havia muitas possibilidades! Fui testemunha da última luta com o mago. Você poderia ter acabado no fundo do escarpado.

Gareth voltou a bocejar.

— Mas não foi assim.

— Não te atreva a menosprezar este assunto. O que eu teria feito se tivesse sido seu corpo o que subiram da baía?

— Clare...

Seus olhos se encheram de lágrimas de angústia e fúria.

— Maldito seja! Não teria suportado!

— Clare, tudo vai bem. Asseguro-lhe isso. Tranquelize-se.

— Não me trate como se fosse uma égua inquieta! Hoje quase te perco!

Gareth lhe dedicou um sorriso.

— Sim, mas poderia ter buscado um substituto facilmente. Na Inglaterra não faltam cavalheiros sem lar. Possivelmente teria encontrado a alguém mais de acordo com suas expectativas que eu.

— Não se burle de mim, que não estou de humor. Lhe disse que te amo. Não pode entender o que isso significa?

— Acredito que sim — disse Gareth lentamente.

— Ora! Não tem ideia do que é o amor, verdade? Se hoje lhe tivessem matado, meu coração teria se quebrado para sempre. Isso não significa nada para você?

— Significa tudo para mim — respondeu com toda simplicidade.

— OH, Gareth! — Clare se jogou em seus braços — É o único homem que conheci que me faz sentir algo mais que útil.

Gareth a rodeou com seus braços.

— Me ocorre o mesmo contigo. Estou começando a acreditar que meu lugar é ilha Desejo.

— E é assim. Este é seu lar, Gareth. Não deve esquecê-lo nem por um instante. Não deve correr mais riscos estúpidos.

— Não sofra mulher. Ambos estamos a salvo e eu me encarregarei de que assim siga sendo.

— Tinha tanto medo de te perder... — murmurou apoiada em seu ombro.

Gareth acariciou o cabelo de Clare.

— Como crê que me senti ao retornar à mansão e ver-te nas escadas conversando com Lucretius de Valemont?

Clare conteve um soluço.

— Não estava conversando com ele. Estávamos negociando. Eu sou boa negociando.

— Sim, sim é. — Gareth lhe acariciou delicadamente a nuca com o polegar e o índice — O truque que planejou para o mago foi muito hábil.

— Sabia que a artemisia lhe faria espirrar sem remédio. Pensei que sua reação brindaria a Dallan a oportunidade de escapar.

— Foi você quem teve a oportunidade. — Gareth fez uma pausa carregada de sentido — Uma oportunidade que não teria necessitado se te tivesse ficado a salvo no interior da casa como te ordenei.

— Tinha que fazer algo! Estava ameaçando a vida de Dallan.

— Assim que você foi ao resgate — resmungou Gareth resignado — Suponho que não tem sentido lhe brônquear por ter cometido semelhante estupidez.

— Não tinha escolha.

Gareth agarrou seu rosto entre as mãos.

— Não discutiremos este ponto. O feito, feito está. Agora está a salvo é tudo o que importa.

Ela sorriu e deixou cair uma última lágrima.

— OH, Gareth! — suspirou lhe rodeando o pescoço com os braços e apertando-o forte.

Ele lançou uma exclamação profunda e rouca, levantou-a e a depositou entre os lençóis aromatizados. O fogo desprendia luz suficiente para que Clare pudesse ver o intenso brilho em seus olhos. A calidez que viu naquelas profundidades cristalinas lhe deu mais calor que tudo o que tinha tentado com o passar do dia para aplacar o frio.

— Minha doce Clare — Gareth se deitou sobre ela apertando-a contra a roupa de cama

— Não é a única que levou um susto de morte hoje. Não volte a me fazer isto.

— Não, meu senhor — Clare abriu os lábios e o beijou com uma urgência desesperada que não tentou dissimular.

A resposta dele a sobressaltou como sempre.

Um bom momento depois, Clare jazia junto a Gareth. Nenhum dos dois se incomodou em correr as cortinas da cama. Os rescaldos do fogo projetavam uma luz plácida sobre os lençóis revoltos.

Clare se aconhchegou contra seu marido e respirou o aroma de seu corpo depravado e satisfeito. Ao fechar os olhos, um pensamento sonolento revoou por sua mente.

— Gareth?

— Mmm? — A voz de Gareth foi pouco mais que um ronrono entre as sombras.

— Quase esqueço! Eadgar quer saber durante quanto tempo teremos que alimentar aos prisioneiros. Diz que terá que comprar provisões se formos retê-los muito mais no sótão.

— Só terá que preocupar-se com eles um ou dois dias mais. Logo já não estarão.

— Bem. Alegrará-se de ouvi-lo. — Clare deu um pequeno bocejo e se aproximou um pouco mais de Gareth — É que para ele é um problema, sabe? Não estamos acostumados a ter prisioneiros em Desejo.

— Claaaro! — Gareth parecia já meio dormido.

Clare dirigiu o olhar para as brasas da lareira.

— Aonde crê que irão esses homens agora que seu senhor está morto?

— Mmm?

— Pergunto-me o que será desses quatro cavalheiros que serviam sir Lucretius. E desses três arqueiros aos que tem presos. Pobres homens. Deve ser muito duro não ter nem lar nem amo ao que servir...

— Clare, asseguro-te que não terão nenhum problema para encontrar um novo lar.

— Por que não? — perguntou, ao tempo que voltava a cabeça sobre o travesseiro.

— Porque vou enforcar a todos, por isso.

— Como? — saltou ficando em pé — Não pode fazer isso, Gareth!

Ele abriu um olho e a olhou como se se tornasse louca.

— É o que está acostumado a fazer com homens de sua índole.

— Impossível! Totalmente impossível. Não vai enforcar a sete homens aqui em Desejo. Nem pensar! — Na imaginação de Clare se formou a imagem de sete corpos pendurando da forca — Eu o proíbo categoricamente!

Gareth abriu o outro olho e a escrutinou com um olhar vago.

— Que me proíbe?

— Sim, assim é. Nunca houve um enforcamento em Desejo. Meu pai nunca considerou necessário enforcar a ninguém e eu não tenho intenção de mudar a tradição.

— Clare — disse Gareth com uma paciência inquietante —, esses homens daí abaixo são homens sem amo, ladrões, cavalheiros renegados. É possível que sejam assassinos, ou pior.

— Aqui não mataram a ninguém.

— Sim, por acaso.

— Estavam às ordens de um homem diabólico, mas agora está morto.

— Sim, e se os deixo livres, logo encontrarão a outro senhor da mesma estirpe ao que servir. Levam-no no sangue.

Clare ficou olhando, desconcertada pela expressão implacável de seu rosto.

— Não posso suportar a ideia de tantas mortes terríveis nesta ilha. Não pode fazê-lo.

Gareth vacilou.

— Suponho que poderia mandá-los a Seabern. Seguro que sir Nicholas não importará em ocupar-se.

Clare esmurrou a cama com os punhos.

— Não é essa a questão! A questão é que não quero que todos morram pendurados.

Gareth se conteve para não perder a paciência.

— Estivemos de acordo em que cada um tinha suas responsabilidades como senhor e senhora deste feudo.

— Sim, mas...

— Deve deixar que me ocupe de meus assuntos.

— Mas está claro que não há necessidade de enforcá-los. Existem outras possibilidades.

— Que possibilidades?

— Pode desterrá-los — sugeriu rapidamente — Fazer com que jurem que renunciam ao território. Não se atreverão a voltar.

— Clare...

— Temem-no. Acreditam que é mais poderoso que Lucretius de Valemont.

— Possivelmente não nos incomodem no futuro — concedeu Gareth —, mas declará-los proscritos e mandá-los longe só servirá para que causem problemas a outros.

— Gareth, não aceitarei que sete homens se balancem pendurados na brisa de Desejo, e esta é minha decisão final.

— Nada disso, neste assunto eu tomo a decisão final.

— Isso veremos. — Clare recolheu o edredom e se amassou nele. Afastou-se até a borda da cama e baixou ao chão.

— Aonde diabos crê que vai?

— Vou dormir no closet até que me conceda o favor que te pedi senhor.

Com o edredom posto a modo de capa, Clare girou sobre os calcanhares e cruzou o dormitório com passo irado até o closet.

Capítulo 19

— Diabos! São todos tão jovens — murmurou Gareth — Nenhum tem mais de dezenove anos.

Investigava os rostos dos quatro cavalheiros superviventes de Lucretius enquanto os levavam a casa para ser interrogados.

— Por que escolheria esse maldito mago uns pobres moços para levar a cabo seus planos?

— Não são moços, são homens — apontou Ulrich — E tanto você como eu sabemos qual é a resposta.

— Certo — Gareth apoiou o cotovelo no braço da cadeira de carvalho e o queixo na palma da mão. Nunca tinha gostado desta parte de sua responsabilidade — Os jovens desta idade são mais fáceis de controlar e impressionar que os mais velhos. Não questionam as ordens, nem os truques de magia.

— Não cabe dúvida de que De Valemont se serviu do terror e de que lhes prometeu um título de cavalheiros e uma boa soma de dinheiro para recrutá-los.

— Minha esposa quer que mostre clemência — comentou Gareth com tom mal-humorado olhando aos prisioneiros — Pede-me que os libere.

— Isso me disseram. Em realidade, senhor, toda a casa está a par do pedido de lady Clare.

— Sabia que seria impossível resolver a questão em privado.

— Parece-me que os rumores começaram quando uma donzela de serviço encontrou lady Clare dormindo no closet esta manhã.

Gareth deu uns golpes na mandíbula com o índice e não disse nada.

Ulrich pigarreou educadamente.

— Possivelmente sua gentil senhora sente pena por estes homens por que não são muito mais velhos que Dallan. Não obstante, surpreende-me que se mostre igualmente caridosa com os ladrões que apanhamos no porto. Não se pode negar que estão mais curtidos.

— Quer que desterre a todos e que lhes deseje sorte em suas próximas empresas.

— As mulheres tendem a ser compassivas, especialmente as que não tiveram muita experiência com a violência.

— Diz que não quer que a abadessa Helen chegue a nossa ilha e encontre sete cadáveres balançando nas brisas aromáticas de Desejo.

— Tenho a impressão de que nossa senhora abadessa viu coisas piores em sua vida — murmurou Ulrich.

— Certo. Em qualquer caso, se seguirmos adiante, podemos nos desfazer dos corpos antes que chegue a abadessa. — Gareth viu os quatro cavalheiros deter-se frente a sua cadeira.

Não só eram jovens, estavam assustados e se esforçavam por ocultar o medo atrás de uma máscara de desafio estoico. Gareth assentiu com a cabeça fazendo um sinal ao guarda, que se retirou. Continuando, olhou diretamente ao de mais idade.

— Você! Como se chama?

— Sir Robert.

— Onde está seu feudo?

Robert duvidou e logo se encolheu de ombros.

— Não tenho feudo agora que lorde Lucretius está morto.

— Não tem família?

— Não, senhor.

— E seus pais?

Robert parecia confuso pela linha de interrogatório.

— Não conheci meu pai e minha mãe morreu ao nascer eu.

Gareth olhou ao seguinte jovem.

— E você? Como se chama? Onde está o lar de sua família?

— Meu nome é John. — percebia-se um ligeiro tremor em sua voz, mas inspirou com força e conseguiu controlá- — Eu tinha jurado lealdade ao mago. Agora que está morto, não tenho lar.

— Ah, parece-me detectar certas similitudes — espetou Ulrich com voz baixa.

— Sim — disse Gareth observando aos outros dois cavalheiros — Algum de vocês tem família? Um lar?

Ambos negaram com a cabeça.

— Se quiser..., meu senhor — Robert deu um passo à frente.

— O que? — Gareth o olhou.

— Nenhum tem parentes nem amigos que nos resgatem. Tudo o que possuímos nos deu o mago. Nossa armadura e nossas espadas são os únicos objetos de valor que temos. — Robert falava com os lábios tensos e uma expressão séria. Seus olhos mostravam um feroz orgulho ao mesmo tempo em que um grande temor — Você já nos arrebatou isso. Também pode prosseguir com o enforcamento.

— Ao seu devido tempo, sir Robert, ao seu devido tempo. A morte sempre chega muito cedo para a maioria. — Gareth fez um gesto para que os guardas levassem aos cavalheiros a sua prisão improvisada.

Ulrich entrelaçou as mãos atrás das costas e esperou que a sala estivesse vazia. Então, olhou Gareth.

— Quer interrogar aos arqueiros que capturamos no porto, senhor?

— Não. Não nos contarão nada novo. É o mais claro exemplo de sua condição. Bandidos que ficaram ao serviço do mago sob a promessa de uma pilhagem fácil.

— Homens sem amo.

— Sim — afirmou Gareth levantando-se — Homens sem povo nem família.

— Este tipo de homens sempre são perigosos. É melhor enforcá-los rapidamente e resolver o tema.

— Sim. — Gareth se aproximou de uma mesa onde tinha desdobrado uma coleção de objetos que ele e Dallan tinham encontrado na capa de Lucretius de Valemont — Já viu isto, Ulrich?

— Não. — Ulrich se aproximou da mesa. Observou umas diminutas partes de metal flutuando em uma terrina cheia de água — O que são?

— Dallan me disse que Valemont os chamava peixes de ferro. Olhe. — Gareth introduziu um dedo na água e fez girar as pequenas lascas de ferro. Quando a água deixou de mover-se, também o fizeram os peixes de ferro — Observa, todos apontam na direção em que apontavam antes de remover a água.

Ulrich estava atônito.

— E o que?

— Assinalam ao norte, amigo. Sempre ao norte. Este é o misterioso método que o mago utilizou para guiar os ladrões até a ilha em plena névoa. E teria tornado a utilizá-lo para fugir.

— Peixes de ferro?

— Ouvi falar disto a uns anos — disse Gareth — Li no livro de sir Humphrey, mas é a primeira vez que os vejo em funcionamento. É surpreendente, não?

— Sim. — Ulrich colocou um dedo na água e removeu a superfície. Comprovou, fascinado, como as lascas se realinhavam — Muito interessante!

— O livro de sir Humphrey diz que o invento vem da China, igual à receita do pó de enxofre e carvão que utilizei para desconcertar aos homens de Valemont.

— E estes outros objetos? — Ulrich levantou uma esfera polida.

— Um espelho. Dallan diz que Valemont o utilizava às vezes para fazer sinais a seus homens e lhes enviar mensagens. — Gareth agarrou um chaveiro com chaves de formas estranhas — E estas as usava para abrir fechaduras de todo tipo.

— De modo que assim entrou no convento e na biblioteca.

— Assim é — confirmou Gareth atirando as chaves sobre a mesa — E também assim pôde fechar a porta da cela da anacoreta depois de levar o corpo até ali.

— É tudo muito interessante, senhor, e te conhecendo, estou seguro de que estará ocupado durante dias jogando com os truques do mago. Mas o que devo fazer com os prisioneiros enquanto isso? Ocupo-me de que desapareçam imediatamente?

— Não. Espera um pouco mais. Possivelmente me ocorram outras perguntas.

Gareth foi plenamente consciente do olhar zombador que lhe lançou Ulrich enquanto saía da sala. Como de costume, não compreendeu qual era a graça.

Por fim se limpou a névoa que havia coberto a ilha durante os dois últimos dias. O pátio bulia de atividade.

William e Dallan corriam daqui para lá seguindo as instruções de Eadgar e ajudando aos serventes. Ao baixar as escadas, Gareth viu entrar pela porta aberta a dois de seus homens de armas. Iam carregados com braçadas de flores frescas. A visão daqueles robustos guerreiros cobertos de flores o fez sorrir momentaneamente.

A diversão se desvaneceu quando cruzou o pátio para as oficinas de Clare.

A noite anterior poderia tê-la obrigado a retornar ao leito, obviamente. Era muito maior e mais forte que ela.

Não teria custado nada tirá-la do closet, mas estava muito molesto. Pensou que uma noite dormindo sobre o chão duro e coberta somente com o edredom serviria para lhe dar uma lição. Era uma lástima que a donzela tivesse entrado no closet mais cedo que o habitual. Clare seguia profundamente dormida.

Gareth estava acordado, não obstante. Para sua indignação, tinha dormido muito pouco e se levantou três vezes a cobrir Clare.

Uma coisa era deixá-la dormir no duro chão de pedra, e outra muito distinta deixar que passasse frio. Não tinha a menor intenção de deixar que suas batalhas com ele afetassem

sua saúde. Como marido, tinha o dever de ocupar-se de que não caísse doente como consequência de seus atos irrefletidos.

Aquela manhã, não obstante, ela estava incrivelmente tranquila apesar da guerra aberta que mais ou menos tinha declarado. Atuava como se já tivesse ganhado e só estivesse esperando que ele aceitasse a derrota.

Gareth se perguntava se seria consciente de que ele nunca se rendeu ante ninguém em toda sua vida.

Chegou à primeira oficina do complexo de dependências e se plantou na porta aberta. O aroma de flores, baunilha e hortelã lhe deu na cara como uma suave rajada.

— Clare?

— Estou aqui — respondeu Clare da estadia contigua. Gareth cruzou a sala de mesclas para o secador. Viu-a de pé junto a uma das grandes mesas e algo se removeu em seu interior.

No dia anterior tinha estado a ponto de perdê-la. Quão último queria era brigar hoje com ela. Suspirou, posto que sabia muito bem que não lhe convinha mostrar debilidade.

Clare estava cheirando um punhado de flores secas. Tinha os olhos fechados para concentrar-se na fragrância. A luz do sol penetrava pela janela que havia atrás e criava um halo dourado ao redor de seu grácil figura.

Gareth pensou que ela era a coisa mais formosa que havia em sua vida. Tinha-lhe dado um lar.

Afastou de seu pensamento aquela estranha mescla de emoções que não compreendia e se aproximou dela.

— O que faz? — perguntou, mais por não ficar calado que por curiosidade.

— Estou preparando uma mescla especial para a abadessa — respondeu abrindo os olhos — É uma receita muito complexa que só será para ela. Crê que gostará?

— Estou seguro que sim. — Gareth vacilou — Toda a ilha anda alvoroçada.

— Chegará a qualquer momento. Pode ser que esta mesma tarde.

— Sei que está entusiasmada com esta visita.

— Sim, muito. A abadessa Helen foi muito amável em suas cartas e tenho vontade de devolver sua cortesia.

— Possivelmente deveria te dizer que...

— Liberou aos prisioneiros, meu senhor?

— Não.

— Sei que terá feito o correto antes que termine o dia.

— Por todos os diabos, mulher, o correto é enforcá-los!

— Não neste caso. Viu os cavalheiros de Lucretius? Não são muito maiores que Dallan.

— Bom, e o que me diz dos ladrões profissionais que Ulrich capturou no porto? — espetou Gareth — Não lhes pode desculpar por ser jovens. Um deles tem quarenta anos como mínimo. Leva toda a vida roubando às pessoas.

— Sim, mas se liberarmos os outros, também podemos deixá-los livres. Não quero nem um só cadáver pendurando sobre minhas flores.

— Clare, é uma mulher e cresceu protegida aqui em Desejo. Se... — Gareth se deteve ao ouvir gritos no exterior.

— Lady Clare, lady Clare, seus convidados chegaram! — chamou um servente — Lady Joanna diz que vá em seguida.

— A abadessa está aqui! — Clare estendeu os dedos e deixou cair às flores secas na terrina.

— Clare, espera! — Gareth tentou alcançá-la enquanto saía, mas falhou.

Clare saiu correndo para o pátio.

— Joanna, onde está a abadessa? Possivelmente se detenha primeiro no convento para ver a priora. Santo céu, não estamos preparados! Queria que tudo estivesse em perfeita ordem quando ela chegasse.

Gareth saiu devagar do secador e encontrou Ulrich de pé a um lado. Juntos contemplaram o bulício.

— Chegou à abadessa? — perguntou Gareth.

— Sim. Acaba de chegar de Seabem com uma escolta. Um dos homens veio a cavalo do povoado para nos comunicar a notícia.

— Escolta? — Gareth levantou uma sobrancelha com ar inquisitivo.

— Parece que Thurston de Landry e três de seus cavalheiros viajavam por acaso na mesma direção que a abadessa e se ofereceram a protegê-la, a ela e a seus criados. Deveriam chegar de um momento a outro.

— O que me faltava!

Um grito de consternação se elevou sobre a comoção do pátio. Gareth olhou a Clare, que gesticulava como louca com as mãos.

— Como, que Thurston de Landry vem para aqui? — gritou a Joanna — Isso é impossível!

— Tranquila Clare — respondeu Joanna — Já nos arrumaremos isso.

Clare pôs uma expressão furiosa.

— Como se atreve lorde Thurston a me fazer isto? Não tem a menor consideração? Esta noite tenho a visita de uma abadessa... Não quero que um estúpido barão me incomode.

— Já nos arrumaremos isso — disse Joanna com intenção de tranquilizá-la.

— Não, não pode ser verdade. Estragou tudo. Como devo me ocupar de meu sogro se estou tentando atender a uma abadessa?

— Excelente pergunta nestas circunstâncias — comentou Gareth a Ulrich.

— Está sorrindo, senhor. Sabe que me inquieta quando sorri. — Ulrich vacilou — O que ocorre aos prisioneiros?

— Será melhor que os retenha no porão um ou dois dias mais. Agora já há muita confusão. Se enforcássemos a um grupo de ladrões se armaria ainda mais confusão.

— Sim — afirmou Ulrich — Parece que vai ser uma noite interessante.

Os gritos da torre e a poeira do caminho anunciaram a chegada da companhia e uma multidão de criados.

— Estão aqui! — gritou alguém — A abadessa e Thurston de Landry estão às portas.

Clare olhou com zanga a Gareth.

— É o cúmulo! Quão mínimo poderia ter feito seu pai é ter mandado um aviso de que tinha a intenção de visitar-nos.

— Suspeito que tomou a decisão de repente ao inteirar-se de que a abadessa vinha a caminho a Desejo.

— Mas por quê? Não tem sentido — Clare calou ao ouvir o estrépito dos cavaleiros atravessando as portas.

Produziu-se um ambiente geral de confusão ao aproximar os serventes e os cavalos.

— Acompanhe-me, Clare, devemos dar a bem-vinda a nossos convidados. — Gareth a puxou pelo braço e começou a andar.

— A senhora que está no palafrém é a abadessa. — A expressão contrariada de Clare se iluminou com renovado entusiasmo — Parece que está perfeitamente bem.

— Está.

— O que quer dizer?

— Não importa. — Gareth observou como desmontava Thurston e ia ajudá-la. O casal se voltou para saudar os anfitriões.

— Senhora abadessa — disse Clare enquanto se inclinava para beijar o anel daquela dama alta e bonita vestida com hábitos beneditina — Bem-vinda a Desejo. Sentimo-nos muito honrados.

— Me alegro de voltar aqui, lady Clare — sorriu a abadessa Helen — Sempre é um prazer visitá-la. Sigo desfrutando de sua correspondência mais do que poderia expressar.

— É muito amável. — Clare se voltou com notória reticência para Thurston — Senhor honra-nos com sua presença.

Seu gélido tom de voz pareceu divertir ao Thurston.

— Esperava com ânsia voltar a vê-la depois de todo este tempo, lady Clare.

— Que lástima que não nos avisasse de sua visita para que lhe preparássemos uma recepção adequada! — murmurou Clare.

Thurston beijou sua mão com a cortesia que sempre mostrava com as damas.

— Minhas desculpas. Tomei a decisão de forma repentina. Deixe-me que lhe diga que me agrada saber que meu filho cumpriu seus requisitos para um marido.

— Sim, bom, ao princípio não estava muito segura que os cumprisse, mas resulta que é muito apto para o posto.

— Tinha a esperança de que assim fosse.

Gareth olhou com satisfação como Clare se soltava da mão de seu pai. Muito poucas mulheres eram imunes aos encantos de Thurston de Landry, mas Clare parecia totalmente alheia a eles.

— Senhor, não pretendo ser grosseira, mas devo advertir-lhe que, se tiver vindo para levar lorde Gareth longe de Desejo por algum motivo, está perdendo o tempo — disse carrancuda.

— Seriamente?

— Sim, não pode levá-lo. O necessitamos aqui em nosso lar. Você me enviou ele e devo insistir que fique. Há muito que fazer por aqui. A ilha leva muitos anos sem um verdadeiro senhor.

— Já vejo — respondeu Thurston olhando de esguelha a Gareth com rosto divertido.

— Se deseja que este senhorio siga sendo rentável... — Clare fez uma pausa expressamente —, ou inclusive que aumentem os benefícios, terá que deixar que sir Gareth fique conosco.

Um sorriso apareceu nos lábios de Thurston.

— Asseguro senhora, não tenho nenhuma intenção de interferir no aumento dos lucros.

— Bem, já está resolvido, então. — Clare parecia aliviada — Suponho que teremos espaço para você e seus homens.

— Obrigado. É muito amável, senhora.

Gareth recordou algo que Nicholas de Seabern lhe havia dito durante a feira da primavera. «Estará-te agradecida quando for, sabe? Não necessita um marido.»

Nicholas estava equivocado, pensou Gareth. Clare queria que ficasse em Desejo. E não só porque lhe considerasse útil, mas sim porque lhe amava. Sentiu um alegre entusiasmo.

Clare se voltou iludida para a abadessa Helen.

— Senhora, seguro que quererá refrescar-se depois da longa viagem. Seus aposentos estão preparados.

— Obrigada. — A voz da abadessa soou frouxa e rouca.

Ressonou com uma força suave.

Clare olhou desgostosa a Gareth.

— Não saudou adequadamente à senhora abadessa, milord.

— Certo — disse Gareth tomando a mão que lhe brindava a abadessa e olhando naqueles olhos cinzas que eram um reflexo dos seus.

— Bem-vinda a Desejo, mãe.

Clare andava acima e abaixo pela habitação lançando impropérios enquanto Eunice tentava vesti-la.

— Sua «mãe». Não posso acreditar Joanna. A abadessa Helen é sua mãe. É uma situação tão difícil. Como pôde me fazer isto?

— Suspeito que lorde Gareth não queria que conhecesse sua relação com a abadessa ainda. — Joanna observava enquanto Eunice se lançava para Clare e lhe punha um vestido de cor açafraão pela cabeça.

— E por que não? — Clare se revolia para tirar o rosto dentre as dobras do vestido. Finalmente ficou colocado e Eunice aproveitou a ocasião para agarrar as fitas e começar a atá-las.

— Possivelmente porque sabia que a tinha em grande estima. Sem dúvida preferia ganhar seu afeto por méritos próprios.

Clare a olhou fixamente.

— Não me tinha ocorrido. Crê que será por isso?

— É possível. — Joanna se levantou do tamborete e foi para a porta — Não se preocupe com o jantar. Tudo está preparado. — deteve-se com uma mão no pomo — Por certo, Dallan tem composto uns versos mais de sua nova balada para a ocasião.

Clare sorriu apesar de seu mau humor.

— Mais versos protagonizados pelo valoroso e audaz lorde Gareth?

— Acredito que sim. Está desejoso de interpretar seu poema para todos.

Eunice puxou o cabelo de Clare justo com a força necessária para que ficasse quieta. Sem deixar de queixar-se, deixou que sua anciã faxineira recolhesse suas tranças em uma rede para cabelo tecida com fios de ouro.

— Disse algo sir Ulrich sobre quando vão ser liberados os detentos? — perguntou Clare. Joanna suspirou.

— Não. Não espere que lorde Gareth libere a esses homens, Clare. Sabe perfeitamente que não é a maneira em que costumam resolver estes assuntos. Se quiser minha opinião, todos merecem a força.

— Sim, isso não há quem o discuta— murmurou Eunice.

— Cada vez que penso no que poderia ter ocorrido a você e ao William — explicou Joanna —, estou para desmaiar outra vez.

Saiu pela porta e a fechou brandamente.

— Lady Joanna tem razão. — Eunice ajustou a bandagem laranja e azul aos quadris de Clare — Lorde Gareth tem fama de tratar com firmeza aos bandidos. Não se mostrará clemente com esses miseráveis. E, em minha opinião, não deveria fazê-lo.

— Ninguém pediu sua opinião.

— Crê que o fará por você, verdade, milady? Crê que lhe importa o suficiente para que te conceda este favor. — Eunice lhe dedicou um olhar compassivo enquanto ajustava a rede brilhante com um diadema de prata — Advirto-lhe isso, é esperar muito de um homem, e em especial do Lobo Sanguinário.

— Possivelmente possa convencer seu pai para que lhe faça entrar em razão.

— Esta sim que é boa! — Eunice gargalhou — O mais provável é que Thurston de Landry se ofereça a ajudar seu filho a construir a força.

— Então, pode ser que a abadessa Helen tenha mais influência — sugeriu Clare esperançosa.

— Não, senhora. Não servirá. Não é assunto dela e provavelmente estará de acordo com os homens em que o enforcamento é a solução adequada para o problema.

Clare fechou os olhos em uma breve oração silenciosa. Parecia ser a única pessoa da ilha que considerava que pendurar aos homens estava mau.

Acaso ninguém mais via que já tinha ocorrido muita violência? Ninguém compreendia que os homens do mago eram só moços sem lar que se puseram ao serviço do único cavaleiro que o tinha proposto?

E os pobres arqueiros... Eram só desafortunados homens sem senhor ao que servir que tinham acabado no mau caminho porque não tinham outra forma de ganhar a vida.

Imaginou a horripilante cena de sete homens enforcados sobre um leito de rosas e seu estômago se retorceu.

Um pouco mais tarde, Clare fazia passar à abadessa Helen a seu estúdio.

— Resulta-me tão emocionante senhora abadessa. Desfruto muito com suas esporádicas visitas. Entretanto, devo confessar a vergonha que sinto por não ter sabido que era a mãe de meu marido. Asseguro-lhe que não me tinha dito.

— Meu filho é um homem bastante peculiar, pouco comunicativo. — Helen se deslizou com elegância para as estantes. Seu hábito estava talhado e confeccionado com o mesmo esmero que o vestido mais caro. O véu de freira estava colocado de forma deliciosa formando um marco perfeito para seu rosto elegante e seus olhos claros — Não está acostumado a contar muito de si mesmo.

Clare fez uma careta.

— Sim, é certo.

Helen sorriu.

— Eu gostaria que soubesse que estou muito contente com este matrimônio, Clare.

— Eu também — Clare se aproximou da janela — Você sabe melhor que ninguém que eu não tinha um desejo especial de me casar.

— Certo, mas ambas sabíamos que devia cumprir com sua obrigação. Não tinha escolha.

— Foi você quem escolheu seu filho para mim, verdade? Foi tudo ideia sua não?

— Sim. Escrevi a lorde Thurston e lhe sugeri que poderia ser uma boa união.

— Honra-me que pensasse que eu seria adequada para seu filho — sussurrou Clare.

— É a única mulher que conheci que podia dar a Gareth o que mais procura.

Clare a olhou

— O que é?

— Uma casa própria.

— Ah!

Helen lhe lançou um olhar pensativo.

— Me disseram que aprendeu a rir.

— Seu filho tem uma ideia curiosa de diversão, senhora, mas a tem.

— Está apaixonada por ele, verdade?

— Sim.

— O disse?

— Sim.

— E o que disse ele?

Clare se encolheu de ombros.

— Nada. Pareceu contente ao souber.

— Mas não lhe disse que ele também a ama?

— Não.

Helen suspirou.

— Para meu filho nunca foi fácil revelar seus sentimentos a outros. Não sei se logo será capaz de fazê-lo. Se desejar lhe conhecer bem, deve aprender a ver o que há sob a superfície.

— Acredito que o conheço muito bem, senhora. Mas há coisas que terá que as expressar com palavras. — Clare girou em redondo para situar-se frente à Helen — Também saberá que Gareth e eu estamos encetados no que alguns chamariam uma briga.

Helen parecia divertida.

— Isso me disseram. Será interessante assistir ao desenlace. Meu filho não tem muita prática perdendo batalhas.

— Sua mãe está tão bonita como sempre — confessou Thurston enquanto contemplava os brinquedos do mago que Gareth tinha na mesa da habitação.

— Já vejo. — Gareth olhava fixamente uma página do livro de sir Humphrey — O que entende desta referência a uma máquina que funciona com o mesmo mecanismo que faz funcionar um relógio de água?

— Nem ideia — respondeu Thurston olhando a página sem excessivo interesse — Foi tudo ideia dela, sabe?

— O que?

— Que te casasse com lady Clare.

— Supus isso quando soube que mãe e lady Clare levavam muito tempo mantendo correspondência.

— Parece satisfeito com o matrimônio.

— Sim — respondeu passando a página.

— Está decidida a te manter perto da casa e do lar.

— Sim.

— Mmm, aqueles rumores que diziam que tinha perdido a virgindade com sir Nicholas foram muito desafortunados...

— Isso não é teu assunto, senhor, mas te direi que os rumores eram mentirosos.

— Ah! Já vejo! Não me preocupava a reputação da dama, nem muito menos.

— Sei o que te preocupava — Gareth se aproximou do livro para estudar um pequeno desenho — Temia que me sentisse obrigado a matar sir Nicholas e, portanto, a te privar de seus serviços.

— Sim. Alegro-me de que não ocorresse. Pode ser que Nicholas não seja o ideal de cavalaria de toda dama, mas é um bom homem e é leal. Este tipo de homens andam escassos.

— Sim.

— Ouvi outros rumores — prosseguiu Thurston.

— Sério?

— Informaram-me que você e sua dama estão encetados em uma briga relacionada com o enforcamento desses homens que capturou ao recuperar a herdade.

— Quer que os libere. É muito compassiva. Não está acostumada à violência e suas consequências.

— Mulheres! — suspirou Thurston — Simplesmente não entendem estas coisas.

Gareth se encontrou com o olhar divertido de seu pai.

— Aí estamos de acordo, senhor.

***Assim foi como se abriu a porta infernal
e ao abismo caiu o mago trapaceiro
Se outros malfeitores não querem morrer igual
Que fujam de sir Gareth o valoroso.***

Gareth fez uma careta. Inclinou-se para Clare que, como o resto dos presentes, estava ocupada aclamando os versos finais da última canção de Dallan.

— Sir Gareth o valoroso?

— Soa muito bem. — Clare sorriu orgulhosa a Dallan — Pelo que a mim respeita, o único mau da canção é do segundo ao último verso. Eu não gosto da parte que fala de sete homens enforcados.

A abadessa Helen mordeu um figo recheado com uma amêndoa.

— Que final preferiria, Clare?

Clare lançou a Gareth um olhar muito eloquente.

— Eu acredito que o valoroso sir Gareth deveria mostrar-se clemente com os homens capturados. Não favorece a Igreja esse tipo de atos?

— Depende bastante da situação — murmurou Helen — A Igreja pode ser muito prática com respeito a estas questões. Além disso, costuma-se a necessidade de fazer justiça.

— Sim, mas...

— É suficiente! — Gareth deu tal golpe na mesa que se moveram as taças.

Todas as cabeças se voltaram imediatamente para a mesa principal.

Clare deu um salto. Sua colher caiu com estrépito dentro da terrina que tinha diante.

— Gareth, sério, não é o lugar, nem o momento...

— Não estou de acordo. — Gareth ficou em pé com um gesto ameaçador — Decididamente, é o lugar, e o momento, senhora. Vamos resolver este assunto aqui e esta noite. Não vou tolerar mais reclamações.

Clare elevou a vista e o olhou indignada. Gareth nunca parecia pequeno nem de compleição média, mas de pé a seu lado pareceu enorme.

— Não estou reclamando, meu senhor. Nunca o faço.

— Não, o que vai! Converteste-te em um verdadeiro pesadelo com este assunto e não o tolerarei por mais tempo.

Clare mal podia conter o desejo de lhe lançar os restos de sua sopa. Olhou rapidamente os rostos dos convidados e se horrorizou ao ver que lorde Thurston e lady Helen pareciam agradados.

— Meu senhor, está me envergonhando diante de todos — disse Clare entre dentes — Sente-se cortesmente e se comporte!

Gareth cruzou os braços sobre seu largo peito.

— Não, até que tenhamos terminado com esta idiotice. Todos os presentes sabem que liberar esses sete homens é uma ideia absurda. Dê-me uma só razão convincente para fazê-lo.

Clare estava começando a perder os estribos.

— Seria um ato de clemência e compaixão.

— Não é razão suficiente.

— Seria o tipo de gesto de cortesia que faria honra ao dia de Santa Hermione.

— Senhora, até que cheguei a esta ilha, nunca em minha vida tinha ouvido falar de Santa Hermione. Sem dúvida não vou liberar esses homens em seu nome. Outra razão.

— Para celebrar a visita de seus pais? — provou desesperada.

— Não, não é motivo suficiente.

Clare não podia suportar mais. Ficou em pé.

— Direi-te uma coisa, senhor. Lobo Sanguinário, se em seu coração sente o menor pingo de afeto por mim, mostrará clemência com esses homens.

Os olhos de Gareth eram inescrutáveis.

— Disse o menor pingo de afeto?

— Sim — disse tornando-se para trás, no limite de sua resistência — Se me professasse sequer um pouco do amor que eu te tenho, meu senhor, não te custaria me conceder este favor.

Depois de pronunciar aquelas palavras, Clare queria fundir-se. Não podia acreditar que tinha sido tão estúpida.

Ninguém se moveu. Até os criados estavam paralisados.

— Me deixe assegurar de que o entendi bem — disse Gareth lentamente — O que está dizendo é que, se te amasse, liberaria a esses homens?

«Estúpida, estúpida, estúpida.» Clare se perguntava se poderia viver depois daquela humilhação. Mas não podia voltar atrás. Levantou o queixo e olhou fixamente às profundidades brumosas dos olhos de Gareth.

— Sim, senhor. É exatamente o que estou dizendo.

— Que assim seja.

Clare ficou boquiaberta. Olhou-o, sem entender.

— Como, senhor?

Gareth sorriu.

— Disse que assim seja. Os homens que estão no porão serão escoltados fora de Desejo pela manhã. Deverão abandonar a ilha e desaparecer das cercanias de Seabern.

Clare não podia acreditar o que estava ouvindo.

— De verdade o vai fazer? Por mim?

— Como prova de meu amor.

— OH, Gareth! — Clare se jogou em seus braços — É uma ocasião maravilhosa para realizar um gesto de magnificência e cortesia. Obrigado, meu senhor.

Gareth a apertou contra seu corpo e começou a rir. O estrondo encheu a sala e ricocheteou no teto. Os convidados se olharam.

— De verdade me ama? — A voz de Clare ficava amortecida contra o peito de Gareth.

Gareth cessou de rir. Olhou-a com seus olhos claros. De repente, tornaram-se tão nítidos que Clare pôde ver até a alma. A verdade resplandecia no fundo.

— Como poderia não te amar, Clare? Tem meu coração e meu futuro em suas mãos.

Toda a casa explodiu em aplausos ensurdecedores e festivos enquanto o Lobo Sanguinário se inclinava para beijar a sua esposa.

Pela extremidade do olho, Clare viu Helen inclinar-se ligeiramente para Thurston. A abadessa lhe sussurrou algo e Thurston assentiu e sorriu satisfeito.

Naquele momento maravilhoso, Clare sentiu a mais absoluta felicidade. Alagou seus sentidos uma fragrância única e embriagadora, que reconheceu imediatamente como o perfume do amor.





Jayne Ann Castle Krentz (1948), nasceu na Califórnia. É uma escritora famosa dentro do gênero da novela romântica. J.A.K. (abreviatura que usam seus seguidores) chegou a utilizar até sete pseudônimos diferentes. Jayne explica que usa diversos nomes de maneira que os leitores possam rapidamente perceber que tipo de livro lerão. Atualmente decidiu usar somente três deles: assina as

novelas contemporâneas com seu nome de casada Jayne Ann Krentz, as novelas históricas com o afamado pseudônimo de Amanda Quick, e as futuristas com o nome de solteira, Jayne Castle. Os pseudônimos que já não utiliza são: Jayne Taylor, Jayne Bentley, Stephanie James (pseudônimo que sob o qual tem livros traduzidos) e Amanda Glass, embora a maioria desses livros foram reeditados sob seu nome de casada: Jayne Ann Krentz.

Em 1979 conseguiu publicar suas primeiras novelas românticas sob seu nome de solteira, e após não parou que escrever. Suas novelas foram best-sellers em mais de 30 ocasiões, 20 delas consecutivas, segundo a prestigiada lista do New York Teme. Prolífica autora, tem publicados um total de mais de 140 livros.

GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para

moderacaogrh@yahoo.com.br

